

*Um Outro Olhar*  
*Volume IX - Ano A*

*Coletânea de Homilias de J.B. Libanio, S.J.*

*Organização:*

*Marta Martins de Aguiar*

*Maria Alice de Moraes Fonseca*

*Regina Maria Melo Marinho Ferreira*

*Capa e ilustração: Márcia Viana*

*Índice remissivo: João Batista Pereira Ferreira*

*Gravações: Roseli Magalhães Ferreira*

*Execução Gráfica:*  
BIG Editora Gráfica  
(31) 3416.7896

*1ª Edição*  
*(Vespasiano - Fevereiro de 2012)*

*Contato:*  
Marta Martins  
(31) 3309-2186  
(31) 9611.2186  
martatins@yahoo.com.br

Roseli  
3621.2037

Márcia  
3621-1420

Acesse o site:  
***www.jblibanio.com.br***

# *APRESENTAÇÃO*

Queridos amigos,

Com esta publicação, encerramos este projeto iniciado em 2004. Quantas coisas vivemos desde então! Tristezas, alegrias, superação, encontros que nos enriqueceram tanto. As alegrias e a receptividade foram bem maiores do que esperávamos, e, por isso, temos muito a agradecer a todos os que nos apoiaram e incentivaram.

Tudo começou bem timidamente, quando pensávamos que “Um outro olhar” seria apenas um livrinho que registraria algumas homilias do Pe. Libanio na paróquia de N.S. de Lourdes, em Vespasiano.

Oito anos depois, chegamos ao nono volume, com muitos frutos colhidos e, acima de tudo, muitos novos amigos e a divulgação de algo que tanto nos encanta. Acreditamos ter ido muito além do que pretendíamos e, mesmo dando por encerradas as publicações em livro, as homilias continuam sendo publicadas virtualmente, o que é mais um fruto do nosso projeto. Os amigos que colhemos nesses anos ficarão para sempre. Eles se espalham por todo o país e até atravessam nossas fronteiras. São eles que apresentam este novo e último volume. Deixemos que eles falem por nós.

O encontro é um acontecimento que sempre nos transforma. Em um encontro verdadeiro, chegamos sempre ao mistério da nossa própria vida, do outro e de Deus. Assim podemos descrever o nosso encontro com a pessoa e as palavras do Pe. João Batista Libanio. Palavras essas que nos chegam por suas reflexões, áudios e coletâneas de homilias. Palavras que geram reflexão, questionamentos, revisão e busca da maturidade no confronto sincero consigo mesmo, com o outro e com Deus.

Pe. Eliseu Wisniewski – Curitiba(PR)

...tenho que louvar muito o trabalho que fizeram, oferecendo a beleza das homilias do Pe. Libanio. A gente lucra muito com a lucidez estampada em seus escritos.

Laura Andrés Ribeiro – Belo Horizonte (MG)

As homilias do Pe. Libanio ajudam-me a compreender melhor a Palavra de Deus, pois elas são um verdadeiro celeiro de amor e respeito pela vida, além de mostrar uma solidariedade social maior para com todo o mundo. Parabéns!

Geraldo Moraes – Fortaleza (CE)

...para mim, as homilias do Pe. Libanio são sinais de ressurreição na vida. Ele é um genuíno profeta da palavra.

Raimundo Pereira de Lima – Belém (PA)

As homilias de Pe. Libanio são “conversas em família”, pois conseguem atingir os nossos corações e penetram na intimidade dos ouvintes. Suas homilias não mais pertencem ao seu autor, mas a todos os que têm sede de uma palavra bem colocada. Palavras de Deus que chegam ao coração humano por intermédio de um bom pregador. As homilias são proferidas em Vespasiano, mas extrapolam o espaço geográfico. Sou um padre que ama “pregar” e utilizo as homilias de Pe. Libanio como suporte de preparação para minhas pregações. Agradeço a todos que tiveram a brilhante ideia de registrar essas pérolas. Tudo o que é bom deve ser partilhado.

Pe. Ricardo - Missionário do Sagrado Coração – Vila Velha (ES)

As homilias do Pe. Libanio me iniciam na meditação da Palavra de Deus. Com sua maestria, ele faz o complexo ficar simples, e sua familiaridade faz a Palavra criar raízes em minha vida. Sua palavra partilhada abriu-me uma grande janela, permitindo que eu tivesse, de fato, um outro olhar.

Pe. Clemildes Francisco de Paiva – Itajubá (MG)

“Um Outro Olhar” é uma leitura muito proveitosa para a meditação e oração pessoal, porque é a Palavra de Deus encarnada no chão da vida de nosso povo. São escritos que vêm me ajudando na reflexão e preparação de minhas homilias. Os exemplos são práticos, o humor é fino, e transmite a mensagem bíblica com grande otimismo e esperança.

Pe. Hildo Rasch, SJ - Cuiabá (MT)

Antes de trabalhar como missionário diocesano, no Maranhão, não conhecia ainda o padre, o teólogo, o pastor, o jesuíta Libanio. Passei a conhecer e amar, de modo pessoal, essas quatro dimensões da pessoa e da obra. As suas homilias, pérolas teológicas de catequese social, são um filão inesgotável. Não se resumem numa frase, pois, para quem o conhece, a possível frase não soaria a exagero, mas, para quem não o conhece, dizer que era o “Quinto Evangelho”, a personificação dos padres da Igreja nos tempos modernos, seria dizer muito pouco! A sua teologia e a sua pastoral estão em sintonia quase perfeita. É de se ler copiosamente tudo, meditar de modo encarnado e potenciar criativamente na conversão de vida.

Pe. Pedro José - Gafanha da Nazaré – Portugal

Pe. Libanio, obrigado por nos ensinar a ver a novidade das coisas antigas e a antiguidade das coisas novas. Obrigado por nos ensinar a ver o rosto de Jesus no rosto dos nossos irmãos, os pobres. Obrigado por nos ajudar a ver a Deus através do seguimento de Cristo e do trabalho de nossas mãos em favor dos necessitados. Obrigado por me ajudar a ver a minha condição de necessitado, pois, ao ajudar o pobre, sou ajudado a ser mais humano e por isso mesmo, mais

divino. Obrigado por ser, na minha vida, um João Batista: incansável anunciador dos mistérios de Deus que me chamam cotidianamente à conversão.

Obrigado por ser um João de Deus exatamente por ser um João do povo.  
Pe. Renato, SAC – São Paulo (SP)

A boa nova tem sua novidade desvelada, profunda e oportunamente, a cada missa celebrada pelo Libanio, nosso grande teólogo e mestre. Sensibiliza cada fiel, não obstante a diversidade do público participante. Desde a adolescência, fascina-me vê-lo passear com graça e sabedoria teológicas pelos fundamentos de nossa fé, a contextualizá-los de modo todo especial. A linguagem coloquial de “Um outro olhar” facilita-me fazer suas mensagens transporem os umbrais da matriz de Vespasiano para outros públicos.

Maria Helena Wiechers Winters - Rio de Janeiro (RJ)

A coletânea de homilias não tem outro lugar para figurar, a não ser na mão de qualquer ser humano de boa vontade e na estante das obras mais escóis da humanidade. A distância, aparentemente abissal, é preenchida pelo testemunho de vida de seu autor.

Eder Cláudio Celva - Seminarista de Teologia - Arquidiocese de Florianópolis (SC)

“Um outro olhar” traz uma interpretação adequada do evangelho. Por meio de suas homilias, Pe. Libanio mostra a experiência de Deus na prática e no dia a dia. Esse grande teólogo do povo alcançou o equilíbrio integral do ser, passando às pessoas o quanto se faz vida a mensagem de Jesus. Agradecemos ao amigo, Pe. Libanio, pela grandeza de sua vida que nos toca e que nos faz melhores a cada encontro com a Palavra.

Dércio e Catia Berti - Curitiba (PR)

“Um outro olhar”...

Fico a me perguntar se poderiam ter escolhido um nome mais apropriado para pérolas tão preciosas. Penso que não.

Com refinada sabedoria, Padre Libanio, mestre e profeta dos nossos dias, encanta com seu falar comprometido e, no agir sereno, transborda o infinito e misericordioso amor de Deus a nos perdoar e acolher.

Deus seja louvado por nos ter dado tão precioso amigo.

Telma Teresinha Martins Coan - Biguaçu (SC)

As homilias do nosso irmão Libanio têm me ajudado a preparar melhor minhas homilias, pois oferecem pistas de reflexão de como trabalhar o assunto com a comunidade, dando-lhe oportunidade de aproveitar melhor o sentido da

Palavra de Deus para os dias de hoje, fazendo com que o povo de Deus saia mais edificado da celebração do mistério do amor de Deus. Em segundo lugar, vem o proveito pessoal, ao degustar de sua pregação, dando-me um alento para vida de fé. Parabéns, irmão, pela sua vida, trabalho e testemunho!

Pe. Ilson Lopes de Assunção, Pároco de Chapada dos Guimarães (MT)

É para mim uma experiência rica e sempre agradável ler as homilias do Pe. Libanio. Além da profundidade e amplitude contidas nos seus ensinamentos, a oralidade preservada faz com que me transporte para a nave da “sua igreja” que nem conheço e me sinta assim como um dos seus paroquianos, a beber do dom de Deus contido na sua sabedoria, composta com certeza de teologia, pastoral e visão profética.

Fernando Cyrino – Niterói (RJ)

Pe. Libanio mostra, através de suas homilias, que é um homem de Deus, um profeta. Ele sabe ler nas entrelinhas da Bíblia e fazer interpretações atuais, magníficas, corajosas, transbordantes de fé em Deus e de amor ao próximo.

Marilena Arns de Oliveira – Curitiba (PR)

# ÍNDICE - ANO A

	<i>Pág.</i>		<i>Pág.</i>
01-O preço do futuro.....	11	36-Na ascensão, Jesus nos levou ao céu.....	91
02-Hora de construir utopias.....	14	37-O Espírito nos abre para o mundo.....	93
03-O anjo partiu.....	17	38-O verdadeiro amor surge na diferença ...	95
04-João Batista também duvidou.....	19	39-Quando tudo falhar, restará Deus.....	98
05-O véu que cobre o mistério.....	21	40-O sonho da eucaristia.....	100
06-O natal em símbolos.....	23	41-Deus é a rocha que sustenta a nossa vida	101
07- O sonho de Deus.....	26	42-Deus acontece no improvável.....	103
08-A família é lugar de contradições.....	28	43-O demônio só teme o amor.....	105
09-No ano novo, uma criança nos fala de salvação.....	31	44-O que precisamos temer?.....	108
10-Os magos diante do infinito.....	32	45-Nós construiremos a Igreja do futuro.....	110
11-Morte e vida que nascem das águas.....	34	46-O dom é a maior recompensa.....	113
12-O cordeiro nos faz comunidade.....	37	47-Só o amor nos faz repousar.....	115
13-Portas que se abrem para novos horizontes.....	39	48-A palavra só é semente se toca a experiência.....	118
14-O amor de Deus nos faz eternos.....	42	49-A luz de Deus vence todas as sombras ...	121
15-Sabor e luz fazem a vida valer a pena.....	45	50-O dedo de Deus nos aponta a felicidade.....	124
16- Ir além das aparências.....	47	51-Deus se anuncia na festa.....	126
17-A revolução do amor.....	49	52-Caminhando sobre as águas da história..	128
18-Escolhe, pois, a vida!.....	51	53-Maria antecipa a nossa ressurreição.....	130
19-A felicidade é o horizonte de nossa vida	53	54-Deus é acessível a toda a humanidade....	133
20-Luzes que iluminam nossas trevas.....	56	55-Quais portas estamos abrindo?.....	135
21-Sejamos fontes de água viva!.....	59	56-Construímos as relações que nos constroem.....	137
22-Águas para curar nossas cegueiras.....	61	57-Vínculos que se tornam definitivos.....	139
23-O Lázaro que morre dentro de cada um de nós.....	64	58-O Senhor faz de nós seres para a vida....	141
24-Jesus esqueceu-se de que é Deus.....	66	59-Qual o tamanho de seu coração?.....	143
25-Encontro de dores, amores e histórias.....	68	60-Falar e fazer.....	145
26-Jesus se faz presente no convívio.....	70	61-Os frutos de nossa vinha.....	147
27-Jesus se entrega livre e consciente.....	72	62-Maria é o rosto materno de Deus.....	149
28-O corpo morto de Jesus é o sacramento do amor de Deus por nós.....	74	63-Uma festa para além dos sentidos.....	151
29-A vitória da vida em quatro atos.....	76	64-O mais é que é de Deus.....	153
30-A ressurreição é a resposta.....	78	65-Nosso coração está longe do coração de Deus.....	155
31-A experiência do ressuscitado acontece em meio à paz.....	79	66-Não sabemos, mas cremos.....	157
32-Senhor, fica comigo!.....	81	67-Para o cristão, a única lei é o amor.....	160
33-A voz do bom pastor nos abre a porta para o mistério.....	83	68-A sacralidade do nosso corpo.....	161
34-Jesus nos abre o caminho da eternidade	86	69-Talentos a serviço da promoção do outro	163
35-A circularidade do amor.....	88	70-Jesus se faz rei dos excluído.....	165







*“Paciência é a lentidão da  
caminhada do amor.”*

*(Pe Libanio)*



## ***O PREÇO DO FUTURO (Mt 24, 37-44)***

O nosso equívoco existencial consiste em arrancar esses sermões de Paulo ou de Jesus e projetá-los lá para o fim do mundo. Aí podemos ficar tranquilos, porque nenhum de nós, provavelmente, assistirá a um armagedon gigantesco, a menos que algum presidente dos Estados Unidos tenha um acesso de loucura e faça explodir as bombas atômicas. Então, morreremos todos, porque temos suficientes bombas acumuladas e estocadas para matar dezenas de vezes toda a humanidade, enquanto Noé constrói a arca da salvação. Portanto, temos a morte guardada em grandes arsenais atômicos, dependendo de se apertar um único botão. É bom sabermos disto: existe arsenal atômico capaz de matar toda a vida do planeta. É algo para se pensar quando formos dormir à noite. Mas na inocência em que vivíamos, jogávamos o fim do mundo realmente para um fim distante, e assim continuávamos caminhando serenamente, pois nada tinha a ver conosco. Mas não é sobre isso que me interessa falar hoje.

Quando Jesus anuncia essa proximidade do Reino, não está falando do fim do mundo. Toma até um exemplo passado, do tempo de Noé, que é uma história antiga. É claro que não fala de dilúvio universal, ou de qualquer outra catástrofe acontecida na história humana. Quem conhece um pouquinho de história, deve lembrar-se da peste negra, da peste bubônica, que matou dois terços da Europa – dois terços de todo um continente. Seria como matar dois terços de brasileiros em poucas semanas. Portanto, a Europa conheceu grandes catástrofes. Não pensem que é história da Carochinha. Nas duas grandes guerras mundiais, mais de cem milhões de pessoas foram mortas. Na mesma Europa que gerou músicos como Beethoven, Mozart; filósofos como Marx, Engels, Kant, mataram-se cem milhões de pessoas. Não morreram de infarto do miocárdio ou de câncer não, mas por armas, numa guerra. Então, esse evangelho não é nenhuma história da Carochinha, para as crianças da missa das nove não. Jesus fala da história humana, do poder que nós, seres humanos, temos de nos matar.

No mundo de hoje, quem anda lendo, se informando um pouquinho do que está acontecendo, entenderá muito bem essa linguagem, que chamamos de apocalíptica. Ela não anuncia o fim, mas fala do fim que estamos colocando já, agora. Este é o problema: estamos semeando morte e não nos damos conta disso. Criamos circunstâncias e elementos que são causa de nossa própria destruição. Vou dar exemplo de um grande engodo que lemos em todos os jornais. De tempos em tempos, lemos a notícia de que o Brasil subiu na escala mundial, por ter aumentado sua produção. Ficamos felizes, mas não percebemos que, quando crescemos, pagamos um preço. Subimos à custa de alguma coisa. Por exemplo, se derrubássemos a Floresta Amazônica e plantássemos soja, seríamos, com certeza, o país mais rico do mundo, mas provavelmente, à custa da destruição da humanidade. Outra manchete que aparece hoje, no “Estado de Minas”: “Belo

Horizonte cresce para o alto”, que coisa linda! Isso significa mais cimento, mais asfalto, mais poluição, mais calor, mais destruição.

Quando lermos essas manchetes, devemos interpretar os discursos, entender a realidade. Não podemos nos deixar enganar pela propaganda, principalmente agora, que estamos na grande corrida consumista do Natal. A corrida desenfreada em busca do último lançamento tem por trás a fome de milhares de africanos. O que está por trás sempre é silenciado para o progresso aparecer. Precisamos tomar consciência de que o futuro dos filhos e netos de vocês está em nossas mãos. Um simples gesto de fecharmos as torneiras, apagarmos luzes desnecessárias é urgente, pois já não é mais nenhum segredo que a água vai faltar. O tão anunciado aquecimento global já é realidade.

Tenho lido um livro de um economista francês, que me impressionou muito – Jacques Attali. Ele escreve: “Uma breve história do futuro” e anuncia para os próximos vinte, trinta anos condições terríveis para a humanidade. As perspectivas são assustadoras, mas muitas notícias são mantidas em segredo, para não haver alarme. Continuamos assistindo, impassíveis, à construção de grandes estradas, à destruição de matas, indiferentes à derrubada de milhões de árvores, à poluição das águas, à destruição da vida, que é o nosso prolongamento.

Ouvi Leonardo Boff (\*), numa reunião entre teólogos, falando de como estamos cegos. Ele tem um comentário interessante, que nos deixa em alerta. Diz que os cientistas fazem uma experiência com animais que, colocados juntos, se multiplicam em grandes quantidades, a ponto de se matarem mutuamente. Também podem colocar em gaiolas, ratos, macaquinhos que, quanto mais aumentam, mais agressivos ficam, até se matarem. Vemos isso no mundo animal e já começamos a ver no mundo humano. Hoje mesmo, uma arquiteta telefonava-me, preocupada com a grande massificação humana. Quanto mais construímos habitações próximas, entulhadas de pessoas, mais cresce a violência, a ponto de nos matarmos mutuamente.

Hoje, Jesus nos deixa esta pergunta: por que nós, seres humanos, ao invés de criarmos os transumanos, dos quais falava na aula de teologia de hoje: pessoas de relações, de acolhida, estamos criando cenários de morte? Estamos no advento, que é um tempo de pensar, de sonhar, de olhar para um horizonte mais bonito. Quando pensamos em Natal, imaginamos noite feliz, um meninozinho nascendo, as crianças brincando com os presentes, correndo atrás dos papais-noéis que estão pela cidade. Sentimos o cheiro de Natal, que fala de paz, de beleza, de harmonia. O advento nos coloca diante disso, mas não é ingênuo nem romântico, adocicado ou alienado. O ser humano mata, ao contrário dos animais, até sem fome, por outras razões. Esse jovem que assassinou a namorada e suicidou-se na faculdade não estava com fome, matou por matar, e isso é terrível! (\*\*). O sobrinho de nossa irmã vai dar uma queixa do furto de documentos na polícia, o confundem com bandidos e começam a atirar, como se fosse normal dar tiros apenas por suspeitas. Esse é um pouco o universo que estamos vivendo. Não é

apenas em Belo Horizonte, mas em Vespasiano, nos bairros. Não se lembram daquela adolescente, no Caieiras, (\*\*\*) com apenas treze anos, presa com arma na mão?! Não foi nenhum anjo que lhe deu aquela arma, houve também uma mãe e um pai que a geraram, e onde estão eles, onde estamos nós, vendo essa *adolescentezinha*, apenas se abrindo para a vida, e já carregando armas?!

Esse evangelho quer nos dizer para sermos realistas, ter os dois pés aqui na Terra, nessa realidade e, ao mesmo tempo, olhar para o Jesus que nasce. Nasce pequeno, bem junto aos mais pobres e miseráveis, para que consigamos captar a beleza profunda que existe no ser humano, e tentemos reatar as relações. O mais importante que nos cabe fazer é modificar nossas relações conviviais, nos fazer humanos uns com os outros, porque, do contrário, nos destruiremos. Amém. (01.12.07/1º. domingo do Advento)

(\*) referência ao teólogo catarinense e ex-frade franciscano

(\*\*) referência a crimes passionais que vinham acontecendo na região

(\*\*\*) referência a um bairro de Vespasiano

# ***HORA DE CONSTRUIR UTOPIAS***

## ***(Is 11, 1-10/Mt 3, 1-12)***

A vida humana carrega experiência original e provocante. Vivemos as realidades físicas uma vez apenas. Ninguém nasce duas vezes, morre duas vezes ou cresce duas vezes. Ninguém passa pela infância ou adolescência duas vezes. São dados históricos e físicos. Criamos ritos, símbolos, sacramentos para reviver esses dados. Sabemos tanto de sua importância que, tendo-os vivido uma vez, achamos pouco e, a cada ano, no dia do nosso nascimento, o revivemos simbolicamente e chamamos de aniversário. Também os casais, a cada ano recordam, comemoram, festejam bodas de prata, de ouro. Temos necessidade de refazer a história, ainda que simbolicamente. A mesma coisa acontece com a liturgia. O mundo foi criado numa grande explosão – o *big-bang*, como dizem os cientistas – há treze, quatorze milhões de anos. Isso veio lentamente esfriando, até que há dois, três milhões de anos, surgiu o nosso planeta Terra, para depois surgir a vida. Aparece o povo de Israel, também os *senhores* Abraão, Moisés, os profetas. Veio também Jesus Cristo, até que viemos nós. Chega o Natal, e recordamos tudo: a criação do mundo, os grandes profetas, reaparece João Batista. Tantos personagens voltam, mas voltam no símbolo, no sacramento, no rito, numa provocação e num significado, para que façamos o itinerário interior.

Isaías aparece na primeira leitura, que é considerada uma das páginas utópicas mais bonitas da história humana, não apenas da Bíblia. Vou chamar a atenção para alguns pontos. O povo está numa situação difícil, de carência e perigo. Olha para a realidade e não vê nada, nenhuma solução. Muitas vezes, no Brasil, vivemos essas situações, como durante o regime militar. Havia prisões, pessoas torturadas, jovens assassinados. De repente, não víamos nenhuma esperança. Agora também, vivemos um pouco essa situação: corrupção na política, violência. Que saída nós temos? Como diz um pensador francês, é nessas horas que a história se recarrega de força e esperança, sacode o povo e lança diante dele uma possibilidade de saída, que chamamos de utopia. Se passássemos apenas o século XX, poderíamos ressaltar vários momentos: a Alemanha antes de Hitler, com uma inflação gigantesca, uma crise econômica violenta. De repente, aparece um homem, jovem ainda, corajoso, com um discurso carregado de esperança. Toda a juventude vai atrás dele, e tudo acabou em guerra, em morte, em fatalidade. Também a Itália vivia uma grande desarticulação, quando apareceu Benito Mussolini, o chefe. Os italianos vão atrás. Entram na guerra e perdem-na. Mais um povo sem esperança! Um czar dominava a Rússia, quando aparece o grande revolucionário Lênin, promovendo uma grande campanha. Triunfa, derrota o czar, liquida o poder aristocrático, implanta o comunismo. Parecia que a União Soviética seria o maior país do mundo, até que, em 1989, tudo desaba. A grande potência esfacela-se. Assim poderíamos passar muitos países.

Israel vivia situação semelhante. Esse homem, chamado Isaías, era como um de vocês. Ao lado daquele pequeno povo, viviam impérios poderosos: assírios, babilônios que, de fato, irão destruir Jerusalém e levar os judeus para o cativeiro, onde ficarão dezenas de anos. Aí o profeta diz que tudo aquilo poderia acontecer, mas iria nascer, de dentro do povo, uma raiz de Jessé. Claro que é difícil para nós entendermos o que significa isso, porque não somos judeus. Jessé é o pai de Davi. Portanto, alguém vai nascer de sua dinastia, trazendo uma nova realidade. Isaías começa, então, a jogar com as imagens da época, as lutas e conflitos entre os animais: o leopardo tranquilo deitado ao lado do cabrito, o terrível leão comendo palha com o boizinho, até uma criança poderá conduzir o leão perigoso. Coloca todas as oposições da natureza, que serão reconciliadas, porque a sabedoria de Deus vai deitar-se sobre o povo como as águas cobrem o oceano. A justiça de Deus eliminará a maldade, e nós viveremos num mundo de paz. Até hoje, Israel nunca viu isso que foi dito por Isaías no ano 700 antes de Cristo, e nós já estamos no ano 2007. Quanta violência, quanta destruição da natureza, quantos crimes?! Ainda agora, nos Estados Unidos, mais um jovem entrou num *shopping* e metralhou várias pessoas. São leões terríveis das armas, dos crimes, dos assaltos! Fechamos as casas, temos medo da noite, porque podemos ser assaltados. Setecentos anos antes de Cristo, Isaías já sonhava com o que ainda não realizamos: que os leões possam brincar com as crianças. Será lindo o dia em que vocês puderem deixar seus filhos pequenos brincarem sozinhos numa praça, quando não houver nenhum carro fazendo barulho gigantesco nas madrugadas. Isso se chama utopia! No Natal, somos chamados e convidados para pensar nessa raiz de Jessé, isto é, nessa raiz que nasce de Davi: é Jesus, que está entre nós! Ele tem força para isso, desde que tenhamos força para acolhê-lo.

No evangelho, reaparece João Batista, aquele que reconcilia o povo para receber Jesus. Eram fariseus, saduceus e, como diz o próprio João, alguns eram cobras venenosas. Ele está falando a cada um de nós. Precisamos fazer o que o povo fez para receber Jesus no dia 25. Ele já veio, mas continuará vindo. Precisamos retomar nossa conversão, voltar ao batismo, não o que já realizamos, mas passá-lo por dentro de nós. Conversão é uma palavra bonita. Vem do latim – *cum + vertere*: mudar de direção. Num dado momento, percebemos que não estamos no melhor caminho. A conversão é a total consciência de que muitos pequenos atalhos que tomamos não nos conduzem à felicidade, à nossa realização como pessoas humanas. É hora de cortar esses atalhos de nossa vida e buscar o caminho que João nos sugere: o batismo da penitência.

Quando convida-nos à penitência, a escritura fala de três coisas, que também não são físicas. Começa falando do jejum, que não é apenas deixar de comer. Muita gente faz jejum para emagrecer e ficar mais bonita. Pensar em jejum antes do Natal é conscientizar-se de que as comidas, os bens, não são para nos satisfazer plenamente. Não podemos ser como animais buscando satisfação na comida, nos bens materiais, que são necessários, mas pequenos demais.

Somos mais que o alimento, que os bens materiais. Isso é jejum! Podemos comer e beber, mas sabendo que somos mais do que a comida. Por isso, comemos com os amigos, com a família, em fraternidade. Não apenas comemos, mas fazemos refeição. A esmola serve para olharmos os outros e vemos quantos ainda não têm o necessário para existir. Quantos ainda morrem de fome em vários países da África e mesmo no nosso Brasil?! Há bens para todos, e tantos não têm acesso a eles. A oração me diz que sou incompleto. Não consigo tudo, não sou onipotente. Oração não é pedir coisas a Deus, pois não precisamos pedir nada. O importante é saber que não podemos tudo, que precisamos do irmão, da irmã, do esposo, do filho, do amigo. Precisamos das pessoas para existir. Meu coração não se basta a si mesmo!

Rezar é colocar-se na postura de quem recebe, de quem acolhe. Esmola é partilha. Jejuar é ter a consciência de que somos maiores do que a comida, porque, quando alimentamos, convivemos com o irmão. Amém. (09.12.07/2º. domingo do Advento)



## ***O ANJO PARTIU... (Lc 1, 26-38)***

Vocês ouviram: o anjo foi embora. Deixou Maria, já carregando Jesus em seu ventre; deixou a nós, que hoje estamos aqui. Por isso, ele pôde ir embora, voltar para o céu, porque sabia que deixou aqui na Terra uma enorme quantidade de anjos. Vivemos preocupados com os anjos do céu, mas devemos nos preocupar muito mais com os anjos da Terra. Até a mídia está preocupada em ver os anjos, mas o bonito hoje não é esse anjo, chamado Gabriel, outros que se chamam Rafael ou Miguel. O grande anjo da festa de hoje se chama Maria! Mas ela é um anjo diferente. Em grego, *angelus* é enviado, mensageiro. E caberá a ela, agora, anunciar ao mundo a maior notícia que jamais foi ouvida. Se houvesse um grande, gigantesco silêncio no mundo inteiro, e se apenas ouvíssemos uma voz pequena de uma jovencinha de quinze, dezesseis anos, saberíamos a maior notícia de todos os tempos. Nunca houve nem haverá uma notícia tão importante. Só Maria pôde dizer que estava grávida do próprio Filho de Deus. Naquele momento, ela já carregava em seu seio, o mistério que deixaria todos os teólogos com dores de cabeça até o final dos tempos. Ninguém nunca será capaz de entender tamanha grandeza: como o Espírito Santo pôde habitar e envolver aquela menina?

Maria teve, em sua vida, três grandes relações: com o Pai, o Filho e o Espírito Santo, e também nós valeremos muito mais à medida em que aprofundarmos essas três relações em nossa vida. Maria levou essas relações ao mais alto grau que uma criatura pode levar. Diante de Deus, ela reconheceu o Pai daquele que acontecia dentro dela. Era o Pai eterno, que a acompanharia ao longo de toda a história. Não era o Pai apenas do Filho que nasceria dentro de alguns meses, mas de toda a humanidade. Nele viu grandeza, bondade e ternura que, mais tarde, o seu Filho iria nos contar na parábola do filho pródigo. Muitas vezes, ela terá sussurrado no ouvido daquela criancinha que, aquele que ela experimentara no momento da concepção era o mesmo a quem Ele chamaria *Abba*. Com Jesus, ela teve relação de mãe: o alimentou em seu seio, o viu crescer e, dolorosamente, separar-se dela numa distância que muito deve tê-la assustado. Nós podemos nos lembrar que, quando foi procurá-lo em suas andanças, Ele chegou a dizer que sua mãe e seus irmãos eram aqueles que o seguiam. Naquele momento, Ele prefere os discípulos, prefere a nós. Já pensaram nisto: que Jesus trocou Maria por nós? Ela se encolheu no silêncio, mas se alegrou, porque, ao invés de Ele ter apenas uma mãe, terá milhões e milhões. Quantas pessoas dedicam um carinho imenso por esse Homem, chamado Jesus?

Com o Espírito Santo, a relação de Maria foi ainda mais profunda. Ando refletindo muito que Maria foi aquela em que o Espírito Santo habitou de maneira mais plena, chegando mesmo a uma união que apenas podemos imaginar. Com Jesus, Maria se relacionou na carne, no físico: carregou, alimentou, viu, tocou, Ele lhe escapou das mãos. É o mundo frágil dos sentidos. Desde o instante em

que foi concebida no seio de sua mãe, o Espírito Santo a envolveu, muito antes que ela soubesse que seria mãe de Jesus. Quando a chamamos de Imaculada Conceição, não queremos falar do instante de sua concepção – é muito pouco. Queremos falar que ela é cheia do Espírito Santo em toda a sua vida. Também nós nos transformaremos em imaculados, à medida em que permitirmos ao Espírito Santo nos envolver, nos ocupar, nos mover. Nas horas difíceis, da dor e da morte, ela tinha apenas o Espírito Santo, que estava ao seu lado ao pé da cruz. O Filho lhe fora arrancado pela violência dos algozes, o Pai silenciou-se – um mistério terrível! Nem Jesus ouviu a voz do Pai. Só lhe restou voltar-se para aquele que a habitava o mais profundo do coração.

Esta é a grande mensagem que lhes deixo nesta festa da Imaculada Conceição: que se deixem guiar pelo Espírito! Deixai que Ele vos habite profundamente, motivando-os, fazendo-os transparentes. Que os nossos olhos resplandeçam a luz do Espírito! Que os nossos braços levem o Espírito a todas as partes! Que os nossos pés anunciem a chegada do Espírito Santo! Amém. (08.12.2010/Festa da Imaculada Conceição)

# **JOÃO BATISTA TAMBÉM DUVIDOU**

## **(Is 35, 1-6a/Mt 11, 2-11)**

O evangelho parece simples e óbvio, mas não é. Vejam a contradição, que até me *grila* muito. Foi João quem batizou Jesus. No momento em que isso acontecia, uma voz foi ouvida: “Este é o meu Filho bem amado, escutai-o!”. João viu uma pomba descer sobre Jesus, enquanto uma luz o envolvia. Portanto, João faz uma experiência fulgurante, diria até divina, de Jesus. Guardem isso! Pouco tempo depois, ele vai para a prisão, e começam as dúvidas. Seria Ele o Messias? Se João, que ouvira a voz de Deus Pai, ainda duvidava, o que dizer de nós? A dúvida atravessa toda a nossa vida. O evangelho diz, numa frase bem curtinha, que João ouvira falar das obras de Jesus, mas, mesmo assim, duvida. De que obras terá ouvido falar, a ponto de duvidar que Jesus seria o Messias? Agora eu começo a imaginar, porque não está no evangelho.

João era um homem sério, estudioso do Antigo Testamento. Há algumas tradições que dizem que ele frequentou o mosteiro dos essênios em Qumran, cujas ruínas ainda podem ser vistas às margens do Mar Morto. Ele era um homem muito versado nas escrituras. Como a nossa memória é bastante seletiva, ele terá se lembrado de algum livro do Antigo Testamento que o impressionara. Guardara a ideia de um Messias que viria transformar a realidade, modificar Israel e acordar o povo. De repente, contam-lhe que aparecera um moço de trinta e poucos anos, vindo de uma cidade totalmente desconhecida dos judeus, cujo nome sequer aparece na escritura. Podem investigar, e nunca encontrarão nenhuma referência sobre Nazaré: uma cidade pequenina, *chinfrinzinha*, um subúrbio periférico, distando poucos quilômetros da capital – Séforis, onde se falava grego. Além do mais, Ele não faz nada de estrondoso: conversa, prega, almoça na casa de fariseus, toma vinho com o publicano, tem seus pés lavados por uma mulher de má vida, fala com estrangeiros, aparece em público com as mulheres e ainda fala com elas, coisas realmente muito estranhas. João tinha motivos de sobra para entrar em crise, mas uma duvidazinha permaneceu, e ele manda seus discípulos esclarecerem.

O modo como Jesus responde é que é interessante. Ele não se refere a fatos grandiosos: ter andado sobre as águas ou transformado água em vinho, mas sim de cegos que voltavam a ver. Aqui mesmo, nesta igreja, quantos de nós somos cegos?! Quantas coisas não vemos?! Quantas palavras escutamos e não ouvimos?! Há mancos em quantidade, que, mesmo capengando, continuam seguindo. O leproso, que vivia totalmente isolado, já se aproxima. *Vinha uma vez por ano à missa, e já vem duas*. As coisas estavam melhorando. Jesus quis dizer para João que as coisas se fazem lentamente. Brincando com as palavras, Jesus fez com que João recordasse certa aula que tivera lá em Qumran, sobre Isaías, e aí ele tem certeza de que Jesus era o Messias, e assim poderia morrer em paz.

Nós também somos João Batista. Experimentamos o Senhor no batismo, quando recebemos a infusão da graça e da fé. Quantas vezes participamos da eucaristia?! Quantas vezes quase apalpamos Deus em nossas vidas, o sentimos próximo de nós?! De repente, por qualquer coisinha boba, fechamos a cara e ficamos três meses com a cara amarrada, enferrujada. Por qualquer palavra que a mulher diz, por qualquer palavra que o marido não diz, fecham a cara, um dorme para um lado, o outro dorme para o outro. Por uma coisinha de nada, esquecemos a experiência maior e fundante do amor, que é abertura, é acolhida, é cuidar do cego, do coxo, daquele que ouve pouco.

Jovens, quantos colegas de vocês são cegos, vivem metidos na droga?! Querem cegueira maior que essa?! Não conseguem ver que estão entrando numa aventura que os levará à morte! Não são cegos esses jovens que saem com suas motos a toda velocidade e que, na próxima esquina, podem ver São Pedro antes da hora?! Não são cegos esses que entram no sexo desvairado, gastando seu corpo, sua beleza, seu amor, na vacuidade total?! Por que vocês não os ajudam a ver? Falta João Batista! Também são surdos. Não ouvem nenhuma palavra bonita, apenas pornografia. Não são capazes de dizer a palavra Deus, beleza, amor, verdade, bem. São palavras que não saem de suas bocas, porque são mudos. Por que vocês não os ensinam a falar?! Não estou apenas criticando, mas perguntando: por que não ajudamos esses que não andam? Não vêm aqui porque não conseguem andar. Precisamos ajudá-los a subir a escada. Coxos que não sobem escadas, mudos que não falam palavras de bem, surdos que não ouvem a verdade, cegos que não veem a beleza! Muitos morreram e não sabem disso. São cadáveres ambulantes. Se batermos neles, só encontraremos vacuidade. São Paulo já dizia que são como sinos que batem, e cujo som se perde no nada. Precisamos fazer o que fez Jesus: cuidou do cego, do surdo, do doente, da comunidade. Amém. (16.12.07/3º. domingo do Advento)

# ***O VÉU QUE COBRE O MISTÉRIO***

## ***(Is 7, 10-14/Rm 1, 1-7/Mt 1, 18-24)***

Propositalmente, a liturgia equilibra os textos. Colheu um texto do Antigo Testamento, lá do tempo de Isaías, que falava de uma jovem que seria mãe de um futuro rei, que ajudaria Israel a enfrentar os adversários – esse, o fato histórico. Aquilo foi só um aviso, uma espécie de antecipação. Aquela moça simbolizava uma outra, que Isaías não podia saber quem era naquele momento, mas que depois Mateus saberia: Maria, a esposa de José. Quando lemos, as leituras parecem óbvias, simples, diretas, imediatas, claras, transparentes, lúcidas, tratando da coisa mais corriqueira, mas encerram um mistério muito grande.

Os judeus apenas conheciam o lado humano de Jesus: viam aquele Homem que tinha todas as necessidades de um ser humano, foi criança como qualquer outra. Era muito difícil para o povo de Israel entender que ali havia um mistério maior. Mateus quer nos dizer alguma coisa muito profunda: esse Homem tem duas faces. A primeira é a que estão vendo: nasceu de uma mulher, era humano como nós, participaria de nossa humanidade, mas nele haveria um mistério que, unicamente na fé, poderíamos descobrir. O grande mistério é que há uma presença única, original no surgimento desse Jesus. Toda a grandeza de Jesus, que será descoberta lentamente na vida pública e, sobretudo, na ressurreição.

Quando a genética pretende decodificar o genoma, quer conhecer, já naquele nucleozinho, todo o itinerário físico, corpóreo da pessoa. Essa é a grande pretensão do ser humano. De uma maneira teológica, é isto que Mateus nos diz: na origem dessa criança, já está a totalidade de Deus, não apenas o biológico, que é muito pouco. No início dessa criança já está o infinito! No genoma teológico de Jesus, estava escrito que Ele era o Filho de Deus que seria revelado. José aceitou ser o véu que cobriria esse mistério.

Para mim, a grande imagem de José é o véu que cobre o mistério, que eu comparo com uma mulher grávida: um mistério maravilhoso de vida que está sendo gestada no corpo de uma mulher! O marido é o véu que cobre um mistério, que só irá se manifestar nove meses depois. Durante nove meses, aquele homem fica olhando, observando a barriga crescer, a criança já dando seus pequenos sinais e se perguntando: o que irá sair, como irá nascer, como será dez, vinte anos depois? Já depois de nascida, aquela criança saía com Maria e com José, e todos achavam que era filho do casal. Passam os anos, e ninguém se dá conta. O véu continuava cobrindo o mistério daquela criança. Ela cresce e começa a pregar. Não pensem que eles viam Jesus como o vemos hoje. Pensavam-no como profeta, interessante, até fazia milagres, como muitos outros naquela época. Ninguém podia imaginar o mistério coberto até a morte e ressurreição. Só aí o mistério se abre; só aí os apóstolos, que viveram ao seu lado, entenderam alguma coisa. E nós, dois mil anos depois, ainda estamos procurando entender esse mistério,

que José cobriu como um véu. Quantas vezes, em nossas vidas, fomos chamados para cobrir o mistério?! Penso numa mãe que tem um filho num presídio. Ela não o rejeitará, mas o cobrirá com o véu do amor. É criminoso, está condenado, mas ela não o condenará. Será sempre sangue do seu sangue, carne de sua carne. As mães cobrem, com o véu do seu amor, tantos filhos que se perdem por aí afora. Cobrem também, com o véu do mistério, a beleza de seus filhos. O amor, a inteligência, o futuro são os véus com que os cobrimos onde quer que estejam. Todos nós somos chamados a ser José!

Imaginemos que alguém hoje chegue aqui e nos pergunte se estamos contentes com a situação política e econômica que temos, com a *honestidade maravilhosa* que nos é exibida. Aparece um profeta (\*), e nos pede que olhemos para o rio. Ele irá nos dizer alguma coisa daqui a alguns anos. Esse rio se chama São Francisco. Talvez essas águas sejam jogadas em outro lugar para beneficiar megainvestidores. O rio é essa criança da qual Isaías falou, talvez o grande profeta de amanhã. Alguém já disse, e quem viver verá!

O evangelho de hoje é de um pudor, de uma beleza, de uma delicadeza enormes. Guardemos a grandeza desse homem, que no silêncio acompanhou Maria, deixando que o mistério de Jesus fosse desvelado lentamente, o grande mistério que José e Maria guardaram no profundo de seus corações. Amém. (23.12.07/4º. domingo do Advento)

(\*) referência a Dom Luiz Flávio Cappio, bispo de Barra (BA), que protestava contra o projeto de transposição do Rio São Francisco, através de greve de fome.

## O NATAL EM SÍMBOLOS (Lc 2, 1-20)

A liturgia e a piedade popular vestem a festa de Natal com muitos símbolos. Talvez seja a liturgia mais carregada de simbolismos que temos na tradição católica. Cada coisa que aparece no evangelho e na liturgia significa por ela mesma, mostra alguma coisa de Jesus e fala também de nós. Como são tantas, escolherei algumas, começando pela estrela. Em todo presépio, em geral, colocamos uma estrela bem no alto: a estrela que iluminou a noite do nascimento do Senhor, que trouxe os magos até Jesus. Portanto, estrela é estrela, mas também é Jesus. Quando a colocamos no presépio, o nosso olhar vai além da estrela física, e nos perguntamos: será que o Senhor Jesus realmente é estrela na minha vida? Será que, nas noites duras e pesadas que caem sobre nós, em que nos pesa o sofrimento, a ausência, o silêncio, a depressão tão em moda na modernidade e pós-modernidade, o nosso olhar consegue superar a solidão e olhar essa estrela? Mas estrela somos nós também. Será que somos pessoas-estrela? Será que, pensando nos colegas, companheiros, pais, filhos, esposos e vice-versa, algum de nós foi estrela para alguém? Não no sentido de *star* – astro. Estrela é aquele que ilumina os caminhos para se chegar até o Senhor. Será que conseguimos, um dia sequer, para uma pessoa sequer, ser a luz que levou alguém a encontrar o Senhor?

No evangelho, ouvimos falar de anjos. Os catecismos antigos nos diziam que anjos eram seres que Deus criou para o seu serviço e sua glória. A origem da palavra anjo, em grego – *angelos* – já está dizendo que eles são mensageiros, portanto, têm uma mensagem para comunicar. Quando pensamos em anjo, logo nos perguntamos: o que ele vai dizer, o que vai comunicar? O anjo não existe por ele mesmo, mas em função da mensagem traz. O próprio Jesus foi o maior anjo que existiu na história da humanidade. Esses anjos em que pensamos, comparados ao grande Anjo, que é Jesus, são pequenas florezinhas num jardim imenso em que o Senhor é o anjo maior, porque é aquele que trouxe a *eu + angelion* – boa notícia, a grande novidade. Uma grande novidade que nenhum de nós, nem mesmo os grandes filósofos conheciam. Precisou desse meninzinho nascer numa cidadezinha pequena e pobre, tendo pais humildes e migrantes, para nos dizer alguma coisa que ninguém ainda sabia. Se alguém perguntar para vocês, cristãos, qual a grande notícia que Jesus trouxe, saberão responder? Deus nos ama! Deus é amor! Olhando para nós, Ele não tem raiva, não tem ódio, não castiga, não pune. Quando falamos isso, não nos referimos a alguma coisa óbvia não. Se voltarmos um pouco para a mitologia de outras religiões – dos gregos, romanos, tribos indígenas, povos africanos –, veremos que eles representavam seus deuses através de pesadas e medonhas carrancas. Lembro-me de que, quando estive em Moçambique, ouvi dizer que os religiosos tradicionais tinham pavor de um deus tremendo, que cobrava, que exigia. Talvez os nossos catecismos tenham nos passado isso também. Mas não foi essa a notícia que Jesus nos trouxe.

Ouvidos desafinados ouviram errado. Gosto muito de dizer que no dicionário de Deus existem dois verbos: amar e perdoar. Ele mesmo restringiu a sua existência em ser o Deus amor. E Jesus veio nos dizer isso.

Nós também somos anjos! Mas será que algum dia fomos anjo para alguém? Será que, esbarrando em nós, alguém teve a ideia de que Deus era bom? Será que nos mostramos cheios de Deus através de nossa felicidade, de nossa transparência? Charles de Foucauld, um místico francês que foi canonizado recentemente, resolveu ser missionário sem, no entanto, falar de Deus ou de Jesus Cristo. Viveu ao lado de muçulmanos e de outras tribos africanas agindo normalmente, até o dia em que notaram que era diferente, que tinha um modo novo de olhar. Nesse dia, teve a oportunidade de dizer-lhes que o grande anjo, que é Jesus, é quem lhe inspirava as ações e seu modo de ser. Na certeza de que Deus é amor, ele pôde se transformar e viver como vivia. Será que algum dia conseguiremos ser esse anjo para uma pessoa sequer?

Presépio é a palavra latina para dizer curral. É onde vivem as vacas, os bezeros. Será que eu posso dizer que presépio fala de Jesus? Curral terá algum sentido cristológico? Talvez mais certo fosse pensarmos em tronos, castelos, o maravilhoso palácio do Vaticano. Mas Ele escolheu o curral para passar suas primeiras horas. Qualquer mulher que esteja grávida escolhe o melhor enxoval, o mais lindo bercinho, para que o filho nasça na beleza e no carinho. Mas, apesar de todo o carinho de Maria, nem uma casa, nem um berço encontrou, e foi nascer num curral. Será que também nós somos currais? Seremos currais no momento em que formos tão simples, pobres e despojados, que as pessoas que se achegarem a nós não precisem ficar acanhadas, preocupadas em como vão nos tratar, que roupa deverão usar. Ele assumiu a simplicidade do pobre e, no curral, quis ser manjedoura. Vejam que palavra bonita: manjedoura – dar alimento, aonde os animais vêm comer. Ele quis ser a grande manjedoura, que se realiza em cada eucaristia, aqui neste altar. Ele, a grande manjedoura, se dá a nós. Será que nós somos manjedoura para alguém? Vocês, ministros da eucaristia, são capazes de, com amor, levar o Senhor a tantas pessoas! Não apenas no sentido físico de levar a comunhão, mas junto com as mãos que levam a hóstia, o coração também leva vida ao próximo. Também os que não são ministros da eucaristia podem ser manjedouras, porque carregam o Senhor em suas mãos.

São tantos os sinais, que poderia falar por horas, mas deixo apenas esta mensagem: o mais importante no presépio é o Menino. Ele é pequeno, é criança, é frágil. Mas é nesse pequeno, como diz Alberto Caeiro (\*), “e a criança, tão humana que é divina”, na pequenez, no sorriso, no choro, no vagido, que está o infinito de Deus. Quando Francisco de Assis, no século XIII, imaginou, sonhou e criou o presépio, quis mostrar a experiência primigênia, inicial, fontal de Maria e José quando se encontraram diante dessa Criança. Será que também nós somos pessoas-criança? Costumamos dizer que as crianças são como o Menino Jesus, mas nós adultos e prolectos também somos. Nunca deveríamos deixar morrer



em nós a Criança Jesus, que um dia nasceu no batismo e que deve continuar existindo ao longo de nossa vida. Oxalá, com nossa vida, com nosso corpo, com nosso olhar, realizemos todos os símbolos do Natal. Amém. (24.12.07/Vigília de Natal)

(\*) referência ao poema “O guardador de rebanhos”, de autoria de Alberto Caeiro, um dos heterônimos do poeta português, Fernando Pessoa.

## O SONHO DE DEUS (Jo 1, 1-18)

O Natal, como todos os dias da história humana, vai lentamente caminhando para o seu declínio, para a paz, para a noite. Assim é um pouco a nossa experiência humana: não conseguimos reter um segundo sequer em nossas mãos. Uma imagem muito bonita da cultura é que o tempo flui como a água, que se derrama sobre a mão. Ela cai sobre a terra e desaparece. Não conseguimos retê-la em nossas mãos. Ela escapa de nossos dedos e, quem sabe, aparecerá em outro lugar. Hoje é Natal, e também ele está terminando. E o que celebramos, o que vimos neste Natal? Eu diria que Natal é um pedaço de sonho. Mas foram apenas as crianças que sonharam? Natal lhes fala de festa, presentes, alegria, sorrisos, mas não quero me referir ao sonho das crianças. É bonito, puro, transparente, mas ousa dizer que Deus sonhou com natal. Desde toda a eternidade, naquele princípio que não tem princípio, que os gregos dizem *arché anarchós* – arquetipo. É como se Deus dissesse que Ele era apenas Deus e nada mais. Sendo Deus, só poderia relacionar-se com quem também era só Deus: o Filho e o Espírito. Assim, poderia estar por toda a eternidade em comunhão maravilhosa. Mas Ele quis sonhar com outra coisa diferente, e sonhou conosco, com os homens, com as mulheres. Sonhou que os seres humanos teriam a sua marca, o seu carimbo, mesmo não sendo Ele.

O sonho de Deus foi mais longe. Hoje, quando queremos conhecer as pessoas, falamos de genoma, mas Deus não quer saber de genoma físico, mas do genoma psíquico e espiritual. Ele quer conhecer tudo que podemos conhecer e muito mais. Sonhou que o seu Filho deveria conhecer os homens, vir para o meio deles. Não queria apenas ficar com o conhecimento de criador, como alguém que joga o mundo para fora de si e deixa-o rolar. Quis que o mundo entrasse em sua história, em sua vida. Não quis pensar o mundo como os deuses pagãos, entregue a seu destino, quis o mundo como a sua própria casa, onde Ele mesmo pudesse morar. E a única maneira de entrar no mundo era começar como começam todos os seres humanos: ser concebido, passar nove meses no seio de uma mulher e nascer. Deus sonhou e aconteceu! Natal é o espaço da esperança!

Eu acho que qualquer mãe sabe: quando tem um filho pequeno nos braços, essa criança é só esperança, não tem história quase nenhuma. Praticamente, é só esperança. Mas o futuro se abre diante dela! Os pais, mães, padrinhos e madrinhas embalam a criança, na certeza de que a infância é o berço da esperança. Deus não podia ter esperança, porque é eterno, mas Ele quis ser esperança. Esperar é não saber se o outro vem ou não, é saber que há uma liberdade dependente da minha, que pode não se realizar. Então, esperamos. Mas como não existe esperança para Deus, Ele resolveu ser criança, pois assim seria todo esperança. Olharia para os pais aqui da Terra, para os amigos, os discípulos e poderia dizer que esperava que eles crescessem, que saíssem pelo mundo, anunciassem até chegar a Vespasiano.

Naquele pequeno berço, naquela manjedoura nasceu a esperança para nós, e aqui estamos.

Natal também é o espaço do silêncio e da contemplação. Conhecemos pouco de psicologia e menos ainda das pessoas, e imaginamos que as crianças são barulhentas, mas nos enganamos. A criança é altamente contemplativa, muito mais do que os adultos. Ela pode passar horas em silêncio, brincando com suas coisinhas, porque nasce de um silêncio de nove meses e é cercada por muitos silêncios. Deus quer silêncio, mesmo que haja uma palavra eterna a seu lado – Ele, o Verbo Eterno! Mas, para ser silêncio, Ele começa bem de baixo. Diz Guimarães Rosa (\*): “nasce uma criança, tudo começa de novo!”. Então, Deus se fez criança.

Será que para nós, adultos, a vida é um berço de esperança, de silêncio, um espaço de sonho? Será que sabemos recuperar os grandes valores que Deus quis viver na forma de uma criança? Natal é uma das maiores perguntas que podemos fazer aos adultos, é esperança, é silêncio e, sobretudo, contemplação, sonho com um mundo melhor. Amém. (25.12.07/Celebração vespertina de Natal)

(\*) médico e escritor mineiro, nascido em Cordisburgo.

# *A FAMÍLIA É LUGAR DE CONTRADIÇÕES*

## *(Mt 2, 13-15.19-23)*

Para celebrar a festa da Sagrada Família, a liturgia escolheu esse evangelho, bastante conflituoso. Ao invés de momentos felizes, fala de momentos difíceis, quando Jesus vivia com Maria e José, quando tiveram que fugir à noite, eram perseguidos e ameaçados de morte. É que a família é uma das realidades que carrega mais tensões, paradoxos e contradições dentro de si.

É muito interessante pensarmos cultural, existencial e estatisticamente nas famílias. Quando os poetas e romancistas escrevem, a família é tecida com palavras bonitas, coloridas, em poesias para serem lidas pelas crianças nos dias de pais e de mães, todas azuis e cor-de-rosa. Ficamos pensando que a família é isto: lugar de paz, amor, repouso, serenidade, aconchego. É um desejo e um sonho. Mas, quando tomamos conhecimento da realidade, estudamos um pouco, ficamos sabendo, por exemplo, que a maioria dos crimes violentos são cometidos dentro das famílias, que muitos assassinatos acontecem entre pessoas que têm relacionamentos íntimos, percebemos a dor e o sofrimento que dilaceram tantas delas. Aqui mesmo, em Vespasiano – não foi na Coreia do Norte, não – ouvi de uma criança que o seu pai não a amava. Ela me disse isso e desatou a chorar. A família é o lugar dos maiores amores, das maiores alegrias, mas também dos maiores sofrimentos, das maiores dores e problemas. Essa é a *realidade real* mais forte que se impõe em nossa vida.

A liturgia nos apresenta um exemplo de Maria, José e Jesus vivendo um grande problema. Os conflitos não pouparam a família de Jesus, a começar do nascimento. Ele nasceu durante uma viagem, em meio a desconforto. Logo depois do nascimento, foram obrigados a fugir. Um pouco mais tarde, o Menino se perde dos pais. Maria não foi aquela mãezinha bonitinha que fazia cachinhos no cabelo louro do Menino, mas uma mulher preocupada e pobre, tendo que se adaptar a um Filho original, surpreendente mesmo. O próprio evangelho afirma que os parentes chegaram a considerá-lo louco. A família não foi lugar de serenidade, nem mesmo para Jesus. Tudo isso para nos mostrar que qualquer família está sujeita ao sofrimento. Outro dia, uma pediatra me disse algo que me impressionou. Ela tratava de duas crianças numa UTI, com a mesma gravidade. Para ambas, usava o mesmo tratamento, a mesma terapia, e, enquanto uma renasceu, a outra morreu. Ela me dizia que a reação da criança se devia à presença afetiva e amorosa da mãe, que cuidou e envolveu o seu filho em imensa ternura. Parece que, assim, ela se recarrega de energia e consegue vencer até doenças graves.

Num dos natais mais antigos, João XXIII (\*), um papa muito querido, do qual os mais velhos devem se lembrar, quis comemorar a sua ceia de natal entre os presos, num famoso presídio de Roma. Depois de todas as pompas preparadas

para receber o papa na prisão, ele fez questão de servir pessoalmente a cada preso. Tocado pela emoção, disse-lhes que ele poderia ser como cada um deles, mas agradecia a Deus por ter tido uma mãe e um pai e, por isso, não estar ali. Tudo isso me leva a pensar muito mais seriamente na família. Precisamos pensar nela como lugar de dificuldade, trabalho e, sobretudo, de um esforço gigantesco de se criar um ambiente de cuidado, pois, se não cuidarmos da família, será um desastre. E cuidado significa olhar para o outro, sentir seus desejos, necessidades, carências, buscas, sentimentos e se colocar a serviço da família.

Nesse dia, eu queria falar apenas para vocês, pais. Preocupa-me muito, doi-me muito ver a realidade da família aqui no Brasil. Se saíssemos agora e fôssemos visitar um presídio, encontraríamos homens e mulheres que, certamente, cometeram crimes bárbaros. Fiquem sabendo que aquele criminoso ou criminoso começou a surgir nos primeiros meses de vida, quando, ainda uma criança, toda pura, foi envolvida pelo descaso, pela perversidade, pelo mal de um pai e de uma mãe. Sempre digo isso aos pais quando celebro batizados. Saibam que, para o bem ou para o mal, a personalidade começa a ser gestada nos primeiros meses da infância. Li, num jornal, a história de uma mãe que, diante de um boletim com três ou quatro notas vermelhas de seu filho, se armou para conversar com a professora. Imaginem uma criança que tem uma mãe dessas, munida de raiva, ódio, capaz de cometer crimes! A criança introjeta essa cena.

Pai e mãe são aqueles que amam! Se não amam, se não cuidam, não são pais, e a criança será órfã de pais vivos. A biologia é muito pobre, é animal. Procriar, os animais também o fazem. O que nos distingue, nos separa do animal é que nós amamos. Pais e mães, se quiserem ser felizes e ver seus filhos felizes, amem e cuidem gratuitamente! Não forcem amor, não chantageiem, não comprem! Outra estatística alarmante que a gente lê é que, no dia do natal e aniversário, os pais separados são os que dão mais presentes, porque querem compensar a ausência com presentes. A criança não é boba! Ela intui e, ainda que não saiba formular, saberá que ali não há amor, mas há coisa, há culpa. Arranquem de vocês e de suas crianças toda e qualquer culpa, não passem para elas o complexo, pois isso inocula nelas a perversidade que poderá explodir na adolescência e na juventude. Cuidem pelo olhar, pelo abraço, pela compreensão e paciência. Quantas mães carregam seus filhos nos braços e ficam olhando de lado?! Saibam que é pelo olhar da mãe que a criança estrutura sua psique, é pelo olhar que vai descobrindo que é amada, que existe e merece viver. Há mães que puxam a criancinha pela rua, como nem um cachorrinho merece ser puxado, sem sequer olharem para ela. O que podem esperar dessa criança: que seja um anjo límpido e transparente, se não conheceu o cuidado e o amor nos primeiros anos de sua existência? E esse amor tem que ser gratuito. O filho deve ser amado por ele mesmo, precisa sentir que os pais o colocaram em primeiro lugar, que o amam como ele é. Assim ele crescerá e será melhor pela força do olhar, da presença e do testemunho.

Pais, nunca batam numa criança pequena! É terrível isso! O que uma criança pequena pode fazer que mereça uma surra? Dói-me ver uma criança espancada, sabendo que estará estragada, e logo será um adolescente que não poderá ser suportado, porque só conheceu a violência. Outra coisa fundamental, pais e mães: nunca alterquem, nunca gritem entre si diante de um filho pequeno. Se quiserem brigar, tranquem-se no quarto, estapeiem-se, puxem os cabelos, mas nunca diante de uma criança pequena. Um pai que chega bêbado, trocando os pés pelas mãos, quebrando coisas, agredindo a esposa, envenenando-se diante dos filhos, não poderá reclamar quando ele, já adolescente, entrar para o caminho de bebidas e drogas, pois esse caminho terá começado na infância.

A festa da família é importantíssima para perguntarmo-nos como estamos cuidando de nossas crianças, pois é com elas que começa tudo de bom e de mal. Qualquer psicologia mais elementar sabe que é nos primeiros anos que semeamos o que serão os adolescentes, jovens e adultos. As crianças precisam ser amadas e cuidadas pelo pai e pela mãe, pelo olhar, pelo tom de voz, pelo modo de falar, de acariciar. Deitem-se no chão, deixem de lado a maldita televisão, o onipresente celular, que afasta e impede o diálogo, a troca. Não deixem seus filhos de lado, sem um toque, uma palavra, um abraço, sentindo-se largados e desconhecidos! Que neste domingo de pais, mães, filhos e família, Deus nos dê sabedoria! Amém. (30.12.07/Festa da Sagrada Família)

(\*) papa cujo pontificado foi de 1959 a 1963.

## ***NO NOVO ANO, UMA CRIANÇA NOS FALA DE SALVAÇÃO (Lc 2, 16-21)***

Para começar o ano, a liturgia poderia ter escolhido uma cena diferente, talvez o Cristo glorioso, ressuscitado, juiz supremo da história descendo das nuvens. Seriam cenas muito mais esplendorosas para agitar as nossas mentes no início de um ano. Mas eis que a liturgia escolhe a cena de uma criança pequena, recém-nascida, enfaixada, portanto, nem podia se mover; uma criança totalmente indefesa, desconhecida, cujo nascimento não consta dos anais da história humana. Nós a conhecemos pela leitura da escritura, mas, se fizermos uma pesquisa histórica da época de Jesus, saberemos de outras crianças que nasceram, mas não encontraremos nenhum registro desse Menino chamado Jesus. Apesar disso, Ele aparece para nós no início de um ano.

Reparem bem: o evangelho faz uma espécie de mudança. Os pastores ouvem os anjos cantarem. No evangelho do Natal, vimos os pobres pastores que estavam ali e, de repente, o céu se ilumina, ouvem vozes e cantos vindos do céu, já que a Terra o desconhecia. Este é o contraste do nascimento de Jesus: Ele passa despercebido para nós, homens e mulheres da Terra. Parece que só o céu se interessou por Jesus, apesar de ser Ele um presente do céu para a Terra, e não um presente da Terra para o céu. Quando recebemos um presente, nos alegramos, mas aqui quem se alegrou foi quem deu o presente. Parece que Deus ficou bem mais contente do que nós, pois não percebemos o presente que recebemos. Passaram-se anos, até que a humanidade acordasse e perguntasse sobre quem havia nascido. O evangelista faz questão de nos dizer o nome. Dizer o nome, em nossa cultura, é abrir espaço para o diálogo. Sempre começamos uma conversa chamando a pessoa pelo nome, que é o que permite nos encontrarmos. Falar com um anônimo é algo que nos desagradava. Esse é o sentido profundo do nome para nós. Ainda que muitas pessoas tenham o mesmo nome, cada uma encarna em si aquele nome, que é só dela.

Para o judeu, é muito mais: o nome é missão, é vocação! Os nossos nomes não carregam nenhuma missão, ao contrário do costume judeu. Lucas nos diz que o seu nome é Jesus, e precisamos nos perguntar que missão esse nome traz – *Yehoshua Yahweh* – Deus salva! O Deus que salva aparece nessa criança, que está aí para nos dizer que vamos iniciar este ano embalados pela salvação. Portanto, não tenhamos medo, venha o que vier, aconteça o que acontecer. Ninguém precisa nos dizer que em 2008 acontecerá isso ou aquilo. Será um ano exatamente como qualquer outro que já vivemos: casais se unirão e outros se separarão, haverá guerras, assassinatos, crianças nascerão e outras morrerão, crianças continuarão vivendo nas ruas. A realidade é nua e crua e nos desafia, mas é aí que surge a palavra esperança. Nós cremos e, se cremos, somos capazes de dizer que essa Criança é maior que todos os infortúnios, dores, mortes e sofrimentos. Por isso, podemos caminhar de cabeça erguida no ano que se inicia. Amém. (01.01.08/Celebração vespertina de ano novo)

# **OS MAGOS DIANTE DO INFINITO**

## **(Is 60, 1-6/Mt 2, 1-12)**

Só podemos entender essa passagem de Mateus tendo ouvido a primeira leitura, que é um pouco mais difícil para nós, por conter um dado cultural. Por isso, vou tentar localizá-la historicamente. Se olharmos o mapa, veremos que o povo de Israel vivia num país pequeno, cercado por grandes impérios: assírios, babilônios, medas, persas. Era um povo pequeno, muito inteligente e beligerante – até hoje vivem fazendo guerras – e foi invadido várias vezes, sendo que uma das invasões mais violentas foi a dos assírios e babilônios, quando levaram grande parte dos homens para o cativeiro, em que ficaram quarenta anos. Ciro, o rei da Pérsia, liberta-os, para que possam construir um templo em Jerusalém. Imaginem a alegria daquele povo saindo do exílio! Como todo profeta, Isaías sai de si, entra numa espécie de êxtase e começa a ver coisas muito diferentes das que de fato irão acontecer. Ele vê milênios a sua frente. Vê que Jerusalém não é mais a cidade central, apenas do povo de Israel. Para lá convergem camelos e dromedários de todas as partes do mundo. Para o judeu, Jerusalém era, como ainda é, o epicentro do mundo. Mas o profeta não olhava para a Jerusalém das guerras, que invade Gaza (\*), não via a cidade física. Ele via outra cidade, via Belém, distante pouco mais de seis quilômetros, onde havia uma situação muito simples: uma mulher jovem com uma criancinha pequena, numa gruta pobre. Lá estava a maravilha que o profeta imaginava e que ninguém fazia ideia que estivesse tão próximo. No mais profundo silêncio e *escondimento* é que nasce uma criança especial.

O evangelista também não deixa por menos e vai buscar, lá no distante Oriente, três magos. Se no Natal Jesus se manifestara particularmente ao povo judeu, na festa de hoje, na figura simbólica dos magos, Ele se manifesta a toda a humanidade. O evangelho não fala em números, mas a tradição contabilizou os presentes e determinou que fossem três, e isso é interessante, pois simbolizam as três raças, que se encontram e vão a Belém, não sem antes passar por Jerusalém. Lá encontram um gordo corrupto, grosseiro, assassino. Aí estava o mistério, como é um pouco a história humana: ao lado de uma maravilha existe toda uma perversidade, ao lado de pessoas simples e puras, há canalhas que as cercam. Que bela aula de antropologia nos dá esse evangelista! Herodes fica apavorado e manda chamar o sumo sacerdote, os teólogos, que não atendem ao seu chamado. Preferem suas academias, seus templos. Mateus continua fino e delicado. E lá vão os três para encontrar simplesmente Maria com o Menino. Basta a mãe e o Menino, e eles se prostram. Assim como nós, eles ficam encantados diante de uma mãe e sua criança. Aqueles homens solenes, em seus imponentes camelos, de repente se veem pequenos, porque a criança, em sua pequenez, faz os grandes descobrirem a verdadeira grandeza, que só ela pode revelar.



Vejam como nós pensamos exatamente o oposto. Quando alguém consegue uma posição importante, todos se admiram, reconhecendo como uma grande exaltação. Deus, que é infinito, aparece na forma de uma criança. Enquanto nós queremos sempre subir, Ele prefere descer, se esconder. Não apareceu em nenhum palácio, não foi a Atenas nem a Roma. Apenas sorria com os olhos acesos de qualquer criança. Naquela beleza e transparência estava o infinito. Se meditássemos um pouco mais nesse mistério, ficaríamos muito mais humanos. Precisamos encontrar essas cenas lindas da vida que acontecem diante dos nossos olhos a cada instante e nem sequer percebemos. Foi para admirar a mãe e o Menino que vieram três magos do distante Oriente. Eles simbolizam pouco mais de um bilhão de cristãos que hoje conhecem esse Menino. Há ainda mais de cinco bilhões de pessoas para quem Ele nada significa. Por isso, esse dia tem um significado muito especial para nós. Se eles vieram adorar esse Menino, é para que nós saíamos de nós e o levemos aos outros. Façamos um propósito de, quando nos encontrarmos com uma criança de rua, não fecharmos os vidros dos carros, não desviarmos o olhar. Olhemos para aquele rosto e lembremos que Deus se fez criança. Parece que Ele quis dar uma bofetada em nossas vaidades, para dizer que, no pequeno, nasce o divino. A criança representa mais Deus do que qualquer poder clerical. Deus é muito mais presente no pequeno e no pobre. Se transformássemos todas as crianças do mundo em sinais de Deus, tudo seria diferente. Amém. (04.01.09/Festa da Epifania)

(\*) referência a mais uma invasão dos judeus contra os palestinos que estava acontecendo.

# *MORTE E VIDA QUE NASCEM DAS ÁGUAS*

## *(Mt 3, 13-17)*

Acabamos de ouvir o que julgamos ser a descrição do batismo de Jesus, mas, na verdade, é muito mais. É uma leitura teológica de um evento que, na época, terá passado despercebido, mas que, depois de muita reflexão, o evangelista e a comunidade perceberam o sentido profundo.

Para o povo de Israel, a água era, como ainda é, uma realidade muito importante. Eles não têm o rio Amazonas, nem o São Francisco, nem mesmo um riacho como este que passa em Vespasiano. É um povo que viveu e vive muito em função da água. É uma região seca e árida, fazendo da água a coisa mais preciosa para aquela terra. Imaginem um povo que está sempre buscando água. Nós, brasileiros, não temos a mínima ideia do que seja isto: não ter água potável e limpa. A água significa não apenas a necessidade física do povo, mas é prenúncio de um horizonte simbólico. Uma coisa muito interessante de qualquer cultura é que aqueles elementos que tocam a realidade física, de repente, criam asas e ocupam o imaginário social, um universo simbólico do qual lembramos quando fechamos os olhos. Qualquer mineiro, quando fecha os olhos, pensa na praia que não tem. Em Minas, sobram montanhas e falta mar. Assim acontece com Israel: a água faz parte do horizonte, porque é rara, e vai entrar em três momentos importantes, que vão nos ajudar a entender o batismo de Jesus.

Primeiramente, a água simboliza vida e morte. Ao mesmo tempo em que é a grande fonte da vida, em outros momentos, a água será fonte de morte. Eles imaginavam a criação não como nós a conhecemos. Pelo conhecimento da ciência, sabemos que houve uma grande explosão inicial, um *big-bang* gigantesco de trilhões de graus, a partir do qual se iniciou um processo de esfriamento das galáxias. Assim imaginamos a criação, mas eles imaginavam que, antes de tudo, havia uma imensidão de água bastante diferente, misteriosa, ainda muito obscura, não um simples H<sub>2</sub>O das aulas de química. Era uma água que geraria todo este imenso cosmo. Vejam que força tem essa água! Sobre ela havia um grande pássaro para que daí nascesse a vida. A Bíblia fala num grande caos e que um espírito pairava sobre as águas. Portanto, para eles, a água era a fonte de toda a vida que viria: a terra, as estrelas, as matas, os animais. A água é a fonte primigênia, primordial de toda a vida. Isto ficou gravado na imaginação do judeu: a água como fonte de vida.

Passam-se séculos e, novamente, vamos esbarrar com a água, agora fonte de morte. O mundo se desgarrá, se perverte – é a maneira bíblica de falar, não uma descrição. Deus olha para o mundo, vê uma quantidade imensa de pecado, e acontece um grande dilúvio. Eles imaginavam que no céu havia grandes comportas que foram abertas durante quarenta dias e quarenta noites. Tudo isso é simbólico. Não há nenhuma comporta no céu. Gagárin (\*) já andou por lá e

não encontrou nenhuma comporta. Mas a verdade é que choveu tanto, que cobriu toda a terra. É o que eles imaginavam, mas, se realmente as águas tivessem coberto toda a terra, estaríamos até hoje numa Veneza (\*\*). A água foi a fonte da morte de todos, exceto do *senhor* Noé e sua família, que se salvaram, juntamente com alguns animais numa *barcazinha*. Morte/vida: a vida que navega sobre a morte! Que fantasia fantástica! A morte cobrindo tudo, e a vida resistindo numa pequena barquinha, esperando que um dia viesse uma pomba trazendo um ramo verde. Pomba, símbolo da vida, em meio àquela imensa morte. A pomba reaparece hoje, no batismo de Jesus.

O terceiro momento também é muito bonito. O povo de Israel, escravo no Egito, fazendo tijolos o dia todo. Homens cansados, mulheres preocupadas, uma escravidão terrível. Aparece alguém, chamado Moisés, que também se salva num bercinho colocado nas águas do rio Nilo. A água era para matar todas as crianças de Israel, mas aquele meninozinho foi posto num bercinho no meio daquele imenso rio. Aparece a filha do faraó e salva Moisés daquele mar de águas. Também Jesus será salvo de um mar de sangue pelo anjo que avisa a José – vejam a ligação. O anjo manda que José fuja com o Menino, pois Herodes ameaçava matar todas as crianças. A história segue: o povo é libertado, mas encontra um mar pela frente. Também o mar Vermelho se abre, e o povo judeu pode atravessar a pé enxuto, como diz a escritura, também simbolicamente. Quando o povo se salva da água, aparecem os inimigos, que morrem sob as águas. Vida/morte. Vida para os judeus, que se salvam; morte para os egípcios, que se afogam.

Jesus também se afunda nas águas. Afundar-se nas águas é símbolo de morte, pois perdemos a respiração. Jesus, entrando no rio para ser batizado, é símbolo da morte, mas naquela hora o que morre nele são todos os nossos pecados. Imaginem Jesus como um grande Atlas (\*\*\*), entrando no rio carregando todos os nossos pecados, que ali serão afogados. E há uma outra ironia geográfica: as águas do rio Jordão terminam no Mar Morto. Também os pecados terminam na morte! Jesus sai da água, vivo, para dizer que, depois da morte do pecado, aparecemos vivos. Aí surgem duas realidades gigantescas, falando de vida: o Espírito na forma de pomba e a voz que diz: “este é o meu Filho amado!”, e em outro momento a mesma voz dirá: “escutai-o!”. O Espírito, que é vida, e o Pai, que também é vida.

É a mesma experiência que fizemos na pia batismal. Quando uma criança recebe a água sobre a cabeça, revive o simbolismo de morte e de vida. Também nós morreremos no batismo, só que morreremos para pecados ainda pequenos que já trazemos. A criança ainda é inocente, mas, simbolicamente, carrega os pecados do mundo, de uma sociedade cheia de contradições em que ela nasce. Afogamos nessa água todos os complexos. Vejam a experiência da vida de vocês. Tudo isso acontece todos os dias, só que damos nomes diferentes. Quantas vezes nos sentimos afogados em mágoa, dor, sofrimento, incerteza, para nascermos

felizes de novo?! Quem carrega mágoas está morto, mesmo que não saiba, pois carrega a morte dentro de si. Precisamos afogar todas as mortes, tristezas, dores, depressões. Só então poderemos levantar sorridentes, alegres, renovados pela água do perdão, da graça e da misericórdia. Amém. (13.01.08/1º. domingo comum)

(\*) referência a Iúri Gagárin, primeiro astronauta russo a viajar pelo espaço, em 1961.

(\*\*) referência à cidade italiana construída sobre canais do Mar Adriático

(\*\*\*) referência ao personagem mitológico grego que carrega o mundo sobre as costas.

# ***O CORDEIRO NOS FAZ COMUNIDADE***

## ***(Jo 1, 20-34)***

João conta, de maneira indireta, o batismo de Jesus. Ele não narra, mas faz alusões, supondo que a comunidade já conhecia a cena do batismo, de tal maneira que João, o evangelista, entendia que João, o batista, falava de Jesus como cordeiro. Para nós, numa linguagem popular, brasileira, a palavra cordeiro não tem muito significado. Muitas vezes, usamos essa palavra para nos referir a pessoas muito tranquilas – são uns cordeirinhos, uns bobinhos e mansinhos. Também assim nos referimos aos que seguem os outros, que têm personalidade fraca: *Maria vai com as outras*. Cordeiro, para nós, é uma imagem, uma metáfora um tanto negativa, mas não era para Israel. Para os judeus, para a cultura semita, era uma das metáforas mais importantes para a história, tendo uma grande carga existencial e emocional. Um dia foram escravos, e a maneira de fugirem do Egito e, de certa maneira, enganarem o faraó, foi dizer-lhe que iam sacrificar o cordeiro. De fato, sacrificam o cordeiro na noite em que o anjo exterminador passa de casa em casa, procurando as que estavam marcadas com o sangue do cordeiro, para que essas fossem poupadas. Obviamente, Deus não mandou matar os filhos dos egípcios. Essa é uma maneira de os judeus interpretarem sua libertação. O certo nessa mensagem é que o sangue, do qual não tinham ideia de que se tratava, os livrara da morte. Esta é a primeira imagem: há um sangue que nos defende da morte! (\*) O sangue, que é símbolo da vida, também é defesa contra a morte.

A segunda grande imagem que têm é que o cordeiro é filho da ovelha, que fornece a lã para vesti-los. Na fonte, na origem do cordeiro está a roupa que vestirá as pessoas. Também nós seremos vestidos pelo cordeiro. São Paulo usará a imagem de que seremos vestidos por Cristo. Assim como a lã da ovelha servia para vestir as pessoas, com o sangue do cordeiro nós seríamos vestidos. A metáfora vai mais longe ainda. O cordeiro seria sacrificado sem que nenhum de seus ossos fosse quebrado. Quando Jesus é sacrificado na cruz, o evangelista dirá explicitamente que nenhum de seus ossos foi quebrado. Naquela época, muitos dos crucificados agonizavam por muito tempo. Vinham os soldados e quebravam seus ossos para apressar-lhes a morte por asfixia. Como era sexta-feira, véspera de uma grande festa, Jesus não poderia ficar na cruz mais tempo. Vieram os soldados, mas, conforme diz claramente o evangelista, chegando perto de Jesus, notaram que já estava morto e não lhe quebraram nenhum osso. Assim como o cordeiro dos judeus não teve nenhum osso quebrado, o Cordeiro Jesus também não terá nenhum osso quebrado. Como é rica a imagem do cordeiro!

Na cerimônia da páscoa dos judeus, eles comiam o cordeiro, que era sacrificado no templo. Levavam-no para casa, assavam-no e comiam-no. Portanto, o cordeiro alimenta, em torno dele o povo judeu se congrega, se constrói e se constitui comunidade. Qualquer cristão que ler o evangelho só deve pensar na eucaristia, que é

o que nos alimenta. O cordeiro, cujo sangue nos salva, cuja lã nos veste, que nos salva na cruz sem ser quebrado, é o mesmo que nos alimenta. João tinha conhecimento de todo esse conjunto e, portanto, pôde dizer: “eis o Cordeiro de Deus!”.

A liturgia ficou tão fascinada com essa frase, que a colocou na boca do celebrante antes da comunhão, quando apresenta o corpo do Senhor à comunidade, chamando-o de cordeiro. Seria bom que, de agora em diante, ao invés de vocês ficarem distraídos na fila da comunhão, lembrassem dessas imagens, desse cordeiro de Israel, cujo sangue protegeu os judeus, marcando os portais das casas. Lembrem-se do cordeiro sacrificado na primeira festa de libertação, do cordeiro que morreu na cruz, do que nos alimenta, e aí terão toda uma simbologia para preencher os seus corações.

Agora sim, cada um de nós, em nossa caminhada de cristão, poderá ser o verdadeiro cordeiro. Seremos cordeiros quando cumprirmos a função que o Cordeiro cumpriu. Poderemos proteger como o cordeiro o fez. Todo adulto que protege uma criança é cordeiro no sentido primeiro, como aquele que protegeu o povo contra o anjo exterminador. Hoje há tantos anjos exterminadores nos ameaçando, a começar pela televisão, que coloca na cabeça de nossas crianças os *batmans* e tantas outras imagens americanizadas e degradadas. Isso acaba destruindo o simbólico em suas cabeças, sem que se deem conta. Precisamos proteger nossas crianças, criando-lhes uma simbologia melhor, ao invés de importar imagens e símbolos que bebemos, comemos e engolimos. Precisamos trabalhar o imaginário social e religioso das crianças. Há tantas histórias mais bonitas para elas. Os contos de Grimm (\*\*\*) e mesmo as histórias do nosso folclore são muito mais profundas e bonitas do que tantas vendidas e vulgarizadas pela televisão.

O cordeiro também é símbolo de entrega. É bom nos perguntar: quando é que fazemos alguma coisa gratuitamente por alguém? Gratuidade é não esperar nada de volta, sequer a retribuição de um olhar. Mesmo que nos mostrem uma *cara de sexta-feira santa de tarde*, continuamos oferecendo nossa generosidade. Quando seremos cordeiros, alimentando as pessoas? As mães já são, quando alimentam seus filhos nos primeiros anos, e hoje a psicologia reconhece que é muito mais, pois o afeto passará através do alimento. Há um psicanalista inglês, Willian D. Winnicott, que insiste muito na importância do cuidado que a mãe dedica à criança nos primeiros meses, pois é ele que irá estruturá-la internamente. Cordeiro também é alimento para unir. Será que o nosso falar, nosso pensar, nosso agir, nosso olhar e nosso ser alimentam alguém? Será que estamos fazendo história com o nosso ser? Nossas palavras, gestos, olhares, abraços são alimentos que constroem as pessoas. Somente vivenciando tudo isso em nossa vida seremos cordeiros como Jesus foi e sentiremos a força da eucaristia. Amém. (19.01.08/2º. domingo comum)

(\*) Ex-12

(\*\*) referência aos irmãos Grimm, dois alemães que viveram no século XVIII, e se dedicaram ao registro de fábulas infantis.

## ***PORTAS QUE SE ABREM PARA NOVOS HORIZONTES (Mt 4, 12-23)***

Durante este ano, vamos ler o evangelho de Mateus, que começa a nos narrar o início da vida pública de Jesus. É impressionante que alguém possa viver durante trinta anos uma vida simples, até banal, cuidando de afazeres cotidianos, sem nada de especial, que pudesse dar uma ideia de quem Ele era, e agora começará uma vida de visibilidade. Sai do *escondimento* para começar o anúncio do Reino. Vocês já sabem muito bem de certas coisas, como, por exemplo, que o evangelho é um tecido em que o evangelista coloca pequenos pedaços de textos, que chamamos de perícopas, e os tecem, formando um quadro. É como se um pai fosse escrever a vida de seu filho: toma um fato que aconteceu bem na infância; outro, da época da escola; ainda outro, quando ele era coroinha, costura tudo e, depois, nos apresenta o filho. Também é como vocês, quando apresentam o currículo para conseguir trabalho: relacionam dados díspares para apresentarem um texto único. Assim fez o nosso evangelista.

Interessante como Deus usa fatos cotidianos. Por que o fato de João ter sido preso seria importante? Jesus era discípulo de João Batista, até foi batizado por ele, e essa porta se fechou. Não podendo mais segui-lo, Jesus cai em si e sabe que deverá começar um caminho novo. Uma porta se fechou, e ele abrirá uma nova porta. Olhem para a vida de vocês, sobretudo, os jovens! Quando precisam sair de casa e não têm mais a mamãe para por comidinha na boca, uma porta se fecha para abrir outras. Quando isso acontecer, não precisam bater a cabeça contra elas, saibam que muitas outras se abrirão. Com Jesus não foi diferente, e ele tomou a iniciativa de começar a pregar.

A vida é feita de muitos fatos aleatórios, fatos fortuitos, casuais. Imaginamos que exista uma grande inteligência que programa todas as coisas. Isso só existe nos programas de computação, mas não na história humana. A nossa vida é feita de enormes aleatórios, coincidências, coisas mínimas que, muitas vezes, transformam a vida da gente. Pensem na vida de vocês! Os casados que foram a uma festa, cruzaram um olhar e estão casados, com quatro, cinco filhos. Se não tivessem ido àquela festa, não teriam encontrado o *dito cujo*, ou a *dita cuja* e não estariam casados. Se um jovem passa no vestibular, precisa ir estudar em Belo Horizonte, começa uma nova vida. São fatos que vão construindo o xadrez de nossa vida. Assim foi a de Jesus. O primeiro projeto de José era morar em Belém, de onde vinha a sua família. As famílias sempre gostam de ficar em lugares próximos. Mas, quando chegava perto de Belém, soube que quem governava aquela cidade, depois da morte de Herodes, era o tal Arquelau, que era muito violento. Resolve, então, seguir para Nazaré. Não será mais o cuidador de cabras, mas, indo para uma região mais amena, dedicar-se-á à agricultura. Jesus será um camponês. Como estavam perto de uma cidade importante – uma Belo Horizonte

daquela época: Séforis –, trabalhavam na capital, um artesãozinho na cidade grande. Mudou toda a sua vida! Quando começa a pregar, não vai para a Judeia, como fez João, mas para a Galileia e encontrará galileus. Pequenas coincidências. Vai morar numa região bonita. Quando vocês tiverem mais dinheiro na poupança e o dólar continuar baixo, não deixem de visitar o Lago de Genesaré. É das coisas mais lindas! Jesus morava ao lado do lago e, obviamente, escolherá pescadores como discípulos. Entrará na vida daquelas pessoas, e mudará o rumo de todas elas. Interessante, Jesus nunca estará sozinho, a não ser na hora de rezar. Durante o dia, Ele sempre estará cercado de pessoas. Parece que Ele gosta de comunidade, de convivialidade. Ele nunca será um solitário, como os jovens de hoje, isolados em suas *internets*.

Começa chamando dois irmãos, depois mais dois, também irmãos. Vejam que cena bonita: dois homenzarrões fortes, acostumados à luta da pesca, que pouco sabiam de Jesus. Há dois mil anos, nós ouvimos falar de Jesus, sabemos que era Filho de Deus, eles não. De repente, chega aquele Homem, de quem muito pouco teriam ouvido falar, e os chama para segui-lo. Imaginem vocês, no seu trabalho, chega um desconhecido pedindo que o sigam. Foi isto que aconteceu com esses homens: Jesus pediu-lhes que largassem redes, barcos, família, e eles foram. Sabiam o que deixavam, mas não sabiam para onde iam. Jovens, se vocês não tiverem coragem na vida, de saberem o que deixam e saberem para onde irão, nunca farão nada de grande. Só quem é capaz de abrir uma nova porta diante de uma que se fecha, de não saber o que virá, mas, mesmo assim, ir, é capaz de construir algo de grande. Hoje, vocês podem ir a Roma e ver uma imensa catedral construída sobre o túmulo de um pescador, que, se tivesse dito um não, seria como milhares de outros, de quem nem sabemos o nome. Desses, nós sabemos o nome: Pedro, Tiago, João, André! Esses quatro homens, apenas por um chamado, um verbo, um imperativo – deixa, vem, segue-me –, deixaram tudo e seguiram um desconhecido, que alguma coisa, certamente, deveria ter no olhar. Só assim eu posso entender algo tão misterioso. Alguma coisa devem ter visto naquele rosto, no tom daquela voz, na grandeza daquela personalidade, que os tocou fundo. Há um pensador francês, Emmanuel Mounier, que faz uma comparação muito bonita. Ele diz que, às vezes, na vida, temos que atravessar a ponte, queimá-la e também aos barcos, para nunca mais poder voltar sobre os passos que já andamos. Muitos missionários fizeram e fazem isto: vieram para as Américas, foram para as Índias, vão para a África, e nunca mais voltam à sua Pátria. Aqueles homens também fizeram isto: largaram redes, famílias e barcos, sem saberem o que encontrariam.

É isto que eu peço que aconteça na vida de vocês: que encontrem pessoas que sejam fortes, que entrem dentro de suas vidas, penetrem-lhes o interior e digalhes em profundidade: deixem, venham, avancem, caminhem, tenham coragem, não fiquem parados numa vida cômoda, tediosa, vazia, porque ela será causa de infelicidade. Abrir horizontes novos, por mais difícil que seja, transforma o



nosso coração e oxigena o nosso espírito. A cultura atual está matando vocês por falta de oxigênio. Vocês são muito medrosos. Têm medo do futuro, da novidade. Só querem a segurança, o comodismo, a caderneta de poupança, tão diferentes de jovens brasileiros dos anos 60, no século já passado, que largavam escola, famílias, empregos, para lutarem por utopias, por sonhos maiores. Saíam sem saber o que encontrar, e muitos encontraram a morte, na tortura e no sofrimento. A informática está poluindo vocês e arrancando-lhes a vitalidade. Por isso, estão todos *brancos*, *enfeitados* prematuramente, porque lhes falta força vital de alguém que, ao ouvir uma palavra, tenha coragem de segui-la. Se o fizerem, encontrarão o caminho da paz, da alegria, da beleza, da verdade e da justiça. Amém. (27.01.08/3°.domingo comum)

# ***O AMOR DE DEUS NOS FAZ ETERNOS***

***(Mt 5, 1-12)***

Se deixássemos esta igreja e fôssemos fazer um grande passeio cultural, se atravessássemos os séculos e culturas, fôssemos a outras eras e conversássemos com Platão e Aristóteles; buscássemos as tribos indígenas e etnias africanas, encontrássemos os grandes filósofos, como Santo Agostinho, Santo Tomás e até outros mais atuais, como Exupéry e Sponville, e a todos perguntássemos sobre o grande problema da filosofia e do pensamento humano, todos, sem exceção, responderiam que é a felicidade. Todas as pessoas querem ser felizes. Pascal (\*) chegou a dizer que até aquele que busca se matar busca a felicidade. A vida lhe é tão pesada, tão dolorosa, que ele chega a pensar que, no instante em que a morte o encontrar, deixará de sofrer e sentirá uma intensa felicidade. Até um suicida busca a felicidade!

Santo Agostinho tem um livro muito bonito, que se chama “Sobre a vida feliz”. Ele imagina um diálogo, em estilo platônico, em que se encontram sua mãe, seu filho, seus amigos e colegas. Começa lhes perguntando qual a verdade que valia para todos. Sua mãe responde que a grande verdade é que todos querem ser felizes, e foi aplaudida. Mas nem todos propõem o mesmo caminho. Platão achava que havia uma grande ideia, com a qual todos os que viessem à Terra seriam contemplados. A grande ideia do bem estaria escondida dentro de cada um de nós. Olhando para a realidade, essa ideia despertaria em nós o que nos faria buscar concretizá-la até alcançarmos a felicidade. Por isso, quando Sócrates toma veneno, fica passeando para que faça efeito, até que morre sereno, na certeza de que se desprenderia do seu corpo, indo contemplar eternamente a ideia do bem. Também Aristóteles vai dizer que nós olhamos a realidade, até encontrar alguns pequenos bens, que vamos organizando em direção a um bem maior que nos fará felizes. Por aí vão os filósofos, até que mais recentemente, um grande filósofo francês, chamado Sponville, autor de um livrinho, chamado “A Felicidade, Desesperadamente”, dialoga com as pessoas. Para ele, felicidade é viver os pequenos gozos da vida sem nada de especial. É simplesmente almoçar bem, evidentemente, com calma, realizar bem o seu trabalho, sem se estressar. Os orientais são ainda mais radicais e dizem que felizes são os que se despojam radicalmente de todos os desejos. Sobem para uma alta montanha, longe de todos os barulhos, se exercitam numa respiração abdominal, até que todos os desejos desapareçam, dando lugar a uma extrema serenidade, até perderem-se num nirvana. Realmente, há vários caminhos de felicidade, e nenhum deles é falso. Como posso dizer que um estudante aprovado no vestibular não está feliz? Como podemos negar que os noivos, no dia do seu casamento, não estão felizes? Cada um de nós experimenta vários momentos de felicidade. Não nego nenhum deles, mas, para dizer isso, Jesus não precisaria ter vindo à Terra.

Ele tomou outro caminho, e dos mais difíceis. Viveu as situações mais contraditórias, aquelas que nenhum de nós vê como possibilidade de nos fazer felizes. Começa dizendo que o pobre é feliz, mas nenhum de nós acredita nisso. Achamos que feliz é Bill Gates, com seus milhões de dólares, os deputados e senadores, com crédito ilimitado em seus cartões corporativos. O pobre, que vive na falta de tudo, não pode ser feliz. Evidentemente, Jesus se enganou. Fiquei matutando e descobri duas razões para o pobre ser feliz: uma teológica e outra antropológica. Teologicamente, porque Jesus disse que, mesmo sendo pobre, sem ter ninguém para cuidar dele, o pobre é feliz porque é infinitamente amado por Deus. Saber-se amado e cuidado pelo Infinito deve realmente ser uma fonte inesgotável de felicidade. Mas há outra razão mais profunda. Falo novamente de uma jovem belíssima que me procurou. Era uma moça linda, alta, bem vestida, ganhara até um concurso de beleza, seus pais eram bem sucedidos profissionalmente, e ela tinha tudo o que poderia lhe dar felicidade. Entretanto, veio me dizer de sua extrema infelicidade. Sentia-se insegura com amigos, colegas de trabalho e até com o namorado, pois nunca tinha segurança de se acreditar amada pelo que realmente era. Sempre pensava que todos que a rodeavam viam apenas a beleza de seu rosto, de seu corpo, a posição social e econômica que ocupava. Essa é a razão da infelicidade de muito rico, pois nunca sabe se todos que o bajulam buscam a ele ou a sua casa bonita, seu úsque importado, sua cultura, seu carro de luxo, as oportunidades que pode lhes dar. O pobre, que não tem nada, quando é amado, sabe que é amado pelo que é. Imaginem um pobre, que vive debaixo das marquises, se um dia ouvisse que ele é amado, não por um Chefe de Estado, mas por Deus?! Certamente, o rosto desse homem se iluminaria. É dessa felicidade que Jesus fala, nada mais. Qualquer pessoa, esteja em que situação estiver, deve saber que Jesus não diz apenas que ela é boa, mas que é amada por Deus. Sua miséria poderá até continuar, mas o amor de Deus sempre será maior. É dessa certeza do amor de Deus que Jesus vem nos dizer, e isso é revolucionário.

Também parece contraditório pensar que os misericordiosos são bem-aventurados. Todos nós que estamos aqui temos no coração um tesouro encoberto que ninguém vê. No dia a dia, xingamos uns aos outros, ficamos nervosos, ansiosos com as correrias da vida, porque a nossa parte boa está coberta. Mas, se, de repente, estamos andando e encontramos um velhinho trôpego, encostamos a ele e oferecemos ajuda. Essa bondade, acordada em nós, nos dará uma felicidade como ainda não havíamos sentido. Misericordiosos são aqueles que conseguem arrancar de dentro de si o que há de melhor para dar a uma pessoa. Quando conseguimos fazer isso, somos felizes.

A mansidão também nos faz felizes, porque a violência estraga antes ao violento. Vocês acham que alguém que dá um tiro no outro pode chegar em casa e dormir feliz? Alguém pode dormir tranquilo e sorrindo porque foi violento? Estarão amargados, envenenados, azedos, ao contrário de um Luther King, um

Gandhi, uma Teresa de Calcutá. Qualquer ofensa era recebida com calma e tranquilidade. Bem-aventurados os mansos!

Por que os puros de coração são felizes? Vocês acham que essas pessoas voluptuosas, buscando prazer em tudo, são felizes? Ou serão felizes as que têm o olhar bonito e transparente como as crianças? Elas são felizes porque não têm maldade, nada ainda cristalizou-se nelas em perversidade.

Jesus diz que os que promovem a paz também são felizes. Os jovens que estão no Iraque podem estar felizes? Os que pesquisam armas químicas, os barões da indústria bélica, os *bushes* (\*\*) da vida podem ser felizes, sabendo que a guerra que promovem mata pessoas? Os que voltam de uma guerra sempre precisam de longos tratamentos para as suas neuroses. Podemos ver, realmente, que Jesus tem razão! Amém. (02.02.08 – 4º.domingo comum)

(\*) referência ao filósofo francês, Blaise Pascal, que viveu no século XVII.

(\*\*) referência a George W.Bush, presidente norte-americano, que iniciou a guerra ao Iraque

# ***SABOR E LUZ FAZEM A VIDA VALER A PENA***

## ***(Mt 5, 13-16)***

Hoje celebramos muitas e densas realidades: a primeira é a eucaristia, a palavra que ouvimos, a nossa presença, a beleza desta comunidade, a novena da Virgem (\*), e esse evangelho, que tem uma beleza toda especial.

Os filósofos e antropólogos são pessoas que estudam a evolução da cultura humana de geração a geração. Eles perceberam algumas ideias, palavras, realidades bem fundamentais, eu diria, até ancestrais, que são como arquétipos. Basta ouvi-las, que já imaginamos alguma coisa, independentemente da época ou da cultura, porque, durante milênios, essa palavra nos passou a mesma experiência. Hoje, Jesus usa duas delas: sal e luz. Não é preciso ser nenhum especialista em química, para se saber que coisa é sal. Qualquer criança pequena, se colocarmos uma pitadinha de sal em sua boca, sentirá o seu sabor, mesmo sem nunca ter estudado química. Se lhe servirmos uma comida insossa, sem nenhum gosto, ela cuspirá fora. São os grandes arquétipos, frases, palavras, ideias, que marcam a humanidade.

Fiquei pensando no que significa a palavra sal, e a ideia mais banal, que todos sabem, é que sal dá sabor, que, por sua vez, tem a mesma raiz que saber. Quem sabe tem sabor, e quem tem sabor sabe. Os dois verbos se fundem, de tal maneira que podemos falar, em português clássico, que uma boa comida sabe bem. Avançando mais um pouco, podemos concluir que a alegria é o que dá gosto à vida, assim como a festa e o prazer. Por que falta tanta alegria em tantas pessoas que encontramos carregadas e acabrunhadas? Penso que o que mais nos passa alegria é quando o parecer e o ser se conjugam. Todos nós somos, construímos a nossa existência, carregamos os nossos anos, nossas experiências, nossas lembranças, momentos de felicidade vividos na infância. Tudo isso faz o nosso ser, mas há pessoas que vedam, velam, cobrem o ser. São pessoas carregadas e que, por isso, não têm sabor, pois não se mostram como realmente são. Quando encontramos uma pessoa transparente, podemos perceber pelo olhar, pelo sorriso, pelo abraço, que realmente ela está ali. Não é um títere, um fantoche, uma boneca de mármore, mas um ser vivo. Talvez seja uma das coisas mais difíceis no mundo de hoje. Os nossos jovens não estão sendo formados para a transparência, pois só se comunicam virtualmente e podem falsificar o que quiserem. Nunca se pode saber quem realmente está do outro lado de uma tela de computador. Quanta diferença quando conversamos com uma pessoa viva, vendo-lhe os olhos, percebendo-lhe o coração! É isso que dá sabor à vida.

Ainda nessa semana, eu falava aos professores que, muitas vezes, as crianças nas escolas são infelizes porque não recebem um olhar sequer de atenção. Talvez uma faxineira, a quem poucos dão importância, seja a única capaz de fazer um carinho, dizer uma palavra, porque tem transparência e tem sabor, que não vem

do saber intelectual, mas existencial. Quanto mais ela consegue transparecer o que realmente é, mais terá sabor. Há pessoas que parecem um aparelho sonoro quando emitem qualquer palavra; outras, transmitem pelos olhos, porque falam com o coração. Quando um pai ou uma mãe consegue passar carinho a um filho pequeno, a vida se tornará saborosa para essa criança. Mas há outras que nunca experimentaram um carinho em sua existência e só conseguirão guardar amargor ao longo de toda a vida, que não terá nenhum sabor, será insossa.

O Senhor também diz hoje que somos luz, outra metáfora tradicionalíssima. O ser humano sempre buscou a luz, de tal maneira que a palavra Deus, que, para nós, é a mais importante, tem a mesma raiz que dia: *dies*. Deus é luz! Isso quer dizer que, quando o ser humano experimentou a luz, gritou por Deus, e quando experimentou Deus, chamou de luz. É a mesma experiência. Será que as pessoas com quem encontro são luzes na minha vida, conseguem iluminar os recônditos do meu coração, fazendo com que eu mesmo me transforme e me torne transparente? A imagem da transparência é das mais bonitas para o ser humano. Quem não sabe passar para fora de si o sabor e a luz, se fechará na mais completa escuridão. Infelizmente, hoje, cresce o número de jovens que se suicidam, porque suas vidas não têm sabor e muito menos luz. Vivem na escuridão e não têm gosto de viver. Quando a vida perde o gosto e a luz, perde também o sentido de existir e prefere a morte. Precisamos descobrir que viver é passar para o outro a alegria, é encontrar outras pessoas e partilhar com elas a luz que temos conosco e que elas trazem consigo. Quando conseguirmos descobrir que viver é partilhar e saborear a existência, entenderemos que a vida vale a pena. Amém. (05.02.2011-5º. domingo comum)

(\*) referência à novena à N.S. de Lourdes, padroeira da nossa paróquia

## *IR ALÉM DAS APARÊNCIAS (Mt 5, 17-37)*

Hoje vou fazer com vocês um exercício de imaginação. Estamos no primeiro século, e lá vive a comunidade de Mateus. Muitos conheceram Jesus e começam a recordar que lembranças tinham dele. Alguém que se lembrava de certa vez em que Ele fora interpelado pelos fariseus por não cumprir a lei, pois não lavara as mãos antes de uma refeição, depois de permitir que seus discípulos colhessem espigas num dia de sábado. Outro se lembra de quando Ele participava de uma refeição, e uma prostituta entra na casa e debruça-se aos seus pés, contra toda a lei e todos os costumes, escandalizando os anciãos ali presentes. Um jovenzinho se lembra que, naquela ocasião, Jesus dissera que o importante não era cumprir a lei exteriormente, mostrar uma cara de santo piedoso que segue todas as regras, mas no coração ser um adúltero, um assassino.

Diante disso, poderiam entender que todas as vezes em que Ele passara sobre a lei não foi um simples desprezo para afrontar uma tradição legal, mas buscando descobrir, por trás da lei, o que era realmente importante. Isso significa superar a lei, não ficando no simples formalismo externo. Quem consegue isso pertence ao verdadeiro Reino de Deus. Jesus precisava mostrar que as lágrimas daquela mulher adúltera eram muito mais importantes do que a lei de Moisés, que mandava que ela fosse apedrejada; que a fome de seus discípulos valia muito mais do que uma regra que proibia debulhar uma espiga de trigo num dia de sábado; que o convívio numa refeição é muito maior do que o preceito de lavar as mãos. De que adianta nos aprontarmos todos para visitar uma pessoa, se em nosso coração carregamos apenas ódio contra ela? Como posso querer que uma prostituta seja apedrejada, se, em meu coração, sou adúltero e perverso? Muitos pensam que são muito bons por serem incapazes de matar alguém com uma arma, mas guardam em seu coração o desejo simbólico de que aquela pessoa morra. Mesmo incapazes de matarem fisicamente, alimentam o ódio. Jesus vai muito mais profundo, pois não dá muita importância às aparências.

Aquele jovenzinho entendera a mensagem que a comunicava de Mateus colocaria no evangelho, para que nós, aqui, dois mil anos depois, ouvíssemos isso. Muita gente ainda se escandaliza quando uma jovem aparece grávida e a condenam, ao invés de cercá-la de carinho para que possa ter o seu filho e fazê-lo crescer como um homem de bem. Quantas pessoas ainda fogem de um ministro da eucaristia por achá-lo indigno desse ministério? Como podemos saber disso? Digno é todo aquele que ama, que busca a justiça. Como Jesus é bonito e revolucionário! Ele não se deixa prender por nenhuma regra externa numa sociedade tão vulgarizada e banalizada, que parece só ver as exterioridades, de belezas esplendorosas, mas de uma terrível vacuidade. Jesus vai ao fundo dos corações, vê a beleza de um adolescente que, embora tenha-se desviado, tem a coragem de voltar com um coração renovado. Jesus nunca lhe jogará pedras,

mas sempre lhe estenderá suas mãos. Ele não quer que julguemos ninguém, pois nunca conseguiremos ir fundo na verdade dos corações.

Hoje Jesus fala de coisas do nosso cotidiano. Vivemos julgando atitudes externas, sem nos dar conta de que o que realmente importa é o amor, a bondade, a disponibilidade, a entrega de si mesmo, a compreensão. O próprio Jesus não era muito afeito a cumprir as leis, mas ia fundo nas realidades, deixando de lado muitos escrúpulos. Ele quer abrir o nosso coração para uma liberdade enorme de quem entende o que Deus quer de nós e o faz, sem nenhuma preocupação com as exterioridades. Amém. (13.02.2011/6°.domingo comum)



## *A REVOLUÇÃO DO AMOR (Mt 5, 38-48)*

Nenhum de nós consegue imaginar como era difícil para a comunidade de Mateus. Eles não tinham as informações que hoje temos sobre a pessoa de Jesus. Ele era um judeu que circulou pela Palestina por pouco mais de dois anos, realizou alguns atos importantes, fez discursos bonitos, mas isso muitos outros também faziam, como ainda acontece nos nossos dias. Não pensem que Jesus era alguém extraordinário, que chamava muito a atenção. Era um homem comum, normal, que dizia algumas frases diferentes. Depois de sua morte, a comunidade começa a se questionar sobre como poderia ser diferente de tantas outras seitas judaicas, apenas um grupo a mais.

Voltando-nos para a tradição judaica, podemos perceber duas coisas importantes: há uma passagem no Antigo Testamento que diz que Lamec vingava dez vezes a morte de uma pessoa. Se um grupo matasse uma pessoa, o grupo rival poderia matar dez. Essa é a violência no Antigo Testamento. Depois vem um grande salto: olho por olho, dente por dente. Um progresso gigantesco! Nós esquecemos a história, mas um povo culto, como o alemão, que deu origem a grandes músicos, escritores, filósofos, quando perdia um soldado na segunda grande guerra, exterminava dez civis, arbitrária e aleatoriamente. Nós, brasileiros, podemos colocar também a nossa carapuça. Entre 1964 e 1985, vivemos um governo militar que matou e torturou centenas e centenas de jovens, inclusive a nossa atual presidente. Isso aconteceu no Brasil, na segunda metade do século XX. Vimos com os nossos próprios olhos. Falo tudo isso para que vocês possam imaginar o que significaram as palavras de Jesus. Nem sequer nos aproximamos delas. Vejam como age Israel: se um árabe faz qualquer coisa que não lhe agrada, invade seus territórios e extermina dez vezes mais. Lembrem-se do que fez o governo de George Bush dos Estados Unidos: por um soldado americano morto, devastaram regiões inteiras no Irã, Iraque e Afeganistão. Cansamos de ver isso com os nossos próprios olhos, em pleno século XXI.

Chega Jesus e nos diz que, se batem em nossa face, devemos oferecer a outra; se nos arrancam a roupa, devemos dar também a túnica. Realmente, parece piada, mas não é nesse sentido grotesco que eu estou falando, mas de uma atitude interior de quem é capaz de perdoar, de ser generoso. Por isso, esse evangelho é de uma profundidade e de um alcance imenso. Imaginem se conseguíssemos viver isto durante um mês apenas em nossas cidades: dormir com portas e janelas abertas, deixar a chave na ignição do carro, e não haver um assalto, um furtinho sequer. Não conseguimos viver esse evangelho por nem uma hora, e há dois mil anos ele vem sendo anunciado. Pobre Mateus e sua comunidade, que tentou nos mostrar como Jesus era original, trazendo-nos uma mensagem profundamente revolucionária que ainda não conseguimos entender. Levemos conosco a mensagem desse evangelho e nos perguntemos: será que

algum dia conseguiremos tocar ao menos a sua fímbria? Será que teremos a coragem de perdoar as pessoas próximas de nós que nos ofenderam, das quais guardamos uma mágoa que rói por anos e anos, nos fazendo mais mal do que a elas mesmas? É bonito demais esse evangelho, mas também é difícil demais. Amém. (20.02.2011/7º. domingo comum)

## **“ESCOLHE, POIS, A VIDA”(\*)**

**(Jl 2, 12-18/2Cor 5, 20-6, 2/Mt 6, 1-6. 16-18)**

Abrimos hoje a quaresma, esse longo túnel de quarenta dias que nos prepara para o mistério da morte e ressurreição de Jesus. A liturgia nos convida a sermos mais tranquilos e serenos, depois de tanta barulhada que ouvimos nesses últimos dias. Que o nosso coração se silencie um pouco!

A primeira leitura nos fala que não devemos rasgar as roupas, mas o coração. É como se ele estivesse vestido e *sobrevestido* de tantos egoísmos e preocupações, de tanto voltar-se sobre si mesmo, que precisássemos rasgar-lhe todas as vestes, para que, limpo, esteja livre para realizar as três obras: jejum, oração e esmola. Também São Paulo nos pede que vivamos um momento de transformação.

Essas três coisas que a escritura nos pede vêm de uma longa tradição judaica. Quando falamos em esmola, logo pensamos em algum dinheiro tirado do bolso e dado para alguém. Podem fazer isso e não farão mal a ninguém. Pelo contrário, farão bem a quem receber, mas penso que é coisa bem mais profunda. Quando falamos de esmola, é alguma coisa de nós que devemos tirar. Não falo de coisa material, pois dessas é fácil nos despojarmos. Qualquer um de nós, depois de usar muito uma blusa, um calçado, quer mesmo é passá-lo para frente. As coisas são disponíveis, descartáveis. A esmola pretende tirar alguma coisa de dentro de nós. Que será que nós temos realmente só nosso? Todas as coisas podem ser partilhadas, mas temos um núcleo, uma originalidade, que é intocável dentro de cada um. Ninguém nunca será o outro, essa é a nossa fé cristã! Não aceitamos a reencarnação, não acreditamos que podemos nos transformar em outra coisa, em algum animal. Temos uma singularidade que, iniciada, nunca terminará. Somos eternos e únicos. É dessa singularidade que deve nascer a esmola. Ela é imponderável, indizível, intocável, mas o Senhor nos deu um corpo para torná-la visível. A nossa esmola só se tornará visível através de nossas mãos, do nosso olhar, do nosso corpo. Portanto, ela deve entrar dentro de nós, para que possamos nos perguntar sobre o que daremos às pessoas nesta quaresma. O que darei do meu ser, do meu olhar, da minha palavra, da minha acolhida, do meu abraço? Quantas coisas podemos comunicar e dar de nós durante um mês?! Quantas pessoas estão carentes, sofridas, solitárias nos asilos, nos bancos das praças, sem nunca encontrar alguém que olhe para elas?! Um médico me dizia que, quando entrava no hospital e cumprimentava a faxineira, ela tomava um susto, porque nunca um médico lhe dirigira um olhar sequer. Será que sabemos os nomes dos serventes de nosso prédio? Uma mulher que está varrendo um hospital não é menos do que um médico, por ele ter títulos de grandes universidades. Eles são iguaizinhos em sua singularidade. Precisamos nos perguntar: que esmola podemos dar de nossa originalidade? Saibam que as pessoas ao nosso redor sofrem muito. Há muita dor

ao nosso lado, muita lágrima escondida! As pessoas, principalmente os homens, que pretendem ser machões, guardam e escondem. A quaresma é o momento da misericórdia, da acolhida e da bondade.

Será que já descobrimos o silêncio da oração? Gostaria de sugerir que déssemos um passo à frente. Por hábito, rezamos vocalmente, mas será que não poderíamos dar um passo mais profundo na oração? É lindo rezar o Pai-Nosso, a Ave-Maria, o Terço, mas também existe a beleza da oração que Jesus fazia quando, em silêncio, ficava no alto da montanha. Será que, nesta quaresma, não poderíamos diminuir os decibéis em nossa casa? De vez em quando, desligar a televisão, os sons, os celulares, para que, pelo menos por alguns momentos, mergulhemos no abismo insondável do nosso eu e, lá embaixo, encontremos o mistério onde habita Deus. Encontrar com o divino, o imediato, o absoluto que mora no coração de cada um de nós e nos perguntar quem é Ele para nós, como está sustentando o nosso existir, nos movendo na alegria, na esperança, dando-nos sentido e razão de ser. Quantas coisas podemos rezar no silêncio do coração! Garanto que, se vocês rezarem, sem um papel ou livro, sem nada além do silêncio interior, economizarão muitos antidepressivos, porque encontrarão a paz profunda de um Deus que lhes toca o coração.

E o que podemos jejuar? Logo pensamos em comer menos, alguns não comem carne, outros não bebem cerveja. É bom, mas há um jejum mais bonito ainda: afastarmo-nos de tudo o que nos separa de Deus e dos irmãos, de tudo que dificulta a relação com quem vive ao nosso lado. Quantos pais chegam em casa com a cara fechada, quantos irmãos não se falam?! Jejuam ao contrário. O jejum verdadeiro nos leva a falar, conversar, dizer para o irmão que é hora de reconciliar. Como seria bonito se, ao terminar a quaresma, nossa comunidade fosse diferente! Que os ódios fossem afastados, as iras aplacadas, todas as brigas e vinganças fossem sedadas e todos pudessem viver uma vida mais tranquila. Só assim a quaresma seria verdadeira!

Particularmente neste ano, a Igreja nos colocou um horizonte belíssimo. Colocou-nos a vida, o maior dom que recebemos. Desde o *big-bang*, há mais de treze bilhões de anos, esse imenso processo continua. Deus olha com amor para tudo isso. Deu-nos esta pequena casquinha, chamada Terra, onde colocou seres vivos: plantas, animais e humanos. Que nosso olhar se volte para a vida das plantas e dos animais. Que cuidemos mais deles e, sobretudo, que cuidemos mais dos humanos, para que a nossa vida seja fraterna, justa e feliz. Amém. (06.02.08/4ª.feira de cinzas)

(\*) tema da Campanha da Fraternidade 2008 (Dt 30,18)

# ***A FELICIDADE É O HORIZONTE DE NOSSA VIDA (Gn 2, 7-9. 12-13/Mt 4, 1-11)***

Hoje, ouvimos leituras tão bonitas, mas escritas num gênero literário bem distante do que estamos acostumados. Estamos habituados a ler jornais, descrições, mas os antigos escreviam e pensavam de maneira bem diferente. Gostavam muito de pensar de forma simbólica uma realidade visível que mostra outra bem profunda, mas invisível. É claro que nenhum de nós esteve presente no início do mundo, nem a Rede Globo estava por lá para filmar Adão e Eva ou o paraíso terrestre. Quem escreveu esse texto, o fez milhões de anos depois, portanto, não está descrevendo, mas falando de uma realidade que toca também a nós hoje. Assim, o povo de Israel, num dado momento, se perguntou como é que tudo começara, e concluiu que, partindo de Deus, tudo só poderia ter começado bonito. Portanto, o mundo deveria ser bonito, ter flores, riachos, como, certamente, era o Brasil e a Amazônia, quando os portugueses cá chegaram. O mundo era bonito, e os homens também, mas – e esse **mas** é terrível – parece que eles não ficaram satisfeitos com as belezas que existiam. Sempre foram ambiciosos e ainda querem cada vez mais. Se pudessem, agarrariam até o horizonte. Estão sempre a correr, buscando alguma coisa que lhes escape. É a grande metáfora de nossa vida! Aquela árvore que estava no meio do paraíso é a pretensão do ser humano de ser Deus. Nós sempre queremos dominar tudo, conhecer tudo, ver tudo, ouvir tudo durante 24 horas, como no *Big Brother*. É ou não o que está acontecendo? E não é com Adão e Eva não, mas com os brasileiros, nós que estamos o dia inteiro querendo conhecer e dominar todas as coisas e todas as pessoas, comer da árvore do bem e do mal, para que um dia sejamos como Deus. Estamos rodeados de serpentes por aí. Elas estão nas *internets*, vídeos, *orkuts* e *blogs* da vida. Tudo isso que vocês tão bem conhecem está cheio de serpentes das mais astutas.

No evangelho, Mateus, naturalmente, não está descrevendo a tentação de Jesus, ocorrida num determinado momento, mas formulando, de maneira didática, o processo profundo da sua vida, que foi um contínuo embate com estas três realidades: transformar pedra em pão, aparecer fulgurantemente como Messias e ter todo o poder temporal, projetos esses que não eram os seus. Por isso, são tentações. Muitas vezes, pensamos que tentação é um ato isolado, quando um demônio tira-nos de nosso sossego. Não é bem assim. Na nossa condição humana, vivemos numa contínua tensão. Primeiro ponto: somos seres sensíveis, temos cinco sentidos – vemos, ouvimos, cheiramos, tocamos e saboreamos – que nos propiciam o prazer imediato. Acontece que, na vida social, se quisermos satisfazer sempre os cinco sentidos, certamente, teremos conflitos, pois eles devem ser educados para respeitarem o direito do outro. Todas as vezes em que, para satisfazer um dos cinco sentidos, violamos um bem maior, vivemos uma

tentação. Somos inteligentes e sabemos que há bens maiores do que os prazeres imediatos. Sempre que a busca de um prazer imediato contraria um valor social ou fere a minha dignidade, isso é tentação. Portanto, ela existe continuamente, sempre que os cinco sentidos, criados por Deus, nos levem a desrespeitar a dignidade humana e o convívio social. Este é o primeiro nível da tentação: transformar pedra em pão. Jesus percebeu que satisfazê-lo não corresponderia ao projeto de Deus Pai e o afasta. Sempre queremos a satisfação imediata. A tentação é esquecer-se do depois.

Segundo ponto: somos mais do que os cinco sentidos. Somos seres que desejam, mas não apenas para a satisfação imediata. Nem o dinheiro satisfaz o nosso desejo imediato, pois não o comemos. Logo, se ele nos tenta, é porque há em nós alguma outra coisa, que é a vontade. Nascemos e vivemos para sermos felizes e, novamente, aparece a questão que nos engana, pois a tentação é sempre engano. Diante da primeira proposta que julgamos nos fará felizes, a agarramos sem pensar, sem refletir, sem discernir. É como se um rapaz agarrasse a primeira menina que encontrasse e se casassem no dia seguinte. Desastre certo! É preciso o namoro, a conversa. Por isso, ficar não é bonito, porque desrespeita o ser humano, que é inteligência, que sabe que o bem deve ser conquistado lentamente. Para chegarmos a um bem verdadeiro, temos que renunciar a uma série de outros imediatos. A tentação é querer saltar, para atingir um objetivo sem nenhum esforço, nenhuma renúncia. É como se Jesus não tivesse precisado pregar, escolher os apóstolos, passar pela cruz. Bastaria descer do pináculo do Templo como um *batman*, e assim converteria multidões. Ele preferiu o cotidiano, o dia-a-dia, passar pela traição de Pedro e de Judas, pela covardia de outros. A tentação é querer suprimir o tempo, o espaço, o esforço, as mediações. Pensamos que felicidade é a conquista imediata de um bem que imaginamos. Mas perceberemos que logo após conquistá-lo, a felicidade se desloca como se fosse o horizonte. Nunca teremos a felicidade nas mãos, pois nunca conseguiremos segurar o horizonte. Ela estará sempre nos questionando, para sabermos que a construímos no cotidiano, no pequeno, no esforço. Até a loteria, sob certos aspectos, também é tentação, pois pensamos em ficar ricos de uma hora para outra, sem nenhum esforço.

O jogo da tentação é muito simples, tão simples que caímos nele a cada dia. Se fosse complicado, cairíamos uma vez só. É simples, porque a serpente sabe o que todo comerciante, toda transnacional, toda propaganda sabe: que os nossos desejos são insaciáveis, intermináveis, tanto nas coisas materiais quanto físicas. Entramos num shopping e ficamos fascinados, chegamos de uma viagem com as malas abarrotadas. A serpente só faz com que queiramos sempre mais, sem nunca estarmos satisfeitos. Aí ficamos deprimidos e temos que tomar remédios. Entupimos nosso corpo de antidepressivos – o segundo medicamento mais vendido no Brasil. Mesmo com este clima lindo, sem nenhuma catástrofe natural ou invernos tenebrosos, apesar de tanta luz, o brasileiro é um deprimido, porque

a serpente astuta quer que ele queira mais do que pode ter, deseje mais do que pode realizar, queira ser mais do que é. O primeiro passo da lucidez é conhecer o nosso limite existencial, que é saber que estamos aqui e agora. Nenhum de vocês está em casa agora, nenhum de nós está ontem ou amanhã. Esse limite dói e, por isso, sonhamos tanto para trás como para frente. Para trás, é sonho e para frente, é desejo. Vivemos entre estas duas asas: memória e desejo, mas o presente, a rotina mesmo nos dói. Que nos digam os jovens, que passam todo o ano se preparando para o vestibular. Muito melhor seria viver as noites nas baladas, entregando-se a todas as festas. Quanta tentação de desistir, de satisfazer apenas os sentidos imediatos! Esses só têm um problema: quando satisfeitos, rapidamente provocarão novos desejos, pois nunca poderemos ter os únicos bens que nos satisfazem em profundidade. É isso que nos dói, pois somos muito sensíveis, somos sentidos, e esses prazeres acabam rápido. Depois de um lauto jantar, não conseguimos comer mais nada; depois de algumas semanas de férias, chegamos a sentir falta do estudo, do trabalho. Até o descanso nos cansa.

Mas existem alguns bens que nos saciam, e nem sempre os temos. A **verdade**, para quem lê, para quem conhece. Quando abrimos um grande romance, podemos passar uma tarde inteira lendo. É como se aquilo alimentasse o nosso coração. Através de uma obra, podemos conhecer um autor em profundidade. A verdade nos satisfaz plenamente, pois não acaba como uma refeição. Podemos ruminá-la, trabalhá-la, falar dela, discutir sobre ela. E o que dizer sobre o **bem**? Como é linda a ética, como é lindo perceber o bem que as pessoas têm lá no fundo do coração, um desejo maior de ajudar, de comunicar-se, de partilhar, de dar alguma coisa de si mesmo! Isso nos dá uma alegria que não conheceremos em lugar nenhum. A capacidade infinita de amar vale muito mais do que todos os prazeres do mundo. Que coisa fantástica é a **beleza**! Que maravilha olhar as grandes criações da humanidade: as catedrais medievais, as obras de Michelangelo, a obra de Portinari na nossa igreja da Pampulha! São realidades que penetram dentro de nós e ficam. E, sobretudo, **o sentido radical** – Deus! Quando esbarramos no infinito, tocamos a fímbria de seu mistério, como Moisés, que se extasiava, a ponto de ficar quarenta dias e quarenta noites no alto do monte, sem precisar comer ou beber, pois estava possuído pelo mistério de Deus. Quando experimentamos um pouquinho do sabor de Deus, podemos saber o que significa a tentação dos sentidos. Amém. (10.02.08/1º.domingo da quaresma)

## ***LUZES QUE ILUMINAM NOSSAS TREVAS*** ***(Gn 12, 1-4a/Mt 17, 1-9)***

A primeira leitura deste domingo termina com esta pequena frasezinha: “e Abraão partiu”. Partiu e deixou-nos a grande pergunta: será que temos coragem de partir? Isto é, será que somos capazes de romper com alguma coisa que nos ata, que nos impede de crescer? Partir é um verbo forte, carregado, pesado, porque significa que eu deixo muita coisa para trás, coisas que nunca mais verei, nem tocarei, nem vivenciarei. Toda partida é sempre ruptura, e, para alguns, até violenta, quando deixam sua terra, sua família e vão para o desconhecido. A vida cristã tem muito disso e nos pede para dar alguns passos, ainda que não saibamos onde nos levam. Quando começamos a trabalhar numa empresa, não podemos imaginar o que nos acontecerá. Na vida, é difícil saber que caminhos tomamos, pois muitas vezes são caminhos duros de ruptura, mas Abraão está sempre à nossa frente. O que o caracteriza é que ele rompe e parte, confiando nos braços infinitos de Deus. Se não confiarmos, a vida será uma tragédia, e, quando isso acontece, ficamos abatidos e deprimidos, e saímos em busca de remédios. Mas podemos partir confiantes, se tivermos um braço infinito que nos segure.

Do evangelho, podemos tirar três ideias: a transfiguração acontece com Jesus, acontece diante dos apóstolos e é linda para nós, que estamos aqui. Reparem bem, Jesus vai começar uma vida de muitos fracassos. Certamente, Ele fracassou muito mais que todos nós aqui, a começar pela escolha dos apóstolos. Escolheu doze e ainda errou. Um traiu e suicidou-se; outro traiu, mas se confessou, outros fugiram. É muito fracasso! Por várias vezes estava pregando, e deixaram-no falando sozinho, saíram virando-lhe o rosto. Foi grande a sua decepção, a ponto de perguntar aos apóstolos se também eles não queriam ir. Nem sua mãe o entendeu, os parentes julgavam-no louco. Viveu tudo o que acontece na vida de todos nós. O resto todos nós conhecemos, estamos até caminhando para a semana santa, o grande túnel escuro de seus últimos dias. Então, o grande papel dessa transfiguração foi para que Ele pudesse embeber-se de luz para atravessar o túnel escuro da existência. Na versão de Mateus, Jesus não se transfigurou, mas foi transfigurado pelo Pai, que lhe mostrará uma outra visão de si mesmo. O verbo, na voz passiva, usando o sujeito da causa eficiente, como ensinavam as antigas gramáticas, é usado na Bíblia para designar Deus. O judeu, por uma questão de respeito, não podia nomear Javé, portanto, omitia-se o sujeito. Jesus foi transfigurado por Deus que, de certa maneira, iluminou-o, para que carregasse aquela luz a ser usada no momento em que chegassem as trevas, até atingir a luz definitiva da ressurreição.

Tomando os dois personagens que conversavam com Jesus – Moisés e Elias –, poderíamos ficar com a explicação mais usada e mais óbvia. Moisés simbolizaria a lei, e Elias, a profecia, portanto, todo o Antigo Testamento. Mas tento buscar



outra compreensão. Moisés foi aquele homem que encontrara com Javé em meio de relâmpagos e trovões, no alto do monte, fazendo uma experiência profunda de Deus. Jesus estará ao seu lado, como o novo Moisés. Moisés também partilhara o sofrimento de seu povo e, vendo-o numa situação terrível de escravidão, enfrenta o faraó para arrancá-lo do sofrimento, conduzindo-o durante anos pelo deserto, até chegar em segurança, à Terra Prometida. Jesus estará ao lado de Moisés, para beber de sua coragem. Ao contrário de Moisés, que fechou o mar sobre os inimigos, Jesus abrirá o mar da misericórdia e nunca o fechará. Ele será muito mais que Moisés, que ainda carregava a violência do Antigo Testamento. Por sua vez, Jesus carregava a ovelha perdida, como um pai abraçado ao filho pródigo. Que linda experiência viveu Elias! Experimentou Deus na brisa suave, depois de não tê-lo encontrado na ventania ou na tempestade. Assim, Elias conheceu Deus bem mais que Moisés. Percebeu que Deus pode ser encontrado na suavidade. Que o digam os grandes místicos, como Teresa de Ávila, João da Cruz e tantos outros. A experiência maravilhosa que Elias viveu, Jesus vive agora no esplendor e na grandeza.

Reparem bem quais apóstolos presenciaram a transfiguração: Pedro, Tiago e João. Os mesmos que estarão no Horto das Oliveiras, na noite mais tenebrosa da vida de Jesus. Pedro será também crucificado em Roma, João será colocado na caldeira de óleo fervente, assim como Tiago, que também morrerá como mártir. Os três enfrentarão mortes violentas, depois de terem experimentado, naquele momento de luz, a força de que precisavam para chegarem até lá. Para suportarem experiências assim, que muitas vezes também nós experimentamos, precisaram beber da luz. Esses apóstolos ficaram de tal maneira possuídos pela luz divina que, quando estavam diante do Cristo, humilhado, ensanguentado e jogado ao chão, certamente se recordavam daquele momento. Para enfrentarmos as grandes provações, precisamos guardar a memória das grandes alegrias, dos grandes gozos de nossa vida. A nossa memória devia guardar o que de melhor experimentamos, para que um dia recordemos momentos de luz, quando experimentamos o Senhor. Lembro que, durante o período da repressão, tive grandes encontros com jovens de vários recantos deste país. Eram celebrações eucarísticas bonitas, participadas com intensidade. Frequentemente lhes dizia para guardarem aqueles momentos, para que, quando estivessem perdidos, longe de qualquer experiência de fé, pudessem buscar a memória de terem vivido uma eucaristia profunda que acordasse neles alguma coisa mais sublime.

Queria insistir muito com vocês, jovens, porque, muitas vezes, não se dão conta da importância dos momentos de luz que experimentam. Imaginemos um grande computador que tivesse dois grandes arquivos: das experiências luminosas e das escuras. Esses arquivos somos nós, conscientes ou não, que carregamos essas experiências. Quanto carinho recebemos e recolhemos de nossos pais durante a infância?! Quantos professores nos ajudaram, nos estimularam, quanto carinho sincero recebemos de namorados e namoradas, quanto sucesso experimentamos

na vida profissional?! São experiências luminosas! A mais luminosa de todas é a experiência de ser amado, principalmente por aqueles que também amamos. Várias vezes já repeti uma frase de um psicanalista carioca: “o amor deseja ser desejado por aquele que ele deseja”. Essa é a grande experiência! Quando desejamos alguém, quando amamos e somos amados, vivemos a experiência mais fulgurante da vida humana. Quem nunca a experimentou, viverá um vácuo durante toda a vida, porque nunca teve a experiência mais luminosa. Esse é o arquivo da luz.

A experiência que o ser humano mais detesta é ser rejeitado. Todas as vezes que somos rejeitados por um olhar, por um gesto, por qualquer razão que seja, mesmo quando nos julgamos rejeitados sem o sermos, o arquivo das trevas guarda essa experiência, que vai aparecer nas caras azedas, nos momentos de depressão. As experiências luminosas existem para que, quando encontrarmos noites em nossa vida, possamos iluminá-las com elas. Guardem-nas, cultivem-nas, para que, quando precisarem delas, estejam presentes na memória do coração! Quando essas experiências são revestidas pelo halo religioso, são mais fortes ainda. Por isso, as pessoas que não fazem uma experiência religiosa têm um continente escuro na sua vida, vivem um inverno sem luz nenhuma. Guardem os momentos em que viveram perto de Deus, em que sentiram que Ele os amava, como sentiram homens como Elias, Moisés ou Abraão. Guardem-nas, alimentem-nas, pois, nas noites escuras, precisarão delas. Amém. (16.02.08/2º. domingo da quaresma)

## ***SEJAMOS FONTES DE ÁGUA VIVA! (Jo 4, 5-42)***

Esse evangelho é uma parábola da nossa vida. Imaginem que há um poço bem profundo aqui dentro, e que todos nós estamos em volta dele. Não é o poço da samaritana, mas o de hoje, de 2008. Algumas pessoas chegam a ele e o encontram seco, sem água. São as que não têm nada para dar. Por isso, se Jesus chegasse para nós e pedisse que lhe déssemos de beber, teríamos que responder-lhe que não poderíamos matar a sua sede. Como podemos dar de beber se somos um poço seco? Quantos de nós nos transformamos em um poço seco? É terrível! Qualquer um que chegar perto de uma pessoa assim e pedir algo, não receberá nada. Ela é seca, não tem nada, não tem vida, não tem alma, nem coração, nem espírito, nem bondade, nem pureza, nem justiça. Quando esbarramos nela, é como se encontrássemos um espinheiro cheio de pontas. Quando uma mulher se casa com um homem desses – e eu já ouvi tantas –, é como se estivesse ao lado de um poço seco. Não podemos ser assim!

Vamos dar um passo à frente: suponhamos que há água no poço, embora seja difícil tirar, pois ele é fundo. Precisaremos usar cordas, baldes, o que dá um enorme trabalho, mas, pelo menos, conseguiremos tirar água. Também há pessoas assim: têm água profunda, e, para atingi-la, demora-se um tempo imenso. São pessoas que demoram muito a começar, mas acabam ajudando a quem precisa, mesmo que com a cara *amarrada*. Apesar de difícil, ainda se consegue tirar um pouco de água. Jesus contentou-se com isso, pediu à mulher que tirasse água lá de baixo, e ela ainda quis negar. Ele, então, lhe dá a resposta mais linda que poderia dar, e que serve para cada um de nós: se você, que está aqui nesta igreja, jogar o seu balde e buscar um pouco de carinho, de vida, de alegria para alguma pessoa, Ele, o Messias, lhe dará água viva! É dessa experiência que já lhes falei tantas vezes! Experimentem fazer o bem, mesmo sem receber nenhuma palavra de agradecimento, e sim a água viva do Senhor Jesus. Seremos inundados, não pela água de nossos esforços, não por aquela tirada, mas por aquela que vem de fora, que vem de Deus e nos inunda, nos refresca, nos sacia e faz com que saíamos gotejantes da água do amor. São com pessoas assim que queremos conviver!

Jesus continua. Depois que Ele deitar água sobre essa pessoa, ela mesma se tornará uma mina nova de água. Lembremos que essa cena se passa num país seco, é como se acontecesse no interior do nosso nordeste. Qualquer cearense estaria de olhos e ouvidos abertos e entendendo muito melhor do que nós, porque, para ele, a metáfora da água é muito mais forte. Jesus fala de água que traz vida, e dela nós podemos dar aos outros. Ele espera que nos transformemos em minas, em fontes, não em água parada e menos ainda em poços secos. Se conseguirmos isso, a vida de quem estiver ao nosso lado será diferente.

Nós nascemos para viver em sociedade, nenhum ser humano é uma ilha.

Ao contrário, somos continentes e, se quiserem melhor, somos arquipélagos repletos de pontes que nos levam de uma ilha a outra. Nascemos como rede da qual somos apenas um fio. Se somos rede, arquipélago ou continente, como podemos viver ao lado da sequidão de quem não sabe dar um copo d'água ou que para isso precisa de um esforço gigantesco? Desejo que todos vocês tenham a felicidade de viver ao lado de alguém que seja transparência, que seja água que flui, que seja bondade que sai do coração. Assim entenderão um pouquinho do que Jesus disse hoje nesse evangelho.

Ele disse ainda que essa água nos conduz à vida eterna. Mas se nos afastarmos, ela também irá embora. A água que Jesus joga sobre nós precisa ser recolhida e transformada em fonte. O nosso olhar, nosso corpo e nosso ser guardam na memória tudo o que há de bom. Usando uma metáfora mais moderninha, de computador, eu aconselharia que tivéssemos apenas dois arquivos, não precisamos mais. Num deles, escrevam bondade, beleza, amor, carinho, felicidade e nele coloquem todas as experiências positivas que viverem, tudo o que fizerem de bonito. Arquivem e protejam com várias senhas para que nenhum *hacker* possa invadir, pois sempre precisarão abri-lo para recordarem a memória. Mas haverá um outro arquivo e bem feio: das perversidades, explorações, injustiças, maldades. Descarreguem diariamente na lixeira e nunca se esqueçam de esvaziá-la, de modo que nenhum especialista consiga recuperar. Assim poderemos entender o que Jesus disse, pois brotará de nós uma fonte de amor que jorrará para a eternidade. Amém. (24.02.08/3°. domingo da quaresma)

# **ÁGUAS PARA CURAR NOSSAS CEGUEIRAS**

## **(Jo 9, 1-41)**

Nos três domingos que antecedem a páscoa, a liturgia nos reserva três grandes milagres, descritos com muita poesia por João. O primeiro não foi físico e aconteceu com a samaritana; é o mundo das águas. Hoje, aparece o mundo da luz, na cura do cego. No próximo domingo, será o mundo da vida, com a ressurreição de Lázaro. Samaritana, cego e Lázaro formam a belíssima trilogia de João, o caminho para a Páscoa. Caminhamos pelas águas, agora precisamos ver para chegarmos à vida. Aí está um pouco do itinerário de cada cristão. Passamos pela água do batismo, quando os nossos olhos se abriram, e uma nova vida brotou em nós.

Para começar, uma frase forte: todos nós nascemos cegos! Não só o cego do evangelho não. Todos nós somos cegos de nascença, pois ninguém escapa de alguma cegueira. Primeiro, fisicamente, pois toda criança, quando nasce, não enxerga nada. Vindo da escuridão uterina, não poderia mesmo ver nada, e só aos poucos vai aprendendo a distinguir as cores e os objetos. Mas não é dessa cegueira que eu falo, pois essa se cura em poucos dias. O próprio Freud (\*) dizia que nós, já no útero materno, carregamos certas cegueiras, para as quais ele buscou expressões bonitas: complexo de Édipo, de Electra, sem falar em outros problemas. Se formos buscar em Jung (\*\*), encontraremos o consciente coletivo que atravessa toda a humanidade carregando as cegueiras do passado. Agora já sabemos que o pecado original, que a Igreja ensinava de forma poética, é uma onda de maldade que atravessa toda a nossa origem, atingindo a todos nós. Também por isso somos cegos, vamos construindo cegueiras ao longo da vida: cegueira biológica, sociológica, psicológica ou religiosa. A grande pergunta é esta: onde poderemos lavar os nossos olhos?

No evangelho, parece que Jesus agravou ainda mais a situação do cego, passando lama em seus olhos, para que ele não visse mesmo nada. Precisaria ir Tateando até chegar à piscina de Siloé, a fonte do Enviado, onde poderia se lavar. O Enviado hoje está no céu, e não mais podemos nos lavar na sua fonte celeste. Mas acho que Ele nos oferece quatro águas puras e cristalinas. A primeira é a água da razão, que é considerada por todos os filósofos como luz. Pelos olhos da razão, podemos ver a realidade. Quantas vezes nossas emoções e paixões nos cegam?! Já não se diz que a paixão é cega?! Tantos namoros não dão certo, porque lhes falta razão. Apenas com afeto, emoção e paixão não conseguimos ver. Recebemos de Deus a razão para ver a verdade, a realidade, que muitas vezes queremos combater. Freud (\*) já dizia que o princípio da realidade é o mesmo da sanidade. Precisamos entender que as pessoas são misteriosas, que podem nos decepcionar, como também as realidades. Se muitas vezes nos metemos em situações difíceis, é porque somos cegos, não sabemos usar a razão.

Ainda outro dia, veio um jovem falar comigo, perguntando-se como podia ter participado de um assalto à mão armada. Tantos se perguntam por que se metem em determinada jogada, e eu lhes respondo: porque estavam cegos. A cegueira sempre nos pega, quando falta um pouquinho de razão, quando não paramos diante de uma realidade. A razão é o princípio da realidade que nos ajuda a colocar os pés no chão, olhar e ver. Por aí, encontraremos a saída. Mas, se nos deixamos levar pelos caminhos da emoção, pelos grandes movimentos internos, pelas erupções que acontecem dentro de nós, reagiremos sempre com fúria, explosões, perdendo totalmente nosso autodomínio. Falta lavar a nossa cegueira na fonte da razão.

O Senhor nos deu outra fonte, mais bonita ainda, que é a fonte da fé. Para chegarmos a ela, precisamos de um olhar mais profundo, que vá além da razão. Essa nos ajuda, porque traz um pouco de filosofia, de experiência, mas é a fé que nos traz a própria luz de Deus. É essa luz que Jesus passou hoje ao cego de nascença. Ele queria crer, mas precisou saber quem era o Cristo, para que sua fé pudesse se manifestar. Diante do Cristo, o cego, que já tinha aberto os olhos físicos, abre também os olhos da fé. É isto que Jesus disse hoje ao cego: vê! Precisamos ver com os olhos da fé as palavras da liturgia, da celebração. Também nós, quando tivermos aberto os olhos da fé, veremos muito melhor a realidade e poderemos ver todos os jogos, todos os subterfúgios, os enganos e engodos. Assim, iremos penetrando, descobrindo os projetos do Senhor, onde é que Ele está nos falando e nos tocando. Só então poderemos caminhar mais facilmente.

Às vezes, quando a dor é muito grande, a fé não basta. Uma mãe que perde um filho num acidente; uma esposa com o esposo doente se vê sozinha: eles precisam de algo mais forte que a fé e que se chama esperança. A esperança lança o olhar ainda mais longe que a fé. Esperar é crer no amor! Crer é crer, mas esperar é mais. É saber que aquele em quem eu creio é Deus, é ter a certeza de um amor maior do que a minha dor, do que o meu sofrimento, do que a catástrofe que caiu sobre mim em determinado momento. Na história de todos nós, sempre há momentos como esses. Como cristãos, somos chamados a dar esperança. O que eu posso dizer para uma mãe ou um pai que perde dois filhos num acidente? Para isso, a fé é pequena, e eu precisarei falar de esperança. Só na esperança essa mãe ou esse pai pode acreditar que um dia reencontrará os seus filhos.

Ainda temos uma quarta fonte, que é a mais bonita de todas. Melhor que qualquer água de Caxambu, Cambuquira, Araxá ou Lambari (\*\*\*) . É na fonte do amor e da acolhida que realmente lavaremos os nossos olhos. Numa sociedade tão sofrida como a nossa, precisamos nos derramar mais para os outros, secar as lágrimas dos que nos rodeiam. Para isso, precisamos de amor, precisamos sair de nós mesmos, colocar a dor do outro dentro de nós, fazê-la vibrar no nosso coração, abrindo-o para acolher e abraçar os sofredos. É a única experiência que constrói e que dá força. Ainda ontem falava com os meus alunos, no curso

de Teologia, do caso de um adolescente que se suicidou. Era tratado por um psicanalista, rodeado por pai e mãe carinhosos, que se empenhavam em segurá-lo na vida. Depois de sua morte, esse psicanalista dá uma entrevista belíssima, dizendo da dor que sentiu e do fracasso que experimentou diante do suicídio daquele adolescente, levado a esse gesto extremo por um *site* da *internet* em que encontrava vários outros jovens incentivando-o a isso. Faltou-lhe uma última palavra de amor. Ao invés de receber palavras de ânimo e de apoio, encontrou incentivos que o empurraram para a morte. Esse jovem estava cego, porque não conseguia ver a beleza do mundo e buscou a morte aos quatorze anos. O mundo de hoje empurra-nos para o nada, para não vivermos. Mas nós existimos para levar vida às pessoas. É este o sentido da nossa existência: fazer com que as pessoas acreditem que são amadas.

Uma vez que nos lavamos, nós cremos e, parafraseando Guimarães Rosa (\*\*\*\*), diria que crer é mais perigoso que viver, pois é ver muito mais claramente. Muitas vezes gostaríamos de não ver a realidade, gostaríamos de dormir. Por isso é que as pessoas deprimidas dormem. É uma das maiores atitudes de fuga, porque dormir é a posição mais próxima da morte. É o sono da inconsciência e da irresponsabilidade de quem já não suporta a existência. Ver, assim como crer, é pesado. Precisamos nos colocar diante do Senhor e, como esse cego, dizer: “Senhor, eu creio!”. Amém (03.03.08/4º. domingo da quaresma)

(\*) médico austríaco que estabeleceu os fundamentos da psicanálise, falecido em 1939

(\*\*) referência a Carl Jung, psiquiatra suíço, falecido em 1961

(\*\*\*) estâncias hidrominerais do estado de Minas Gerais

(\*\*\*\*) médico e escritor mineiro, nascido em Cordisburgo

## ***O LÁZARO QUE MORRE DENTRO DE CADA UM DE NÓS (Jo 11, 1-45)***

Lázaro, a quem Jesus muito amava, morreu. Isso já faz mais de dois mil anos, não é nenhuma notícia de hoje na TV Globo. O que nos interessa saber agora que Lázaro tenha morrido, se tantos e tantos já morreram desde aquela época e já estão nos braços de Deus? Era um desconhecido para nós, sabemos apenas que tinha duas irmãs, mas não tinha nenhum *curriculum*, nenhum título, não era artista de Hollywood, nem da Globo. O que interessa a nós saber que ele morreu? O que realmente nos interessa é o Lázaro que morre dentro de nós. Ele é aquele que Jesus amava! Olhem para a vida de vocês: quanta coisa que Jesus amava nas nossas vidas e que agora estão mortas? Lázaro morreu! Muitas vezes, a inocência que tínhamos, e que Jesus amava tanto, morreu. Talvez uma prática religiosa mais assídua quando éramos mais jovens... Lázaro morreu! Lázaro das nossas bondades, das nossas experiências, aquele a quem Jesus amava! Aquilo que tínhamos de melhor e que Jesus amava tanto morreu, e Ele chorou por isso. É bom que saibamos disto: que Jesus terá chorado muito e muitas vezes, porque muitos *lázaros* dentro de nós morreram. *Lacrimatus est Iesus!* – Jesus chorou! Chorou porque sabia que aquele Lázaro bonito que tínhamos no coração, cheio de entusiasmo e beleza, aquele que alimentávamos com esperança e alegria, ficou doente, sem gosto, sem vida, sem sal, e morreu, e como diz o evangelho, já cheira mal, a ponto de Marta nem querer que o túmulo fosse aberto. Jesus, que criou tanta beleza e a colocou no coração de tantos jovens, chora diante de tanta falta de idealismo, de compromisso.

Neste ano, estamos comemorando quarenta anos de Maio de 68, quando jovens, da idade de tantos que agora estão aqui, saíram às ruas de Paris, depois, em agosto, saíram às ruas do Rio de Janeiro, gritando por liberdade, por um Brasil diferente, para que as pessoas tivessem pão, vida, saúde, para que o mundo fosse diferente. Eram jovens radiantes de idealismo. Maio de 68 morreu, como Lázaro também morreu. Também em maio de 68 foi o encontro em Medellín (\*), em que os bispos da América Latina, olhando para este continente de dor e sofrimento, fizeram a grande opção pelos pobres, para transformá-los em cidadãos livres e dignos, que pudessem caminhar de cabeça erguida para um horizonte de esperança no futuro. Mas muita coisa de Medellín também morreu. Lázaro morreu!

Seria muito triste se o evangelho terminasse aqui. Mas Jesus foi ao túmulo e mandou que a pedra fosse arrancada. Temos pedras pesadas que impedem que qualquer palavra chegue dentro de nossas cavernas escuras em que os *lázaros* estão mortos. Também nós precisamos arrancar a pedra que nos segura na escuridão da caverna. Diante desse Lázaro que morreu dentro de nós, chega Jesus e ordena: “Lázaro, saia para fora!”. Ele não teme sequer o mau cheiro.



Saímos da caverna amarrados, com o rosto coberto. Reparem que quando um jovem está perdido, ele já não tem mais rosto, não consegue nos olhar, está amarrado à moda, à midiática, à velocidade. Jesus também manda que lhe tirem os panos, que desamarrem o seu corpo para que volte a ter uma face bonita e aberta, e possa caminhar. Assim podemos acreditar que é possível acordar aquela jovencinha engajada na Igreja, comprometida, que trabalhava com um sorriso de canto a canto das orelhas. Lázaro, acorde! Ressuscite! Marta diz que quem está diante dela é ressurreição e vida, que é capaz de ressuscitar, de restaurar as nossas boas lembranças. Quando passamos diante dos corredores de nossa infância ou juventude, somos capazes de recordar todas as lições, todas as orações e experiências de Deus. Tudo aquilo que tinha morrido, de repente, aparece, porque ouvimos a voz de Jesus: “Lázaro, saia, acorde, ressuscite!”.

Esse é o sermão da beleza, porque nele Jesus olha para cada um de nós. Precisamos sair diferentes desta igreja! Que cada um olhe para dentro de si e veja os *lázaros* que morreram. Ouçam a voz do Senhor que está acordando o Lázaro da nossa infância, da juventude, dos compromissos, da entrega, dos primeiros amores, quem sabe daquele matrimônio que está quase se desfazendo. Quem sabe o amor pode ressuscitar? Quem sabe os esposos podem novamente traçar e trançar suas relações de felicidade e alegria, porque Lázaro ressuscitou? Essa é a força do Senhor que ressuscita todos os mortos, e os mais terríveis são aqueles que morrem dentro de nós. Não precisamos ressuscitar os nossos mortos dos cemitérios, porque o Senhor já os acolheu na glória, estão nos braços de Deus. Os *lázaros* mais perigosos que morrem estão aqui nesta igreja, somos nós. São a esses que Jesus chama para acordar, porque muitas vezes não conseguimos ressuscitar em nossos corações a beleza que Deus colocou ali. Ele persegue a cada um até o último instante de nossa vida. Está sempre atrás com sua palavra, com seu olhar, com todas as pessoas que nos cercam, para que acorde a bondade que Ele mesmo semeou. Por isso, a liturgia liga muito a ressurreição de Lázaro com o batismo, porque lá nós nascemos, lá recebemos a abundância da graça e do Espírito, e, muitas vezes, a água que recebemos no batismo secou nas nossas cabeças, restando apenas a poeira da rotina, da mediocridade, do egoísmo, do consumismo, do materialismo. Que a água bonita e cristalina que recebemos e derramamos na cabeça de nossas crianças nos faça acordar e ressuscitar. Amém. (08.03.08/5º. domingo da quaresma)

(\* ) referência ao 2º. encontro do CELAM, realizado na Colômbia.

# ***JESUS ESQUECEU-SE DE QUE É DEUS***

## ***(Mt 26, 14-27.66)***

Há dois grandes percursos que fazemos na vida: o real, dos acontecimentos, como este que estamos fazendo agora. Percurso físico, visual, dos sentidos, que fizeram as pessoas que viveram há dois mil anos. Dessas, poucas se deram conta do que acontecia, poucas, muito poucas seguiram o Senhor até a morte. Hoje, milhões e milhões de pessoas fazem o percurso simbólico, da memória, do afeto, não é físico, mas para dentro do coração. Todo esse percurso nos toca, mexe com nosso interior, e nos leva a perguntar sobre o que realmente aconteceu. Como seres humanos, inteligentes e racionais, queremos saber a razão das coisas. A primeira ideia, que trazemos desde crianças, é que paixão significa sofrimento, mas paixão é também um amor gigantesco! Portanto, aqui não se mede o sofrimento, mas um amor maior, porque Jesus esqueceu-se de muita coisa. Esqueceu-se de que era Deus e se deixou levar. Esqueceu-se de que era capaz de andar sobre as águas e não escapou. Esqueceu-se de que era capaz de serenar tempestades e não serenou aquela tempestade que vinha sobre Ele. Esqueceu-se de quando ressuscitou um jovem que iria ser enterrado e não tentou fazer nada, ficou mudo. Esqueceu-se de quando fizera os doutores da lei se calarem diante dele, e agora era Ele que se calava, mudo, humilhado e envergonhado. Esqueceu-se de que curara dez leprosos e não impediu que o prendessem. Esqueceu-se de que era todo poderoso, de que um dia as Igrejas o colocariam no alto, glorioso como um pantocrato, e se sentiu frágil e pequeno, deixou-se levar, ser agarrado. Ele teve uma grande *amnésia* de todo o poder que tinha.

Uma paixão maior que todo o seu sofrimento foi o amor. Enquanto a memória é pequena, o amor é enorme. A memória é frágil, o amor é infinito. Ele deixou que esse amor infinito invadisse a sua vida naquele momento. Esqueceu-se de tudo o que queria, de todos os sonhos, de todas as lembranças dos dias gostosos que vivera com os amigos, de todos os milagres que realizara, de toda a multidão que o cercara e abraçara, para simplesmente caminhar trôpego para a morte. Uma paixão maior do que a memória era o seu amor. Um grande amor esquece! Esquece as mágoas, os ódios, os enganos, tudo o que de mal fizeram contra nós para guardar apenas o amor. Quando a humanidade deparou com o amor mais puro, não foi capaz de suportá-lo. Simplesmente o matou. Dói-nos a experiência de um verdadeiro e grande amor. Por isso, desconfiem dos amores baratos, desses *amóricos* rápidos, banais, bobos e gratuitos. Busquem o amor que é capaz de entregar-se, de calar-se, de caminhar no silêncio, de viver para o outro, de atar-se. Fico fascinado quando vejo isso e me recordo de tudo o que Ele fez na vida. De repente, tudo desaparece por uma única razão. Cai muito bem a palavra paixão.

E ainda vem o pior, uma grande ironia da história: por quem sentia tanto amor? Se fosse pelos anjos do céu, pelos querubins e serafins, seria ótimo. Também não amou nenhuma menina bonitinha, *xuxosa*. Pelo contrário, morreu pela canalha da história humana: por uma humanidade enxovalhada de crimes, por todos que o xingavam e humilhavam. Morreu por um século que começou com a euforia do metrô francês, no qual imperou o grande império americano e matou mais de cem milhões de pessoas. Morreu pelos cientistas debruçados em laboratórios para fabricarem armas que matam mais, pelos cínicos cientistas das universidades russas e alemãs, que criaram *gulags* e campos de concentração, pelos *eichmans, hitlers, stalins e bushes*, que planejam e fazem guerras, invadem países, matam e trucidam. O olhar misericordioso de Jesus pousa sobre tudo isso e tem paixão. “Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem!” É fantástico! Nós é que não sabemos que coisa é amor. Pensamos amor como coisinhas cor-de-rosa, mas ele é violento, é capaz de tornar-nos gigantes, capazes de carregar todas as dores do mundo. Amar as pessoas que odeiam, que tramam a morte, que só querem a perversidade, e ainda morrer por elas, é muita paixão! Amém. (15.03.08/domingo de Ramos)

## *ENCONTRO DE DORES, AMORES E HISTÓRIAS*

Dois amores, duas dores que se encontram. A mãe e o Filho. O amor do Filho é o amor infinito de Deus que entrou na nossa história e quis fazer-se pequenino como nós, viver a nossa vida, chorar as nossas lágrimas, rir os nossos sorrisos, carregar as nossas dores. Esse é o amor do Filho que atravessou toda a sua vida. Com a sua mãe, aprendeu desde pequenino, a amar as pessoas. Crescendo, deixou a sua mãe por um amor ainda maior, que é pelo reino, pelo Pai, por todos aqueles que hoje somos nós. Percorreu as estradas da Palestina, e hoje o encontramos carregando a cruz, caminhando para aquele primeiro amor que conheceu, que foi o de sua mãe.

O amor de Maria também foi crescendo. Concebeu, deu à luz, ensinou seu Filho a falar, ensinou-lhe os primeiros gestos humanos. O amor de mãe seguiu o Filho em todo o seu crescimento e vai encontrá-lo agora, nesse momento tão difícil de sua vida, quando caminha para a morte.

São dois grandes amores que se encontram para nos dizer que também teremos grandes encontros em nossa vida, ora na alegria, ora na tristeza. Hoje, Maria e Jesus se encontram numa grande dor. O Filho não precisaria sofrer, pois, desde toda a eternidade, participou da alegria e felicidade do Pai. Mas resolveu deixar o trono celeste para assumir a humanidade e conhecer, não apenas o amor humano, como também a dor humana. As pequenas dores de criança, as angústias e decepções de adolescentes e jovens, as dores da fome, da sede, do cansaço, do frio e do calor nas grandes caminhadas. Mas hoje a dor chega ao seu grau máximo: agonia, flagelação, coroa de espinho, humilhação, cruz. É com essa dor que Ele caminha em direção à dor de Maria.

Como toda mãe, Maria também sofreu com as preocupações de um filho doente, com o futuro que o esperava, o sono sobressaltado, noites insones. Ela terá vivido as mesmas angústias, as mesmas inquietações de qualquer mãe. Jesus não correu os riscos dos jovens e adolescentes de hoje, mas terá vivido outros riscos. Hoje podemos saber que terá ido trabalhar nas cidades vizinhas, corrido riscos nas estradas, enquanto sua mãe vivia todas as surpresas, alegres e tristes, felizes e dolorosas. Quando hoje ela encontra o seu Filho, sente a diferença. Não vê mais o rosto sereno, mas desfigurado pela dor, sofrimento, agonia, tristeza.

Diante desta cena, eu teria coragem de dizer que todos nós, adultos, já encontramos dores terríveis. Talvez uma das piores dores que podemos sentir é quando nos deparamos com a morte de uma pessoa querida. Pais se veem esperando o corpo de um filho morto num terrível acidente; filhos surpreendidos pela morte repentina de um pai ou de uma mãe. São encontros com a dor que também nós vivemos e diante dos quais precisamos nos lembrar desse encontro da mãe com o Filho. Hoje estamos bem, com saúde, mas essa meditação não é para agora, mas para a vida. Quem sabe, amanhã, precisaremos do olhar doloroso

de Jesus e de Maria para se cruzar com o nosso olhar também doloroso nos encontros de dores que temos em nossa existência, e que são muitos. Quantas lágrimas rolam de nossas faces, porque as dores nos marcam enquanto vivermos nesta história?

Um último encontro é o de duas histórias. Uma terá talvez quarenta e cinco ou cinquenta anos, e a outra uns trinta e poucos anos. Mesmo que Maria carregue mais anos, Jesus traz consigo mais experiências de um Deus feito homem. Ele carrega a eternidade feita história, a experiência profunda de Deus Pai que Maria viveu de modo diferente. Ela sabia-se filha amada, mas filha por ser mãe do Filho, enquanto Jesus era verdadeiramente o Filho. São duas histórias que se encontram, depois de terem se encontrado tantas vezes ao longo da vida. Os poucos anos da vida adulta de Jesus se passaram longe dos olhos de Maria, pois Ele viveu como um peregrino, um andarilho pelas terras da Palestina. Ele tinha uma história bem diferente da de sua mãe, e aqui essas duas histórias se encontram. Cada um de nós também carrega uma história, desde as crianças que já vão construindo a sua história de vida. Em cada encontro que temos também encontramos uma outra história. Caminhando nesta procissão, eu olhava para as pessoas que passavam, algumas alheias ao que estava acontecendo, e eu me perguntava sobre as histórias escondidas por trás de tantos rostos. Olhando para cada um de vocês, eu posso ver os rostos, mas não posso saber de nenhuma história que carregam, algumas leves, outras pesadas, umas longas. Assim, o encontro de Jesus com Maria é uma espécie de símbolo, sacramento de todas as histórias que vamos encontrando. Se aprendêssemos a ver isso, a nossa vida seria bem mais profunda. Se olhássemos cada rosto com mais profundidade, em cada ruga, em cada fio de cabelo branco, em cada cacoete, perceberíamos muitas dores, alegrias e sofrimentos. Se aprendêssemos a ver Maria e Jesus como duas histórias que se encontram, perceberíamos as pessoas de um modo diferente.

Neste ano, a partir do encontro de Maria com Jesus, a Igreja nos sugere um outro encontro com a natureza em seus mais de dois bilhões de anos. Quando olharmos para a beleza desta lua, para o brilho do sol, para a força das árvores, pensemos que toda esta natureza carrega uma imensa quantidade de história. Percebendo isso, o nosso olhar será diferente, não será mais distraído, mas respeitoso. Quando a astronomia nos fala que o cosmo tem mais de treze bilhões de anos, nos espantamos. A Igreja quer que pensemos mais nisso, para cuidar melhor deste jardim no qual vivemos, para que tenhamos um encontro diferente com a natureza. Dois amores se encontraram, como os nossos também se encontram. Duas dores se encontraram, como as nossas dores também se encontram. Duas histórias se encontraram, assim como as nossas histórias se encontram com as pessoas e com a natureza. Amém. (20.04.2011/Sermão do Encontro)

## ***JESUS SE FAZ PRESENTE NO CONVÍVIO*** ***(Ex 12, 1-8.11-14/Jo 13, 1-15)***

Há muito mistério e muita beleza na liturgia de hoje. São tantas maravilhas, que não sabemos nem por onde começar, depois de ouvir a narrativa desse evangelho, depois da ressonância da primeira leitura do Êxodo, contando da libertação de Israel, e percebendo o jogo que João faz da pessoa de Jesus. Domina a ideia de passagem, que significa páscoa.

A leitura do Êxodo fala da passagem do anjo, que não exterminou aqueles cujas casas tinham os portais marcados com o sangue do cordeiro. Os judeus jamais poderiam imaginar que o sangue daquele cordeiro era uma pálida imagem do sangue de um outro Cordeiro que hoje celebramos: Jesus. Se o sangue de um cordeiro animal defendeu o povo de Israel, o sangue do Cordeiro divino defenderá e libertará toda a humanidade, não somente o povo de Israel. Há tantos anjos exterminadores que passam pelas nossas comunidades! A cada dia ouvimos notícias tristes, dolorosas, de pessoas assassinadas, outras que desaparecem, jovens que se metem nas drogas, arriscando suas vidas. O anjo exterminador não irá matá-los, porque ainda existe o sangue do Cordeiro para cobrir esses jovens e fazer com que eles reencontrem a vida, como propõe a campanha da fraternidade. Mas para isso, Ele necessita de nossa ajuda. Os anjos estão nesta comunidade! Cada um de nós deveria sentir-se como aquele que tem a vocação de passar pelas casas, não para exterminar as pessoas, mas para defendê-las, salvá-las, para que não entrem por caminhos perigosos e depois tenham que chorar lágrimas amargas pela morte de um parente, de um amigo, de alguém com quem conviviam e, de repente, é levado pela morte encontrada nos desvarios. Que esta festa do sangue do Senhor nos imunize desse perigo, e que a campanha da fraternidade triunfe com a vida e não fracasse a morte (\*).

João diz que Jesus tem duas passagens antes de voltar ao Pai. Com a ressurreição, e depois com a ascensão, Ele parte para a casa do Pai. Hoje Ele está quase partindo. João diz que neste momento Ele amou os seus discípulos até o fim. É bonito porque fim pode significar término, uma vez que amará até o último instante de sua vida. Mas também pode significar que amará até o extremo, dando tudo o que poderia dar, isto é, a sua vida. É a passagem do seu amor através de nós, deixando-nos também esta missão: que também nós passemos esse amor aos irmãos e sejamos reconhecidos. É um evangelho belíssimo!

João continua jogando com três momentos. O Mestre levanta-se, tira o manto, veste-se de escravo. Embora não conheçamos os costumes judaicos, é bom saber que aquele que se cinge com a toalha é o escravo. Ele, o Mestre, o Senhor, deixa o manto, para significar que deixou a realeza, o poder, para fazer-se escravo, ajoelhando-se diante de cada apóstolo. Pela alusão de João, dizendo que um deles não estava limpo, Ele terá se ajoelhado também diante de Judas.

Jesus faz-se escravo do próprio traidor! Vai tocando, lavando, beijando aqueles pés calosos, sujos, fazendo de cada toque um chamado à razão. Quantas vezes também nós poderemos fazer isso com nossos irmãos, nossos filhos?! É preciso despir as nossas túnicas e nos fazer bem próximos de todos os que precisam ouvir os nossos chamados. No caso de Judas não houve volta, nem mesmo quando Jesus o chama de amigo, já no Horto das Oliveiras. Nem mesmo com esse último toque, Judas se deixou quebrar pela ternura de Jesus.

Depois de lavar os pés dos discípulos, Ele se levanta e coloca o manto – novamente é o Senhor! Senhor-escravo-Senhor! E deixa para nós esse grande legado, que eu acho que já é mais que mandamento, é esperança, é festa, é gozo, é alegria! Amarmo-nos mutuamente já não deveria ser apenas mandamento. Paulo irá dizer que, quando o Espírito mora dentro do nosso coração, já não existe nenhuma lei. A única lei que deveria existir para o cristão é o amor, isto é, a saída de si, a entrega aos outros. Jesus o fez e deixou para nós.

É de se estranhar que Jesus tenha nos deixado sua memória em forma de refeição. O que o povo judeu conhecia era o sacrifício, a imolação de animais como forma de agradar a Deus. Jesus não quis isso, mas que a sua memória estivesse ligada à mesa, à ceia, à refeição, ao convívio. Numa sociedade em que as famílias nem mais comem junto, em que valorizamos tanto o *fast food*, nem sabendo mais comer com calma e tranquilidade entre irmãos, é bom saber que Jesus escolheu essa forma para ser lembrado. Hoje recordaremos mais uma vez, colocando-nos em torno desta mesa, onde celebramos o seu corpo e sangue. Criando um ambiente de comensalidade, de convivialidade, queremos que a juventude de Vespasiano deixe os caminhos perigosos da droga, do crime, da violência, voltando para o único caminho que salva. Amém. (20.03.08/5ª.feira santa)

(\*) tema da Campanha da Fraternidade: “Escolhe, pois, a vida!” (Dt 30,18)

# ***JESUS SE ENTREGA LIVRE E CONSCIENTE***

## ***(Jo 18, 1-19.42)***

Mais uma vez fizemos esse percurso das dores do Senhor Jesus com a memória do coração, hoje seguindo o texto de João. Podemos nos perguntar por que fazemos todos os anos e tantas vezes a leitura dessa mesma história. Será que queremos frisar um certo *dolorismo* ao recordar as dores do Senhor numa leitura mais sentimental ou puramente afetiva? Terá sido bom nos chocarmos uma vez com esse mistério do sofrimento de Jesus, porque não é nenhuma brincadeira, nem uma coisa normal que alguém se entregue em tal nível por toda a humanidade. É algo tão surpreendente, que deveríamos, pelo menos uma vez, levar um susto gigantesco. Mas, como lemos tantas vezes, a emoção vai diminuindo, podendo até mesmo desaparecer. Pior ainda é quando caímos no silêncio e já nem lemos nem ouvimos. Então, por que ler?

Essa leitura recarrega a nossa vida de coragem e compromisso. É por aí que caminha a leitura da escritura, para que revivamos, relembremos, reconstruamos, para nós mesmos, o caminho que o Senhor fez. Para que, diante dela, nos perguntemos como é que estamos caminhando. Parar só na leitura, só no ouvir, é pouco para o cristão. É preciso dar um passo a frente e perguntar: em 2008, o que a paixão significa?

Interessante que, nessa leitura que acabamos de ouvir, João joga muito bem com as duas direções de Jesus. Descreve pequenos acontecimentos: quem entrou na sala, coisas retidas em sua própria lembrança e, de repente, dá alguns traços de um Cristo glorioso, transcendente, o próprio Verbo divino. Fala que Jesus estava acostumado a ir àquele lugar, consciente do que estava para acontecer. É a consciência do Verbo divino naquele Homem frágil, que sabe que se entregará e dará esse passo totalmente consciente.

Encanta-me ver a diferença da prisão de Jesus em João e nos outros evangelistas sinóticos. Reparem que Judas não aparece no texto de João. Os soldados se aproximam, e o próprio Jesus é quem pergunta: “a quem procurais?”. Enfrentou seus adversários sem medo e entrega-se, não porque um deles traiu, mas entrega-se livremente. É o Filho de Deus, na plena consciência de todo o mistério que aconteceria, que caminha em direção à humanidade, na figura dos sumos-sacerdotes.

Talvez para nós, que não temos a ressonância linguística dos judeus, passe despercebido. Quando os soldados respondem que procuravam a Jesus de Nazaré, Ele responde: “Eu sou!”, que, em hebraico, se diz *YHWH* - Javé! Os judeus estremeciam diante desse nome. Era aquele que, no Sinai, dissera a Moisés: “Diga ao povo que eu sou!”. Daí, os judeus guardaram em sua memória mais profunda que era Javé que libertara o povo. Os pormenores continuam. Diante daquele “eu sou!”, os soldados caem, para significar que eles não tinham



força nenhuma. O que pode fazer uma pessoa caída no chão? Jesus está de pé, enquanto os soldados estão caídos. De pé, Ele se entrega!

Esse é o mistério de Jesus! Claro que historicamente não foi assim. Provavelmente, os sinóticos são muito mais próximos. Mas o sentido é esse, e é o que importa para nós. Ele não foi arrancado, preso, porque quiseram prendê-lo. Foi Ele quem quis se entregar por nós. A história foi violenta, mas em seu interior, Ele transformou toda a violência na entrega do seu amor. Muitas vezes, também nós somos chamados, arrancados pela força da história. Mortes violentas chegarão perto de nós, teremos experiências de muita tristeza, muita noite, muita escuridão. Nessas horas devemos lembrar do Senhor, que também foi agarrado na noite da história, mas dentro dela manteve a liberdade de Filho de Deus – eu sou! É essa liberdade que o Senhor espera de nós.

Seria lindo passar cada pormenor, mas fico com um último momento, já está na cruz. Sabendo que tudo tinha terminado – novamente o saber: *eidôs*. Não o saber nosso, quando estudamos e aprendemos, mas o saber de quem conhece a realidade por dentro, como se olhasse para a história inteira e nos visse lá. Sabendo que a história estava consumada, serenamente inclina a cabeça e morre. Nos sinóticos, Ele dá um grito. Aqui, não. E vem um outro jogo de linguagem de João, dizendo que Ele entregou o espírito, em minúscula e também em maiúscula. Com minúscula, significa simplesmente que morreu, e com maiúscula significa que entregou para nós o Espírito Santo. Ele entrega a si mesmo ao Pai e entrega o Espírito a nós. Que maravilhoso presente recebemos na cruz! Amém. (21.03.08/ Celebração da Paixão)

# ***O CORPO MORTO DE JESUS É O SACRAMENTO DO AMOR DE DEUS POR NÓS***

Acabamos de assistir à representação de uma cena que um dia foi realidade. Agora é o momento para que a recolhemos em nosso coração e deixemos aprofundar nele sentimentos que brotam em face da entrega de Jesus, por nós, na cruz.

O corpo humano é mais que isso que podemos ver, mais do que o biológico. Ele é um sacramento, um sinal visível de realidades muito mais profundas. Se todo corpo humano assim é, com muito mais razão, o corpo de Jesus. Contemplando este corpo morto, podemos perceber e ir bem mais fundo na realidade que esse Homem foi, é e significa para toda a humanidade. Impressiona-nos que dois mil anos depois estejamos aqui para recordar, fazer memória dessa entrega de Jesus.

Olhamos agora para a sua mão direita desprendida da cruz. A mão é um dos órgãos mais bonitos que temos, é o reflexo da alma, a prolongação de nossos sentimentos. Com ela, nossas mães nos acariciaram. É essa mão que tantas vezes colocamos sobre as cabeças das pessoas em sinal de bênção. Assim Jesus fez, abençoando as crianças e adultos. Essa mão de Jesus devolveu a saúde a tantos enfermos. Neste momento, poderíamos fazer uma memória sobre as mãos dos médicos, dos enfermeiros. São mãos maravilhosas que nos devolvem a vida, nos aliviam das dores, lutam para que o nosso corpo volte a funcionar e a vida brilhe em nós. De certa maneira, a mão de Jesus antecipou as mãos de todas as pessoas que cuidam de outros. Pensemos nas mãos daqueles que, nos asilos, cuidam dos velhinhos, daqueles que estão espalhados por todos os hospitais do mundo transmitindo aos doentes um pouco de coragem. Voltemo-nos para as nossas próprias mãos e nos questionemos sobre quantas vezes foram como as mãos de Jesus. Esta é a mão da bênção, a mão da cura, a mão da vida!

Desprende-se agora a mão esquerda. Muitas vezes pensamos que ela é a mão errada, mas há tantos canhotos que trabalham e fazem tudo com ela, além de gestos para os quais precisamos das duas mãos, pois a direita sozinha não dá conta. Portanto, as duas mãos são sinais de bênção, acolhida, cura e vida, e esta mão de Jesus tocou as pessoas, curou cegos, limpou leprosos. Olhemos para as nossas mãos e as de tantas pessoas que por este mundo trabalham. Pensemos em quantos, neste momento, estão usando suas mãos para o trabalho, para que outros possam descansar e tenham a possibilidade de estarem aqui. Se estamos aqui, é porque há mãos trabalhando. Se esta luz nos ilumina, é porque há mãos trabalhando para que ela chegue até nós. A mão de Jesus simboliza todas essas mãos.

Olhemos para os pés de Jesus, pés de um andarilho. Nós, brasileiros, apreciamos os jogadores de futebol. Estamos acostumados a vê-los jogando, mas nunca pensamos em rezar por eles. Como eles, tantas pessoas precisam dos

pés para mostrarem uma habilidade especial. Que todos eles se conscientizem, tenham responsabilidade, saibam que os seus pés são dons de Deus e que, um dia, Jesus santificou todos os pés através de suas caminhadas. Se esses atletas tivessem essa consciência, seriam mais dignos, mais nobres para passarem a alegria para os outros. Que aprendam com os pés de Jesus. Pensemos ainda nas pessoas que já não os têm. Que o nosso coração se volte para elas, pedindo que as caminhadas de Jesus as consolem.

A cabeça é o órgão mais digno do ser humano. Olhemos para a cabeça do Senhor Jesus cororada de espinhos. A imprensa anda agitada com o casamento do príncipe da Inglaterra, no próximo dia 29, mas a coroa de Jesus não foi símbolo de nenhuma realeza desta Terra. Era filho de um carpinteiro e de uma mulher simples, um simples camponês, um artesão que, provavelmente, terá trabalhado na construção de Séforis. A coroa colocada sobre a sua cabeça simbolizava dor e sofrimento. Sua cabeça arquitetou planos de salvação. Seu olhar se cruzou com tantos olhares, pacificando e perdendo. Ousaria dizer que o último olhar de Jesus para Judas, no momento em que este o traía, foi de ternura. Se o olhar de Jesus tivesse tocado o seu coração no momento em que se enforcava, talvez tivesse se convertido. No olhar de Jesus não há vingança, não há ódio nem rejeição. Como precisamos aprender a olhar as pessoas com bondade e acolhimento, passando vida e coragem para elas. Quando esbarrarmos em olhares deprimidos, que o nosso olhar seja como o de Jesus, acordando essas pessoas, despertando-as para a vida, devolvendo-lhes ânimo e coragem para existir. Quem sabe bem próximo de nós, até mesmo em nossa própria casa, haja pessoas com olhares apagados necessitando de nossos olhos para acendê-los para a vida, assim como Jesus acendeu tantos olhares.

Uma última palavra para o cérebro de Jesus. Morto, o cérebro não funciona. Ressuscitado, Ele carrega toda a história da humanidade. Morto, já não fala, não sente, não pensa, mas, com esse cérebro, Ele sentiu amor. Esse cérebro continua vivo para animar a todos nós, para que pensemos e cogitemos no bem.

Pensemos um pouquinho ainda sobre a campanha da fraternidade. Nesta noite, a nossa oração foi sobre a ecologia. Que hoje, nesta praça, cada um de nós, com a própria cabeça e criatividade, arquitete, planeje, imagine alguma coisa que sirva para melhorar a situação ecológica, a começar pelo nosso bairro, seguindo pela nossa cidade, nosso país, nosso planeta Terra. Que essa campanha tão forte sobre o tema da ecologia não deixe os nossos corações adormecidos diante de uma natureza maltratada, e que outros corações também acordem. Que todos sejam despertados para esta realidade. Que um último olhar sobre todo o corpo de Jesus nos recorde o grande sacramento do amor de Deus Pai para com a humanidade. Jesus santo, puro, morto por nós. É este corpo que queremos acompanhar no silêncio e na oração. Que cada passo do Jesus morto seja um passo de graça para as pessoas que habitam as nossas cidades. Amém. (22.04.2011/Sermão do Descendimento da Cruz)

# *A VITÓRIA DA VIDA EM QUATRO ATOS*

## *(Mt 28, 1-8)*

Um drama em quatro atos. Recuem duzentos milhões de anos. Dois dinossauros conversavam e diziam que eram poderosos, grandes, comiam animais e vegetais, dominariam a Terra. Nas árvores ao redor havia alguns símios medrosos. Eram menores e, assustados, ouviam aquela conversa. Passados milhões de anos, esses símios tomam consciência de si, ficam poderosos e começam a conquistar o mundo. Tornam-se humanos, crescem, desenvolvem-se e já temos aí todas essas criaturas hominizadas e inteligentes.

Segundo ato: esses símios têm consciência que podem morrer e temem. Até então, não temiam, pois não pensavam. Morre uma geração, outra e mais outra. Percebem que a única forma de sobreviverem é ter filhos e netos. Vivem uma grande tristeza, uma noite terrível ao saber que desapareceriam. Duzentos anos antes de Cristo, portanto, há dois mil e duzentos anos, havia o povo judeu sendo perseguido pelos poderosos gregos. No meio desse povo que lutava para manter a sua terra, havia uma mãe de sete filhos macabeus. Ela vê um filho depois do outro ser assassinado e acha que não é possível que eles morram pela lei e por Javé. Diante da morte dos filhos, ela grita que eles ressuscitarão no último dia. É essa fé que os judeus guardavam, mas, até lá, apenas a escuridão da morte e o domínio.

Terceiro ato: há dois mil anos, alguns homens seguiram um rabino. Inteligente, corajoso, falava bonito, falava de reino de Deus, anunciava coisas futuras. Era um grupo entusiasmado que as multidões seguiam, na certeza de que transformariam o mundo. Mas, como vimos ontem, Ele fracassa, é preso, zombado por Herodes, acaba numa cruz. Também Ele morre, e acaba tudo. É verdade que Marta e Maria diziam que Ele ressuscitaria no último dia, mas esse dia demoraria tanto e, até lá, ficariam sem nada. Todos ficam desanimados e tristes e lá vão visitar o seu túmulo. Lá lhes aparece um anjo e lhes diz que Ele já ressuscitara. Levam um susto diante dos panos dobrados, do túmulo aberto. As mulheres saem em disparada em direção aos apóstolos. Eles encontram o Cristo glorioso, não no último dia, mas já. Ele está ressuscitado!

Quarto ato: 22 de março de 2008, matriz de Nossa Senhora de Lourdes, em Vespasiano. Homens e mulheres assentados ouviram Marco Antônio proclamar o evangelho. Sabiam que estavam carregados de morte. Há pouco, uma senhora veio me contar, chorosa, a morte do marido. Ainda nessa semana, outros choraram os filhos assassinados. Quanta morte! Vespasiano sente a dor como se não existisse vida, não existisse ressurreição. A ameaça pesa sobre nós diante de tanta coisa dolorosa! Não há ressurreição, tudo foi engodo e engano. Esse quarto ato parece terrível! Mas estamos reunidos aqui e, de repente, começa a brotar no coração de cada um de nós a mesma experiência que os doze, que as marias

fizeram há dois mil anos. Ele não está morto, mas vivo. E, se Ele está vivo, todos os nossos mortos também pertencem à sua vida. Podemos secar as nossas lágrimas, abrir os nossos olhos. Podemos olhar o futuro com esperança, porque a ressurreição venceu a morte. Amém. (22.03.08/Vigília Pascal)

## ***A RESSURREIÇÃO É A RESPOSTA (Jo 20, 1-9)***

Hoje é páscoa! É a resposta de Deus a três gritos fundamentais do ser humano, desde o primeiro grito primal, primigênio, que surge do mais profundo do nosso coração. Diante da morte, gritamos que não queremos morrer, nem que nenhuma pessoa querida morra. Aí, Deus aparece e nos diz que o grito não é nosso, mas foi colocado por Ele no nosso coração para que gritássemos diante da morte. Mostra-nos Jesus ressuscitado e diz que nele está a resposta para o nosso grito, que será inútil, pois não morreremos nunca, mas ressuscitaremos pela sua ressurreição.

O segundo grito é mais doloroso ainda. É o grito ético, que damos e clamamos quando percebemos uma injustiça terrível, forte, que rasga o nosso coração. É o grito que os judeus davam a Javé quando viam seus irmãos conduzidos para as câmaras de gás nos campos de concentração nazista. Era o grito de tantos cristãos diante do martírio, da morte de um inocente, diante do algoz que prevalece. Um colega contou-me uma cena bárbara que assistiu. Num país estrangeiro, um senhor furtou um televisor. Foi levado para a praça, aonde todas as pessoas vinham a ele e davam-lhe uma bordoadada na cabeça até matá-lo. Ele sentiu vontade de reagir, mas sabia que também acabaria morrendo. É o grito ético diante da morte injusta, que o próprio Deus colocou no coração de cada ser humano. Hoje, Ele responde também a esse grito. Vimos o seu próprio Filho, na sexta-feira santa, ser vilipendiado, espancado, cuspidado, coroado e crucificado. Mas hoje Ele vive. O inocente nunca será vencido pelo algoz!

Vem agora o grito mais forte de todos: é o grito do amor, quando gritamos que não queremos e nem podemos morrer. Achamos que devemos viver eternamente, porque amamos. Como disse um grande pensador francês: amar é dizer para o outro que ele viverá eternamente. Desejamos que as pessoas amadas nunca morram, que o amor que existe dentro de nós seja eterno. Damos esse grito, e Deus nos responde que não fomos nós que gritamos pelo amor, mas foi Ele que colocou esse grito dentro de nós, para que o amor se perpetuasse. Olhem hoje para este Homem, que foi o único que amou absolutamente a todos os seres humanos, o que nenhum de nós é capaz. Trazemos conosco pequenos ódios, pequenas vinganças, pequenas mágoas. Ele não! É puro amor. No momento em que o vimos cheio de amor, não suportamos o seu amor e o matamos. Pensamos que o amor foi derrotado e, de fato, aparentemente, foi. “Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem!”, “Tenho sede!”, “Pai, por que me abandonaste?”, “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito!”. Parece que o amor morreu, acabou, mas hoje ele está vivo entre nós.

Quando não percebermos sentido em nossa vida, lembremo-nos do ressuscitado. Quando sofrermos uma injustiça, lembremo-nos do ressuscitado. Quando o amor ecoar dentro de nós com toda a força, lembremo-nos do ressuscitado. Ele é o sentido, a justiça e o amor para cada um de nós. Amém. (23.03.08/Celebração vespertina de Páscoa)

## ***A EXPERIÊNCIA DO RESSUSCITADO ACONTECE EM MEIO À PAZ (Jo 20, 19-31)***

Quando ouvimos esse relato, temos a impressão de que, para os apóstolos, foi muito fácil crer na ressurreição de Jesus. Se Jesus aparecesse aqui, visivelmente aos nossos olhos, acho que nenhum de nós duvidaria. Algum de vocês duvida que eu esteja aqui? Penso que o evangelista teceu essa narrativa para que fosse mais fácil de entendermos. Vocês repararam que João fala que esse fato se deu no primeiro dia, isto é, no próprio domingo da ressurreição? Para ele, é o grande pentecostes! Os Atos dos Apóstolos vão narrá-lo cinquenta dias depois, mas João já coloca a experiência do Espírito no primeiro dia. O Ressuscitado soprou e disse que eles recebessem o Espírito Santo. Lembrem que, no início do Gênesis, quando existia apenas uma imensidão de águas obscuras, um caos gigantesco, o Espírito pairava sobre as águas. Aqui também havia um caos, a água tumultuada do medo, poucas velas para iluminar o ambiente, muito silêncio e tristeza. Portas e janelas estavam trancadas por causa do medo. Nada mais caótico, mais negativo do que o medo. Ele nos paralisa, nos deixa sem sentido, sem perceber a realidade. Uma pessoa submetida a um grande medo não sabe sequer dizer o que viu, o que sentiu. O medo obscurece a vista, diminui os sentidos, tem uma força terrível. É caótico! Esse é o medo que existia naquela sala que estava trancada. Jesus não entra, mas já está lá!

Esta é a grande experiência: o Senhor sempre estará presente, mesmo que estejamos numa situação caótica. Mesmo quando a noite mais escura cair sobre nós, Ele não entrará, porque já estará lá, ainda que não percebamos. Os apóstolos só perceberão quando algum sinal surgir. Nós somos muito interessantes! Somos espirituais, temos ideias, pensamos, somos capazes de escrever um texto, redigir, passar num vestibular, fazer um curso superior. Tudo isso vem da nossa inteligência. Mas também somos fortemente presos aos sentidos e, para percebermos o Senhor, apenas a nossa inteligência não é suficiente para captarmos os sinais de que fala João.

Hoje, ele nos fala de dois sinais: para os olhos e ouvidos, não físicos. Os ouvidos físicos não captam a voz do ressuscitado, nem os olhos físicos veem o crucificado. Portanto, precisaremos de olhos e ouvidos profundos de quem crê. O ouvido ouve a saudação: “A paz esteja convosco!”. Quem quiser saber onde está o Senhor, procure pela paz, busque-a aonde ela estiver sendo construída. Numa família em que um estiver puxando o cabelo do outro, o Senhor estará bem escondidinho. Somente quando a paz começar a entrar naquela família, Ele se mostrará no centro. Num país em guerra, Ele estará sofrendo, desejando e aspirando que a paz se implante. O que Ele quer é paz entre os homens, nas famílias, no nosso interior. Quando encontrarmos caras tristes, acabrunhadas,

sofridas, marcadas, o Senhor estará presente, mas faltará o sinal para percebê-lo, e esse sinal é a paz. Quando ela começa a acontecer dentro de nós, podemos saborear a presença do Senhor. Quando Ele acontece dentro de nós, todas as tempestades se amainam, as águas não mais estarão revoltas.

Os olhos são mais interessantes ainda. O Jesus glorioso não tem chagas, não pode ter o lado aberto. As chagas foram feitas com pregos e doem, portanto, não são bonitas, mas sangrentas e dolorosas. Não são nenhum sinal de ressurreição. Então, como pode Tomé querer tocar as chagas, tocar o seu lado? O que João pretende dizer com essas chagas, que Jesus não tinha, é que o Cristo glorioso é o mesmo que dias antes fora crucificado, é o mesmo Jesus do Lago de Genesaré! Por isso, o evangelista vai dizer que deveriam ir à Galileia para encontrá-lo. É o mesmo Jesus histórico, o mesmo Jesus da carne, o mesmo amigo de Marta e Maria. Mas, como o sinal mais forte de identidade, como o seu RG (\*) foram as chagas, João as escolheu para identificá-lo.

Tomé não estava presente na comunidade e não percebeu nada. Aos poucos, ele vai-se achegando ao grupo, começa a sentir uma paz que não tinha, um amor capaz de incendiar uma comunidade. Ele precisava ver o Jesus real, não um espectro, uma invenção, um produto de fantasia. O que ele queria era o Cristo histórico, que conhecera na Palestina, com quem cruzara o olhar. Será esse Jesus que Tomé novamente experimentará, tendo a certeza de que era Ele mesmo. Não precisamos tocar nenhuma chaga, mas apenas ter a fé e saber que o mesmo Jesus histórico está presente entre nós que cremos. A fé é sustentada pela comunidade. Estamos hoje aqui reunidos, porque há dois mil anos nos dizemos que Ele está vivo. Onde não se diz, não se crê. Paz e ressurreição só existem onde uma comunidade vive da mesma fé. Como aos apóstolos, a certeza deve vir de dentro de nós. João diz que as portas e janelas estavam fechadas, para significar que Jesus não entrou com seu corpo físico. Nenhum corpo físico pode atravessar paredes

É fantástico saber que aquele Homem, que caminhava pela Palestina, resolve estar aqui nesta igreja, e não é outro. É aquele mesmo que chorou, que amou as pessoas. Quando precisarmos de uma presença maior, quando sentirmos o vazio das ausências, saibamos que o ressuscitado não é alguma coisa vaga, abstrata, mas alguém bem concreto, bem histórico, só que glorioso e, portanto, escapa de nossos olhos e ouvidos. Amém. (29.03.08/2º. domingo da páscoa)

(\*) referência a Registro Geral, o nosso documento de identidade



## ***SENHOR, FICA COMIGO! (Lc 24, 13-35)***

Espero que, pouco a pouco, vocês possam ir penetrando a beleza da escritura. É uma narrativa, uma história criada por Lucas, para nos levar a descobrir alguma coisa através de cada pormenor. Quem entende de história, sobretudo para crianças, sabe que ela deve ter um início, vários personagens, diálogos, até chegar a um resultado.

O primeiro marco que Lucas coloca é a escolha do dia: o primeiro dia, porque esse era um grande dia, como o dia das mães, que não é um domingo qualquer. É bom salientar que Lucas coloca todas as aparições de Jesus num domingo, o dia da ressurreição. Certamente, hoje vocês tiveram um almoço especial, os olhos das crianças se iluminaram. Lucas também sabia disso e quis marcar a história com um grande dia, dia de festa, dia da ressurreição do Senhor.

Os apóstolos estavam trancados, com medo e muita tristeza; as mulheres vão ao túmulo e lá encontram a luz dos anjos e se alegram, enquanto esses dois apóstolos saem cabisbaixos, afastando-se de Jerusalém, da comunidade, como certos católicos que deixam a Igreja. A tristeza faz com que eles se afastem, mas Jesus segue-os, mesmo que não saibam que é Ele que está ao lado. Ele conhece nossas infidelidades, nossas escapadelas, e nunca se afasta. Muitos caminharão com Ele por onze quilômetros, que podem ser um, três, quinze anos, sem o reconhecerem. Quantos de nós passam anos e anos longe, sem nunca pensar ou falar dele, enquanto Ele continua sempre ao lado?

Saibam que hoje algumas de vocês, mães, tiveram muitos motivos para sorrir, enquanto milhares e milhares de outras mães só tiveram motivos para derreterem-se em lágrimas, porque num dia como hoje tiveram que estar diante das grades de um presídio sabendo que ali estava um filho. Outras, recolhidas em seus quartos, lembram-se de filhos distantes, metidos na droga, no crime. Mães como essas só podem chorar. O dia desta festa é dia de alegria, mas também de muita dor. Hoje, o meu pensamento volta-se muito mais para essas mães doloridas, pois elas são muito mais numerosas do que aquelas que o comércio enche de presentes. São mães da solidão, da noite, distantes de Jerusalém. Mas Lucas as consola, dizendo que Jesus sempre irá atrás delas. Pelo caminho, Ele fala, provoca, pergunta. De vez em quando, como diz Lucas, o coração se aquece, mas depois vêm as águas frias da desolação, do anonimato da grande cidade, das perdas, e o calor se esfria. Num dado momento, se aproximam de uma casa e Deus finge que se afasta, pois, na verdade, Ele nunca vai embora. O primeiro encontro com o Senhor sempre é anônimo, não o reconhecemos logo. Quantas vezes encontramos um irmão necessitando de nossas mãos, e nele não reconhecemos o Senhor? Mas Deus quer ouvir de nós esta frase que os discípulos disseram a Jesus: “Senhor, já se faz tarde. Fica conosco!”. Digam para Deus quando viverem momentos difíceis, quando sentirem uma grande tristeza, quando vocês, mães,

chorarem lágrimas pelos filhos perdidos: “Senhor, fica comigo, porque faz noite no meu coração!”. Diante desse pedido, o Senhor entra e toma o pão. Qualquer cristão que tivesse lido Lucas, nesse momento se lembraria da eucaristia. Daqui a pouco, quando eu partir o pão, estarei apenas substituindo-o, pois é Ele que partirá o pão com vocês, para logo desaparecer. Ele desaparecerá, porque os sentidos não precisarão mais dele, pois terá entrado profundamente em cada coração, fazendo-nos alegres e felizes de volta a Jerusalém.

Mães, recordem-se desse evangelho, pois sempre haverá um dia em que precisarão dele! Se querem um conselho de alguém de cabelos brancos, que já ouviu muitas histórias, convidem o Senhor para a ceia, porque é no partir do pão que encontraremos o amor. O amor começa pelo olhar e acaba pelo olhar. Se os filhos escapam de seus olhares, também o amor escapará. O lugar mais bonito para nos olharmos é o da refeição, e a cultura moderna está destruindo isso. Cada um come em horas e lugares diferentes, ao invés de, juntos, se sentarem à mesa. A refeição é o grande momento da partilha, quando a família é mais família e onde as relações poderão ser reconstruídas e resgatadas. Amém. (08.05.2011/3º. domingo da Páscoa)

## ***A VOZ DO BOM PASTOR NOS ABRE A PORTA PARA O MISTÉRIO (Jo 10, 1-10)***

O evangelho é pequeno, mas nos traz três metáforas, três imagens lindas que nos arrancam do cotidiano, do *arroz com feijão* e nos projetam para um mundo de significados amplos e bonitos. A metáfora pertence ao mundo do símbolo, reflete uma realidade mais profunda e toca-nos, exatamente, pelo lado da sensibilidade, mais que da pura razão. Nesse trecho, há a metáfora do bom pastor, a da voz e outra da porta.

A primeira já é muito conhecida e dela ressaltarei apenas um aspecto. Jesus inverte o sentido de pastor, como fez em outras oportunidades. O pastor se veste de suas ovelhas. Ele as tosquia e, com a lã, faz a roupa com que se vestirá. Portanto, não veste as ovelhas, mas se veste com elas. Quando recebemos amigos, fazemos um grande churrasco e servimos carne aos convidados. Matamos a ovelha e nos alimentamos dela. Jesus inverte: Ele dará alimento às ovelhas, morrendo por elas. Irá nos vestir pela graça do batismo, nos alimentar pela eucaristia. Dará a sua vida na cruz por nós, atravessará a difícil porta da morte para a eternidade e nos levará consigo. Já não é mais a ovelha que o alimenta, mas é Ele quem alimenta suas ovelhas.

Sempre nos referimos a esse evangelho como o do bom pastor, mas acho que ele é um pouco mais sofisticado, pois aponta para uma comunhão de vozes: eu ouço, elas me ouvem, eu conheço-lhes a voz. Que coisa será conhecer a voz de uma pessoa? Quando falamos com alguém ao telefone, imediatamente, conhecemos a voz pelo timbre, pela tonalidade, até mesmo pelo que ela diz. A voz é uma revelação da interioridade de quem fala. Não sabemos o que se passa dentro de uma pessoa. Só no momento em que abrimos a boca e começamos a falar é que o nosso interior se faz realidade para o outro. Jesus joga com duas interioridades: a dele e a do fiel. Não conseguiremos ouvir a voz de ninguém se nos distrairmos com o que está a nossa volta, com a nossa própria fantasia. O nosso grande mal é ouvir a nossa própria voz, monótona, repetitiva, egocêntrica, ególatra. Não somos capazes de ouvir uma voz diferente, que nos questiona, nos obriga a caminhar. É dessa voz que fala o Senhor! Essas vozes que povoam o nosso cotidiano, nas televisões, nas novelas, são vozes vazias, tolas, tontas, bobas.

A voz do Senhor toca o mais profundo do nosso mistério. É essa sintonia que Jesus nos pede. Não é tanto a figura do pastor com um bastão nos conduzindo, como se fôssemos crianças, mas algo bem mais profundo. É a interioridade que ouve, capta e percebe. Como será a nossa voz para Ele? Será que falamos para o Senhor? Freud já percebera que, quando exteriorizamos os nossos problemas, damos um grande passo para solucioná-los. Muitas vezes ficamos agarrados a palavras mudas, não faladas, que nos amargam, machucam e azedam. De repente,

quando nos abrimos e soltamos essas palavras, parece que o nosso coração fica livre. É na conversa que nos libertamos. Será que hoje temos tempo para ouvir uma palavra diferente, para falar da nossa voz? Se não há troca de vozes, não há troca de interioridade, de mistério. Ainda que o rosto valha muito, precisamos de algo mais, que verbalize o conteúdo.

Agostinho, esse grande gênio africano, talvez uma das maiores inteligências da humanidade, que quando jovem teve uma vida totalmente atribulada, faz um jogo bem simpático. Toma uma frase do Antigo Testamento e diz que João Batista é a voz que clama no deserto, enquanto Jesus é a palavra: no princípio estava a palavra, a palavra estava em Deus, que se fez carne e hoje é Jesus. Jesus é a palavra, e João Batista é a voz. Ele continua perguntando sobre a relação entre palavra e voz. Quando é que somos palavra e quando é que somos voz? É bom que pensemos nisso. A nossa língua é riquíssima para que possamos explorá-la. Voz é o som que ouvimos. São vibrações sonoras que nos tocam. Palavra é o conteúdo, a ideia, a experiência, a riqueza. Há muitas palavras que nunca se transformaram em voz. Quantas palavras ficaram apenas em nossos corações? Quantas experiências nunca exprimimos? Quantas ideias concebemos, sem nunca as pronunciar? Tudo isso nunca foi voz e morrerá conosco, fazendo parte de nossa eternidade. Quantas vozes são vazias, sem conteúdo nenhum?! Essa barulheira enorme da midiática, esses carros que passam fazendo barulho pelas ruas, com seus alto-falantes altíssimos, as nossas televisões que nos enchem de vozes, sem que encontremos uma ideia sequer. Todo esse conjunto de sons precisa de uma palavra que lhes dê sentido. Muitas vezes, a voz é rica, mas a palavra é vazia. O ideal é quando a voz exprime a palavra.

É disso que Jesus nos fala no evangelho. Quando Ele ouve a voz da ovelha, significa que seguirá buscando a verdade. Agora eu pergunto, a mim e a vocês: em nossas casas, será que ouvimos a palavra dos filhos, da esposa, dos irmãos, ou apenas ficamos nas vozes? Será que temos tempo para ouvir as experiências, o que as palavras nos traduzem? Jesus diz que o pastor conhece a voz da ovelha. Se o pai ou a mãe são pastores, certamente, conhecerão a voz do filho. Pais e filhos se estranham cada vez mais. Ontem mesmo, no nosso curso de teologia, falávamos da dificuldade de entendermos as palavras dos adolescentes, das crianças. Será que são apenas vozes, que não conseguimos captar as suas palavras, isto é, a experiência, a vivência, a dor, a alegria? Às vezes, pensamos que criança não sofre, mas sofre muito, assim como os adolescentes que, em grande número, chegam até ao suicídio. Será que achamos que eles se matam por brincadeira? Não, mas por excesso de dor, excesso de palavras não ditas, palavras que não encontraram voz, que não encontraram ouvidos para guardá-las, captá-las, trabalhá-las. Jesus diz que o bom pastor ouve, mas também é ouvido por suas ovelhas. É lindo quando encontramos um professor, um mestre, cuja voz se traduz em palavras que tocam o nosso coração! Não uma voz de propaganda,

uma voz *faustônica*, o dia todo falando, numa rapidez gigantesca para preencher menos tempo com mais voz e nenhuma palavra. Enchemo-nos de vozes, sem conseguir ouvir uma palavra sequer. Jesus nos diz que o pastor fala e ouve!

Ele insiste muito que é a porta. Saibam que as experiências fundamentais da vida são as mais profundas, embora muitas vezes não as percebamos. A porta liga dois ambientes diferentes. Entre nós aqui não há portas, porque fazemos um único espaço de vida, de compreensão, de experiência. Lá na praça é outro mundo, então precisa de porta, pois são dois espaços diferentes. A porta tem dupla finalidade. Se abrirmos quando deveríamos fechar, erramos; assim como se fecharmos quando deveríamos abrir. O grande acerto é abrir quando é preciso abrir e fechar quando é preciso fechar. Abrimos a porta de nosso coração para uma enxurrada de informações que não nos satisfazem, não nos fazem crescer, não nos estruturam, não nos constituem. Se as fechássemos, muitas vezes teríamos um coração melhor, mais puro, mais bonito. Mas também há coisas boas lá fora. Há noites estreladas, lindas cenas de verdadeiro amor, de beleza, de infância, que precisam ser vistas. É hora de abrirmos as portas para o mistério, a beleza, o amor, a verdade, a grandeza, tudo aquilo que pode preencher o nosso coração.

Vem agora a lição de Jesus. Ele é a porta que só se abre para o bem, a verdade, a beleza, o amor. Por isso, é bom ser porta, para deixar a feiura, o ódio, a superficialidade bem do lado de fora. Se fôssemos verdadeiramente portas, muitas vezes nos fecharíamos, para que não entrasse tanta enxurrada suja nos corações inocentes de nossas crianças. Li um artigo de uma psicanalista que dizia que certos programas de televisão estão destruindo a sexualidade pura de uma criança de quatro, cinco anos. Os pais, bobamente, abrem as portas para que tudo isso entre, estrague e corrompa o coração de seus filhos. E quando bate o amor, a verdade, a beleza, a porta fica fechada. Jesus termina dizendo que quer ser porta para que tenhamos vida, e vida em abundância. Amém. (12.04.08/4º. domingo da Páscoa)

## ***JESUS NOS ABRE O CAMINHO DA ETERNIDADE (Jo 14, 1-12)***

Só poderemos entender esse evangelho se nos colocarmos na situação em que João se coloca. Ele é muito mais profundo e, talvez, difícil de entender, porque expõe muitas coisas. Em primeiro lugar, a cena acontece na última ceia e não na época pascal, como estamos vivendo agora. Jesus está ceando com os apóstolos e, provavelmente, algumas mulheres e crianças. Aí João coloca essa cena, mas referindo-se a uma experiência que fará muito tempo depois, como se Jesus estivesse se despedindo e deixando uma grande lição para os seus.

A nossa grande dificuldade para entender a Bíblia é termos uma concepção de história muito diferente da dos homens daquela época. História, para nós, é contar o que as pessoas fizeram: o Duque de Caxias fez a guerra do Paraguai, onde haverá uma eleição amanhã, tendo um ex-arcebispo como candidato à Presidência da República (\*). Os antigos, não. Vamos imaginar que uma pessoa tem quinze anos e, como escrevo muito tempo depois, já sei que ela foi presidente da república. Sendo assim, coloco na sua boca aquilo que ela falará quando se tornar presidente. Por isso, essa passagem é difícil de entendermos. É o momento em que os apóstolos percebem que Jesus lhes seria arrancado. É a experiência do exílio, do dilaceramento, da perda. É como essa mãe que perde sua filha, jogada pela janela (\*\*). É a experiência amarga de se perder alguém amado, querido. Eles sentem que Jesus lhes escapa da mão. Evidentemente, estão com muito medo. O que poderá lhes acontecer se o líder, o chefe, aquele a quem serviam, por quem deixaram as redes, as barcas, as famílias, for embora? Como ficarão?

Também nós viveremos situações semelhantes, de grandes perdas, de dores e noites escuras. João toma essa experiência, reflete sobre ela por anos e anos. Já com noventa anos, escreve o que lemos agora: não precisamos ter medo, não precisamos nos perturbar! João já havia experimentado Jesus ressuscitado, fora apóstolo, pregara, mas a verdade continuava a mesma: Ele e o Pai são um só! Ele foi para o Pai nos preparar o caminho, e para onde iria haveria morada para todos nós, mesmo que não soubéssemos o caminho. O caminho é Ele! Tudo o que disse, tudo o que fez, tudo o que é aponta-nos o caminho da felicidade. Não precisamos ter pavor da morte, de cairmos no nada. Ele já morreu, mas fez toda a caminhada que também faremos depois dele. Ele está junto de nós! Tudo aquilo que disse, foi dito antes por Deus Pai. Quando Deus o levou de volta para o céu, levou junto a nossa humanidade, que já está lá, plenificada, glorificada, deificada. Não vamos para o nada, para a noite escura, para a destruição. Caminhamos para a glória, para a ressurreição. Não há motivos para o medo, se temos tanta fé!

João continua nos perguntando se acreditamos em Deus Pai, em Jesus. Se realmente acreditamos, por que temos medo? Por que temos medo de assaltos, de perder as coisas, de nosso carro ser roubado? Será que não cremos, não

esperamos, não confiamos que Jesus vai à nossa frente? Não acreditamos que Ele é o caminho, a verdade e a vida? Não falamos que Ele trilhou o caminho da dor até o fim para encontrar a vida? Se trilharmos o mesmo caminho, também a encontraremos. Se seguirmos a mesma trajetória, também encontraremos a verdade.

Portanto, esse é um evangelho de consolo, e João quer mostrar exatamente isto: que aquela experiência que Jesus fez conosco é a forma como o Pai, Javé, quis se revelar. Ele próprio, de certa maneira, foi arrancado de si mesmo na morte do Filho. Mas, de repente, o Pai que perde, encontra o Filho na plenitude da vida. Os pais e mães, quando perdem um filho, ou os filhos quando perdem os pais, quando perdemos uma irmã, um esposo, todos nós precisamos ouvir esse evangelho, porque ficamos rasgados, quebrados, sem saber como viver, tudo perde o sentido. Vemos agora essa família que está sendo julgada. Esse homem e essa mulher (\*\*), por mais perversos que sejam, podem ter a certeza da misericórdia infinita do Senhor, que sempre terá uma palavra para dizer-lhes, ao contrário dessa televisão horrorosa que temos, que só nos insufla o ódio, o desejo de vingança. O crime não deixa de ser hediondo e não pode ser diminuído, mas, olhando para os dois, cabe ao cristão sentir um dó infinito deles que, dominados por uma paixão doentia, matam uma criança, destroem a própria felicidade, a própria vida.

Mas nem tudo está perdido, existe perdão, existe ressurreição! Na casa do Pai há infinitas moradas. Não há apenas a multidão revoltada gritando na sua porta por vingança. Mesmo sabendo que fizeram uma coisa errada, cuja gravidade não pode ser diminuída, Deus continua sendo perdão, misericórdia. O seu próprio Filho, quando estava sendo zombado, açoitado, só teve palavras de misericórdia para os seus algozes: “Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem!”. Nada está perdido para nenhum de nós, mesmo que a sociedade queira matar, assassinar. Jesus hoje diz exatamente o contrário: Deus acolhe a pior pessoa que existe, desde que se volte para Ele, se arrependa e queira construir uma nova vida. É Ele o caminho, a verdade e a vida, a imagem mais fiel de Deus Pai. Amém. (19.04.08/5º.domingo da páscoa)

(\*) referência à eleição de Fernando Lugo à presidência do Paraguai.

(\*\*) referência ao assassinato, em São Paulo, da menina Isabella Nardoni.

## A CIRCULARIDADE DO AMOR (Jo 14, 15-21)

Aproximamo-nos de pentecostes, terminando o tempo pascal, e o evangelho vai nos preparando para a chegada do Espírito Santo. João é o teólogo por excelência, é aquele homem que, muito jovemzinho, teve a oportunidade de conhecer o Jesus da carne. Muitos anos depois, já bem velhinho, resolveu expor sua reflexão, sua meditação, sua experiência de Jesus, gravada, trabalhada, alimentada. Cada passagem de João, nesses últimos domingos, faz uma pequena alusão ao Espírito, e a de hoje é mais que pequena. É uma alusão clara e explícita ao Espírito Santo, que recebe um título, traduzido em português como defensor, mas que em grego é *pará + kletos* – aquele que chama para junto. *Kaleo* é chamar, e *pará* é junto. Em latim, também encontraremos o mesmo sentido: *ad + vocatus* – o que chama e está ao nosso lado. É o Espírito da verdade!

Especialmente hoje, João quer nos deixar três lições. Começa dizendo que só ama o Senhor quem guarda os seus mandamentos. Parece coisa um tanto jurídica, talvez até prática demais: amor e mandamento, duas coisas que não batem. Não se pode mandar ninguém amar. Amor é o sentimento mais livre e espontâneo que existe. Mas se formos à etimologia – e é sempre importante ir a ela, pois revelamos a experiência fundante em que nasce a palavra –, encontraremos a origem da palavra mandamento no latim: *mandatum = manu + dare*. Mandamento é dar com as mãos. É como se Jesus dissesse que se nos daria com as mãos, para que também nós o fizéssemos. A mão nos parece um órgão que sempre sai de nós e se estica até o outro. Só saímos de nós com as mãos, cumprimentando, saudando, abraçando. Jesus diz que aquele que receber e cumprir o que suas mãos dão, esse o ama. Quando vocês, esposos, se casaram, deram-se as mãos, trocaram alianças. É um *mandatum*, um mandamento de amor. Pensamos em coisas espetaculares, e é tão simples. Quantas vezes o pai abençoa o filho, colocando-lhe a mão na cabeça? Também é mandamento o que nasce de um gesto espontâneo de quem sai de si e se entrega para o outro. Se conseguirmos sair de nós, passando aos outros tudo o que Jesus nos deu, mostraremos o verdadeiro amor que Ele nos entregou. Hoje à noite, sugiro que vocês olhem para as suas mãos e reflitam: como estão usando-as, que bem estarão praticando com elas?

Tantas pessoas pensam que amar a Deus é se esconder, é ficar piedozinho, mas Jesus diz que não, que só o amamos quando esticamos os nossos braços para os outros. Vejam que coisa original! Nunca poderíamos imaginar que o amor a Deus fosse para fora. Quando pensamos em Deus, sempre olhamos para o céu e assim ensinamos às nossas crianças. Podemos sim, olhar para o céu, mas sem esquecer que Deus está aqui, entre nós e nas pessoas.

Jesus diz ainda que não nos deixará órfãos. Fiquei pensando que Ele era jovem. Como então, poderia se considerar pai dos apóstolos, que tinham a mesma idade que ele, ou até um pouco mais? Só a morte de um pai nos deixa



órfãos. É que a nossa ideia de pai é muito curta, muito pobre. Ficamos apenas no pai biológico, que certamente deve ser mais velho. Um pai biológico é capaz de jogar um filho pela janela ou mesmo esquecê-lo. Esse conceito não quer dizer nada, e hoje pode até ser substituído num laboratório. Pai é quem dá a vida, o que é muito diferente. Vida não são cromossomos, não é um genoma, mas a fonte do nosso existir, do nosso amor. De tudo isso o pai é a fonte. Jesus foi pai para os apóstolos, mudou-os, transformou-os. Podiam encontrar nele toda a serenidade, toda a acolhida. Ele não os deixaria órfãos, ainda que eles se fizessem órfãos, se o abandonassem.

Jesus continua dizendo que aquele que o ama será amado pelo Pai. Pensamos que Deus nos ama quando gritamos para Ele, e Jesus diz exatamente o contrário: que quando amamos os outros, nos entregamos, abrimos nossas mãos. Assim amaremos a Jesus, e, ao amá-lo, o Pai nos amará. Mas parece que nossos braços são muito curtos. Mal conseguimos nos movimentar e sempre precisaremos de uma força, que virá com o Espírito Santo, o espírito da verdade, o Paráclito, o Advogado, aquele que estará ao nosso lado, que trabalhará no nosso coração sempre. Jesus é o único que pode usar a palavra **sempre**, enquanto nós somos incapazes.

Muitas vezes nos perguntamos: como o Espírito Santo age, se nunca conseguimos vê-lo, ainda que o representemos em forma de pomba? Mas será que já o experimentamos? Lembro-me de um grande teólogo alemão, chamado Rahner que, quando quis nos falar da experiência de Deus, deu-nos alguns exemplos. Será que algum dia fizemos algum gesto de generosidade, de bondade sem nenhum interesse de volta? Por que ficamos contentes quando ajudamos a uma pessoa que nunca poderá nos agradecer, sequer responder, que permanecerá no mais absoluto silêncio, no total anonimato, sem ninguém achar bonito, nos considerar caridosos? Quantas esposas seguem seus esposos até a morte? Esta é a verdadeira experiência da presença do Espírito: nada, a não ser a presença do amor. É raro experimentarmos isso, mas é nesse momento que esbarramos na fimbria da divindade. É a hora da gratuidade mais perfeita, mais absoluta. Vivemos num mundo de comércio: eu dou para que me deem, eu faço uma visita e espero a retribuição, eu dou um presente e espero receber um que seja do mesmo preço. Estamos acostumados nesse jogo, e vem Deus quebrá-lo, fazendo-se gratuidade pura, sem nenhum pedido de volta. Ele não pede que o amemos, sustenta no ser até alguém que blasfema, que o questiona, que duvida de sua existência. Se nos largasse um instante sequer, não apenas morreríamos, seríamos nada, mas Ele não se cansa. Há treze bilhões de anos, sustenta todo esse cosmo, como vimos hoje na aula de bioética, até a mais longínqua galáxia que nenhum olho humano é capaz de enxergar. Tudo isso Ele sustenta no ser, como se estivesse brincando, num grande divertimento. Parem diante de uma árvore florida! Já repararam nas milhares de pequenas flores? Para que estarão lá? Todos passam depressa, sem sequer reparar em tanta beleza, mas elas continuam

na absoluta gratuidade florida, tocando as nossas retinas, talvez sem nenhum ser humano se dar conta de sua existência. Tantos animais em nossas florestas, árvores centenárias! Em tudo isso Deus mostra quem Ele é!

João termina dizendo que o Espírito entrará em nós e nos fará gratuitos, não nos deixará órfãos. É o amor que circula: o nosso amor a Cristo, de Cristo ao Pai, do Pai a nós. É uma brincadeira, um jogo de amor, como nós aqui na Terra. Também os nossos amores brincam: vão para um lado, para outro. O amor humano circula dos pais para os filhos, dos filhos para os pais, do esposo para a esposa. É como uma esfera que nunca para de girar. Só que esse amor não é de uma criatura. É o amor infinito que se entrega para que o nosso coração cresça e seja capaz de amar mais.

Gostaria que vocês, jovens, guardassem uma última ideia: o amor tem dia para começar, mas não para acabar. Se marcarmos um dia para o amor terminar, isso não é amor. Pode ser paixão, pode ser contrato, nunca amor. O amor verdadeiro só termina na eternidade que, por sua vez, não termina nunca. Amém. (26.04.08/6º. domingo da Páscoa)

# **NA ASCENSÃO, JESUS NOS LEVOU AO CÉU**

## **(At 1, 1-11/Mt 28, 16-20)**

Hoje é a bonita festa da ascensão. É um mistério muito mais profundo do que podemos captar. Somos seres muito imaginativos, por isso existem as poesias, a literatura. Somos seres de fantasia e precisamos de imaginação. Pensar a morte de Jesus ainda é possível, pois sabemos que Ele morreu numa cruz, mas daí para frente só podemos usar imagens. Ouvimos a leitura do livro dos Atos, que usa expressões como subir, alto, céu, em cima. É claro que não existe lá em cima, ou cá em baixo. O céu de Deus é aqui na igreja, está tão próximo, tão dentro de nós, que nem conseguimos vê-lo. A ascensão é um mistério tão grande, que nunca seremos capazes de entender, a não ser através de imagens. A ascensão é, pois, o reverso do anverso da ressurreição. Ressurreição é o anverso, é Cristo que aparece vivo entre nós. A ascensão é o Cristo vivo que nos escapa da experiência dos olhos, para ficar na comunidade, na palavra, no sacramento. Ele continuará – “estará conosco até o final dos tempos”. Esse é o sentido profundo da ascensão do Senhor, mas o que mais nos comove é que João, o evangelista, faz questão de fazer um paradoxo, o que ele gosta muito. Paradoxo é quase uma contradição, como alguma coisa que não funciona bem junto. É como se disséssemos que só pode subir quem já desceu. Para subir, Jesus teve que descer para junto de nós, caso contrário, estaria junto do Pai desde toda a eternidade. Ele desceu, assumiu a nossa humanidade, o nosso cotidiano, até o mais profundo da experiência humana, que é a morte. O Filho eterno desceu até nós, para mergulhar na experiência que todos nós tememos e que tanto nos assusta. Mergulhou na noite da morte e morte violenta. Não morreu de um infarto no miocárdio, não morreu numa UTI, mas assassinado numa cruz. Desceu até o mais baixo, para só então subir.

Vejo que a realidade é mais profunda ainda. Rezamos no Credo que, depois de morto, Jesus desceu à mansão dos mortos. A tradição antiga imaginava o mundo em três placas: a primeira era o firmamento, que dividia o céu e a terra. Na parte superior estaria Deus em seu trono celeste, numa placa firme estariam dependurados os astros e estrelas. Uma outra placa separaria os vivos dos mortos, que estariam nas águas escuras, lugar de silêncio e de morte, que os judeus chamariam de *sheol*. Aí a nossa mitologia entra quase em desvario, imaginando que Jesus encontrara com todos os mortos, sem que nenhum tivesse ainda entrado no céu. Jesus desce àquele lugar escuro, e o primeiro que encontra é Adão, que trouxera o pecado ao mundo, contrapondo-se com Jesus, que trazia a graça, a vida. Descendo ao mais profundo, Jesus pode então subir e carregar toda a humanidade consigo para entrar na glória.

Olhando para a nossa experiência humana, verificamos que estamos longe de todas as pessoas exatamente quando subimos. Quando andamos em carros luxuosos, exercemos cargos importantes, nos achamos superiores, nos afastamos de todos. Estamos próximos, quando sentamos ao lado um do outro, quando ouvimos

as vozes das pessoas, quando conseguimos captar a palavra sofrida daqueles que necessitam de alguém para escutar-lhes. Só aí descemos até o outro e, estando bem próximos, podemos começar a nos levantar. Que o digam os professores: só quando conseguem se aproximar de um adolescente difícil, ouvir suas queixas, seus murmúrios tantas vezes incompreensíveis, podem se fazer próximos para subir com ele. Só conseguimos subir, se carregamos o espectro do outro. Para isso, precisamos descer às prisões, a todas as pessoas que estão jogadas por aí. É difícil descer às pessoas que não querem nada, que nunca experimentaram o amor, nunca vivenciaram qualquer espécie de carinho. Somos nós que precisamos descer até elas para conseguir levantá-las. Só subiremos até Deus, se descermos às tristezas e sofrimentos das pessoas. Essa é a dialética do céu! O céu não está lá em cima, mas bem embaixo, no mais profundo do coração das pessoas que sofrem.

É bom saber que ninguém sobe sozinho. Ninguém vai ao céu sozinho. Céu não é loteria esportiva, em que ganhamos o prêmio sozinhos. Nunca subiremos sozinhos, pois no início precisaremos de braços que nos ergam. Depois precisaremos de companheiros, colegas, amigos, pais, parentes, comunidades que nos ajudem a subir. A nossa sociedade vai mal, porque as pessoas estão sozinhas. É a sociedade do anonimato, da solidão, do fechamento, da exclusão, que não permite que as pessoas subam. Então elas se arrastam. Os jovens procuram a droga, porque não há quem os levante. Sozinho ninguém se levanta, ninguém fica bom, ninguém se torna um valor. O ser humano é fundamentalmente relação. O eu sozinho é ególatra. O **eu** necessita de muitos **tus** para que possa expandir-se. Quando mais relação eu for, mais serei. Esse é o grande paradoxo do ser humano. As pessoas que se isolam estão muito próximas do animal. O ser humano é um ser relacional, é uma rede de comunicação. Nunca subiremos ao Pai se não formos ajudados uns pelos outros e, sobretudo, pelo Senhor Jesus.

Jesus subiu ao céu e, junto com Ele, subiu também sua mãe. Ele subiu com o seu corpo que se fez história, o mesmo que recebeu de Maria e que carregava sua humanidade. No sangue que corre em nossas veias está toda uma história de treze bilhões de anos, porque as substâncias forjadas nos três primeiros instantes do *big-bang* são as mesmas que estão hoje no nosso corpo. Carregamos todo o processo evolutivo, toda a humanidade e, mais do que nós, Jesus carregava toda a humanidade e, ao subir, subimos todos com Ele.

Deixo com vocês uma última ideia: o Cristo ressuscitado, assim como os nossos mortos, não está distante. Só não os vemos, porque estão bem próximos de nós e, para ver, precisamos tomar distância. Madalena não viu Jesus, nem os apóstolos o viram, porque Ele estava próximo, bem dentro de cada um deles. Deus nos invade com seu amor imenso, e por isso não o vemos. Mas o mais terrível para o ser humano é que Deus nos deu liberdade, pela qual somos capazes de transformar em inferno o céu que existe dentro de nós. Hoje é a festa da ascensão, a festa do céu que nos penetra e que nós devemos ser para o outro. Amém. (03.05.08/Festa da Ascensão)

# ***O ESPÍRITO NOS ABRE PARA O MUNDO***

## ***(At 2, 1-11/Jo 20, 19-23)***

Pentecostes, junto com Páscoa, é a maior festa cristã e católica. São duas grandes colunas que sustentam a nossa fé, e, neste ano, une-se à festa das mães e ao término da novena a Nossa Senhora de Lourdes, padroeira de nossa paróquia. Já temos aí três pontos para reflexão.

Antes de Pentecostes, o Espírito já pairava sobre este mundo. Na primeira leitura, vimos como Ele estava presente em Babel, assim como estava no início do livro do Gênesis, quando havia *tohu bohu* - aquele caos gigantesco. O Espírito, como uma imensa pomba, flutuava, voava sobre toda a energia, ainda sem vida, que de lá brotaria durante milhões e milhões de anos, até chegar a nós. O Espírito já estava presente, mesmo que não soubéssemos o que era. Em Babel, o Espírito confundia o orgulho dos homens, que queriam construir uma torre que chegasse ao céu. Agora surge uma nova experiência do Espírito. Esse é o pentecostes de João, e poderemos perceber bem a beleza da cena. Os apóstolos estavam medrosos, trancafiados, presos, fechados. Portas e janelas também estavam fechadas, para dizer que não havia nenhuma abertura. O medo triunfava! Quando isso acontece, tudo paralisa. Não há evangelização, nenhuma difusão do bem, falta coragem para iniciar qualquer coisa. Estão todos presos, amarrados em si mesmos. Aí aparece o Senhor, na sua glória e beleza e sopra sobre eles – “Recebei o Espírito Santo!”.

Ele continua soprando agora. Ele, o Cristo eucarístico, o Cristo comunitário, o Cristo da palavra! Três presenças numa mesma celebração. Ele está soprando sobre nós o Espírito, para que, como os apóstolos, saíamos do nosso medo. Para isso é necessário abrir portas e janelas para o mundo. Os apóstolos, aqueles homens medrosos, tímidos, ignorantes, alguns até analfabetos, de repente, saem pelo mundo. Um deles vai morrer lá em Roma, na capital do império. Que imensa força tem o Espírito! Será que Ele terá a mesma força aqui, em Vespasiano? Será que seremos capazes, ao sair dessa igreja, com as portas e janelas abertas, anunciar o Senhor, com coragem, com destemor, sem timidez, sem vergonha? Se o fizermos, experimentaremos pentecostes!

Maria estava lá! Foi ela quem sustentou a fé dos apóstolos naquela crise. Foi ela que percebeu, primeiro que o seu Filho, que morrera na cruz, não estava morto, mas vivo. Ela experimentou Jesus em profundidade, um mistério enorme para nós, que só uma mãe é capaz de entender. Ela capta que Jesus está vivo e permanece como uma coluna, segurando aqueles apóstolos medrosos. Maria não teve medo, porque foi ela, juntamente com outras poucas pessoas, que esteve junto ao Cristo na hora do fracasso, da morte e da tristeza, para mostrar a força daquela mulher – um corpo frágil, mas de uma força enorme. Para ela já era pentecostes, que ela vivia desde a anunciação.

Hoje, mais do que em nenhuma outra época, mãe já não é apenas um dado biológico. Muitas mulheres pensam que ser mãe é conceber, engendrar, dar à luz um filho. É, mas é pouco, tão pouco que continuamente sabemos de crimes horrorosos, envolvendo mães, madrastas, que matam, desprezam crianças. Que mães são essas? A mãe biológica não significa nada, e hoje a ciência até consegue fazer uma criança fora do seio materno. Ser mãe perdeu a importância, para o verdadeiro sentido de mãe ganhar ainda mais importância. Mãe é aquela mulher, com ou sem filho – e eu diria até também o homem –, que é capaz de cuidar, que tem um olhar diferente para a realidade, para qualquer espécie de vida, desde uma sementinha que nasce. A mãe olha para ela, cuida, rega, e a vida vai crescendo. Por isso, em relação à criança, a maternidade é uma espécie de matriz e exemplo. Para que todos nós, voltados para o olhar da mãe que faz o filho crescer, olhemos para toda a vida que existe neste cosmo. Só assim pentecostes, Maria e qualquer dia das mães terão sentido para nós. Amém. (11.05.08/Festa de Pentecostes)

# ***O VERDADEIRO AMOR SURGE NA DIFERENÇA***

## ***(Jo 3, 16-18)***

O ano litúrgico é como uma escalada de uma montanha: quanto mais subimos, mais convergimos para um ponto mais alto. Podemos perceber uma montanha gigantesca que aponta sempre para um cume branco coberto de neve surgindo para a nossa contemplação. Esse é um pouco o mistério da história da salvação. Na base está a encarnação do Verbo, o silêncio, a Virgem Maria. Daqui a pouco, subimos mais um pouquinho, e encontramos o Menino que nasce, cresce e se faz homem. Como homem, Ele prega o evangelho, e já estamos na metade da montanha. Chega o momento da cruz, cruz que será vista pelo mundo inteiro, mas nada termina nela. Continuamos e chegamos ao ponto mais alto, naquela luz fulgurante que bate sobre a neve e tudo começa a brilhar. É a ressurreição, que também não é o final. Subimos mais ainda e deparamos com o tufão de luz e fogo que desce sobre a humanidade: é pentecostes! Mas ainda não chegamos, precisamos subir mais ainda. Subindo aos píncaros da montanha, encontramos o Pai, o Filho e o Espírito Santo – a Trindade Santíssima.

Da encarnação até a Trindade é a nossa trajetória. Aqui nós vivemos, muitas vezes no *escondimento*, em momentos obscuros. Pouco a pouco, vamos crescendo, vivemos momentos de cruz, de dor, de sofrimento, mas nunca a dor, a morte ou o sofrimento são a última palavra. Essa é a nossa grande esperança! Quando o povo pagão vivia metido entre deuses que brigavam entre si, que banquetevam, se perdiam sem saber o que fazer, aparece a luz fulgurante do cristianismo para mostrar que Deus não era aquilo que imaginavam, não era nenhuma fera, nenhum animal, nenhuma carranca. Deus não é nada disso! E hoje São João vem nos dizer que Deus amou o mundo, não o condenou.

Fico pensando nesta palavra: amar – e encontro um mar imenso de reflexões. Eu queria ir um pouquinho mais fundo, pois é uma palavra tão gasta, tão mal usada na mídia, tão novelesca, que quase já não traduz mais o que é realmente o amor. Outra imagem que me aparece é o amor como um foco de luz bem forte, que vai irradiando-se, diminuindo de intensidade até chegar aos seus últimos raiozinhos de luz. Muitos se contentam com essa fimbria de amor e se esquecem do foco principal. Não que essa experiência não seja de amor, mas está muito longe do foco. O que precisamos é nos aproximarmos cada vez mais dele e nos perguntar sobre a raiz última do amor.

Para mim, a primeira imagem do amor é o cuidado. Muitas de vocês são mães, tiveram crianças aos seus cuidados. A mãe se defronta com uma criancinha pequena desarmada, indefesa, inerte, sem nenhuma proteção, que não apenas chora, mas grita: cuidem de mim! O grito acorda a mãe, que começa a abraçar a criança e a cuidar dela. É a primeira grande matriz do amor. Aí começamos a aprender que coisa é amor. Por isso eu os convido a pararem e a olharem

uma mãe acariciando o seu filhinho pequeno, ainda dando de mamar. Aí o amor começa a nos mostrar como ele encontra metáforas. Não podemos agarrá-lo, então precisamos de metáforas humanas para nos aproximarmos do foco central. A primeira experiência do amor é aquela mulher que se esquece de si, para voltar o olhar para alguém tão pequenino. Não é por ser carne de sua carne e sangue de seu sangue, mas por algo muito mais profundo. Também a cachorrinha acaricia o seu filhote, mas por puro instinto. A cadela nunca se esquece de si mesma, pois ela nem sabe que é mãe. Enquanto a mulher sabe que é mãe, se esquece de si e volta o seu olhar totalmente para a criança. Já não é mais a mãe, é um outro ser, diferente dela. Alimentou-se do seu alimento, mas agora já é outra pessoa que ela precisará respeitar em sua diferença. É isso que não sabemos fazer. Quando os jovens começam a namorar, se agarram tanto, que um quer ser o outro, e os dois querem ser um só. E aí se enganam. Quando há fusão, não há amor. Isto qualquer psicanalista sabe: o amor fusional é a negação do amor. Só há amor no reconhecimento da diferença. Quanto maior é a diferença, mais acorda o meu amor. Por isso o amor mais verdadeiro é o mais difícil: amar o inimigo. É o que Jesus fez na cruz: “Pai, perdoai-lhes porque não sabem o que fazem!”.

Amar a criança é a primeira matriz, mas não é a última. O amor cresce. Os diferentes podem nos aborrecer. Quando, no matrimônio, surgem as rixas, é que o amor deve aparecer; quando ele ou ela estão ranzinhas, desgastados, cansados, aborrecidos, enfatiados. Quando aparece a diferença é que surge o amor. Quando a ruptura é grande, quando aparece o inimigo, o adversário, o concorrente, é difícil amar. Uma cena bonita aconteceu em Belo Horizonte com um grande católico, que foi senador da República: Edgar da Matta Machado. O seu filho foi assassinado, em Recife, por um torturador da repressão do regime militar. Diante do caixão lacrado, supostamente do filho, ele colocou a mão e disse que perdoava o torturador. Esse homem chegou a entender o verdadeiro sentido do amor, porque a diferença e a distância eram maiores. Quanto maior a distância, maior é o amor.

Deus mandou o seu Filho para todos nós, bons e maus, também para aquele casal que jogou a criança pela janela e agora estão curtindo suas misérias interiores, lá sei eu (\*). Tão diferente de nós, que queremos acabar, destruir o inimigo, reduzi-lo a nada. Se pudéssemos, acabaríamos com todos os assaltantes, pelo menos os colocaríamos nos presídios. Deus não. Essa é a diferença! Anunciar isso ressuscita as pessoas. É a única realidade que pode fazer a pessoa renascer.

O amor atravessa todos os tempos e todos os espaços, porque é infinito e nos arranca do espaço e do tempo. O amor não tem tempo. Já repararam que quando vocês amam, esquecem o tempo? Ele voa. O tempo é para os negócios, para o trabalho, para outras atividades. O amor é o ócio, a tranquilidade, o silêncio, a contemplação, o mistério, o calar, o olhar de um para o outro, o oferecer-se ao outro. Esse é o verdadeiro jogo do amor! E só podemos viver isso a cada dia se observarmos, se passarmos a olhar as pessoas, acordar nelas o que há



de melhor. Mais ainda: quando eu me volto para o outro, eu desperto nele o outro que ele tem dentro de si, porque também ele precisa sair de si e, muitas vezes, está fechado. É nessa hora que podemos quebrar um coração duro, que só pensa em si. Nesse momento, também ele poderá amar. Quantas mulheres, quantas meninas, quantas namoradas acordaram o outro adormecido no seu namorado?! Casais que pensavam que se amavam, mas amavam a si mesmos em cada um, paralelamente. É muito comum namoros paralelos. Por mais juntos que fisicamente estejam, são paralelos, porque o outro não acordou no outro. Dentro de cada um existe ele e o outro, e esse outro precisa ser acordado e aberto para o amor. É isso que não entendemos quando dizemos que amamos, porque quando voltamos para nós mesmos, é puro narcisismo. Muitas vezes não temos amor, buscamos o nosso próprio rosto, não o do outro, que é o diferente, que sorri de outra maneira, que tem outro sotaque, tem orelha maior ou menor. Por isso é que Deus ama o mundo, pois o mundo é o outro de Deus. No momento em que Ele cria o mundo e o ama, o seu amor se expande, porque o mundo não é Ele. Ele amava a si mesmo eternamente, no Filho e no Espírito Santo, e passa a amar algo bem diferente, que somos nós. Ama tanto, que manda o Filho, que ama tanto, que manda o Espírito Santo. Mais amor não existe! Amém. (17.05.08/Festa da Santíssima Trindade)

(\*) referência ao assassinato de Isabella Nardoni, um crime ocorrido em São Paulo, com grande repercussão na imprensa.

## **QUANDO TUDO FALHAR, RESTARÁ DEUS** **(Is 49, 14-15/Mt 6, 24-34)**

Essa é uma das páginas mais belas do evangelho, mas não podemos entendê-la ao pé da letra, pois assim viveríamos como hippies: sem trabalhar, sem tomar banho, sem trocar roupa, passando todo o dia apenas curtindo. Será que Jesus foi apenas um grande hippie? Sobre isso há até um filme em que Jesus aparece meio *hipposo* (\*). Não é por aí que vai a reflexão de Jesus. Temos que considerar e refletir em níveis diferentes. Uma boa reflexão nunca fica apenas em um nível, e começo por lembrar que nesse trecho há diferentes situações que o evangelista *costurou*.

Há um primeiro nível normal, cotidiano, e é claro que precisamos nos preocupar. Imaginem se um pai não vai se preocupar com seu filho? Os filhos mergulham nas *internets*, bebendo toda a *porcariada* ali lançada, enquanto seus pais dormem. É claro que eles devem se preocupar, abrir os olhos grandes, cuidar, zelar noite e dia, se possível. Não é disso que o Senhor fala. É claro que precisamos pensar no que vamos comer amanhã, na inflação, na falta de alimentos, na alta da gasolina. Tudo isso nos preocupa e faz parte de nosso cotidiano. Jesus não quer que nenhum de nós seja um *presentista* irresponsável. Não vai por aí.

O evangelho começa dizendo que não podemos servir a dois senhores, e Deus é a última referência da minha vida, além de minha mãe, de meu pai, de meus irmãos, das pessoas que eu amo. Há uma instância maior que restará quando todas as outras desaparecerem, quando eu me sentir totalmente sozinho. Esta última instância só pode ser Deus. Surge então a pergunta: a que senhor nós servimos? Quando sentirmos que nenhum amor – nem de pai, irmão, mãe, filho, esposo – preenche nosso imenso vazio, o imenso abismo do coração humano, só restará Deus. Nenhuma coisa, nenhuma festa, nenhum dinheiro será essa última referência que ilumina e dá sentido a cada uma das realidades.

Esse evangelho não é para cada dia, mas sim para alguns momentos da vida. Foi na cruz que Jesus o experimentou. Quando sentia câimbras, dores, quando se esvaía em sangue, quando não podia fazer mais nada e só lhe restava confiar – “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito!”. A confiança é o nosso último solo. Todas as outras camadas geológicas são importantes, mas haverá um dia em que todas elas falharão, e, sem Deus, iremos para o abismo do nada. Todos nós, num dia ou noutro, numa hora ou noutra, viveremos uma experiência mais profunda, quando parecerá que o fundamento em que estamos assentados cede; quando o fundamento espiritual, as nossas seguranças, os nossos amores, aquilo que há de mais profundo em nós, parece que ficam abalados; quando a confiança, em quem quer que seja, rui, cai pelo engano, pela traição, pelo engodo, pela mentira. De repente, acordamos sozinhos, *na solidão mais solitária*. Nesse momento, quem irá nos sustentar? Aí é que poderemos nos lembrar de que o Senhor Deus é o

último fundamento. É para essa hora que Ele nos diz que devemos ter a confiança dos pássaros, dos lírios do campo. Aí Ele nos vestirá com a beleza de sua graça, irá nos soprar com o hálito de seu amor, irá voar como a grande águia ensinando seus filhotes, guiando-os aos mais altos alcantilados até atingirem o infinito do céu. Deus é essa águia, é essa mãe da qual falava o profeta.

Ele poderia ter tomado o amor de namorados, de noivos, de esposos, mas não. Deus escolheu o amor de mãe, não porque ela gera e engendra o seu filho – isso faz qualquer animal. Mãe é, fundamentalmente, cuidado, e não me refiro necessariamente à mãe biológica. A verdadeira mãe nunca rejeita o seu filho, e o que torna alguém mãe é o cuidado, a ternura, o afeto, a relação pessoal, de conhecimento. Não é uma relação profissional, mas que tem nome, sobrenome, genoma, que está carregada de história e de amor. Se nós, seres humano, somos capazes disso, Deus é muito mais. De vez em quando, ainda encontramos católicos que acham que Deus castiga e que nos espera com o inferno. Quando é que vamos conseguir tirar essa visão horrorosa de nossas cabeças? Se uma mãe pode esquecer-se de seu filho, Ele não esquece, nunca jogará uma criança pela janela (\*\*).

Existe uma ética, que para mim é fundamental, que é a do cuidado. Está sendo elaborada na Europa e também no Brasil. O cuidado começa em captar o outro na sua alteridade, na sua diferença. Saber quem precisa de um olhar, de um aconchego, de um abraço. As pessoas que não foram cuidadas irão amargar pelo resto de suas vidas, serão azedas. Não são más não, são *espinhentas*, porque não foram cuidadas, por isso os espinhos crescem. Quanto menos forem cuidadas, mais espinhosas serão. Quanto mais zeladas, amadas, cobertas pelos olhares que as cercam, mais serão assim para os outros.

É esta experiência que Jesus quer nos passar hoje: precisamos saber que Deus cuida de nós! Quando tudo e todos falharem, quando o horizonte se agitar, quando parecer que o oxigênio nos falta, saibamos que Deus é oxigênio. Quando acontecer um *black-out* geral e todo o nosso mundo ficar escuro, saibamos que Deus é luz. Quando faltar vestido, saibamos que Deus veste. Quando faltar alimento, saibamos que Deus alimenta. Claro que não é o alimento físico, mas interior: o alimento da alma, da cultura. Sobretudo agora, quando a cultura parece nos oferecer apenas bagaços, sem nenhum sumo gostoso e doce. É nesse momento que esse evangelho faz sentido para nós. Deus é o último fundamento de todas as coisas. Amém. (25.05.08/8º. domingo comum)

---

(\*) referência ao filme “Jesus Cristo Superstar” de Andrew Lloyd Webber, lançado em 1973.

(\*\*) referência ao assassinato da menina Isabela Nardoni, ocorrido em São Paulo.

## ***O SONHO DA EUCARISTIA (Jo 6, 51-58)***

Festa do corpo de Cristo, festa do corpo de Jesus! Hoje, vou comparar a eucaristia a uma cascata que cai em três níveis: ela cai, depois continua reta, cai novamente, segue reta por um determinado trecho e, então, cai uma outra vez. Assim, a eucaristia tem três momentos diferentes, que formam a beleza do sacramento.

O primeiro momento é aquilo que Jesus quis de imediato com a eucaristia: que nos reuníssemos e nos lembrássemos dele, construindo, assim, uma comunidade. É o que fazemos aqui. Nós não estamos isolados num quarto, sozinhos, nos lembrando de Jesus, mas fazemos uma comunidade que celebra a sua memória. Para isso, Ele escolheu dois sinais para nos unir. Nós sempre precisamos deles. Por exemplo, as famílias, aos domingos, se reúnem para um churrasco, para um almoço, que são a desculpa para que filhos, netos e amigos se encontrem. Também Jesus escolheu dois sinais bem simples: o pão ázimo e um pouquinho de vinho, não para que o adoremos, mas para que nos reunamos, como comunidade, em torno de sua lembrança.

O segundo momento é para que, ao nos recordarmos dele, participando do pão e do vinho, que é a sua presença real, o Espírito Santo nos transforme numa comunidade em função dos outros. É para fora. Ele quer que testemunhemos amor, bondade, compreensão, cuidado, em função daquele que precisa de nós. Recebemos o Senhor na eucaristia para sermos para os outros. Não o recebemos para tê-lo conosco, muito bem guardado em nossa vida. Ele vem a nós para que nós cheguemos aos outros, para que acolhamos com bondade, sejamos compreensivos e nos tornemos um só corpo, um só espírito, uma só comunidade. Recebemos a eucaristia para transmiti-la, para sermos para o outro, para partilhar e participar. Se seguíssemos isso, não haveria fome nem pobreza. Todos seriam respeitados e amados. Esse era o sonho de Jesus, o sonho da eucaristia! Se comungarmos e a vida não melhorar, nunca passaremos do primeiro degrau.

O terceiro momento é o que vivemos agora. Uma vez que Ele está em nosso meio, nós podemos adorá-lo, fazer visitas ao Santíssimo, levar a comunhão aos enfermos. Não é o mais importante, mas faz parte da cascata, e não pode ser deixado de lado. O que não podemos é inverter a ordem. Não podemos nos contentar apenas com a adoração de Jesus sem partilhar nada, sem ter comunidade. Precisamos celebrar a eucaristia para nos lembrarmos de Jesus, segui-lo, testemunhá-lo aos outros, até que toda a comunidade seja inundada por milhões de sacrários pelo mundo afora.

Que o Senhor nos ilumine neste dia da eucaristia: lembrar, seguir e adorar a Jesus. Amém. (23.06.2011/Festa de Corpus Christi)

# ***DEUS É A ROCHA QUE SUSTENTA A NOSSA VIDA (Dt 11, 18.26-28.32/Mt 7, 21-27)***

A primeira leitura e o evangelho nos colocam diante de situações que nos parecem óbvias, comuns. Jesus não precisaria nos falar disso.

Na leitura do Antigo Testamento, Moisés pede que usem filactérios, como era e ainda é costume dos judeus, para não esquecerem a palavra de Deus. Mas isso é secundário diante da alternativa. Entre a bênção e a maldição, o que escolheremos? Se formos à etimologia, perceberemos que bênção vem de *bene* + *dicere* – dizer bem; enquanto maldição vem de *male* + *dicere* – dizer mal. Diante do bem, quem escolherá o mal? Por que, então, o Senhor nos coloca tal alternativa? Deixo a pergunta.

Na segunda metáfora, Jesus fala em construir a casa sobre a areia, como aquele edifício no Rio (\*) e tantos outros que caem, por não terem fundamento. Se para construir precisamos ter a rocha, então por que o Senhor nos coloca essa metáfora? Será que somos tão ignorantes que não sabemos disso? Ou será que nos iludimos muito? Acho que vai nessa segunda direção. Nossa língua portuguesa é ótima, pois permite jogos linguísticos muito bem feitos. Deus nos deu cinco sentidos externos – para ver, ouvir, saborear, cheirar, tocar – que captam o imediato. Se todos os problemas pudessem ser resolvidos apenas por eles, tudo seria fácil, pois eles nunca se enganam no que lhes é próprio. Mas nós somos corpo, alma e espírito. Ao sermos corpo, somos mais do que os cinco sentidos, que são apenas uma parte de nós, a nossa presença ao mundo visível. Somos presença ao mundo visível também pela percepção, intuição, afetividade. É contra isto que o Senhor nos alerta: os sentidos nos enganam facilmente, porque existe um sentido que ultrapassa todos os cinco e ainda vai mais longe. Se quisermos encontrar a felicidade, construir uma casa sobre a rocha, não podemos nos fiar apenas nos cinco sentidos. Imaginemos um diabético que se depara com uma mesa cheia de doces. É claro que os olhos vão convidá-lo a comer, e muito. Mas existe a inteligência, o saber, a experiência, que vai alertá-lo para o perigo dos doces. Esse é um exemplo bem óbvio, mas há coisas diferentes, sobretudo no mundo do amor, das relações, das escolhas. Somos muito enganados pelos sentidos, pela aparência, principalmente numa sociedade feita para a exterioridade, que hoje damos o nome de *marketing*. Vivemos na sociedade da sedução!

O Senhor nos alerta para a solidez da rocha, para a importância de olharmos tudo o que nos rodeia com olhos críticos, transparentes, que veem além do presente, do imediato. Temos futuro, esperança, estamos em construção, somos utopia, ultrapassamos o aqui e agora. Nossos olhos não veem, ontem nem amanhã, mas podemos pensar e aprender com o ontem e com o amanhã. Mais que inteligência, somos coração, afetividade, emoções, realidades que os cinco sentidos não dão

conta. É interessante este jogo linguístico: o que os cinco **sentidos** não dão conta, o **sentido** dá. A linguagem brasileira é fantástica: tudo o que é bom torna-se perigoso quando colocado no plural. Reparem na palavra **bem**: acumulem os bens e esquecerão o bem verdadeiro, que é amar, relacionar, ser para o outro, conviver. Assim também os sentidos alcançam o aqui e agora, enquanto o sentido alcança o infinito. Todas as realidades humanas são penúltimas. Não há nenhuma que consiga ser o último fundamento. Todas elas estão apoiadas num último fundamento, que Jesus diz ser a sua palavra. Traduzindo para a linguagem de hoje, eu diria que o último fundamento é fazer uma experiência profunda de nos apoiar no amor infinito de Deus. Todas as outras realidades podem falhar. Não há dia em que eu não veja pessoas alquebradas porque se agarraram ao penúltimo, e, quando esse se parte, ficam sem nada, caem no vazio e se afundam.

Ontem mesmo, encontrei uma mocinha aos prantos, porque o noivo morrera num acidente de automóvel. Todo o seu amor estava dependurado ali, esperando o matrimônio. Era o último fundamento dela, que a morte levou. Ela fica sem nada, porque lhe falta agora o último fundamento. Se tivesse consciência de que há um outro último, não ficaria no vazio. Aconteceu também com um casal que tinha três filhos. Saíram alegres, passeando, quando a porta do carro se abriu, e duas crianças foram lançadas fora e morreram. Restou-lhes um único filho. Olhar para ele parece mais doloroso do que a realidade dos dois que morreram. O que fazer nessa situação, se o último fundamento é esse filho, essa filha? Essas pessoas irão amargar a vida toda, talvez até optando pela morte. Já não querem o *eros*, não querem a vida. Deus é a vida, é o fundamento último!

Lembrem-se dessa metáfora de Jesus, não hoje que estão bem, mas se uma tragédia os abater. Aí sim, será a hora de perguntar: qual é o último fundamento da minha vida? Se Deus não é o fundamento último, o que nos sustentará? Tirem da cabeça a ideia de que Deus castiga, que se vinga, que tem um livro enorme em que anota todos os nossos pecados para nos cobrar depois da morte. Ele só quer nos acolher no seu amor infinito. Amém. (01.06.08/9º. domingo comum)

(\*) alusão ao desmoronamento do edifício Palace II, ocorrido no Rio de Janeiro, em 1998

# ***DEUS ACONTECE NO IMPROVÁVEL***

## ***(Os 6, 3-6/Mt 9, 9-13)***

O chamado de Levi escandalizou muita gente naquela época, porque Jesus escolheu alguém que não estava preparado para ser apóstolo ou discípulo dele. Mas o evangelho de Mateus, em que ele relata sua própria vocação, é um fato passado e, nesse aspecto, já não nos interessa mais. Ele largou o trabalho, seguiu Jesus, foi apóstolo, provavelmente trabalhou pelo evangelho. O que nos interessa hoje é procurar saber o que esse texto tem a nos dizer.

Vamos partir de dados objetivos e simples: Deus, como todos nós, gosta das pessoas boas, nas quais a sua presença e sua graça trabalham. Por essas, Ele tem predileção, a começar de Maria e dos santos. Quem não gosta de uma pessoa delicada, fina, acolhedora, alegre? Há pessoas que irradiam bondade, transpiram confiança e suavidade. Quem não gostará de um jovem bonito, alegre, otimista, que ainda acredita na utopia, que se engaja, se compromete? Todos gostam, e Deus também. Mas nós temos muita dificuldade de amar o difícil. Queremos sempre nos livrar de um companheiro inoportuno, de um aluno que causa problema. Deus não. Ele escolhe situações inviáveis para tirar proveito. Para começar a humanidade, poderia ter escolhido um casalzinho descende, que obedecesse, tivesse filhos legais, estudando em bons colégios. De cara, Adão e Eva não lhe obedecem, têm um filho que mata o irmão. Realmente, começa mal. Mas Ele acredita, e tanta gente boa surge desse casal meio atrapalhado de que nos fala a Bíblia. Claro que hoje a ciência nos mostra um início bem diferente para a humanidade, mas isso não vem ao caso agora. Escolhe também um velho e uma senhora estéril, e deles quer fazer um povo: de Sara e Abraão surge o povo hebreu. Uma outra coisa é que, para o povo de Israel, o primogênito é que tinha todos os direitos. Nasce Esaú e depois Jacó, e Deus dá preferência ao caçula, que não tinha privilégio nenhum naquela sociedade. Mais interessante ainda é a escolha de Davi, o caçulinha que cuidava do rebanho. Quando menos esperamos, do mais inviável, nasce o projeto de Deus. Maria era virgem, e dela nasce Jesus. Isabel era estéril, dela nasce João Batista. Nosso fundador mesmo (\*) era um rapazote que não valia muita coisa. Não tinha nenhuma cultura teológica, vivia folgado e, de repente, é o fundador de uma grande ordem.

O que Deus quer nos dizer é que, diante de pessoas e situações que nos parecem inviáveis, não devemos desanimar, porque daí pode surgir uma salvação. Às vezes, vocês têm um filho difícil, trabalhoso. Não desanimem, porque Deus pode retomar e fazer surgir alguma coisa. Amem e esperem! Mônica rezou e chorou anos por aquele jovem Agostinho, que andava perdido pelo mundo, até que ele se tornou uma das maiores inteligências teológicas da história da humanidade. Deus pode fazer isso! Acreditem que podem ressuscitar uma pessoa, mesmo aquele marido que chega em casa trocando os pés pelas

mãos. Acreditem que um filho pode voltar, uma família pode ser reestruturada, um menino de rua pode ser salvo, as pessoas que estão nos presídios não estão perdidas definitivamente. Precisamos acreditar e apostar na bondade radical que existe em cada ser humano, mesmo coberta e escondida por muita perversidade. Se acreditarmos que podemos ressuscitar a humanidade, melhorar nossa política, devemos esperar e criar uma sociedade diferente.

O que Mateus fazia era odioso, o mesmo que fazem muitas empresas estrangeiras aqui no Brasil: recolhem nosso dinheiro e enviam para as matrizes no exterior. Sugam nossas riquezas e mandam bilhões de reais para o estrangeiro. Isto também fazia o *senhor* Mateus, evidentemente, com o pouco dinheiro daquela época: pegava o dinheirinho dos judeus e passava para os romanos, os adversários. Jesus o chamou, ele o seguiu e se fez seu discípulo. Precisamos ter esperança de que também as transnacionais, que liquidam nosso patrimônio, destroem a Amazônia, caiam em si, levem um tombo ecológico e acordem para a verdade e para o bem. É nisso que temos que apostar, porque Deus é a última raiz do bem que existe em cada pessoa.

Penso que Jesus foi um pouco mais à frente ainda. Diante de um bom filho e de outro um pouco menos bom, acho que temos que cuidar mais desse último. O bom já está em casa, já é um dos nossos. A nossa predileção precisa aumentar para com o mais difícil. Amar aquele filho que dá trabalho, que gasta todo o dinheiro, exige um esforço gigantesco, mas é o que Jesus nos pede. Não devemos apenas tratar bem e amar os bons, mas ter um cuidado especial para com aqueles que estão nos descaminhos da vida: Ele veio para os doentes, para os perdidos, e não para os sadios. Não é que não os ame, mas é que já não precisam tanto. O filho pródigo é o que precisa receber um abraço diferente. Quando ele voltar, façam a grande festa do amor. Amém. (08.06.08/10º. domingo comum)

(\*) referência a Santo Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus



## ***O DEMÔNIO SÓ TEME O AMOR (Mt 9, 36-10, 8)***

Esse evangelho é uma colcha, em que cada retalho é mais bonito que o outro, a vantagem disso é que ele nos leva a refletir, pois foi escrito num contexto totalmente diferente do nosso. A comunidade de Mateus começou achando uma cena bonita: Jesus olha para as pessoas, percebe que estão cansadas e tem compaixão delas. Pede, então, que haja pessoas para ajudá-las a reconstruírem-se, reconstituírem-se por dentro. Essa é a messe! Não é uma coisa grande. O coração de uma criança pequenina, como esta, que todos as semanas me traz uma flor, é uma messe. A messe não é numérica, estatística, mas cada pessoa é uma messe imensa, porque desde que nasce, carrega um universo inteiro, carrega 13,7 bilhões de anos, que nos antecederam. Deus tem uma paciência infinita. Desde que jogou um *big-bang* explosivo, foi esperando que todas as galáxias se formassem, como ainda continuam se formando, até que numa pequena casquinha, chamada Terra, nasce um macaco que chega a nós que estamos aqui.

Deus olha para cada um e tem cuidado. Diante de um Deus que esperou bilhões de anos para nos amar e cuidar, será que não somos capazes de esperar cinco, dez dias, quinze horas para amar alguém? Como somos impacientes no amor! Temos pressa, queremos tratar o amor como negócio. Temos medo da liberdade, de que as pessoas sejam livres, pois, se forem, elas não farão o que queremos, mas o que elas quiserem, e assim escaparão de nossas mãos.

Estive lendo, nessa tarde, a tese de uma psicóloga que está estudando o *eros* – o amor entre pessoas. Percebi três correntes bem distintas e bem longínquas, que convergem no mesmo ensinamento. Os gregos antigos, na sua mitologia mais antiga ainda, já tinham percebido que quando a pessoa gerava a si mesma, como aconteceu com muitos deuses, gerava a escuridão, a morte, a violência. Aparece *eros*, e faz com que as pessoas se encontrem, amem o outro, encontrem-no, respeitem-no, una-se ao outro, e daí nascem a vida, a beleza, nós que aqui estamos. Chega Jesus e diz a mesma coisa: “aquele que se perde, ganha; quem ganha tudo, perde”. Que felicidade poderá sentir quem quer arrebanhar todos os dólares dos grupos econômicos? Jesus vem dizer exatamente o contrário: que só quando nos entregamos, nos damos aos outros, é que nos encontramos. Esta criança me traz flor, uma coisa que é dela. Talvez já tenha percebido que sair de si é o que traz a felicidade. A psicologia moderna diz a mesma coisa, depois dos gregos e de Jesus, e ainda não aprendemos. Ainda achamos que ficaremos felizes se agarrarmos as coisas, *supermercadizando* tudo, *shoppinzando* tudo. É como se, com os nossos olhos, conseguíssemos engolir tudo, ficando cheios dos bens da Terra, mas com os corações vazios, escuros, como os gregos já haviam descoberto, como Jesus já tinha ensinado, como a psicologia ensina hoje.

Jesus continua nos dando mais um motivo: “de graça recebeste, de graça, dai. Nós recebemos a vida de graça. Qual de nós escolheu nascer? Qual de nós

escolheu seu pai ou sua mãe? É a gratuidade absoluta de Deus! Não podemos mudar nada em nossa vida, mas podemos fazê-la crescer e desenvolver, mesmo não sendo donos dela nem para começar, nem para acabar. Mesmo aquele que pensa que, ao matar-se, põe fim à vida, não põe, pois ela escapa de nossas mãos. Esse é o grande mistério da vida, como uma água que flui continuamente e da qual não somos donos. Recebemos de graça e podemos dar de graça.

Um campesino, que nas horas vagas era artesão, escolheu doze homens para começar a sua obra. Doze homens absolutamente inúteis para a sociedade. Não há um documento sequer do império romano que fale deles. Falam de Marco Aurélio, Tibério, Cícero, tantos outros homens e mulheres, mas dos apóstolos, nenhuma palavra. Hoje somos mais de um bilhão de cristãos, e onde estão os filhos de Cícero, os grandes oradores latinos, onde está o grande império romano? Simplesmente desapareceram, enquanto o cristianismo, que começou com aqueles doze homens, continua ao longo da história. Pensando assim, o nosso coração cresce, se enche de esperança. Com qualquer pouquinho que tenhamos na mão podemos construir, fazer crescer. Jesus gostava muito da parábola do semeador (\*), e também eu gosto muito. O semeador jogava semente para tudo quanto é lugar, não apenas numa plantação arrumadinha. Joga pelo caminho, sobre a pedra, sobre a rocha, sem escolher nada. Essa é também a nossa tarefa. A messe é grande e está desafiando continuamente cada um de nós.

Jesus nos deu o mandado de fazer quatro coisas: anunciar o reino, ressuscitar mortos, curar leprosos e expulsar demônios. Para anunciar que o reino de Deus está aí, será que podemos tomar um megafone e gritar pelas praças? Reino de Deus é toda migalhazinha, toda gotazinha, toda luzinha pequena de justiça que criarmos na sociedade. Um voto melhor que daremos nas próximas eleições, um vereador um pouco melhor que escolhermos, com a consciência crítica para *lavar* as nossas Câmaras, qualquer percepção de justiça será o reino de Deus que estará chegando. Todas as vezes que abraçarmos um sofrido, um abatido, um desesperado e lhe transmitirmos um pouco de vida o reino estará acontecendo naquele instante. Se com o nosso olhar ressuscitarmos uma pessoa, com esse mesmo olhar o reino de Deus estará acontecendo. Jesus disse também que ressuscitaríamos mortos. Vamos ressuscitar mortos, não indo aos cemitérios, pois são os mortos daqui que precisamos ressuscitar: os que encontramos no trabalho, no lazer, na família. Eles morreram, mas não sabem disso. Há quantidades de cadáveres andando pelas praças, pois morreu tudo o que havia de bonito neles: o amor, a beleza, o idealismo, a utopia, a paz, a liberdade. Estendam amor sobre eles, passem-lhes alegria, esperança e os verão ressuscitados. Os leprosos físicos, a sulfa cura, mas não é disso que Jesus falava. Leprosos são aqueles que têm a pele apagada, mas a pele do coração, da alma, do espírito, da afetividade. Há pessoas incapazes de amar, de dar um beijo em uma criança. São pessoas duras, eretas, que nenhuma luz consegue iluminar. É isso que significa a cura do leproso. Os demônios que poderemos expulsar não são como esses que os nossos

irmãos evangélicos expulsam por aí. Esses já estão amarrados e não fazem mal a ninguém. Os verdadeiros demônios estão dentro de nós. *Dia + balleim* – é o espírito que nos divide, que nos corta, é o que nos impede de aceitar o outro, o diferente; é o desânimo, o medo, a falta de esperança, a acomodação. Só o *eros* do amor e da bondade pode expulsar esses demônios. Não é o grito de nenhum pastor que expulsa demônios. A única realidade que vence qualquer demônio é o sorriso de uma criança, o carinho de uma mãe, o amor de dois esposos, o amor que nos une mutuamente. O demônio tem pavor do amor. Amém. (15.06.08/11º domingo comum)

(\*) Mt 13, 1-23

## ***O QUE PRECISAMOS TEMER? (Mt 10, 26-33)***

Por três vezes o evangelho insistiu neste imperativo negativo: “não tenhais medo!”. É claro que Jesus fala num contexto cultural muito diferente do nosso. Naquela época, o que hoje chamamos de medo nem mesmo existia. Era normal temer certos animais ferozes, que ainda não viviam confinados como hoje. Talvez num trajeto entre Jerusalém e Jericó, como aparece na parábola do bom samaritano, houvesse assaltos ocasionais. Mas o que hoje nos amedronta eles não conheciam. Portanto, Jesus não fala de nossos medos de hoje: violência, assalto, sequestro, repressão, drogas, exército, grupos armados. Esse tipo de violência não estava no seu horizonte. Será, então, que esse seu recado vale para nós? Vivemos tempos de grandes medos fomentando uma neurose de segurança particular, que já é maior que qualquer segurança pública. As guerras existem em função de duas indústrias: petróleo e armas, realidades que não existiam na época de Jesus. Portanto, o que Ele questiona são os medos perigosos da nossa existência, e coloca três, sendo que um deles é atualíssimo.

Jesus começa dizendo do medo de que a nossa verdade apareça. A manchete de hoje no “Estado de Minas” fala de mais um deputado acusado de corrupção. Imaginem o medo que esses homens sentem ao abrirem o jornal todos os dias. Já vimos o prefeito de Juiz de Fora preso, como vimos industriais, dois grandes executivos americanos também presos por corrupção. Como devem sentir medo de que amanhã alguma revista destrinche o seu passado! É esse o medo que assedia e atinge tanta gente. Jesus diz que, se tivermos o coração transparente e veraz, se a nossa verdade puder aparecer a qualquer momento, não precisaremos mesmo ter medo. Também se formos simples como as plantas, bons filhos, bons esposos, bons pais, se tivermos um coração tranquilo e transparente, se executarmos dignamente o nosso trabalho e não nos deixarmos seduzir pelos caminhos rápidos e perigosos do enriquecimento. Jesus nos alerta que quanto mais transparente for o nosso coração, quanto mais limpa for a nossa vida, menos medo precisaremos ter. Assim o cristão não precisa ter medo.

Ele continua dizendo que não devemos ter medo daquele que mata o corpo, mas sim daquele que mata a alma. Claro que essa não é a nossa linguagem. Alma não é uma parte do ser humano, mas o que há nele de mais profundo. Vou ampliar um pouco mais e dizer que a alma de um povo é a sua cultura, a alma de uma cultura é a religião, e a alma de qualquer religião é a fé. Devemos temer aquele que mata a cultura, a religião e a fé. Precisamos ter medo dessa invasão que está destruindo a nossa cultura. Estamos substituindo nossos caboclos, nossas lendas por um tal de *halloween*, que nem existe nos nossos dicionários. Ao invés de valorizar nossas comidas, comemos *hot-dog*, bebemos coca-cola. Ao invés de escrever palavras bonitas nas nossas camisetas, escrevemos palavras inglesas, que poucos sabem o que significa. Precisamos ter medo da televisão, que mata a nossa cultura. Há uma peça de teatro belíssima, do Chico Buarque e Paulo

Pontes, chamada “Gota d’água”, em que o prefácio diz exatamente isto: que a vida brasileira precisa ser devolvida aos brasileiros pela arte. Há quase trinta anos, Chico Buarque, autor de tantas letras maravilhosas, cheias de raízes brasileiras, já dizia que a nossa cultura estava sendo destruída por um trator *americanizante*. E a situação só piora, seja na língua, na comida, na linguagem da *internet*. Já nem sabemos mais que língua falamos, sujeito e predicado já não têm mais nenhuma relação. Precisamos ter medo de tudo o que está matando a cultura brasileira, a nossa poesia. Guimarães Rosa (\*) já dizia que “o animal satisfeito dorme”. Não podemos ser animais satisfeitos, somos inteligentes, temos cultura, amor à vida e à beleza. O coração da cultura é a religião. Podem vasculhar todas as culturas e verão que todas elas, exceto a cultura moderna, tiveram seu cerne na religião. Quando matamos a religião, matamos o próprio coração da cultura. É como se tirássemos a raiz de uma árvore. A cultura sem religião começa a secar e, mesmo que esteja bonita e viçosa, ao primeiro vento, cai. A alma de nossa religião é a fé. Precisamos ter medo, sim, dos que matam a fé, a religião e a cultura.

O terceiro medo de que fala Jesus é daquele que o nega diante do Pai. Estamos testemunhando o Senhor agora, aqui nesta igreja. Deixamos os universos *globais* e estamos aqui dizendo que Ele vive na eucaristia e na palavra. Portanto, não precisamos ter medo, porque diante do Pai, Ele, Jesus, irá nos testemunhar também. Mas se não conhecemos o Senhor, quando o desprezamos, quando vivemos como animais, sem nenhuma luz, inteligência ou razão, sem nenhum amor para abraçar as pessoas, como poderemos nos colocar diante da luz infinita? Que podemos fazer diante do amor, se não o conhecemos? Que faremos diante da verdade de Deus, se não procuramos a verdade? Que faremos diante da misericórdia, se nunca fomos misericordiosos? Que faremos diante da beleza, se a nossa própria beleza é vazia? Amém. (22.06.08/12º domingo comum)

(\*) médico e escritor mineiro, nascido em Cordisburgo em 1908.

# **NÓS CONSTRUIREMOS A IGREJA DO FUTURO**

## **(At 12, 1-11/Mt 16, 13-19)**

De vez em quando, é bom dar um mergulho na história. Vivendo apenas o presente, a nossa cabeça acaba ficando muito pequeninazinha. Hoje já sabemos que a Terra está num processo de mais de treze bilhões de anos, enquanto nós, seres humanos, devemos ter aproximadamente três milhões de anos, e nós, humanidade, *homo sapiens*, devemos ter em torno de trinta mil anos. É bom que pensemos nisso, para relativizarmos esse nosso tempo tão pequenino. Nessa sequência gigantesca de anos, nós, Igreja de Cristo, temos dois mil anos. A partir daí, podemos relativizar muito os números. Se olharmos para essa história que ouvimos na primeira leitura, poderemos pensar muito. Imaginem que surge, em Vespasiano, uma pessoa que começa um grande movimento. Todos se envolvem, vendo-a fazer coisas maravilhosas, mobilizando até as cidades vizinhas. Só que ela escolhe pessoas do povo, sem cultura, catadores de papel, agricultores, causando estranheza a todo o povo. Ao invés de se dirigir para um grande centro político ou cultural, vai para um lagozinho nos confins do interior mais interior e, pra piorar, ainda fala um idioma quase totalmente desconhecido. Por que terá escolhido pessoas analfabetas, ignorantes, que sequer frequentaram a escola primária? Ainda por cima, esse líder acaba preso em uma delegacia de interior, é condenado e acabam matando-o. Realmente, tudo se acaba, o líder morre, os seguidores fogem. Pois bem, assim começou o cristianismo, e nós estamos aqui. Se olhássemos fria e objetivamente a sua história, teríamos a certeza de que esse movimento de Jesus estava fadado ao fracasso. Mas acontece exatamente o contrário: Pedro, um pobre pescador analfabeto, tem o seu túmulo hoje no centro de Roma, e, sobre ele, está a maior igreja jamais construída na história humana – a basílica de São Pedro. Pensem um pouco: como um humilde analfabeto, que pescava o dia inteiro junto ao lago de Genesaré, que esteve preso, amarrado, acaba no centro do império romano?

Há ainda aquele outro que também celebramos hoje. Paulo era mais culto, tinha estudado com um dos gurus da sua época: Gamaliel. Aprendera um pouco de Bíblia, era ferrenho, animado e perseguia o movimento desse tal Jesus. Alguma coisa boa poderia ser construída a partir de um homem que perseguia e matava? Era cidadão romano, mas de segunda classe, que terá conseguido o título *por debaixo dos panos* – uma espécie de *green card* para os brasileiros nos Estados Unidos. Pois bem, fora de Roma há também uma belíssima basílica – São Paulo *extra muros*. Duas grandes construções nos lugares onde esses dois homens morreram. Paulo degolado, Pedro crucificado. Dois homens que não tinham futuro nenhum. Dois mil anos depois, lemos as cartas que eles escreveram. Hoje, qualquer adversário de Cristo, quando assina um cheque, um documento, coloca uma data: vinte e nove de junho de dois mil e oito anos após o nascimento de

Jesus. Queira ou não, acredite ou não, ao assinar qualquer documento, assina datando o nascimento de Jesus. Impressionante! É fantástico como esse Homem dividiu a história em antes e depois dele. Ele é o gonzo da história! Ele faz a história ser o que ela é. E ainda nos promete algo tão maravilhoso, que muitos têm até medo de acreditar: nós, que aqui estamos, não estamos apenas aqui e agora, não somos apenas vinte e nove de junho, somos eternidade, somos uma vida que nunca terminará e carregaremos essa história dentro de nós e, com os nossos irmãos, faremos a Igreja do futuro.

Parece que Deus brinca conosco. Ao invés de escolher as pessoas mais poderosas, mais gigantescas, um grande imperador, um grande filósofo, manda o Filho, que vive entre nós, prefere pessoas secundárias, e nós hoje estamos aqui. Quando eu penso nisso, fico pasmo. Até hoje nunca consegui entender. Como Deus escolhe a fragilidade humana para construir as grandes obras? Isso nos ajuda muito. Às vezes, andamos decepcionados com o Brasil, com a política, com os nossos candidatos horrorosos, certos de que nenhum grãozinho se salva. Pode ser que de um simples grãozinho que sobrar na peneira nasça uma grande construção para a nossa cidade, para o nosso estado, para o nosso país. Precisamos aprender a confiar de novo, a vencer o pessimismo, a tristeza e a levantar o nosso olhar, apostando que podemos construir algo diferente. Não precisamos ter a riqueza de um Bill Gates, o poder dos alemães ou dos ingleses. Na nossa pobreza e fragilidade, poderemos caminhar pelas estradas da história, construindo um mundo diferente. Um mundo que se constrói por dentro, pelo convívio, pelo encontro.

De repente, como aconteceu com Pedro, as correntes se quebram e surge o anjo! É toda uma parábola bonita: vamos levantar e sair para as portas que se abrem, dispostos a construir, reconstruir e reformar. Também nós estamos amarrados com muitas correntes, muitas portas estão fechadas, há policiais tomando conta de nós. Se não aparecer o anjo, certamente apodreceremos no cárcere, desaparecendo toda beleza e juventude. Nenhum anjo descerá do céu para quebrar nossas correntes, nos conduzir, abrir-nos a história. Os anjos estão aqui na Terra. Mesmo que sejamos tentados a nos conduzir por caminhos errados, equivocados, perdidos, haverá aquelas pessoas que nos darão conselhos sensatos, nos estenderão a mão, nos afastarão do lodo, da areia movediça que nos envolve, nos fazendo crescer, levantar, dominar nossos sentimentos, nossa animalidade. Nosso coração se abrirá para a beleza, para a liberdade. Nossa mente precisa se voltar para coisas bonitas, não permitindo que nos *internetizemos* totalmente, nos estraguemos *globalmente*, nos transformemos num produto da moda, simplesmente bebendo toda bobagem que a midiática esparrama neste país, massificando e dopando as nossas mentes, nossas inteligências, impedindo-nos de ver a verdade e a beleza. Esse anjo que liberta Pedro e faz com que ele chegue até Roma, de onde suas ideias se expandem para o mundo, também está falando a cada um de nós.

Precisamos acordar para a verdade, para a beleza, para o bem, para a ética. Deus nos criou com cinco janelas externas – os cinco sentidos – , mas colocou num segundo andar a grande janela para a beleza, para a verdade, para o bem e para o sentido. É essa janela que vai iluminar nossa existência, porque as janelas dos sentidos são as mesmas que têm os animais. Os animais não têm a janela do andar de cima, e, por isso nos distinguimos deles. Quem vive apenas com os cinco sentidos é muito próximo do animal. Somente a partir da grande janela é que chegaremos à humanidade. Porque queremos ser humanos, somos videntes, conscientes, feitos para a beleza e para o bem. Amém. (29.06.08/São Pedro e São Paulo)



## ***O DOM É A MAIOR RECOMPENSA***

### ***2Rs 4, 8-11.14-16/Rm 6, 3-4.8-11/Mt 10, 37-42***

A liturgia procura articular as leituras, de forma que uma ajuda a entender a outra. Na primeira, vimos que o profeta é bem acolhido e, por isso, traz vida àquela mulher que era estéril. A ideia que fica é que acolher o outro é passar-lhe a vida. Nós precisamos aprender a acolher as pessoas em sua dor, em seu sofrimento ou dificuldade, devolvendo-lhes uma vida diferente. A mulher estéril é um caso paradigmático, mas o que interessa é devolvermos uma forma de vida a uma pessoa que está carente em qualquer necessidade.

Paulo vai ainda mais fundo ao dizer que o Senhor Jesus venceu a morte e que, nele, nós também venceremos a morte. Ele atravessou o túnel escuro da morte e ressuscitou, e nós, que fomos batizados, imergimos na morte de Jesus para emergirmos ressuscitados. Nós já carregamos dentro de nós um pouco de eternidade. Mesmo que a morte nos surpreenda inesperadamente, já trazemos dentro de nós uma raiz de vida eterna que poderá florescer .

O evangelho parece simples, porém é um dos mais difíceis de ser entendido, em razão da mentalidade de hoje. Precisamos dar um mergulho em vinte séculos atrás.

Quem tem coragem de dizer a uma mãe que ela deve amar mais a Deus do que a um filho? Ela nunca conseguirá entender que o seu filho e Deus estão na mesma concorrência. Logo, o sentido não pode ser esse. Jesus já sabia que o amor filial, o amor paterno e materno são amores fundamentais. O sentido literal nos despista, nos tira do caminho, mas a ideia de Jesus é muito profunda. Vale dos pais para os filhos, dos filhos para os pais, para os jovens esposos e para qualquer amor que tenhamos. É simples e também muito profundo.

Nós temos dois movimentos de amor que, muitas vezes, não conseguimos distinguir. O primeiro é quase instintivo. Se uma pessoa é simpática e alegre, nós gostamos dela. É normal, é humano, mas não é desse amor que Jesus fala. Há também o amor entre os jovens esposos, bonitinhos, arrumadinhos. Também nos encantamos com uma criança carinhosa, sorridente. Não são amores maus, mas muito pequenos para Jesus. Ele chega mesmo a dizer que esses amores não são dignos dele se comparados com o amor que nos mostrou. O que Ele nos pede é que crescamos no amor. Ele nos mostrou a doação gratuita e total sem esperar nenhuma recompensa. Quando amamos verdadeiramente aos nossos pais, filhos, esposos, nesse amor estará o mais do amor por Jesus. Não é comparativo. Ele quis tirar de nós qualquer ideia comercial do amor, que, infelizmente, está tão forte na sociedade atual, mostrada no marketing, nas novelas, nas revistas. É como se um presente fizesse um amor. Quem nega amor é quem mais presenteia. A esses Jesus diz que não são dignos dele. Vale muito mais quem não tem nada de material para dar, mas oferece sua vida, sua preocupação, sua presença, seu olhar, sem esperar nenhum retorno. Quem ama na gratuidade e na liberdade é

digno de Jesus. O amor que temos por um amigo, por um filho, pelo esposo ou esposa, só será verdadeiro se for trabalhado interiormente por Deus, por Jesus e pelo Espírito Santo.

O evangelho continua dizendo para carregarmos a nossa cruz e seguir a Jesus. A cruz é o existir, o viver momentos de alegria e tristeza misturados. A vida humana é essa mescla de silêncio e riso, euforia e acobramento, luz e sombra. Carregar a cruz é viver como ser humano, assumir a vida do jeito que ela é. É a mãe que chora a morte de um filho. Na fé, ela carrega a sua dor.

A terceira colocação de Jesus fala de perder para ganhar. Nós ganhamos quando damos, quando saímos de nós, e perdemos quando nos fechamos, nos isolamos nas raivas, nos nervosismos. Cada vez mais percebemos quanto as pessoas estão violentas. No trânsito, qualquer minuto de atraso já é motivo para buzinas, ofensas, gritos. São espertinhos querendo levar vantagem, alcançar qualquer insignificante primeiro lugar. Jesus pede exatamente o contrário. Só nos abrindo para os outros é que poderemos ganhar.

A última ideia está formulada de maneira antiga: aquele que der um copo de água receberá a sua recompensa, e nós logo pensamos num premiozinho no céu. Nada disso! É um desastre pedagógico em muitas famílias, quando os pais prometem presentes aos filhos se forem aprovados na escola. O prêmio é o bem que nós fazemos. A recompensa de quem ama é amar. Deus não nos dará nada, porque Ele já se deu antes de nós darmos qualquer coisa. Quem dá um copo de água não ganhará nenhum prêmio, mas sentirá a alegria de ter saciado a sede, de ter feito alguém feliz. Querem maior recompensa do que verem a alegria de uma criança? A recompensa é de dentro, não de fora. Mas nós continuamos entendendo muito pouco do verdadeiro significado do amor. Amém. (26.06.2011/13°. Domingo Comum)

## ***SÓ O AMOR NOS FAZ REPOUSAR (Mt 11, 25-30)***

Mateus, nesse evangelho tão bonito, narra uma experiência que fazemos com muita frequência. Ele começa louvando Deus, e eu me permitimos entrar no tempo de Jesus, vendo-o diante de homens letrados, fariseus, escribas, muito convencidos de seu saber. Usavam barbas *talmúdicas*, eram sérios, arrogantes, julgavam que conheciam Deus e julgavam-no terrível, submetendo o povo à sua dominação. Diante de tal situação, Jesus volta-se para o Pai e diz que os seus discípulos analfabetos, as crianças simples que Ele acolhia haviam chegado ao profundo do mistério, enquanto aqueles homens não haviam entendido nada. Muitas vezes, nós, quando somos obrigados a frequentar grupos acadêmicos, nos horrorizamos com a arrogância que encontramos. São pessoas que pensam que detêm o saber e sentem um prazer imenso em desconstruir verdades e evidências, enquanto as senhoras simples do Apostolado da Oração são capazes de captar a profundidade do coração de Deus. Elas olham para as pessoas, para a vida e intuem o mistério, a beleza. Gosto de comparar uma psicóloga e uma mãe diante de uma criança. A psicóloga, que estudou muito, leu Freud e Jung, olha para a criança e encontra traumas e mais traumas. A mãe, sem nenhuma ciência, olha para o filho e nota qualquer mudança de olhar. Ela acolhe, ama e o faz crescer, porque tem um conhecimento diferente, o conhecimento da intuição e do amor.

Há dois tipos de conhecimento: o que se adquire pelos estudos, cursando universidades, graduações, pós-graduações e até um pós-doc, que já inventaram. Com tanto estudo, saímos empertigados, *arrotando* sabedoria e ciência. Quando Jesus percebe isso, louva o Pai, porque foi do seu agrado que as inteligências fulgurantes não percebessem a simplicidade da vida, das experiências maiores. Ele, que apenas frequentara as escolas simples de Nazaré, sabe que o conhecimento acadêmico é importante para administrar as coisas terrenas – tantos discípulos seus foram estudados, como Paulo, Santo Tomás, Santo Agostinho. Mas há um outro conhecimento mais importante ainda: é aquele que obtemos pela proximidade afetiva, pela intuição, pela percepção, pelo olhar, pela relação, que hoje é tão desprezado na nossa sociedade. Nele o que se mede é a capacidade de abertura da pessoa.

Certa vez, um jornalista questionou um grande filósofo sobre sua tese que propunha desconstruir todas as verdades. Só que esse homem foi atingido por um câncer – também os inteligentes adoecem. Já num estágio avançado da doença, questionado novamente pelo mesmo jornalista, se nega a dar qualquer resposta. Diante da vida, da morte, do fim, do destino, das últimas realidades, esses homens que desconstruíram tudo não sabem nada. Enquanto isso, uma criança à beira da morte, perguntado pelo pai sobre o que sentia, responde que tinha saudades de Deus. O primeiro não tinha nenhuma saudade de Deus, mas tinha pavor da morte. Jesus louva o seu Pai, porque revelou coisas bonitas aos pequenos, escondendo-

as dos orgulhosos e prepotentes. Quantos filósofos e pensadores cultíssimos não chegaram sequer à fimbria do conhecimento de Deus?! Pelo contrário, negaram-no, nem chegando a perceber o mistério da ressurreição. Nenhuma universidade leva qualquer pessoa a perceber as experiências mais profundas. É dessas experiências que Jesus quer falar-nos hoje

A segunda ideia de Jesus se volta para as pessoas que Ele percebe cansadas. Hoje nós também encontramos homens e mulheres cansados. Nossos fardos são pesados: buzinas, trânsito, violência, medo, multidões, pressa. Nossos músculos precisam do repouso físico, mesmo que tantos desprezem esse repouso, correndo para as academias para malhar os músculos cansados. Mas o cansaço maior não vem do trabalho, mas de dentro. A primeira coisa que cansa muito as pessoas é a sofreguidão de querer ter tudo. Como não podem ter tudo, vivem cansadas. Um pensador que viveu muito tempo na China, chamado Irala, disse uma frase que me impressionou muito desde juvenzinho: “Os sentidos descansam sendo usados”. É exatamente o contrário dos músculos. Estamos cansados de querer ser Deus! Estamos cansados, porque não vemos – olhar cimento e asfalto não descansa ninguém –, não conseguimos nos encantar com uma rosa, um pôr do sol, um sorriso de criança. Nossos ouvidos só ouvem barulho, buzinas que também não nos descansam. Precisamos de músicas serenas tranquilas. Nosso tato precisa descansar pelo afago, pelo carinho. Nossos sentidos precisam encontrar repouso naquilo para que foram criados. Estamos cansados desse consumismo que nos leva a entulhar as nossas casas de coisas, porque o nosso interior está vazio. Queremos suprir o que não somos com todas as aparências. Quando alguém se *veste* com um carro grande, muitas vezes se veste de poder, de arrogância, caminhando como se fosse o dono do mundo. Mas esses senhores do mundo, de repente, veem que tudo isso é vazio e sentem-se cansados, cansados do vazio. Hoje, na missa das crianças, eu dizia que não há mãe que se canse carregando o seu filho ao colo. A única realidade que não pesa no nosso cansaço é amar e ser amado, não há outra. Uma pessoa pode ter toda a riqueza do mundo, mas se não houver amor, ela será triste, pesada e ficará todo o tempo reclamando do existir, nada supre o amar e ser amado.

Nossas pulsões, nossos movimentos existem para serem satisfeitos e terminam quando são saciados. Quando comemos, a fome acaba. Como disse Guimarães Rosa (\*): “o animal satisfeito dorme”. Por sua vez, o amor nunca será satisfeito. É isso que nos dói! Mas a satisfação dos nossos sentidos não nos traz tranquilidade. Isso só poderemos encontrar desejando alguém que também nos deseje. Só encontraremos repouso amando e sendo amados, encontrando um olhar que nos acolha e que é por nós acolhido. Estamos cansados, porque vivemos em contínuo gerenciamento, sem um minuto sequer para percebermos que somos amados. Perguntem a si mesmos: nessa semana que está terminando, em algum momento, vocês se perceberam amando e sendo amados? Não é de se estranhar que vivam neuróticos, com caras feias. O ser humano deseja o amor

infinito, e a resposta a esse amor depende da liberdade, do dom do outro, não pode ser manipulado. É justamente na liberdade, na alteridade que está a beleza. Um namorado nunca poderá possuir a namorada. Essa é a maior *ilusão idiótica* que podem ter na vida. Poderão possuir o corpo do outro, nunca o seu amor, que é um dom de liberdade. Amor não se compra, não se rouba, porque só pode ser livremente doado. Nem um filho rouba o amor de sua mãe, de seu pai. O amor quer liberdade dos dois lados. Já criancinha, o ser humano começa a descobrir a sua liberdade, na relação amorosa, no olhar de sua mãe. Ao receber o olhar livre e gratuito de sua mãe, a criança aprende a ser livre. O amor não se compra e não se vende. O dinheiro compra tudo, menos o amor, que é o dom da liberdade. O dinheiro não traz felicidade, porque não compra a única realidade que nos faz felizes.

Jesus não quer nos falar nem de filosofia, nem de psicologia. Ele quer nos ensinar o que verdadeiramente pode descansar o nosso coração. Termina com uma frase que eu já disse várias vezes: “o amor ama ser amado por aquele que ele ama, e o desejo deseja ser desejado por aquele que ele deseja”. Se pensarmos nessa frase, entenderemos a sabedoria de Jesus. Quanto mais gastarmos o nosso amor, mais amaremos e seremos amados. Só aí seremos gente e conseguiremos repousar o nosso interior. Amém. (05.07.08/14º. domingo comum)

(\*) médico e escritor mineiro, nascido em Cordisburgo

## ***A PALAVRA SÓ É SEMENTE SE TOCA A EXPERIÊNCIA (Mt 13, 1-23)***

Certa vez, um padre bem mais entendido que eu, ao terminar essa leitura, simplesmente disse que Jesus já explicara, e ele não tinha nada mais a acrescentar. Mas vou pedir licença a Jesus para continuar a sua reflexão. No ano passado, eu dei, para quem quis, algumas aulas sobre análise do discurso, para aprendermos a distinguir as linguagens. A linguagem a que estamos acostumados descreve as realidades e termina aí. Essa linguagem não vale para as pessoas, para os sentimentos, que pertencem ao mundo do simbólico, que nos remete a outras realidades maiores que a simples descrição.

Reparem bem que Jesus compara semente com palavra, e nisso há uma lógica muito profunda. Nós que olhamos a semente com um olhar inocente, não como um biólogo ou um botânico, que conhecem todas as leis químicas, admiramos que de uma semente saia alguma coisa. A semente carrega a vida. Essa é a força da imagem de Jesus. Imaginem, pois, que a palavra, escrita ou falada, carrega força dentro de si. Se não carregar, não é semente. Palavras mortas não são sementes. Uma página escrita em japonês nunca será semente para nós. Haverá um texto, mas, como não entendemos nada, não será semente. Uma palavra fora de época nos soarão arcaica, antiga, difícil de se entender e não nos dirá nada. Precisamos de uma palavra que tenha vida, e isso só acontecerá quando ela falar à nossa própria experiência. Se não for assim, ela morrerá. Por isso, muitas vezes, nós, adultos, quando falamos aos jovens, temos muita dificuldade. Se não chegarmos ao seu nível de experiência, se não dissermos uma palavra que responda às suas inquietações, nossa fala não será semente, porque não será entendida e captada, nem terá relação com sua experiência.

Se colocarmos uma semente sobre este mármore, ela não frutificará, porque, para isso, ela precisa de todo um conjunto de outras substâncias: terra, umidade, sais. Assim também acontece com a palavra. Não basta jogá-la, mesmo que seja inteligível. Se não há um contexto cultural que faça com que ela frutifique, nada acontecerá. Somos coletividade e recebemos uma influência enorme do ambiente em que vivemos. Imaginemos uma pessoa que nunca teve uma experiência estética, de beleza, que está acostumada apenas com cavalos, vacas e pastos. De repente, colocam-na diante de um quadro de Rembrandt, grande pintor holandês. Evidentemente, ela não achará beleza nenhuma naquela tela, preferindo suas vacas, pois não tem nenhuma cultura estética ou artística para apreciá-la. Quem não tem a base humana necessária não consegue captar. O nosso grande problema, e que começa nos primeiros anos, é criar nas pessoas o húmus para que a palavra seja captada e entendida. É preciso uma sinergia, uma sintonia, uma comunhão com o mundo cultural, pois, do contrário, nunca entenderemos nenhuma das suas manifestações. Certa vez, mostrando Roma para

um brasileiro, eu fiquei chocadíssimo quando, diante da construção gigantesca do Coliseu, ele sugeriu que fosse demolido para que melhor fluísse o tráfego. Se considerava a obra maravilhosa do Coliseu como um entulho, o que mais eu poderia mostrar-lhe?

O primeiro terreno de que Jesus fala é o caminho, onde todos passam, indo e voltando, sem permanência, sem profundidade. É claro que, de cabeças assim, nada pode nascer, pois nada também pode entrar. O primeiro pássaro come qualquer semente que há, o primeiro maligno nos distrai, nos tira do essencial. Vivemos rodeados de barulhos que nos impedem de pensar, de admirar a beleza do sorriso de uma criança. Com a palavra de Deus acontece o mesmo. A Bíblia, a escritura não entra em qualquer pessoa. É preciso ter uma certa simbiose com a palavra. Jesus apresenta os três terrenos que impedem que a palavra frutifique. O primeiro deles é a falta de profundidade existencial. Ele diz que é não ter raiz. Já se perguntaram quando é que não temos raízes? Há duas maneiras de sermos profundos: uma intelectual e outra afetiva. Uns podem ser profundos intelectualmente e, existencialmente, ser como uma quadra de cimento, e vice-versa. Deus distribui os talentos, e é preciso ter capacidade afetiva e intelectual para captar. Essa é a riqueza humana! Profundidade intelectual tem quem sabe responder o que significa uma palavra que ouviu. Se não souber responder essa pergunta, a palavra cairá e escorrerá da superfície. Quando eu lecionava metodologia, dizia que, diante de uma frase, de uma ideia, de um discurso, precisamos fazer três perguntas: o que ele quer dizer, o que não diz, o que me faz dizer se for transmiti-lo a alguém. Quem responde a essas três perguntas é profundo intelectualmente. Quem consegue responder perguntas profundas fica cada vez mais profundo. Todos nós fazemos experiências, mas a única realmente fundamental é a de amar e ser amado, cuidar e ser cuidado. As demais são secundárias. Se eu consigo me esquecer de mim um instante sequer para pensar no outro, estarei experimentando a realidade maior de amar. Todo o resto pode ser paixão, namoro, curtição, ficar, mas nunca amor.

Quem não tem raízes existenciais não é capaz de mergulhar em si mesmo, nas suas experiências e refletir sobre elas. Fica triste e nunca se pergunta sobre a razão, briga com a namorada e não se pergunta o porquê da briga, sente antipatia por alguém e não procura o motivo. Esse é superficial, porque não se faz perguntas existenciais. Apenas não gostar não é resposta. Quando se consegue enumerar os motivos de uma pessoa não lhe ser simpática, de não bater com os seus sentimentos, a experiência afetiva vai-se aprofundando. Jesus diz que, quando a palavra cai nesse terreno, de quem se faz essas duas perguntas, ela frutifica, porque saberá o que significa e a que problemas existenciais e pessoais ela responde.

O segundo terreno que Jesus diz que não é bom é o das pedras. Ele começa dizendo que o demônio come as palavras. Demônio é a vida, a história. Nesse terreno, a semente nasce logo, mas não terá raízes. Isso é o tremendo! As pedras

impedem a palavra de frutificar, porque não há húmus, não há umidade para que a semente cresça. Não há nenhum contexto afetivo que faça com que a palavra cresça, se eu sou isolado, seco, frio, enroscado em mim mesmo. Quem é assim nunca poderá acolher a palavra de Deus.

Jesus ainda fala das pessoas preocupadas e iludidas, é o terreno dos espinhos. Santo Agostinho tem uma frase muito simpática, embora pessimista. Ele diz que as pessoas gostam de ser enganadas. Há até um dito popular brasileiro nesse sentido: “me engana, que eu gosto”. Há pessoas que adoram ser enganadas, iludidas. Vivemos na cultura da ilusão, do simulacro, das falsas imagens, das aparências. Vemos pessoas elegantes, bem vestidas e, se entrarmos dentro delas, encontraremos a vacuidade absoluta. Como uma pessoa dessas pode acolher a palavra de Deus, que é uma semente limpa? Ela precisa de um coração que pense, medite, que tenha silêncio. Gostaria de insistir muito com vocês, por amor a vocês mesmos, para que sejam normais e sadios psicologicamente: procurem ter momentos de silêncio na vida. Não encham todo o tempo com esses aparelhinhos. Quando andarem, andem sem ouvir nada, a não ser os barulhos da vida, da natureza. Ouçam os pássaros cantarem, o vento passar pelas árvores, os gritinhos das crianças, e, se possível, ouçam o silêncio, e a interioridade de vocês aumentará. Se apenas o barulho nos envolver o dia todo, seremos como o bronze que toca, mas vazios. Amém. (12.07.08/15°. domingo comum)



# ***A LUZ DE DEUS VENCE TODAS AS SOMBRAS***

## ***(Mt 13, 24-43)***

Já estamos habituados a esse gênero literário da parábola. É a maneira simples que Jesus usava para passar ensinamentos mais profundos. Através de uma metáfora, de uma imagem, a palavra entra mais profundamente no coração de cada um de nós. Cada parábola tem um núcleo forte, que eu chamaria de ponta. Nesse trecho, a ponta é o campo, a realidade humana, que significa a história e cada um de nós dentro dela. Podemos fazer uma leitura individual, pessoal, coletiva ou social. Vale para todas as realidades.

Jesus começa dizendo que esse campo é ambíguo, uma qualidade, uma característica do ser humano muito difícil de aceitarmos. Todos nós somos cortados por dentro. Não podemos dizer que há pessoas-trigo e pessoas-joio. Cada um de nós é essa mistura de joio e trigo. Padecemos dessa ambiguidade, interna e externamente, e não precisamos nos desculpar, dizendo que éramos trigo, e um inimigo externo jogou o joio posteriormente. Não, o joio está presente, e podemos percebê-lo de várias maneiras, principalmente, ajudados pela psicologia, sociologia e teologia. O joio vem sendo semeado nessas criancinhas já no colo de suas mães: barulhos, vícios, brigas, rejeições, revoltas, incompreensões. Diz um psicólogo tcheco, que vive no Canadá, Thomas Verny, que estuda a gestação mês a mês, que, ainda no útero, o feto absorve elementos positivos e negativos da mãe. É o joio que estará crescendo juntamente com o trigo do cuidado, da ternura, do carinho, do aconchego. Também todo o ambiente que nos cerca nos influencia positiva e negativamente: o que vemos na rua, nas televisões, nas escolas, no trabalho. Somos um grande feixe captador de experiências. Quando já temos um bom nível de consciência, é hora de fazermos com que o trigo cresça cada vez mais forte, possibilitando-nos combater o joio que também estará presente.

Um famoso teólogo protestante, Paul Tillich, trabalha muito esta categoria da ambiguidade da vida humana: somos beleza e feiura, luz e sombra, vida e morte. Vivemos infinitas ambiguidades, e hoje Jesus nos conta em que consiste isso. Muitas vezes ficamos escandalizados, como no caso daquele famoso rabino, Henry Sobel. Realmente uma pessoa maravilhosa, que não deixou de ser maravilhosa após ser flagrado furtando gravatas de luxo nos Estados Unidos. A notícia foi estampada em toda a imprensa, deixando o pobre rabino envergonhado. Uma pequena sombra que caiu no gosto da mídia, que adora explorar, pois as luzes sempre incomodam. A imprensa sempre prefere o lado escuro das pessoas, ao contrário de Jesus, que prefere o nosso lado luminoso. Essa é a grande diferença! Levam a Ele a mulher surpreendida em adultério e Ele, serenamente, pergunta-lhe se alguém a condenara. Como ninguém ousou condená-la, muito menos Ele o faria. A imprensa certamente estamparia a

manchete: “Prostituta jogada aos pés de Jesus”, mas Ele valorizou o que havia de brilho naquela mulher, o seu sofrimento, sua dor e humilhação. Os fariseus, assim como todos nós, tinham e viam trevas.

Não se escandalizem quando abrirem os jornais e depararem com mais uma notícia de corrupção. Explora-se demais o lado escuro, e precisamos voltar nossos olhos para o lado luminoso das pessoas. Todos nós somos luz, apesar das sombras. Somos como a lua. Alguns são lua nova, apenas um fiapinho de luz; outros já são uma grande lua cheia, que pode ter o seu reverso escuro. Ninguém é só luz, e precisamos trabalhar, cuidar, valorizar a luminosidade em cada pessoa, ajudar para que o seu lado escuro seja lentamente invadido pela luz que é semeada em seu coração.

Em nossa vida, a luz nos é dada, primeiramente, pela palavra de Deus que acolhemos. Ela existe para isto: para que um pouco de luz bata sobre nós. A nossa cultura hoje é muito mais visual, temos uma dificuldade imensa de captar ideias, pensamentos, mensagens, mas a palavra é a luz que o Senhor nos dá e sempre está à mão de quem desejar. Houve um famoso cineasta italiano, Pasolini, que não tinha fê nenhuma. Num quarto de hotel, encontrou uma Bíblia, e, numa noite insone, *devorou* o evangelho de Mateus. A partir dessa leitura, fez um grandioso filme “Il vangelo secondo Matteo”, projetando uma imagem tão bonita de Jesus. Um homem totalmente alheio à religião, ao primeiro contato, foi profundamente sacudido. Mostra um Jesus jovem, corajoso, animado, caminhando sempre à frente dos apóstolos.

Temos outras luzes, que são os sacramentos. Nesta eucaristia, é o próprio Senhor ressuscitado que se faz presente. Ressuscitado, Ele é todo luz, e nós podemos captá-lo, participar dele o quanto quisermos. Ele não seleciona, não olha vestido, sapato, se está ou não na moda, pois está sempre disponível. É só vir, nada mais. No sacramento da penitência, Ele oferece a possibilidade de reconciliarmos-nos com nós mesmos e com quem está ao nosso lado, gratuitamente. Pagaríamos uma fortuna por anos e anos de psicanálise, para encontrarmos apenas um pouquinho de nós mesmos, enquanto Ele, em cada celebração, nos oferece uma reconciliação plena com nós mesmos, com nossos irmãos, com a natureza e, sobretudo, com o Pai. Aí o trigo cresce, e cresce, principalmente, pela caridade, pelo cuidado.

Tenho insistido muito nesta tecla, porque a acho importantíssima: cuidar e ser cuidado. Nada ajuda tanto uma pessoa a crescer quanto sentir-se cuidada. Nada cura tanto uma ferida quanto receber um olhar de quem nos acolhe e cuida de nós. Somos carentes, escuros, ambíguos, faltosos, deficientes. Precisamos de cuidado! Cuidem-se, captem os sentimentos uns dos outros. É nesse jogo que o trigo poderá crescer. Uns precisam ser cuidados na inteligência, porque não conseguem entender; outros entendem tudo, mas têm um coração pequenininho, morto por dentro. Há muitos cadáveres ambulantes que não encontram sentido na vida, e o ser humano precisa buscar o sentido de viver. Precisamos acreditar

em alguma coisa maior que nós. Pascal (\*) dizia que o ser humano é maior que ele mesmo. Não cabemos em nós mesmos. Deus é tão grande, tão bom, que nos fez maiores que nós. Dentro de nós, existe o infinito. Não somos apenas alguns centímetros cúbicos de matéria, somos muito mais. Temos um “de onde” e um “para onde”, que não tem término, não tem limite. Somos a eternidade ambulante aqui na Terra, na História. Se somos a eternidade, temos toda a posse da perfeição. Mas o véu da sombra cobre também as eternidades. Para que encontremos a luz, precisamos nos ajudar mutuamente, uns acendendo a vela dos outros. Só assim esta igreja e nossa cidade ficarão luminosas. Amém. (20.07.08/16°. domingo comum)

(\*) filósofo francês, que viveu no século XVII

## ***O DEDO DE DEUS NOS APONTA A FELICIDADE*** ***(1Rs 3, 5.7-12/Mt 13, 44-52)***

A liturgia de hoje liga os textos. Na primeira leitura, Salomão pede a sabedoria, e nesse pequenino evangelho Jesus diz que o reino de Deus é como um tesouro ou uma pérola escondida. O Senhor nos ensina através dessas duas pequenas parábolas, simples, imediatas, eu diria, quase que triviais, mas não são, pois Ele é sempre perspicaz naquilo que diz. Reparem bem em quatro coisas ditas nessas parábolas. Primeiramente, trata-se de algo valioso: um tesouro, uma pérola. Segundo, trata-se de algo que está escondido. Não é alguma coisa que estamos vendo, como um programa de televisão. Terceiro, alguém descobre esse mistério. Finalmente, alegra-se e nele investe tudo. O que será isso em nossa vida? Já se perguntaram sobre o que é valioso, escondido, que nos faz alegrar e investir tudo?

Fiquei observando, recordando-me de pessoas e lembrei-me de um psiquiatra, que agora se entusiasmou com a bolsa de valores. Termina o seu trabalho no hospital, detém-se diante do computador, e aí começa a jogar. Muitos podem pensar que esse tesouro escondido é um prêmio da loteria, outros podem achar que é a família, o matrimônio, o emprego, alguma pessoa querida. Salomão diz que é a sabedoria. Como poderemos entender tudo isso hoje?

Fico pensando nas realidades que merecem nosso investimento. Detenho-me numa palavra muito gasta e maltratada, até mesmo vulgarizada, que se chama felicidade. Tanto se fala dela, e, talvez muito poucos saibam que coisa será essa tal felicidade. Pensamos nela como coisas externas, sorrisos maquiados, principalmente agora, com os sorrisos eleitorais. Interessante, que já os filósofos pré-socráticos tratavam desse assunto que vem sendo debatido até hoje. Portanto, felicidade é um tema que já ocupou todas as filosofias de todos os tempos. Dizem que felicidade é isto: um tesouro muito valioso que está escondido, que nunca foi visto por ninguém. Todos fazem tudo para serem felizes e acabam não sendo. Novamente me pergunto sobre onde estaria a originalidade de Jesus. Para nos dizer o que traz a felicidade imediata, Jesus não precisaria ter vindo ao mundo. Certamente, Ele terá trazido alguma coisa mais profunda, mais original, única, difícil de entender, pois depois de dois mil anos, ainda não conseguimos concretizar. Ele dizia que felicidade é o encontro de três realidades. Primeiramente, acontecimentos que estão diante de nós. Só podemos ser felizes na história, no concreto da nossa vida, e não sonhando com outras coisas. É onde estamos que acontece a felicidade, no meio de alegrias e tristezas. É preciso também que essa realidade se cruze com o nosso histórico existencial, com aquilo que somos até este momento. Para terminar, vem o mais difícil: perceber que nesse encontro Deus toca o nosso coração e nos diz o que espera de nós. Quando somos capazes de perceber que, no concreto de nossa vida, nos fatos que estão acontecendo, conseguimos vislumbrar uma paz, uma alegria profunda, aí

está o tesouro, no qual vale a pena investir todos os nossos esforços.

Aventuro-me a dizer que o segredo do reino de Deus é nos colocar na realidade em que vivemos, tal qual ela é, sem mascará-la, encobri-la ou maquiá-la, sem vesti-la de cetim, sem enganar-nos. Muitas vezes, nos enganamos e nos deixamos enganar, nos convencendo que tudo é felicidade, mesmo sabendo que há muitas lágrimas, muito choro, muito luto, mas muitas alegrias também. A ambiguidade radical pertence à realidade humana. Somos, ao mesmo tempo, felizes e infelizes, gordos e magros. Somos um binômio antitético, que se entremeia e nunca consegue uma síntese perfeita. Se, nessa situação de ambiguidade, de alegrias e tristezas, conseguimos descer ao patamar mais baixo, mais profundo, mais estável aonde essas oscilações vão diminuindo até desaparecer, encontraremos o reino de Deus, e aí seremos felizes. É como se, vivendo aqui na Terra, havendo um terremoto, descêssemos a uma plataforma mais profunda, onde encontraríamos a solidez. Quando alguém está vivendo num mar agitado, se mergulhar, certamente encontrará águas mais tranquilas no fundo do mesmo mar que as ondas agitam.

Qual será essa camada profunda, esse patamar? Eu diria que é a consciência de estarmos sempre nos braços de Deus. Para mim, a grande metáfora existencial da felicidade é a criancinha pequena nos braços da mãe. Ali, ela se entrega totalmente. Ainda que solte alguns vagidos, choramingue, ela tem a segurança, a tranquilidade de que aqueles braços não cederão a nada. Mesmo diante de um terremoto, de um incêndio, a mãe a agarrará. Pois bem, se a mãe da Terra faz, a Mãe do céu, que é mãe e pai, fará eternamente com cada um de nós. Se chegássemos a perceber um pouquinho disso – não diria muito, porque é profundo e místico demais –, teríamos uma tranquilidade maior. Há alguns anos, estive aqui nesta igreja, um bispo, chamado Dom Luciano Mendes de Almeida, que crismou alguns de vocês – talvez uma das pessoas mais fantásticas que eu conheci na vida. Já em seus últimos dias de vida, quando perguntado como se sentia, simplesmente sorriu e disse que se sentia nos braços de Deus. O mesmo braço que nos sustenta na vida, nos sustentará na agonia da morte e na eternidade. Essa certeza atravessa toda a vida e nos faz felizes. Isso é reino de Deus! Quem chega a essa sabedoria *salomônica* terá sempre uma tranquilidade enorme, porque nada poderá abalar essa pessoa. Ela investirá toda sua afetividade, seu tempo, sua energia no que está lhe acontecendo. Ela não antecipa os fatos, não se engana, não mente para si mesma, não se esconde da realidade. Quantas pessoas fingem não estar vivendo uma situação?! A realidade é nua e crua e se impõe a nós, para que a percebamos, na certeza de que nela está presente o próprio Deus nos mostrando onde acontece a felicidade. Onde quer que estejamos, se conseguirmos ler os acontecimentos – sejam eles de vida ou de morte, saúde ou doença, alegria ou tristeza –, e neles perceber o dedo de Deus, a sua presença que nos consola e nos anima, teremos adquirido a sabedoria de descobrir o tesouro precioso. Só assim, conseguiremos vender tudo para comprá-la. Amém. (27.07.08/17º.domingo comum)

## ***DEUS SE ANUNCIA NA FESTA*** ***(Is 55, 1-3/Rm 8, 35.37-39/Mt 14, 13-21)***

Cada uma das três leituras de hoje tem uma beleza especial. Temos que começar localizando a leitura de Isaías no seu contexto, caso contrário não a entenderemos. Nós, brasileiros, fizemos uma pequenina experiência semelhante. O povo de Israel havia sido invadido pelos assírios e babilônios, sendo mais uma vez escravizado na Mesopotâmia, onde sofreu durante quarenta anos no segundo exílio. Pode-se dizer que a raiz, o tecido social do povo foi destruído. De repente, inicia-se a volta para a própria terra. Deus promete uma nova aliança, dizendo que eles celebrarão. A grande imagem escolhida para mostrar o novo tecido social é o banquete, a comida, a fartura. Num país de muita seca, seriam as águas, as fontes; já num país onde há fome, o leite, a comida, o banquete, o vinho e tudo o que significa alegria. Na década de 1980, nós, brasileiros, saímos de um túnel muito escuro, de um regime militar que perseguiu muitos jovens idealistas. Quantos morreram nas torturas, nas guerrilhas?! O país estava amordaçado. Iniciou-se um grande movimento, uma grande mobilização popular numa campanha chamada “Diretas já!”. Em Belo Horizonte, na avenida Afonso Pena, chegaram a se reunir mais de um milhão de pessoas. Sobretudo os jovens gritavam e pediam a volta da democracia. Era um grande banquete! Políticos, personalidades, artistas subiam nos palanques, mas, o mais bonito mesmo, era a enorme multidão, o encontro do povo. Recomeçamos ali a reconstruir os laços que nos constituíam como povo brasileiro! Depois o entusiasmo foi-se perdendo e, infelizmente, parece que somos brasileiros apenas nas olimpíadas e na copa do mundo. Já o povo de Israel tinha, e ainda tem, uma consciência muito forte. Sempre foi um povo pequeno, ameaçado e, para eles, a família, a nação era e é muito importante.

Continuo com uma frase que eu gosto muito de repetir – se ela ficasse na memória de vocês, certamente ganhariam muito: o primeiro lugar do amor na família é a refeição. É nela que as relações são tecidas. Se quisermos saber se uma família está se desfazendo, perguntem se pai, mãe e filhos tomam juntos a sua refeição. Quando cada um vai para um *Bob's* ou *Mcdonalds*, nunca mais se encontrarão. Israel sempre valorizou muito a refeição como um momento importante. Por isso, inúmeras vezes o evangelho narra que Jesus tomava refeições com amigos, e até mesmo com inimigos, para tentar tecer uma nova relação. Para que nos lembrássemos dele, não pediu que saíssemos em peregrinação, que pegássemos um livro para ler, mas sim que nos reuníssemos em torno de uma mesa – símbolo da refeição – com um pedaço de pão, um pouco de vinho. Nós nos encontramos, nos construímos como comunidade e nos recordamos de Jesus na refeição. Quando Deus quis falar na unidade do povo, se fez presente numa

grande refeição. É na festa que Ele se anuncia. Não é falando em castigo, fogo, inferno, mas na mesa do encontro.

No evangelho, há duas ideias importantes. A primeira é tão sutil, que mal podemos perceber, a não ser que conheçamos um pouco mais o contexto da vida de Jesus. Imaginamos que a sua vida pública foi um caminhar com toda a liberdade, mas não foi assim. Naquele momento, a Palestina estava dominada por dois poderes. Bem perto de onde Jesus morava, dominavam os romanos. Havia a capital, chamada Séforis, e ainda Tiberíades, construída por Herodes Antipas, totalmente dominada pela polícia, o exército daquela época. Como eram cidades improdutivas, os camponeses eram extorquidos com pesados impostos de tudo o que produziam. Era nesse ambiente que Jesus vivia. Qualquer um que se mobilizasse seria perseguido. Por isso, o evangelho coloca este pequeno detalhe: “depois da morte de João Batista”. Bastou que ele trabalhasse pouco tempo com o povo para que Herodes o prendesse e o degolasse. Diante disso, Jesus vai para um lugar afastado, procurando se esconder num outro estado, do outro lado do lago, fora dos domínios de Herodes. Jesus foge por medo de ser preso, como fora o seu primo João Batista.

Mas, lá no céu, Deus Pai estava pensando noutra coisa. Ele vai se esconder, mas encontra a multidão. Retoma a mesma coragem e recomeça a pregar para uma multidão que até mesmo se esquece de comer. Novamente, Jesus mostra quem Ele é. Mais uma vez, manifesta a ligação do povo numa refeição: pão e peixe. Comer é um ato humano, e Jesus convida toda aquela multidão a se alimentar do mesmo pão e do mesmo peixe. É claro que os números são simbólicos, pois cinco mais dois fazem sete, que é o número da perfeição. Mais simbólico ainda é que qualquer cristão que lê hoje esse evangelho se recorda deste pão do qual iremos participar. A grande hóstia que o celebrante ergue se fragmenta em pequenas partículas, para que cada um de nós possa participar do Senhor. Podem vir quantas pessoas quiserem, que sempre haverá comunhão para todos até o final dos tempos. Amém. (03.08.08/18º domingo comum)

## ***CAMINHANDO SOBRE AS ÁGUAS DA HISTÓRIA (1Rs 19, 9a.11-13/Mt 14, 22-33)***

A primeira leitura e o evangelho parece que foram escolhidos a calhar para o dia dos pais.

Elias era um homem tocado por Deus. Vai ao monte Horeb, que é o mesmo monte Sinai, na certeza de que Deus se manifestaria. Tantas vezes, o pai entra em casa parecendo um tufão, fazendo barulho, derrubando as coisas, brigando, xingando, batendo nos filhos. É Elias quem diz que no tufão Deus não está. De repente, uma casa de família se transforma num terremoto. Até as *panelas começam a tremer* diante de um pai violento. Elias continua dizendo que, no terremoto, Deus também não está. Tantos pais soltam tanto fogo que queimam tudo, não toleram nada. Elias diz que Deus não está no fogo. Quando o silêncio paira sobre a gruta, uma leve brisa toca as folhas das árvores como uma harpa de beleza. Elias cobre o rosto ao sentir a presença de Deus. O pai é sacramento de Deus quando chega em casa e sabe dedicar tempo, ternura e cuidado aos seus filhos. Ele é serenidade, é paz, é segurança quando acaricia o filho com ternura, mas também com firmeza, possibilitando às crianças experimentarem no pai o Pai maior.

Também o evangelho parece escrito para os pais. Jesus está com os apóstolos e despede-os para que sigam a vida, a história, enfrentando tempestades, mares bravios e desconhecidos. Eles entram mar adentro e são surpreendidos por ondas gigantescas. Parece que o Senhor não está presente. Assim é o pai que incentiva seus filhos a se desgarrarem, a procurarem seus próprios caminhos, enquanto ele se voltará em silêncio para o alto do monte, sozinho na noite, rezando por cada um deles. Seus olhos se fecham e, na imaginação, passa a vida de cada filho, desde o momento em que o viu nascer até a idade adulta em que agora caminha. Assim fez Jesus: passou apóstolo por apóstolo, rezando no mais profundo silêncio. Como eram muitos, passou toda a noite rezando. Se um dia vocês, pais, imaginassem o que podem fazer na simplicidade do silêncio, apenas rezando por seus filhos, passando cada um deles na sua memória afetiva, apresentando-os a Deus... Acreditem que nesse momento, ainda que esteja em terras longínquas, seu filho receberá uma imensa força interior, pois o coração humano é poderosíssimo, e um coração de pai ou de mãe tem um poder que nem podemos imaginar. Diante de Deus, o poder de vocês aumenta.

Depois de rezar muito, Jesus desce a montanha para se encontrar com os apóstolos, que se debatiam no barco em meio às ondas. Jesus caminha sobre as águas, como o pai tantas vezes faz. É símbolo, é metáfora! Sem nenhuma mágica, o pai se mete sobre a história, sobre as realidades, sente as dores, as lutas, os sofrimentos de seus filhos, que vivem em barcas agitadas nas cidades, em meio a tantos barulhos. A história humana é cheia de ambiguidades: alegrias,



tristezas, doenças, desafios, confusões.

Pais, quando sentirem que o barco de vocês está afundado, lembrem-se que Jesus anda sobre as ondas, ainda que os apóstolos pensem que Ele é um fantasma. Jesus responde, como Deus respondera a Moisés no monte Sinai: sou eu! Ao responder, Jesus se investe de todo o poder de Filho de Deus Pai e caminha sobre as águas. Não há tempestade que suporte a presença calmante e tranquilizadora do Senhor! O pai entra nessa história e vai caminhando em direção do seu filho, que nem imaginava que ele poderia se aproximar de sua barca. Estranha, pensando que é um fantasma, pois ele nunca fizera aquilo. Mas não é um fantasma, é o seu pai que está ao seu lado, encorajando-o e lhe dizendo que não há o que temer, pois seus braços o esperam. O filho caminha sobre as mesmas águas da história, confiando na força da mão estendida de seu pai, assim como a mão de Jesus esteve estendida para Pedro. Quando pai e filho entram na barca da história, uma imensa tranquilidade paira sobre o mar.

Mas, quantos filhos não têm esse pai! Quantas lágrimas os meus olhos já viram no rosto de crianças, de adolescentes e até de adultos, quando falam de seu pai, da dor que os rasga por dentro, por terem um pai que nunca foi uma brisa suave, que nunca lhes deu segurança para enfrentar as ondas agitadas da existência! Basta de romantismo! Esta data pede reflexão e profundidade para que os pais revejam sua vocação e o filho reconstrua a figura paterna. Caso contrário, ambos continuarão carregando uma marca neurótica por toda a vida, o que lhes custará muito caro. Amém. (10.08.2008/19º. domingo comum)

# **MARIA ANTECIPA A NOSSA RESSURREIÇÃO**

## **(Ap 11,19a. 12, 1-6a. 10a/Lc 1, 39-56)**

A escritura não nos narra o fato da assunção da Virgem, por isso não houve nenhuma leitura sobre esse dogma que hoje celebramos. A liturgia tenta, então, encontrar algum texto aproximativo e faz uma ligação simbólica maravilhosa. Mas para entendermos a linguagem dos símbolos, temos que mergulhar na cultura. Do Novo Testamento, toma a leitura do Apocalipse, que também não se refere diretamente a Maria, mas à Igreja. A leitura é uma metáfora e parece não ter nada a ver com a assunção de Maria. A liturgia projeta, traz à Igreja aquela que deu à luz a Jesus. Mas o texto fala muito mais de uma Igreja perseguida, que vai para o deserto. Precisamos imaginar o povo de Israel, que não é como nós. Para o judeu, a realidade mais importante era, naturalmente, Javé, que havia lhes deixado a sua vontade esculpida em duas tábuas, que chamamos de Lei, e eles chamam de Torah. Para eles, era como uma marca, um sinal, como se D. Pedro I ou Tiradentes tivessem nos deixado um documento de nossa independência, de nossa originalidade brasileira, que carregáramos ao longo da história. Os judeus carregavam essa marca e pretendiam construir o Templo. Começam construindo uma imensa tenda para onde levam a Lei dentro de uma arca, como símbolo maior do sagrado. Hoje, ao invés daqueles quatro homens carregando uma imensa arca, é Nossa Senhora que sobe aos céus. Ao invés dos homens, são anjos que levam Maria. A arca é o seu corpo glorioso que sobe, enquanto a tenda é a casa da Trindade. Esse é o jogo litúrgico de hoje, de um simbolismo maravilhoso.

Também o texto de Paulo vai nos falar da ressurreição de Jesus. Sobre Maria, a escritura não diz uma palavra sequer, um total silêncio. Tomamos então, essa passagem da visitação, em que a prima diz que ela será bem-aventurada, louvada através de todas as gerações. Portanto, ela deverá estar num lugar onde pode ser louvada. Apenas pela morte ninguém é louvado. Se alguém é louvado, é porque teve uma vida que ultrapassou o nada. Maria também não pode estar condenada, porque ninguém louva alguém que está condenado. A Igreja percebeu que, se Isabel intuiu que aquela jovencinha de quinze ou dezesseis anos, apenas saindo da adolescência, seria louvada em 2008, até mesmo na cidade de Vespasiano, era porque realmente tinha alguma coisa especial. Conseguem imaginar isso?

Saindo de uma cidadezinha perdida na Palestina, onde não havia *internet* nem *olimpíadas na China*, uma jovem encontra uma prima velha que diz que ela será louvada. Que coisa mais louca! Como poderia dizer isso de uma meninazinha que carregava em seu ventre uma criancinha que apenas esboçava os primeiros sinais de vida?! É realmente alguma coisa enlouquecedora! Hoje, séculos depois, estamos nós aqui, falando dela. É esta a função de Nossa Senhora: viver na nossa

memória, na nossa vida, no nosso coração, na nossa devoção.

Nós temos uma ideia de corpo muito diferente da que tinham os judeus e de que tem a filosofia moderna também. Trazemos uma ideia bem arcaica do que seja corpo. Geralmente, quando falamos de corpo, nos referimos à nossa parte material, biológica, que adocece e que é tratada pelos médicos. Esse é o corpo que conhecemos, mas não é nem o do sentido bíblico, nem o da filosofia moderna. Para a Bíblia, o corpo é toda a pessoa enquanto está em relação com os outros. Eu sou corpo aqui porque estou falando com vocês, da mesma forma que vocês são corpo porque estão me ouvindo. Trata-se do ser humano enquanto cria relações. Alguém que não tenha estabelecido nenhuma relação sequer não terá sido corpo. Um caso desses já aconteceu, lá na Índia, no início do século passado. Foram encontradas duas meninas – Amala e Kamala – que tinham sido abandonadas pelos pais. Mas aconteceu algo imprevisível: uma loba se achega, elas mamam nela e sobrevivem. Essa situação perdura, e as crianças vão crescendo, só que *lobamente*, isto é, andavam de quatro, não sorriam nem falavam, não tinham um sinal humano sequer. Conservaram apenas o genoma humano, porque não haviam estabelecido qualquer tipo de relação com nenhum ser humano. Assim somos nós. Como não somos alimentados por nenhuma loba, mas por nossas mães, cercados de carinho por nossos pais e irmãos, vamos criando relações. É esse conjunto de relações que forma o nosso corpo.

Não somos apenas isto aqui não, somos ontem, somos a infância, temos nossos tios e tias, parentes, amigos, colegas de escola e de trabalho, esporte e lazer. Todas as relações vão constituindo o que somos nós, e é tudo isso que ressuscitará, não apenas um corpo biológico, que se corromperá no cemitério, mas esse feixe, esse nó de relações. Imaginem uma rede que tem um nozinho bem no centro, do qual puxamos fios infinitos. Quando morrermos, levaremos conosco todos esses fios das relações que construímos na vida, todas as relações de amor, de justiça, de misericórdia, de beleza. Nós somos tudo que conseguimos fazer, tudo o que conseguimos construir de bom ou de mal. O que construímos de mal será queimado, purificado. De nós, restará apenas a pureza de um corpo glorioso. Por isso, quanto mais amarmos, quanto mais relações tivermos, quanto mais ampliarmos os nossos corações, mais teremos o que ressuscitar.

Maria carregava dentro de si todo o mundo, era capaz de ter seu coração sempre aberto, como demonstrou naquela festa em Caná; se colocava sempre em disponibilidade, animando a todos, como diante da necessidade dos apóstolos após a morte de Jesus. Ela foi tecendo um grande nó de relações para além de sua vida. Na assunção, levou um pouquinho de cada um de nós para o céu. O menor fio de devoção que temos para com Maria já está lá, ressuscitado. Maria carregou consigo todos nós, os apóstolos, o seu Filho que levava em seu coração, seu marido, seus primos, tudo o que a constituiu. Subir é apenas uma imagem bonita, pois iremos, como Maria já foi, para um mistério que ultrapassa tempo e espaço. Isto é o mais difícil de entendermos: no céu rompe-se toda relação de

tempo e espaço. Estamos aqui nesta igreja. Não estamos ontem, nem estamos amanhã. Estamos agora e aqui, ao passo que o corpo glorioso tem a capacidade de estar ontem, hoje e amanhã. O tempo rompe-se e, ao romper-se, ultrapassa-se todos os tempos. Ao romper-se o espaço, não estamos mais apenas aqui. Nossos pais que já morreram estão aqui conosco, pois já ultrapassaram tempo e espaço e carregam todos nós em sua existência e em sua história. Assim, também nós não morreremos totalmente, mas nos encaminharemos para um tipo de vida que já começa agora. Já somos um pouco ressuscitados, até o dia em que a totalidade de nossas relações encontrar a totalidade de Deus. Isso será também a nossa assunção, a nossa ressurreição.

Imaginemos que Deus tenha plantado um imenso trigal e, depois de maduro, chega a hora de ceifá-lo. O primeiro pendão é cortado: Jesus; depois se corta o segundo: Maria. Todos os outros somos nós. Portanto, Jesus, Maria e nós pertencemos ao mesmo trigal. Não há outro. Lentamente, Deus vai cortando os pendões, e todos nós vamos sendo transformados, um após outro, nessa imensa comunhão. Teremos toda uma eternidade para conviver com milhões de pessoas até o infinito que nunca termina nem no espaço nem no tempo. Maria já está aonde ainda chegaremos. Amém. (17.08.08/Festa da Assunção de Maria)

## ***DEUS É ACESSÍVEL A TODA A HUMANIDADE*** ***(Is 56, 1.6-7/Mt 15, 21-28)***

Para entender esse evangelho, precisamos conhecer um pouquinho da cultura judaica, porque a revelação não é simultânea, mas histórica, de acordo com a evolução das pessoas. Quem pode conversar com seus avós facilmente percebe a diferença de vocabulário e de ideias, mesmo sendo uma distância de vinte, trinta anos. O que dizer, então, de uma diferença de mais de dois mil anos? Também o povo de Israel passou por três grandes momentos. Constituíam uma comunidade pequena, cercada de impérios grandes e poderosos: assírios, babilônios, egípcios, o grande império romano. Precisavam ter uma consciência muito forte de si mesmo, pois, do contrário, se perderiam. Tendo vivido uma experiência muito forte de Javé, pensavam que Ele lhes pertencia com exclusividade. Só eles tinham o verdadeiro Deus, criador e todo poderoso, enquanto os outros povos tinham deuses inferiores, sem nenhum poder. Passou o tempo, e os profetas não gostaram muito de tanta arrogância, conforme ouvimos na primeira leitura, que não é muito fácil para entendermos. Eles começam a ensinar que os judeus deveriam estar abertos para acolherem e receberem pessoas vindas de fora que quisessem partilhas suas vidas e sua fé. Os judeus se abriram e começaram a acolher alguns que se convertiam, desde que assumissem os ritos judaicos. Jesus aparece justamente em meio a essas duas correntes e vai, lentamente, tomando consciência de que era Ele o Messias enviado para o povo de Israel.

Hoje, Jesus, de certa maneira, foi forçado, por uma mulher estrangeira, a dar um salto maior. Não se tratava apenas de acolher quem vinha de fora, mas sair de seu interior para ir ao encontro do outro. Pensamos que ela é quem foi ao encontro de Jesus, mas foi Ele que se dirigiu à região de Tiro e Sidônia. Num primeiro momento, Ele lhe diz que a sua prioridade era o povo judeu, conforme a missão que recebera do Pai. Ela continua provocando-o, até que consegue abalar as suas convicções, fazendo-o ver que o Deus que o enviara também era o seu Deus. Ele a atende e, no final do evangelho, dirá aos discípulos que fossem a todos os povos do mundo para anunciar o reino de Deus, que já não era exclusividade dos judeus. A salvação é entregue a toda a humanidade, e nós fazemos parte dela. Se ficássemos no *primeiro andar*, seríamos totalmente excluídos. Num segundo momento, poderíamos ser acolhidos, desde que aceitássemos os ritos do judaísmo. Hoje, nenhum de nós precisa ser judeu, pois Deus é de todos, e também não apenas de nós, cristãos, mas de toda a humanidade. Se conseguirmos descobrir que Deus pertence a toda a humanidade, o nosso coração se transformará. Muitas vezes, temos a ideia de um Deus pesado, que nos obriga. O que mais me entristece é ver que há pessoas que não entenderam nada de Deus e vivem a religião como

um grande e pesado fardo, uma obrigação. Deus é leve, nós é que somos pesados e temos dificuldades de conviver com Ele e com os outros. Deus aguenta todos nós, mesmo quando não lhe correspondemos. Mesmo que não olhemos para Ele, Deus continua olhando para nós e por nós. Podemos nos afastar dele, repudiá-lo, mas Ele nunca se afastará de nós.

Hoje é dia dos pais, que sabem disso. Um pai que ama verdadeiramente, onde estiver o filho, seja ele o que for, o seu amor continuará o mesmo, ainda que o filho seja um criminoso atrás das grades. Infelizmente, esse amor incondicional está fazendo falta aos nossos jovens. O verdadeiro amor é terno, mas também é firme para conduzir os jovens dentro dos limites da ética, da honradez, não permitindo que eles se percam nos abismos da existência, no meio das farras, do vício, do crime, como se tudo isso os conduzisse à felicidade. Se há jovens e adolescentes perdidos é porque está lhes faltando o verdadeiro amor de um pai que lhes mostre os limites para estruturarem sua caminhada. Isso qualquer psicólogo pode dizer.

No evangelho de hoje, Deus se revela como aquele que se entrega. Uma mulher estrangeira acordou Jesus, porque o acolheu e fez com que também Ele a acohesse. Hoje não estamos mais naquela época, mas qualquer um de nós pode se perguntar quem são os estrangeiros para nós. Quem são aqueles que entram de viés em nossa vida e são por nós rejeitados? Trazemos muito arraigados esse sentido de família, de clã, de turma, *de tribo*, de religião, que não admite que nenhum estranho penetre. Ouçamos essa mulher dizendo que também os cachorrinhos têm direito de participar e deixemos que os nossos corações se comovam, como comoveu o coração de Jesus. Será que temos coragem de partilhar as migalhas e quem sabe até a nossa predileção?

Esse evangelho é muito profundo, nos questiona e nos sacode, não permitindo que fiquemos presos ao elitismo, aos grupos fechados, às nossas preferências. Sempre encontraremos *cananeias* em nossa vida e sempre precisaremos delas, pois são elas que nos transformam. Amém. (20°. domingo comum)

## **QUE PORTAS ESTAMOS ABRINDO?** **(Is 22, 19-23/Mt 16, 13-20)**

Nós já ouvimos tantas vezes esse evangelho, que logo pensamos no substituto, representante de Pedro aqui na Terra, que é o papa, nos bispos, ou até mesmo em nós, padres. Mas penso que não. Acho que essa pedra e essa chave somos todos nós.

A primeira leitura é muito simples, quase factual, é até um pouco estranho estar colocada aqui. Parece algo acontecido em Brasília, lá no Planalto. Todos vocês se lembram de um ministro chamado José Dirceu, que antecedeu a Dilma (\*). O mesmo aconteceu em Israel, onde havia um *primeiro-ministro, chefe da Casa Civil*, que hospedava pessoas, preparava a agenda do rei. Como a situação não estava funcionando bem, foi substituído por outro personagem que então carregava a chave nas costas. Naquela época havia uma vantagem que não existe agora: quem fosse visitar o rei recebia uma chave e se hospedava no palácio.

A figura que está por trás disso foi colocada para que entendêssemos Pedro e a nós, que estamos aqui. Há duas razões: Pedro não repetiu o que as pessoas diziam. As crianças, assim como nós, aprendem a falar repetindo o que ouviram. Ao repetirmos, criamos de tal maneira esse hábito, que continuamos repetindo. Repetimos as notícias dos jornais, da *internet*, da televisão. Repetimos, mas não pensamos. Não dizemos, não narramos o que nós mesmos somos. Hoje Jesus coloca essa jogada pedagógica. Ele provocou os apóstolos, primeiramente para que eles repetissem: “o que dizem os homens que eu sou?”. Eles repetiram as respostas que estavam na boca do povo. Eram respostas prontas que não lhe interessavam, pois queria saber mesmo era o que eles tinham a dizer sobre a sua pessoa.

A Jesus não interessa que repitamos o catecismo ou alguma coisa que ouvimos do padre Libanio, ou uma mensagem cantada pelo Pe. Marcelo Rossi. Ele não quer que repitamos como papagaios, que recitemos respostas gravadas em *Cd's* ou no *pendrive*. Isso não interessa. O Senhor quer saber o que somos, o que queremos, o que pedimos, o que pensamos, o que dizemos. Quando assumimos o que falamos, Ele nos chama de pedra! Pedra é o que dá segurança e firmeza. Não é apenas Pedro, mas cada um de nós, que sempre podemos ser um sustentáculo para alguém.

Queria deixar uma pergunta na cabeça de vocês: algum dia vocês foram pedra no sentido de suporte, de firmeza para alguém? Algum dia vocês se achegaram e sustentaram alguém que precisava, que claudicava, que se sentia frágil, quase caindo, dando-lhe ânimo, alegria e coragem de viver? Se em algum dia conseguimos fazer isso, aí sim, somos pedra, somos Pedro. Caso contrário, somos apenas redemoinho, lodo, barro em que as pessoas se afundam.

Há ainda uma metáfora mais forte. Jesus muda e escolhe a chave. Quando chegamos em casa, a chave serve para abrimos a porta, para entrarmos em casa e, depois, para tornarmos a fechar. Isso significa que abrimos para quem queremos: nós, a família, os amigos. Cada um de nós é chamado a ser chave, abrindo portas para acolher as pessoas, ajudando-as, fazendo o bem, levando-as a crescer. O importante é abrimo-nos para os outros, descortinar caminhos novos. A experiência mais fascinante que nós, professores, podemos viver é quando abrimos a inteligência de alguém para a verdade. Quando damos uma aula, uma palestra e ouvimos alguém dizer que entendeu, é como se rompêssemos um véu escuro por onde entrará um pouco de luz. O mesmo acontece quando uma mãe compreende um filho, que sorri e se sente acolhido. Nesse momento, ela é chave, mais até do que Pedro, pois abriu para o filho o caminho da verdade, do bem, da beleza. Quando passarem com uma criança diante de uma cena bonita, parem para que ela possa admirar a beleza, e estarão abrindo para ela o prazer da contemplação. Mostrem-lhe quando alguém estiver praticando um ato bonito, e estarão lhe abrindo as portas do bem. Quando a fizerem compreender que aqui está o Senhor, cuja memória revivemos em cada celebração eucarística, estarão lhe abrindo a porta da fé. Quando ensinarem alguma coisa de bom, estarão abrindo-lhe a porta da verdade. Quantas portas poderemos abrir a cada dia? Para isso, temos as chaves!

Mas o trágico é que também temos chaves para fechar. Nossas tristezas, nossas caras feias, nossas maldades, nossos maus exemplos fecham a porta do bem. Os jovens não querem mais entrar para a política, porque os políticos corruptos fecharam-lhes as portas da boa política, que é das atividades mais lindas do ser humano. As portas estão fechadas, porque os nossos políticos roubam, são corruptos, zombam do povo. Terrível responsabilidade! Terrível responsabilidade também da Academia, quando fecha a porta da verdade para os estudantes, quando lhes ensina coisas falsas, teses erradas contra a ética. Estará também fechada a porta do bem, da verdade, quando permitem ao estudante copiar seus trabalhos da *internet* e apresentá-lo como seus. Quantas portas estamos fechando! Aí não seremos Pedro, mas traidores da verdade. Esse evangelho nos toca em profundidade. Diante dele devemos nos perguntar se estamos sendo pedras para as pessoas, quais portas estamos abrindo e quais outras estamos fechando? Essas são as grandes perguntas da existência. Jesus diz a Pedro que ele abriria as portas até do céu porque, confessando que estava diante do Filho de Deus, confessou o bem, a verdade, a beleza. Caberia a ele abrir as portas da Terra para a eternidade. Amém. (24.08.08/21º. domingo comum)

(\*) Dilma Rousseff, Presidente do Brasil, no governo Lula, foi ministra da Casa Civil em substituição a José Dirceu.



## ***CONSTRUÍMOS AS RELAÇÕES QUE NOS CONSTROEM (Mt 16, 21-27)***

Quanto mais lemos esse evangelho, mais tocados ficamos pela sabedoria desse Homem, chamado Jesus Cristo. É impressionante! Podemos ler todos esses filósofos de hoje, responder uma quantidade de perguntinhas sobre genomas e tantas coisas mais, ficarmos com a cabeça cheia de *google* (\*) e, de repente, com o evangelho nas mãos, encontramos a verdade pura, direta, simples, imediata e profunda. Isso só um homem genial que fez a experiência mais tocante de Deus pode nos dizer.

No domingo passado, Jesus olhara para Pedro e dissera que ele era pedra e tinha as chaves do reino dos céus. Hoje, olha para o mesmo Pedro e manda que ele vá para longe, chamando-o ainda de Satanás. Terrível, não?! Ontem, pedra e chave; hoje, Satanás! Assim foi Pedro, e assim somos cada um de nós. Há momentos em que somos chave para quem está perto de nós, e outros, em que somos – como disse Jesus – , pedras de tropeço. Imaginem um cego caminhando com sua bengalinha e, de repente, tropeça em uma pedra e cai. Pedra de tropeço é aquele que coloca armadilhas para alguém, prendendo-o, derrubando-o, ganhando-o para uma causa ruim. Pensem em quantas vezes na vida nós somos assim. Satanás, nessa passagem, não tem sentido de capeta, demônio com chifre e tridente, mas de alguém que impede o outro de caminhar no bem e, mais ainda, joga-o ao chão, ao invés de levantá-lo. Tantas vezes somos satanases na vida de muitas pessoas, desanimando-as, desencorajando-as, levando-as para caminhos escusos de droga, sexo sem nenhum sentido ou até mesmo ignorando quando alguém necessita ser ouvido ou orientado.

Jesus também vai a Jerusalém! Que coisa significa isso? Jerusalém é aquele lugar alto, onde estava o Templo. Mas não é por isso que Ele vai lá, pois já tinha Deus em seu coração e não precisava buscá-lo. Jerusalém era o lugar onde poderia mostrar a toda a humanidade, a todos nós, que nos amava até o extremo, e Ele estava louco para fazer isso. É como uma mãe que precisa mostrar a seu filho que o ama imensamente e é capaz de fazer tudo para provar-lhe isso. O lugar da expressão do amor é o mais importante que existe. Quando, por exemplo, uma pessoa busca um pai, uma mãe que não chegou a conhecer e sabe que, em determinado lugar, encontrará aquela pessoa. Se tivesse asas, certamente voaria para lá, na certeza de encontrar o toquezinho de amor que procura. Jesus, pelo contrário, foi levado a Jerusalém pelo amor que trazia consigo e queria nos mostrar. Enquanto isso, Pedro, com sua cabeça pequena, não consegue entender. Exteriormente, ele viu o sofrimento, os perseguidores, os inimigos, os adversários, mas não viu a face interna do amor, que é a entrega, o dom de si mesmo. Dificilmente nós conseguiremos entender essa lição.

Há séculos pregamos que o ser humano só se encontra saindo de si mesmo.

É o grande paradoxo! Somos seres humanos e, para isso, precisamos sair de nós mesmos e encontrar o outro. Se uma criança pequena não tiver o olhar da mãe, nunca saberá que é humana. Precisamos encontrar o olhar do outro para nos evocar, nos acolher, nos despertar, nos fazer sermos nós mesmos. Esse olhar chama-se cuidado, amor, ternura. Jesus quis que todos nós o tivéssemos, pois é possível que alguém aqui na Terra nunca receba o olhar de amor de uma pessoa. Mas até quem se sente rejeitado pode ter a certeza de que haverá alguém que nunca o rejeitará, alguém que um dia, numa cruz, unido a Deus como ninguém, olhou para ele e o amou. Esse olhar nunca poderá ser arrancado, nunca poderá ser negado. Todos os homens e mulheres podem nos negar amor, mas o Senhor Deus não o negou a ninguém. Essa consciência de ser amado é que nos faz capazes de amar. Pensamos que amamos porque queremos, mas é ilusão. Só amamos porque, primeiro, fomos amados. Só cuidamos porque, primeiro, fomos cuidados. Precisamos primeiro experimentar. Não nascemos plenos de amor, de carinho, mas nos construímos. Só nos tornamos ternos quando a mãe, o pai são ternos conosco. A beleza da criança, que tanto nos encanta, nasce do cuidado dos pais. Se não receber esse cuidado, ela crescerá como um monstrozinho, até se transformar num grande monstro. Mas, quando educada pelos olhares de ternura, de amor que a cercam, vai-se tornando cada vez mais humana. Nós nascemos geneticamente humanos, mas só nos fazemos humanos pelo cuidado que nos cerca.

É isso que Jesus nos ensina quando diz que só teremos vida se a perdermos. Vale a pena perder a nossa vida pelos outros. Perder a vida não é matar-se ou sacrificar-se, mas gastar tempo com as pessoas, buscar relacionamentos novos. Ao invés de ficarmos trancados em nós mesmos, precisamos nos abrir para as pessoas. O que nos salva são as convivências, os acolhimentos, os olhares e sorrisos de ternura. O que nos faz são as relações e, se elas nos fazem, as levaremos conosco aonde quer que formos. O que nos constrói é o jogo dialético de ida e volta. Fazemos as relações, e as relações nos fazem. Não podemos nos esquecer de que, para que eu tivesse vida, alguém a perdeu por mim. Se cada um de nós parasse um instante e se perguntasse quantas pessoas perderam horas por ela, saberia do que estou falando. Quantas vezes nossos pais perderam horas e horas de sono, aflitos, imaginando os nossos passos?! É esse cuidado que nos constrói e nos transforma. Precisamos perder para ganhar. As pessoas que só querem ganhar estão perdidas, mortas por dentro. Quanto mais queremos agarrar as coisas, ajuntar dólares no banco, mais mortos estaremos por dentro. Quem não tem nada dentro de si é que precisa agarrar o que tem por fora, mas não o constitui. As coisas externas existem para serem vistas e aproveitadas por todos. Só levamos para dentro da eternidade de Deus o amor que criamos e que somos. Pois, na realidade, somos as relações de amor. Nenhum de nós é totalmente bom ou totalmente mau. Purificamo-nos de nossas maldades na relação com os outros. Amém. (31.08.08/22º. domingo comum)

(\*) *site* de busca da internet

## **VÍNCULOS QUE SE TORNAM DEFINITIVOS**

### **(Mt 18, 15-20)**

Esse evangelho parece enigmático, jurídico, quase uma fala de advogado, de juiz ou de um tribunal, mas não é esse o seu espírito. Jesus era uma pessoa muito livre, muito carismática, acolhia qualquer pecador, não exigia nenhum rito para que alguém se aproximasse dele, algo que não era comum naquela época. Um homem nunca conversava com uma mulher em público, as mulheres daquele lugar não podiam, como ainda não podem, soltar os seus cabelos. Jesus, com seu modo de agir e acolher, contestava tudo isso, para nos mostrar que Deus é o grande Pai que acolhe todas as pessoas em qualquer momento e em qualquer situação. Mas Jesus partiu, e surgiu a Igreja tentando colocar ordem e organizar suas disciplinas, seus ritos, que não existiam. O que ouvimos nesse evangelho é um inciozinho de organização sobre as possíveis disputas entre as pessoas. O que nos interessa hoje é que, não tendo Jesus vivo entre nós, precisamos de sinais visíveis para exprimir nossa caminhada: sacramentos, leituras, coral, celebrante, uma comunidade. Precisamos de ritos, de relações, e devemos criá-los também nas famílias, na sociedade, pois somos seres corpóreos, sensíveis, vinculados uns aos outros.

A preocupação que atravessa o ensinamento de Jesus se ilumina com esta frasezinha: “tudo o que ligares na Terra será ligado no céu e tudo o que desligares na Terra será desligado no céu”. Ele diz isso para todos os cristãos, portanto, para cada um de nós. Agora vem a pergunta: que coisa é ligar e desligar na Terra e no céu? Substituirei a expressão “no céu” por definitivo, para entenderem melhor. Tudo o que for ligado ou desligado na liberdade terá alguma coisa de definitivo. Mas o quê será ligado ou desligado? Qual é o objeto direto dessa frase?

Nós ligamos quando reunimos e criamos vínculos de amor, de eternidade, de igualdade, de ajuda. Todas as vezes em que ajudamos alguém, em que olhamos para uma pessoa, criamos um vínculo. Por isso, muita gente não gosta sequer de olhar. Todos os nossos gestos e encontros criam vínculos. Somos seres vinculados e vinculantes, porque somos sociais e societários. Em nossa vida, ao criarmos relações, não as criamos temporariamente, porque Deus nos deu um dom chamado liberdade. As nossas ligações dos sentidos passam. Podemos nos encantar com uma árvore, mas mesmo que a imagem continue na nossa fantasia, a árvore fica para trás, porque esse é um ato de nossos sentidos. Mas um ato de nossa liberdade tem alguma coisa de definitivo, e essa é a nossa grande responsabilidade. Se nós ligarmos, nem Deus poderá desligar, da mesma forma que se desligarmos, nem mesmo Deus poderá ligar. Ele nos deu a enorme liberdade de ligar. As pessoas que trabalham numa catequese, numa escola, num serviço social, na sua profissão, estão continuamente ligando, mesmo pensando

que aquelas relações são puramente profissionais. Mas não são. São relações que ultrapassam aquele momento, pois acontecem entre liberdades, entre pessoas. Quando tratamos alguém como coisa, essa relação desaparecerá, pois as relações entre coisas não permanecem, enquanto as relações entre pessoas acontecem também no céu, isto é, têm algo de definitivo. Isso é tremendo! Se impedirmos alguém de caminhar, fechando-lhe uma porta, essa pessoa não passará, e nem Deus poderá lhe abrir essa porta. Somos responsáveis, não apenas por nós mesmos, mas principalmente em relação aos outros. Quando encontramos pessoas carentes, necessitadas, pessoas doridas, machucadas, sofridas, deprimidas, aí sim, essa frase de Jesus ecoa para nós. Precisamos desligar as depressões, os sofrimentos, as dores, para que a palavra de Deus, o bem entre nos seus corações. Se não agirmos, o bem não entrará.

Nossa responsabilidade é tão grande, que o nosso primeiro gesto deveria ser iniciado em duplas. Se não dermos conta, peçamos ajuda a um terceiro, se nem assim obtivermos sucesso, chamemos outro e mais outro. Não podemos nunca desperdiçar uma oportunidade, pois será como uma água que cai e desaparece. As relações profundas nos marcam e nos constroem.

A filosofia personalista dominou muito nas décadas de sessenta e setenta do último século e marcou definitivamente o nosso pensamento. Ela só entende o ser humano na sua intersubjetividade, isto é, nas relações entre liberdades, subjetividades, consciências, entre pessoas que sabem o que são, o que querem, e é nessas relações que nos construímos. É Jesus quem diz que o que construímos aqui na Terra continuará no céu. Mas se não construímos na Terra, também não será construído no céu. Amém (07.09.08/23º domingo comum)

## ***O SENHOR FAZ DE NÓS SERES PARA A VIDA*** ***(Nm 21, 4b-9/Jo 3, 13-17)***

Hoje celebramos a exaltação da Santa Cruz. Por trás dessa solenidade há uma história, cuja verificação nos escapa. É bom sabermos que, aproximadamente trezentos anos depois da morte de Jesus, uma imperatriz romana, chamada Helena, esposa de Constantino, numa imensa devoção, resolve procurar pela cruz de Jesus. Quando Ele morreu, ninguém lhe deu importância, portanto era muito difícil localizá-la. A cruz é encontrada, mostrada e exaltada pelo povo, que a venera. Passam-se séculos, e um imperador da Pérsia a rouba, provocando uma guerra para reconquistá-la. Esse é o fundamento histórico, mas o mais importante não está aí. Mesmo que esses fatos não tenham se dado exatamente assim, o sentido vem das leituras que ouvimos, assim como de uma experiência nossa.

A liturgia faz um jogo simbólico muito profundo, tentando facilitar a compreensão da escritura, escolhendo textos que mutuamente se iluminam. Se compararmos, encontraremos uma relação profunda entre a primeira leitura e o evangelho, sendo que no meio está uma serpente. É talvez o maior paradoxo da vida humana. Duas coisas extremas: vida e morte, que nos parece tão antagônicas, mas não são. Onde há vida não há morte, assim como onde há morte não há vida. Essa é uma afirmação, não apenas existencial, mas também científica. Jacques Monod, um grande cientista ateu, prêmio Nobel, é quem afirma que ao surgir a primeira célula viva, surge também a morte. É dele a seguinte frase: “O preço da vida é a morte”. As coisas mais distantes são também as mais próximas. Nada está tão próximo da vida como a morte, e nada está tão próximo da morte como a vida. Ao surgir a vida, necessariamente também surge a morte. Um jovem entra no seu carro cheio de vida, sai correndo e, segundos depois, pode encontrar a morte. Reparem bem como o evangelho joga com isso.

Na primeira leitura, a serpente é que matava. Quando os americanos invadiram o Iraque, tiveram que atravessar o deserto, quando muitos soldados foram picados por víboras que vivem nos desertos. As serpentes são causa de morte. Moisés erguia a serpente e, ao olhá-la, eles viviam. Reparem o jogo: a mesma serpente que é causa de morte é também causa de vida. Quando a vemos no chão, é símbolo de morte, mas se olharmos para cima, a mesma serpente será sinal de vida. O evangelho nos ensina que Jesus morre na cruz, e o próprio João nos diz que quem o olhar não morrerá. Mais uma vez, morte e vida.

Vejam agora a nossa experiência cotidiana. Nós estamos no mundo, e as coisas só fazem sentido para nós se com elas estabelecemos alguma relação. Somos nós que damos sentido a tudo o que existe. Olhamos para um banco e pensamos que é um lugar para sentar. Olhamos para um carro e pensamos que podemos conduzi-lo, enquanto ele nos conduz. Vivemos cercados de coisas

e de pessoas, e daí vem o paradoxo. Somos criadores de sentido e, por isso, nos sentimos onipotentes. Mas, de repente, nos bate a solidão mais profunda, ao tomarmos consciência de que algum dia não estaremos mais no mundo. Pensemos nas pessoas que já morreram, que já estiveram aqui e já não estão mais. Também nós e estes jovens bonitos, sadios, estamos aqui e, de repente, podemos não estar. Esse fato de não mais estar é a maior causa da angústia humana. Não dominamos a vida, pois ela sempre pode nos escapar, mesmo que tentemos segurá-la de todas as formas. A vida que esteve aqui pode, a qualquer momento, não estar mais, e isso qualquer um de nós pode experimentar. Levamos um grande susto quando a vida encontra com a morte. Esta é a solidão radical da existência humana: podemos não estar mais. Nenhum de nós consegue segurar a vida. Há uma imagem bíblica bonita, que eu já repeti tantas vezes: a vida é como a água que escorre pela mão, cai no chão e desaparece. Podemos girar o relógio, mas não podemos voltar o tempo. Ele flui inexoravelmente. Morremos a cada instante que passa e não se repete.

Aí ficaríamos, e essa angústia existencial, que tantos psicanalistas e filósofos trabalham, nos perseguiria indefinidamente. A filosofia acaba aí, Heidegger (\*) acaba aí, ele que afirmou que o ser humano nasceu para a morte. Mas, para quem tem fé, há uma novidade, há aquele para o qual olhamos e que nos concede a vida. Somos um ser para a morte, mas, olhando para esta cruz, podemos dizer que somos seres para a vida. Este é o grande paradoxo: no mesmo instante em que experimento a fragilidade de minha vida, percebo que posso vencer a morte, não mais por mim, mas naquele em quem eu creio, que ressuscitou e se nos deu como alimento e cuja memória celebramos, reunidos nesta igreja. É esse mesmo Jesus que nos diz que não precisamos ter medo, porque, mesmo que tenhamos essa condição existencial de nascermos para a morte, Ele, o Senhor ressuscitado, fará de todos nós seres para a vida, porque carregamos conosco o seu germe. A grande diferença é que nunca morreremos totalmente. O ontem sempre existirá no hoje de cada um de nós. Somos ontem, hoje e sempre, caminhando para o amanhã. Carregamos conosco todo o passado para o futuro que nos acolhe no amor salvador de Deus. Amém. (14.09.08/24°. domingo comum/Exaltação da Santa Cruz)

(\*) filósofo alemão, falecido em 1976.

## **QUAL O TAMANHO DE SEU CORAÇÃO?** **(Is 55, 6-9/Mt 20, 1-16a)**

Quando ouvimos um evangelho desses, numa sociedade neoliberal, do conhecimento, pós-industrial, não podemos entender mesmo. Por isso, o profeta Isaias já nos preparou, dizendo que os caminhos de Deus não são os nossos, assim como os seus pensamentos também não são os nossos. É fácil entender. Estamos numa sociedade em que prevalece o que chamamos em sociologia de meritocracia, isto é, o poder do mérito. Na nossa sociedade predomina o mérito, e vocês, adolescentes, já sabem disso. Quando vão prestar o vestibular, precisam ser bem classificados para entrarem na universidade. Quando procuram um emprego, sabem que um gerente de recursos humanos selecionará os melhores, os que têm mais mérito. Desde pequenininhos, na escola, os alunos sabem que os boletins não podem ter notas vermelhas, pois os pais certamente irão reclamar. Sempre o mérito. Assim é a sociedade na qual vivemos.

Deus quer nos mostrar alguma coisa diferente, e isso nos confunde, pois essa lógica não bate com a nossa. O que Ele quer nos mostrar é que não há diferença entre quem trabalha uma hora ou quem trabalha sete horas. Mas não pensem que Deus quer premiar os vagabundos. É bem diferente! Não é a lógica do emprego, da sociedade, do salário. Ele não dá prêmios como os programas de auditório. Não nos dá coisas, não nos dá notas, não nos classifica, pois só pode dar a si mesmo. Como é infinito, se dá infinitamente a todos e a qualquer um de nós. Portanto, da parte de Deus, não há diferença, o dom é sempre o mesmo. A diferença virá sempre do nosso lado. Somos nós que podemos acolher mais ou menos. Se recebemos o infinito, mas somos pequenos, ele nos escapa, e só reteremos o que conseguirmos. Imaginemos que Deus é uma grande chuva caindo sobre nossa cidade. Todos saem carregando suas vasilhas. Um pode levar um dedal e pegará quase nada, enquanto quem levar um tambor reterá uma enorme quantidade de água. A chuva é a mesma! Se o nosso coração for oceânico, ele absorverá toda a água, mas se for um *igarapezinho*, molhará apenas as plantas.

Aí vem a história. Jesus quer nos perguntar qual o tamanho de nosso coração. Não é por trabalharmos sete horas que teremos um grande coração. É uma parábola, não uma aula de matemática, muito menos de economia, para nos dizer que o mistério de Deus é diferente, e nós o captamos na medida em que estamos mais ou menos abertos para acolher. Acho que hoje acolher e cuidar é mais que amar. Esse verbo foi tão vulgarizado, tão barateado, tão reduzido a frangalhos de beijinhos, que eu estou mudando o meu português. Cuidar é voltarmo-nos para os outros, esquecer o que somos e o que o outro é. Guardem essa frase! No momento em que esvaziarmo-nos de nós mesmos, poderemos começar a acolher, e a primeira coisa que acolheremos é o Deus que existe nas pessoas, nos acontecimentos, na luta, no silêncio.

Estou lendo um livro que está me tocando muito. É de um teólogo espanhol falando sobre Jesus (\*). Mesmo lendo todo o evangelho, a gente não se dá conta. A época de Jesus não era como a de hoje. Podemos dividir aquela sociedade em três grandes camadas, começando por Nazaré, o lago, onde Ele passou a vida adulta e a infância. Distante seis ou sete quilômetros, estava Séforis. Um pouco mais distante, estava Tiberíades. São duas cidades em que Herodes – não o do nascimento, mas o da morte – construiu com um fausto imenso. Imaginem Tiberíades, construída em honra de Tibério, o imperador. Era uma cidade rica, com construções em pedra, onde vivia a burguesia, os proprietários de terra que viviam no luxo. Lá Jesus nem chegou a ir, pois não tinha nível social para isso e seria barrado na entrada. Em Nazaré, havia também os pequenos proprietários espoliados pela cobrança de impostos dos poderosos. Eram obrigados a deixar suas terras e se transformavam em andarilhos. Quando estive em Moçambique fiquei muito impressionado ao ver a quantidade enorme de pessoas caminhando a pé de cidade em cidade. Não têm casa, teto, terrenos. Assim era também na sociedade de Jesus: doentes, miseráveis, prostitutas, caminhando pelas estradas. Jesus também larga sua pequena propriedade, a pequena segurança que tinha, segue com os miseráveis, e passa três anos sendo andarilho, sem casa, sem teto, sem nenhum banheiro bonito. O Verbo eterno de Deus na forma de um andarilho paupérrimo. É espantoso! Ele, que conhecia o coração do Pai, sabia que eles não eram miseráveis e se colocava ao seu lado, para dar-lhes dignidade. Ele curava muito mais os corações do que os corpos. Não era médico, não era mago. Simplesmente queria tocar os corações, para que as pessoas acreditassem que vale a pena viver, que elas são dignas, que são amadas.

Se existe um Deus assim, precisamos pegar um pouquinho dele, e não precisa ser muito. Quando estivermos sentados confortavelmente nas nossas casas, diante de um computador, de uma televisão imensa, perguntemo-nos: qual de nós teria a coragem de largar todo o conforto e sair miserável pelas ruas? Algum governante, presidente, vereador ou deputado teria coragem de deixar seu palácio, descer de sua empáfia e se misturar aos boias-frias nos canaviais? Raros bispos e sacerdotes fazem isso – Pedro Casaldáliga (\*\*), Teresa de Calcutá, poucos, muito poucos. E se encontrássemos com Ele perambulando miserável pelas ruas? Talvez chamássemos a polícia ou alguma clínica psiquiátrica. Mas Jesus se pôs ao lado, para nos mostrar que o cristianismo é sério. Que quando as pessoas sofridas, largadas, se encontrarem conosco possam perceber, pelos nossos olhares, pelo nosso abraço, pelo nosso carinho, que existe um Deus que as ama. Amém. (21.09.08/25º. domingo comum)

(\*) referência a José Antonio Pagola, autor do livro “Jesus, aproximação histórica”

(\*\*) sacerdote catalão, bispo de São Félix do Araguaia (MT), até fevereiro de 2005.



## ***FALAR E FAZER (Mt 21, 28-32)***

Quando Jesus conta essas pequeninas parábolas, fala tão explicitamente, que Ele mesmo as explica. Mas é preciso ir bem mais longe, primeiramente nos colocando no contexto de Israel. Jesus fala para os fariseus, aqueles que faziam, pessoas muito exatas, até mesmo escrupulosas, ritualistas. Interessante é que Ele fala de dois tipos de filhos, mas eu vou lhe pedir licença para falar de quatro tipos. Todos nós somos, ao mesmo tempo, aquele que fala e não faz, e aquele que faz e não fala. Quando o pai diz ao primeiro filho para ir trabalhar na vinha, ele não responde nada, apenas fica quieto e não vai. Sobre o segundo e terceiro vocês ouviram. Um quarto filho, ao ser interpelado, respondeu e foi. Temos aí quatro atitudes fundamentais. Das outras duas, que também são importantes, Jesus não falou, porque não precisava.

Olhando um pouco a antropologia, isto é, a maneira de nós, seres humanos, existirmos e nos relacionarmos, podemos concluir que, quando não falamos nada, assumimos a pior atitude possível. Quando não reagimos nem falamos, nos fechamos como caramujos, criando uma situação intolerável. A palavra, ainda que não obedecemos, é muito melhor do que o silêncio. O primeiro filho, que não aparece na parábola, é muito melhor que o segundo. Quem não fala, não expressa a verdade de si mesmo, fica preso no mistério, escondido de si, sem nem mesmo saber quem é. Não sabendo quem é, pode ser entregue a qualquer vento, sem sequer protestar. Será alguém que não se sabe, não se expressa, não se diz, a pessoa mais triste, mais carente que poderá existir. Pais, abram os olhos! Filhos calados são filhos perigosos, filhos silenciosos são muito piores, porque nunca deixarão perceber que mistério guardam, fechando-se a qualquer ajuda. Sobre isso, Sigmund Freud (\*) formulou uma terapia muito simples: que todas as pessoas falem de seus problemas, pois, nesse momento, eles começam a ser desvendados. Quem diz que não tem nada para falar, que está tudo bem e não precisa de ajuda, aí sim está enrascado, preso. Falamos, não necessariamente por palavras, mas também pelos gestos, pela presença, pela roupa, por qualquer sinal inteligível para os outros.

Falar e não fazer é ruim, mas é melhor do que não falar. Mesmo quem fala e não faz pode refletir e um dia melhorar. É bom que as pessoas falem, mesmo que não cumpram. Eu nem sou contra esses políticos que prometem e não cumprem. É bom que falem o que nem pensam em fazer, pois aí poderemos interpelá-los usando a sua própria fala. Quando não falam nada, nem mesmo cobrar podemos. De um mudo, não podemos cobrar nada. Deixar que as pessoas falem, que prometam, não é ruim, porque é o primeiro passo da verdade. Se não conseguirem realizar, poderão até ser ajudadas. Não critiquem, mas encaminhem. Todos nós precisamos de vozes que nos confirmem, que nos incentivem, que nos organizem, nos legitimem ou não. É o primeiro passo da pedagogia. A linguagem

precisa ouvir o eco da palavra. Num casamento, tantas vezes isto acontece: prometem o que não conseguem realizar. Não é por serem maus, mas por ainda não conseguirem realizar o que falaram. Nesse momento, o eco é que poderá recolocar, reacender o desejo de refazer, de acertar.

Se a pessoa apenas faz, é bom, mas falta alguma coisa. Não basta fazer, pois não somos animais, não somos coisas. Somos seres falantes, seres da palavra, da linguagem. Ela cria o homem e nos distingue dos animais. Por ela podemos nos comunicar. Por isso, é importante que façamos e falemos. Falemos porque fazemos, e façamos porque falamos. Só assim daremos um passo maior e chegaremos realmente ao que é um ser humano. Amém. (27.09.08/26°. domingo comum)

## ***OS FRUTOS DE NOSSA VINHA***

***(Is 5, 1-7/Mt 21, 33-43)***

A primeira leitura e o evangelho jogam com a mesma imagem, têm a mesma metáfora, embora com sentidos diferentes. Já citei várias vezes um grande filósofo francês, chamado Paul Ricard, que tem uma frase muito pequeninazinha, muito fácil de entender. Ele diz que o símbolo leva-nos a pensar. Quando vemos uma coisa, logo entendemos, pois o sentido acaba nela mesma. Um microfone é microfone e nada mais. Muito diferente é quando falamos de um símbolo, de uma imagem, por exemplo, a vinha como símbolo de um povo. Imaginemos que Vespasiano fosse uma grande vinha, com uvas bonitas, bem rosadas, saborosas, misturadas a outras verdes, azedas. Aí começam os símbolos, que permitem que neles naveguemos. Começamos a fazer relações, trocá-los de lugar. Por exemplo, a água que pode significar vida ou morte, e assim por diante. Também a escritura joga com símbolos, e hoje jogou com o símbolo da vinha, mas em dois sentidos opostos. Na primeira leitura, a vinha é o povo de Israel, e o proprietário é Deus. É a estrutura da leitura de Isaías, mas eu prefiro pensar que a vinha somos nós.

Primeiramente, a vinha é símbolo do povo de Deus, e aí precisamos pensar naquela época. Precisamos imaginar um clima seco, um deserto enorme. De repente, encontra-se uma parreira bonita, com cachos de uvas suculentas. Imaginem como será bom comer uma uva numa temperatura de cinquenta graus. Quando Deus usa a imagem da vinha para aquele povo, está falando de alguma coisa bonita, saborosa, que todos procuravam. Eles andavam pelo deserto buscando um lugar onde pudessem encontrar frutos gostosos para comer. Para eles, Jesus descreve uma vinha cuidada, trabalhada, onde existe até uma torre de vigia para que os ladrões não invadam. Também coloca pedras, adubos, e as uvas crescem bonitas. De repente, Ele, o Senhor da vinha, que fez tudo para que as frutas crescessem deliciosas, quando vai colhê-las, encontra uvas azedas. Se fizera tudo para que desse certo, por que encontra frutos ruins? Essa é a imagem, somos nós essa vinha. Que o digam os pais. Fizeram tudo para que o filho se tornasse ótimo, sério, e ele sai um bêbado, drogado, perdido. Hoje até podemos citar um atleta conhecido e reconhecido no mundo inteiro, que, de repente precisa visitar o seu filho numa prisão. Que fruto é esse que, de repente, termina numa prisão? (\*) Ainda outro dia veio uma senhora me falar que foi obrigada a expulsar o filho de sua própria casa, pois nem mesmo ela aguentava o seu envolvimento com drogas, com crimes. Imaginem um pai, uma mãe chegar a ter que expulsar um filho de casa?! A vinha que eles cultivaram, os conselhos que foram plantados, todo o desvelo e cuidado, e quando lá pelos dezoito, dezenove anos, no momento de saborear, não se acha nada. Isso está acontecendo demais na nossa sociedade. Quantas famílias, ao buscar a uva em que trabalharam por tantos anos, não encontram nada?! Investe-se tanto nos filhos e, de repente,

nada. Também as empresas patrocinam cursos para os seus funcionários, dando-lhes condições de aperfeiçoamento profissional, para depois terem funcionários qualificados. É esse o jogo da vida!

A imagem da vinha é bonita, porque retrata a nossa vida. A vinha somos nós no trabalho, em casa, na família, no estudo. Professores que se matam por seus alunos, investem tempo, estudo, carreira, esperando que aquelas inteligências desabrochem, que aquele aluno possa produzir coisas bonitas para a sociedade. Será que valerá a pena? Não sabemos! Hoje Deus se queixou de sua vinha, como também nós tantas vezes nos queixamos. Eu, que sou professor há tantos anos, vi muitos alunos se transformarem em nada, outros em muita coisa, embora todos tenham recebido o mesmo cuidado. Imagino o desânimo de Deus. Se nós, que temos vinhas tão pequenas, já sofremos tanto, imaginem o coração de Deus quando investe em todos nós. O seu grande investimento é a nossa existência. Ele teve coragem de nos criar, de nos fazer seres humanos livres, confiantes, capazes, autônomos. Arriscou-se sem limites. Para quê?

No evangelho, Jesus mudou. Já não é Deus o agricultor, mas todos nós que cuidamos da Igreja, da sociedade. Precisamos abaixar a cabeça, pois Deus está esperando que essa vinha produza. Tantos vinhateiros que elegemos hoje, confiando que farão muito (\*\*). Interessante esse evangelho num dia de eleição! Entregamos nossa vinha a tantos vinhateiros. Será que irão matá-la, ou escutarão os bons, farão tudo para explorá-la? Que imagem nos deixarão nossos políticos?

Também nós somos vinhateiros. Precisamos despertar nossas consciências e nos perguntar: será que, realmente, queremos guardar o fruto dessa vinha apenas para nós, negando às pessoas, à sociedade, a Deus o que lhes é devido, ou somos vinhateiros generosos, que dispomos de todos os bens, colocando-os a serviço de todos? Cada um de nós deve pensar na vinha que tem, se realmente está cuidando dela, ou apenas explorando-a. Levemos a pergunta para casa e respondamos, não com palavras, mas com nossa vida. Amém. (05.10.08/27º domingo comum)

(\*) referência ao jogador Edinho, filho de Pelé, envolvido com problemas de drogas.

(\*\*) realização do primeiro turno de eleições municipais.

# **MARIA É O ROSTO MATERNO DE DEUS**

## **(Jo 2, 1-11)**

Se mergulharmos milhares e milhares de anos na história da cultura humana, dos quais conhecemos alguma coisa, encontraremos em todas as religiões um certo medo e até mesmo pavor de um ser maior. Se perguntarmos a razão, provavelmente responderemos que nos sentimos muito pequeninos diante das tempestades, das estrelas, do sol, contra os quais nada podemos fazer. O ser humano sempre se sentiu muito pequeno diante de tudo o que vê, projetando um ser que transcende a tudo isso como poderoso, perigoso e amedrontador. Assim começaram as religiões, e até o povo de Israel cultivou essa ideia, ainda que o Antigo Testamento tente fazer um jogo entre o Deus das tempestades e as citações de tantos profetas sobre um Deus de mansidão e bondade.

Surge o Novo Testamento, a grande virada da história, e a imagem de Deus começa a mudar a partir da encarnação do Filho numa mulher. As mulheres são responsáveis pela mudança da imagem de Deus. Maria é o rosto feminino de Deus! Se Ele fosse visto apenas pelos homens, certamente seria uma figura masculina, como a maioria das pessoas ainda consegue vê-lo: um velho de barbas, muitas vezes severo. O Novo Testamento quis nos mostrar que Ele não era nada disso. Para ser mãe de seu Filho, Deus escolheu uma mulher simples, provavelmente analfabeta, da cultura mais comum de sua época. Não escolheu uma mulher de Atenas ou de Roma, nem mesmo de Jerusalém, a capital de Israel, nem mesmo da capital do estado; mas do subúrbio do subúrbio. Nazaré ficava distante da capital, que era Séforis, ou de cidades importantes como Tiberíades. Escolheu uma menina simples, anônima, que vivia numa *roçazinha*, que não frequentara nenhuma faculdade, para mostrar a face feminina de Deus: simplicidade, afetividade, ternura, bondade. Nunca poderíamos imaginar isso! Ainda hoje muitos evangélicos pregam um Deus terrível, jogando raios, castigando, amedrontando as pessoas. O mesmo acontece em muitas culturas. Quando estive em Moçambique, um missionário me dizia que os seguidores da religião tradicional do país sofriam muito, pois acreditavam num Deus violento que lhes exige grandes sacrifícios.

Nosso Deus volta-se para nós, se faz carne nos braços de Maria, com ela aprende a andar, é por ela amamentado e cuidado. Escolhendo Maria para mãe de seu Filho, Deus revela quem Ele é. Quem se encanta com uma menina simples não pode nunca ser um Deus violento, um Atlas ou um Hércules, carregando o mundo nas costas. Pensando nisso, podemos descobrir a grande dimensão feminina de nossa fé, apesar de vir de uma tradição muito masculina. A Igreja é muito clerical, conserva uma imagem muito poderosa, dominadora, impositiva, ao passo que o mais importante nela são as mulheres. São elas que levam a Igreja, transmitem a fé nos lares, nas catequeses, como ministras. Elas são a continuação de Maria na

Igreja. Maria, a maneira nova de ver Deus! Através dela, o Pai do Céu nos revela o Filho. Ele continuou no céu, no seu mistério, mas, para apresentar o seu Filho ao mundo, escolheu uma mulher. Sem vocês, mulheres, nunca conheceríamos essa face de Deus. Continuaríamos amedrontados, oferecendo sacrifícios para aplacar a sua fúria.

Quando olharem a imagem de Maria, e também quando se olharem, saibam que transmitem para nós, homens, um pouco de Deus, uma imagem diferente, de ternura, de acolhida e cuidado. A grandeza de Maria não é ser ela, mas ser a face materna do rosto divino de Deus. Amém. (12.10.08/Festa de N.S.Aparecida)

# ***UMA FESTA PARA ALÉM DOS SENTIDOS***

## ***(Mt 22, 1-14)***

Há uma ideia central em cada parábola de Jesus. No domingo passado, ele falou da vinha, valorizando o nosso trabalho, assim como falou de bodas, simbolizando o mistério da encarnação. Hoje, a história é mais bonita e fala da gratuidade de Deus.

O rei convida para o banquete sem nenhuma razão, apenas para uma festa. Parece esquisito alguém rejeitar o convite para uma festa. Aqui, cada um inventa um pretexto para não comparecer. O rei fica intrigado e resolve buscar o povo miúdo. O próprio evangelho diz que vieram os bons e os maus, enchendo toda a casa.

Na parábola anterior, havia um trabalho a realizar na vinha, mas hoje é apenas a festa, para a qual todos nós somos convidados, sem nenhuma obrigação além de alegrarmo-nos pela presença de Deus na pessoa de seu Filho. Todos vocês que estão aqui aceitaram o convite, mas há muitos lugares vazios, que deveriam estar ocupados pelos que não vieram para a festa, pois não têm ideia de que a eucaristia, o encontro com Deus, é a verdadeira festa. Continuamos imaginando um Deus carrancudo, que a missa é uma obrigação enfadonha, e a razão para isso é muito séria. É que ainda não entendemos a beleza desta festa, da profundidade do verdadeiro encontro com o Senhor da história.

Nós temos cinco sentidos que captam a realidade imediatamente. Se fosse uma festa com muita comida, garçons, roupas bonitas, todos encheriam esta igreja, pois os nossos sentidos seriam satisfeitos. Foi o que aconteceu lá no *Rock-in-Rio*, em que a festa entrava pelos cinco sentidos. Quando vivemos apenas com eles, nos aproximamos muito dos animais, que também os têm e bem melhores do que os nossos. Eles nos fazem reagir imediatamente, para o bem ou para o mal. Mas uma festa de outra natureza requer maior profundidade, um pouco mais de cabeça e de coração.

A eucaristia é uma festa de menos barulho, mas de muito mais amor, de muito mais presença. Uma festa que compromete, que nos faz querer caminhar juntos, não é mesmo para qualquer um. A festa do Senhor não é para grandes multidões. Não tenham ilusões. É muito profundo saber que o dono desta festa é aquele que nos sustenta no existir. Se Ele se ausentasse um instante sequer, não apenas deixaríamos de existir, mas seríamos nada. Celebrar esse mistério é profundo demais, não pode entrar pelos sentidos. Não podemos cheirá-lo, tocá-lo, agarrá-lo.

Agradecemos se, pelo menos, chegarmos a entender alguma coisa. O próprio Jesus diz que são poucos os escolhidos, e não no sentido de privilégio, mas de que muito poucos conseguem alcançar o que é o amor, o que é verdadeiramente viver bem. Pensamos que amar é fácil, mas é a coisa mais difícil que existe. Por

isso, a felicidade é tão escassa. Experimentamos toquezinhos de felicidade para nos arrastar pelo resto dos dias, pois falta-nos leveza interior, que é para muito poucos.

Quando o rei vai-se encontrar com os convidados, percebe que um deles não traz a veste nupcial. É claro que o evangelho não fala de uma roupa material, mas simbólica. É a roupa da alegria verdadeira. Olhando para todos nós que aqui estamos, Jesus estará percebendo se estamos ou não trajando essa veste. Quem está distraído, aborrecido, certamente não traz essa veste. Pode estar usando a melhor roupa de domingo, mas os olhos de Deus vão no mais profundo. Se trouxéssemos a verdadeira alegria, as nossas celebrações seriam muito diferentes e poderíamos contagiar toda a cidade ao sairmos da igreja. O que Jesus quer é que irradiemos para todas as pessoas a paz e a alegria do verdadeiro encontro de amor com os irmãos e com o único Deus que nos sustenta no existir. Amém. (09.10.2011/28°.domingo comum)



## ***O MAIS É QUE É DE DEUS (Mt 22, 15-21)***

Colocando-nos no momento histórico e político de Jesus, sabemos que a Palestina estava dominada pelos romanos, que viviam e se mantinham cobrando impostos dos povos dominados, como hoje fazem os bancos. Para os judeus, pagar o imposto a César significava aceitar a dominação romana. Se Jesus concordasse com isso, estaria negando que Deus era o Senhor de Israel. Se, ao contrário, dissesse que não deveriam pagar o imposto, se colocaria contra os romanos, podendo até ser preso. Aí está a grande armadilha. Jesus diz esta frase, que depois foi tomada de outra forma, servindo para muitas outras interpretações: “dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus!”- como se o mundo político devesse seguir um caminho totalmente separado do caminho de Deus. Vamos caminhar com essa frase ao longo da história, pois essa interpretação não dá conta da realidade.

Todas as religiões, até a modernidade, tinham uma tradição política. Só a partir de Descartes, no século XVII, é que essa realidade começa a se modificar um pouco, sem considerar, é claro, os países islâmicos. A religião e a política viviam muito bem casadas, de tal maneira que, muitas vezes, os soberanos se mostravam divinos, como os faraós egípcios, os curadores romanos. Céu e terra eram dois reinos bem unidos. O cristianismo traz uma originalidade, como hoje nos explica Jesus. A religião e a fé tinham uma autonomia própria, assim como a política tinha o seu caminho. Na Europa, depois de Constantino, quando os imperadores se tornaram cristãos, Igreja e Estado voltaram a se unir. Mesmo no Brasil, até o século XIX, havia um grande entrosamento entre religião e estado. Com a república, veio a separação, mas não muito drástica, de modo que ainda se percebe, em muitos lugares, uma força enorme religiosa sobre a política. Se conhecermos bem a história do Brasil, veremos que o próprio Getúlio Vargas inaugurou a estátua do Cristo Redentor, cuja luz foi acesa lá da Itália por Marconi, numa cerimônia em que também estava presente o cardeal Leme, que disse ao presidente que o governo deveria estar com quem estava o povo, isto é, com a Igreja. Hoje já temos a clareza de que religião e política têm autonomia própria, mas prefiro não entrar nesse assunto, que é muito complicado. Quero ficar num aspecto bem mais simples e que toca mais de perto a nossa vida.

Peço licença a Jesus para mudar um pouquinho a sua frase. Começo dizendo que tudo é de César e tudo é de Deus. Para mim, de César são as realidades terrestres, é este mundo no qual vivemos: compras, diversão, comidas, família, prazeres, política, esporte, alegrias, tudo o que está sob o nosso olhar é de César. Então, nada sobra pra Deus? A maneira de abordarmos as coisas é que faz a diferença. Abordamos *cesarmente*, quando trabalhamos de acordo com os nossos interesses, para as pessoas que estão próximas, para o sustento nosso e de quem está perto de nós; é quando, no cotidiano, não damos conta de que as realidades

têm um sentido mais profundo. Ao percebermos que uma realidade humana tem um sentido mais profundo do que o imediato, de comprar, vender, tocar, levar, estamos entrando no reino de Jesus Cristo. Esse momento só ocorrerá quando percebermos a gratuidade das coisas, pois Deus só nos dá de graça. César trabalha com coisas, comércio, dinheiro, ao passo que Deus só trabalha com a gratuidade. Quando olhamos com olhar de César, só conseguimos ver o sentido mais próximo das coisas, que existem para nos possibilitar uma vida confortável, um convívio social. Somos de Deus quando tratamos das mesmas coisas, mas de uma maneira livre, gratuita, com doação de si, saída de nós mesmos. Somos de Deus, quando vemos as coisas e as pessoas como dons. A coisa é de César, mas o dom, o amor, a gratuidade são de Deus. Um professor que dá aulas e recebe o salário é de César, mas quando, na mesma aula, recebendo o mesmo salário, ele coloca o seu toque especial, se volta para uma criança que precisa de uma atenção diferenciada, ele é de Deus. Poderia citar milhares de exemplos, mas basta saber que podemos ser de César ou de Deus, dependendo da forma como realizamos cada ato do cotidiano. Para sermos de Deus, precisamos ser capazes de ir além do estrito dever, sem deixar que as coisas nos escravizem. O mais é que é de Deus. O que Jesus queria é que fôssemos a sua presença em tudo, em todas as ações do dia a dia. César exige apenas o cumprimento do dever, mas para ser de Deus, deve ser livre e gratuito, sem nunca contabilizar o amor.

O grande desastre no amor é a contabilidade, *déficit* e *superávit* de amor. Deus faz chover sobre o justo e o injusto, faz nascer o sol sobre o canalha e sobre o bom. Ele dá a chuva, o ar, o sol, as flores para todos. Não temos nenhuma conta de oxigênio a pagar no final do mês. Nós é que comercializamos, e aí somos de César. As coisas não se diferenciam na sua visibilidade, mas na gratuidade de nosso coração. Amém. (19.10.08/29º. domingo comum)

## ***NOSSO CORAÇÃO ESTÁ LONGE DO CORAÇÃO DE DEUS (Ex 22, 20-26/Mt 22, 34-40)***

A primeira leitura e o evangelho unem duas realidades que o ser humano foi descobrindo lentamente ao longo da história: o primeiro grande mandamento é amar a Deus e amar ao irmão, o que nos parece óbvio, mas nunca foi e ainda não é para muita gente. Quando consideramos a história da humanidade com o olhar mais longínquo, não de dez, vinte anos, mas de mil, dois mil e até dez mil anos, percebemos que o caminhar humano é extremamente lento, apesar de tantas transformações tecnológicas a que estamos assistindo. Por outro lado, o progresso interno, de mentalidade e coração, é de uma lentidão de fazer dormir.

Muito lentamente, a humanidade começou a pensar como deveria se relacionar com aquele ser supremo, o que para muitos era algo absolutamente óbvio, tal era a nossa pequenez olhando para o esplendor do universo e da natureza. Sempre nos soubemos incapazes de criar qualquer das maravilhas que nos rodeiam e sempre imaginamos um ser superior, muito poderoso. Foi a primeira grande ideia, e daí surgiu o primeiro questionamento: como poderíamos conseguir a amizade de um ser tão grandioso? O óbvio é que deveriam agradá-lo com sacrifícios, oferecimento de animais e coisas que o fizessem feliz. Continuaram a pensar como enfrentá-lo, quando ficasse bravo. Será que poderiam transformar o coração do Pai pelo jeitinho, por palavras carinhosas, promessas, novenas, que o desarmassem? Pensaram também como agradecer os seus amigos. Até aí a humanidade foi. Mas contra o inimigo, Deus não fazia nada, muito diferente de nós, conforme está na narrativa da primeira leitura e em muitas outras passagens do Antigo Testamento.

Deus ficou triste ao ver como a humanidade estava atrasada e rasteira e resolveu mandar o seu Filho. Ele veio, começou a inverter as regras e deu um nó na cabeça de muitos. Atraía os leprosos, que viviam apartados da sociedade, curava-os, atendia-os, conversava com uma mulher surpreendida em adultério, acolhia e perdoava os inimigos, visitava o publicano. Há várias passagens na escritura que diz que muitas mulheres seguiam Jesus pela Palestina. Nós, na nossa tradicional piedade, pensamos em santas mulheres, chorosas, mas, provavelmente, a maioria delas era prostituta, porque somente elas poderiam andar pelas ruas naquela época, pois não tinham marido e estavam afastadas dos pais. Eram elas que seguiam o Mestre, e Ele nunca as rejeitou. Realmente, Deus era outro, bem diferente do que imaginávamos, e nós não o entendemos. Ele não ama apenas os que são bons, mas também aqueles que nós pensamos que são seus adversários, pois não cumprem os mandamentos, não frequentam a Igreja. Também com esses Deus se mostra benigno e bondoso.

Falando bem concreto diante de situações que vivemos hoje, qual de nós, diante do Lindemberg, que matou a jovem Eloá (\*), não o quereria morto?

Nosso coração não tolera. Somos pequenos demais para nos aproximar do mistério maravilhoso de Deus. Depois de dois mil anos de cristianismo, ainda não conseguimos: odiamos, detestamos, falamos mal, condenamos, ao invés de termos consciência de que até o pior criminoso merece a nossa oração. Vejam as manchetes dos jornais! Nosso coração continua muito longe do coração de Deus.

Hoje Jesus nos diz que não devemos amar somente a Deus, mas também àquelas pessoas que parecem desagradá-lo, mas que Ele continua a ver com olhar benigno e por elas parece ter uma grande preferência. A essas devemos nos fazer próximos, pois Ele mesmo se aproximou delas. Ele mesmo se fez próximo dos piores da sociedade, porque sabia que não teríamos coragem de nos aproximarmos deles. Amando todas as pessoas, até aos mais pecadores, estaremos colocando o nosso coração mais próximo do coração de Deus. Amém. (26.10.08/30°. domingo comum)

(\*) referência a um caso de sequestro ocorrido em São Paulo, com grande destaque na mídia.

## ***NÃO SABEMOS, MAS CREMOS (Lc 12, 35-40)***

A liturgia cruza e coloca bem próximas duas festas: a solenidade de Todos os Santos, que celebramos ontem, e a comemoração dos mortos. Evidentemente, não é um caso fortuito, mas uma intencionalidade teológica na liturgia. Na solenidade de Todos os Santos, a Igreja não celebra aqueles que conhecemos – São Francisco, Santo Antônio, Santa Terezinha, entre outros –, pois esses são lembrados durante o ano e não precisariam de mais uma celebração. Mas há uma quantidade imensa, milhões e milhões de pessoas que viveram sua fé na simplicidade, na beleza do seu cotidiano, e que nunca serão lembradas como merecedoras dos altares, mas que estão hoje ao lado do Senhor. São essas pessoas que a Igreja recolhe e celebra. Hoje celebramos os mortos, talvez muitos de nossos grandes santos. Quem sabe não celebramos hoje como santos os nossos pais, alguns amigos?

A nossa cultura é realmente paradoxal em relação à morte. Nunca ela foi tão exposta como nos dias de hoje, assim como nunca foi tão velada. Quando abrimos o jornal, quase podemos sentir gotas de sangue de tantos crimes, de tanta violência. Se acessarmos a internet, deparamos com as manchetes e imagens mais absurdas. São cenas que podemos ver todos os dias nas televisões, nos vídeos, nos cinemas. A cada dia morrem milhares de pessoas. Paradoxalmente, não acontecem enterros na televisão, assim como as famílias não são consoladas. Simplesmente, a morte é vulgarizada, banalizada, para que percamos de vista qualquer sentido que ela possa ter. As mortes se sucedem sem nos dar tempo de nos deter no seu sentido. A banalização da morte é a coisa mais terrível da nossa cultura, e dela nós somos as vítimas.

Para nós, adultos, talvez isso não nos marque tanto, mas não podemos imaginar o mal que isso faz para as crianças e os adolescentes. Certamente o Lindemberg (\*) sequestrou e matou a namorada, porque viu muitas cenas como essa nas televisões, nos jogos de computador, nas revistas, que tiram e destroem o mistério da morte. Por outro lado, temos uma grande vergonha de morrer. Um grande romancista alemão, Thomas Mann, em um de seus grandes romances, descreve a morte na medida em que ela vai acontecendo. Começa com a morte do patriarca numa cena bonita. Toda a família reunida ao redor do velho de barbas brancas, deitado na cama dando os últimos conselhos antes de partir serenamente para a outra vida. É a morte digna que acontecia antes de existirem os hospitais, as UTI's, quando as pessoas morriam na serenidade e no aconchego familiar. Hoje a morte está escondida. A família pode ficar poucos minutos diante da pessoa, cheia de tubos, sem poder conversar, porque ao lado há outros e outros na mesma situação, com enfermeiros e médicos correndo de um lado para outro. Ali há uma máquina monitorada por outras máquinas. Já não existe ser humano. A morte desaparece, perde o seu mistério. Já não se pode morrer dignamente.

Diante disso, o que podemos fazer? Num dia como hoje precisamos parar e pensar. A morte não é um problema que precisamos aprender a resolver numa sala de aula. Também não é enigma que poderemos decifrar. A morte é mistério, uma realidade tão fulgurante que ofusca os nossos olhos, de modo que precisamos de várias lentes para nos aproximar dela e mergulhar no seu mistério sem nunca conseguir esgotá-lo. Os problemas acabam, se resolvem. Um enigma, quando decifrado, desaparece. Mas o mistério, quanto mais conhecido, mais conhecimento pede. Podemos comparar aos grandes mergulhadores que entram nos oceanos com suas máscaras de oxigênio e contam que o fundo do mar é de uma beleza infinita e que, quanto mais mergulham, mais são atraídos e mais querem descer e saborear a grandeza oceânica que existe por debaixo das ondas. Mistério é isto: olhados de fora, são pequenas ondas que escondem a beleza dos oceanos.

A morte é um grande mistério. O país das lágrimas é misterioso para quem chora e para quem causa as lágrimas. Do lado de quem foi, não sabemos nada. Temos notícias de experiências próximas da morte, aquelas pessoas que, clinicamente, morreram. O coração parou, mas diante dos esforços médicos, voltou a funcionar. Todas essas pessoas relatam coisas interessantes. Dizem ter entrado num bonito e enorme corredor de luz, onde viram as pessoas mais queridas de sua vida. Sentiram tal paz e tal alegria que não gostariam de voltar aos tubos, bisturis e aparelhos. Isso nos anima, pois a morte não aparece como algo tenebroso, como sempre imaginamos, mas como uma experiência de aproximação de uma luz, de um mistério maior, que é Deus. Mas nós continuamos do lado de cá e experimentamos a morte do outro como dor, saudade, limite, perda, ausência. Daí o sofrimento. Alguém que está junto de nós, de repente, já não nos responde, não reage. Diante desse silêncio absoluto, que dói e fere, precisamos ver além. Tomo uma comparação muito conhecida dos teólogos. Vamos imaginar que somos um nozinho numa teia imensa de fios. Cada relação, cada pessoa que conhecemos, cada amizade é um fio. Podemos imaginar uma infinidade de fios que a morte levará consigo e que na Terra perdemos, pois quase nenhum de nós, adulto, consegue saber por onde anda um coleguinha da infância que desapareceu no horizonte da memória. A luz do Senhor ressuscitado acordará todos eles diante de nós.

Vieira (\*\*\*) diz que a morte tem duas portas. Conhecemos a primeira, pois é a que se fecha para nós. Diante da morte de um ente querido, uma porta se fecha aos nossos olhos. Aquele ser já não pertence ao nosso mundo. Estamos diante de um corpo, não de uma pessoa. É o sacramento de quem se foi, um sinal de alguém que esteve entre nós. Não enterramos uma pessoa humana, pois pessoas não são enterradas, continuam existindo. Enterramos o que elas foram, o que significaram para nós na sua visualidade. É a porta que se fecha, difícil e feia! Ao fecharmos essa porta, os nossos olhos inundam-se de lágrimas, a dor toca o nosso coração. Mas há uma outra porta que só quem tem fé conhece. É a que

se abre para aquele que morre. Nós não podemos vê-la, a não ser no dia em que nos tocar abri-la. O que veremos eu não sei, apenas creio. O saber humano não chega, não toca nessa verdade, não consegue abarcá-la, mas a fé murmura-nos algumas coisas. É ela que nos diz que no momento em que essa porta se abrir, veremos o olhar mais lindo de todos os tempos, de todas as histórias, de todas as possibilidades – o infinito olhar de Deus! É como se Ele fosse um imenso espelho que, quando o olharmos, refletirá todas as pessoas que conhecemos, amamos e nos marcaram. Tudo o que vivemos e captamos nas retinas de nossos olhos terrestres aparecerá diante de nossos olhos celestes: o Senhor ressuscitado, o Pai, o Espírito Santo, os pais, os amigos, os santos, os amados, todos os que nos conheceram, os que nos amaram ou nos odiaram, pois já não nos odiarão. Será o momento mais esplendoroso da nossa vida. Estaremos diante da pura beleza, da pura grandeza, da pura graça. Oxalá a nossa porta se abra para cima e não para o horror de baixo. Amém. (02.11.08/Finados)

(\*) referência a um crime ocorrido em São Paulo, com grande destaque na imprensa.

(\*\*) Pe. Antônio Vieira, sacerdote jesuíta português que viveu no século XVII e também trabalhou no Brasil

## ***PARA O CRISTÃO, A ÚNICA LEI É O AMOR*** ***(Mt 23, 1-12)***

A comunidade de Mateus vivia um pouco dividida e bastante perplexa, porque não sabiam situar-se bem diante da pessoa de Jesus. De um lado, Ele falava da lei, como falou hoje, a respeito dos ensinamentos dos fariseus. Esse rigorismo diante dela satisfazia os mais velhos da comunidade, mas, ao mesmo tempo, eles se lembravam das atitudes de Jesus, totalmente contrárias à lei, como por exemplo o desrespeito aos sábados, dia sagrado para os judeus. Ao mesmo tempo em que dizia da importância de seguir a lei, Ele próprio a desobedecia, o que os deixava aturridos. Eles discutem entre si e se lembram que Jesus havia dito que, antes de qualquer lei, vem Deus e o Cristo, e que todos nós somos iguais, que nenhum de nós é mestre, pois temos uma igualdade radical. As diferenças começam bem depois.

Em primeiro lugar, numa base comum, somos homens, no sentido de seres humanos, e só depois somos mulheres ou homens, crianças, adolescentes, adultos ou velhos. Uma criança ou uma mulher é tão humana quanto um velho ou um jovem. O princípio maior que Jesus quer colocar é que há uma igualdade radical. O único que é maior que nós é aquele que nos criou. Se somos todos iguais e qualquer grandeza não vem de nós, mas como um dom que Ele mesmo nos dá, ao seguir essa lei, devemos nos perguntar se estamos ajudando alguém a crescer, a seguir o caminho do bem. Quando uma mãe começa a perceber que um filho está se desviando, é seu dever mostrar-lhe que a sua conduta não o levará a nenhum crescimento, a nada de beleza, de verdade e de justiça. A lei é necessária como um caminho que nos conduz à liberdade, à autonomia e que nos faça ser senhores de nós mesmos, capazes de nos relacionar com o divino. A crítica de Jesus aos fariseus não é a observância total à lei, mas o aprisionamento cego à ela, como se fosse uma pesada carga.

Também nós, na Igreja Católica, não temos nenhuma lei que nos imponha uma carga. Ninguém nos obriga a vir à missa aos domingos, para que venhamos de caras amarradas e chutando portas. Que venhamos porque o encontro nos desperta para o amor, para a liberdade, para a leveza. Devemos vir para nos sentirmos felizes, alegres e vivos, ao nos encontrar com o Senhor. Precisamos mostrar às pessoas que as leis existem para nós, e não nós para elas. Essa é a grande novidade de Jesus! Quando um grupo da comunidade de Mateus queria muito a lei, Jesus mostra-lhes que eles precisavam dela, mas não para se submeterem, mas para encontrarem o caminho, a verdade e a vida que é Ele próprio. Amém. (30.10.2011/31º. domingo comum)



# ***A SACRALIDADE DO NOSSO CORPO***

## ***(Jo 2, 13-22)***

Essa cena da expulsão dos vendilhões do templo, no evangelho de João, é colocada no início da vida pública de Jesus, enquanto nos sinóticos – Marcos, Mateus e Lucas –, está no final de sua vida. Qual será o motivo dessa troca? O mais viável é que o fato histórico tenha ocorrido no final da vida de Jesus e, talvez, tenha sido a gota d'água para a sua condenação à morte. Os judeus teriam ficado tão revoltados com essa cena, que tramaram a sua morte de maneira mais imediata. João coloca no começo, e o faz por razões teológicas e não históricas, que tentaremos aprofundar.

Podemos perceber que João faz uma ligação entre templo e corpo de Jesus, sendo que o próprio Jesus faz alusão à ressurreição do seu corpo em três dias, quando os judeus pensaram que se referisse ao templo físico. Há aí um jogo teológico que talvez, pela filosofia moderna, poderíamos levar até mais longe. Um conceito moderno de corpo não se prende apenas à aparência física, biológica e bioquímica, mas algo muito mais profundo, que abrange a maneira de nos fazer presentes ao mundo. Corpo é a totalidade do meu eu, portanto, é alma, é espírito, enquanto nos tornamos presentes uns aos outros. Se fôssemos somente espírito, ninguém nos veria. Para sermos percebidos, precisamos de corpo. Portanto, ao falar dele, queremos dizer que somos vistos, percebidos como alguém que pensa, projeta, deseja longe. Logo, somos também espírito. João diz que aquele templo físico é o significado, o sinal de uma maneira de apontar para uma realidade mais importante, que é a nossa presença aqui. Portanto, o que torna sagrado este templo não são as paredes, mas nós, que estamos aqui.

Ao entrarmos numa capela, fazemos silêncio, quando deveríamos ficar em silêncio pelo nosso próprio corpo. A coisa mais sagrada que existe aqui neste momento somos todos nós, que trazemos o que há de mais profundo. De certa maneira, Jesus retira o sagrado da materialidade do templo e o transfere para o corpo. Cada um de nós, ao andar pelas ruas, ao encontrar uma pessoa e dirigir-lhe uma palavra, é um templo mais sagrado do que qualquer parede, do que qualquer pedra. Somos nós o verdadeiro significado do templo. Se ele existe, é por nossa causa, e não vice-versa.

Dessa maneira, João quer nos dizer que, com Jesus, mudou tudo. O judeu entrava no templo achando que estava carregado de culpas que seriam purificadas pela simples materialidade do lugar. Por isso, levava animais para aplacar a fúria de Javé. Quando Jesus expulsa aqueles animais e derruba as mesas, quer lhes dizer que nada daquilo significava algo sagrado. Num gesto fantástico, arranca tudo, limpa o templo, para mostrar que a grande sacralidade somos nós. Não precisamos carregar nada mais do que a nossa existência, espelhada no seu próprio corpo que, num dia próximo, seria glorificado e inserido na beleza de Deus.

Quando olharmos num espelho, não devemos nos deter apenas na beleza cosmética, mas refletir que ali está alguém que carrega toda a sacralidade, toda a beleza que Deus criou, tudo o que fizemos e o que somos. Cada ruga, cada traço do nosso rosto, cada manchinha no nosso cérebro reflete a nossa história. Nosso cérebro é um grande computador que guarda tudo o que somos. Lendo alguns livros que narram experiências próximas da morte, podemos achar relatos interessantíssimos que contam que aqueles doentes vislumbraram, num grande flash, todas as pessoas que conheceram, todas as experiências que viveram, pois tudo isso estava guardado no seu cérebro. Portanto, nunca julguem que perderam alguma coisa, pois nunca perderemos nada do que tivemos. A única coisa que Deus apaga, destrói definitivamente, é o mal, que é o grande nada. Tudo o que é, tudo o que existe, tudo o que tem consistência continuará eternamente. Esse é o grande exemplo, a grande lição. Quando celebramos a dedicação de um templo, não estamos falando da dedicação de pedras, mas daqueles que o frequentaram e o frequentarão. Amém. (09.11.08/32º.domingo comum/Dedicação da Basílica de Latrão)

## ***TALENTOS A SERVIÇO DA PROMOÇÃO DO OUTRO (Pr 31, 10-13/Mt 25, 14-30)***

Geralmente a primeira leitura e o evangelho são tecidos de modo que tenham um sentido unitário. Tomando a primeira leitura, que reflete a cultura antiga em que a mulher tecia a roupa com a roca e o fuso, podemos imaginar uma mulher diferente da de hoje, que é pedagoga, professora, trabalha nos aeroportos e até mesmo nos governos de tantos países. Não podemos parar no exemplo, na sua materialidade, pois a cultura mudou muito. O que a leitura quer colocar é uma sabedoria, é a importância da função da mulher como arrimo, em qualquer situação em que esteja. Ela é arrimo, é força porque tem uma consciência muito maior de afetividade, cuidado, olhar, meiguice, ternura, que nos leva a crescer. Hoje, um grande psicólogo inglês, D.W. Winnicott, trabalha muito o cuidado como a força que constrói o ser por dentro. Muitas mágoas e dificuldades que trazemos têm sua origem no pouco cuidado que tiveram conosco. Quando encontrarem um arrogante, que espalha grosseria por onde passa, não fiquem com raiva dele. Certamente é um pobre que não foi amado, não foi cuidado e mostra toda a sua violência pela arrogância. Faltou-lhe a mãe que acarinhava, gastava o seu tempo, levava-o à igreja, demonstrando a alegria de tê-lo ao seu lado. É isso que constrói as pessoas por dentro. Guardem esse exemplo do Antigo Testamento.

A parábola de Jesus não é para ser traduzida em seus pormenores. Ele não era grego e gostava muito de exagerar. O grego era o cidadão do método, da medida, o que podemos perceber em suas construções e esculturas. Pelo contrário, o judeu é muito mais exagerado e explosivo. Assim, propositalmente, suas histórias são muito mais exageradas. Para chegar ao céu existem duas coisas importantes: não interessa a quantidade, muito menos a qualidade dos talentos. São dons que recebemos. Não devemos cobiçar nem invejar, muito menos nos julgar inferiores. Nenhum talento faz alguém ser mais. Será que Bill Gates poderá carregar um dólar sequer em seu caixão? Nenhum talento vale por ele mesmo. Jesus não repreende alguém por ter recebido um ou mais talentos. O que lhe interessa é saber o que fazemos para os outros com os talentos que recebemos. Eles não devem ser usados para a autopromoção, para ganharmos prestígio, para sermos objetos de holofotes. Jesus se alegrou com aquele que frutificou os talentos e o chama a participar de sua alegria, não do seu dinheiro ou de seu poder. O Senhor vai dizer para cada um de nós que iremos mergulhar na infinita alegria de Deus, porque os talentos que recebemos, não interessa se grandes ou pequenos, muitos ou poucos, ajudaram as pessoas a serem melhores.

Não podemos desistir diante do pouco interesse que os nossos esforços despertam. É o cultivo diário dos talentos recebidos que nos farão ouvir o convite para participar da alegria de Deus. Quanto mais sofreremos as dificuldades dos encontros, dos contrastes, de sermos reduzidos pelas pessoas, mais poderemos

ajudá-las com nosso sorriso, nossa bondade, nossa tranquilidade e paciência. Mesmo quando recebermos um golpe, devemos ser capazes de olhar com ternura. Quando Jesus diz para oferecermos a outra face, não se refere ao sentido material, mas quer dizer que aquele que nos opõe deverá encontrar em nós a compreensão, pois é ele o triste, o infeliz e muito mais merecedor de nossa misericórdia. Esses é que sofrem, que se envenenam. Nenhum veneno de fora poderá atingir o nosso coração. O que pode nos destruir e corromper é a nossa maldade interna, é o mal que fazemos aos outros. Foi esse olhar de bondade e misericórdia, perdão e acolhida que Jesus teve para com todos aqueles que o crucificaram, que blasfemaram e zombaram dele. Nenhum deles conseguiu maculá-lo no seu interior. Morreu nu, ensanguentado, mas com tal lucidez, integridade e limpidez, que só a ressurreição foi capaz de nos mostrar. Amém. (16.11.08/33°. domingo comum)

# ***JESUS SE FAZ REI DOS EXCLUÍDOS***

## ***(Mt 25, 31-46)***

É profundamente questionador e sintomático que, na festa de Cristo Rei, a Igreja coloque essas leituras. Poderia ter escolhido alguma passagem do Cristo glorioso, vestido apocalipticamente com vestes brilhantes, junto aos anjos, lá no paraíso; ou a sua entrada triunfante em Jerusalém, ainda que montado num burrinho. Preferiu escolher um texto em que os reis são os que têm fome e sede, os que estão nus ou presos. Ele não é rei de nenhuma monarquia europeia, mas sim do reino dos famintos, despojados, sedentos e prisioneiros. Quando a Igreja escolhe os textos desta festa, quer nos mostrar que Jesus é rei quando se identifica com o doente, com o pobre e com o desprezado. É com esses que Ele se identifica. Podemos nos desculpar dizendo que não sabíamos, mas não interessa. Será uma grande vergonha para muitos católicos que se julgam importantes. Certamente, no reino de Deus, estarão muitos que não professam nenhuma fé, mas que foram capazes de se doarem na assistência e na acolhida do necessitado.

Podemos encontrar nos hospitais alguns enfermeiros que cuidam dos doentes com carinho, solicitude e presença, ajudando-os a andar, a comer, limpando-os como se fossem seus próprios filhos. Ao chegarem diante de Jesus, eles ouvirão que, cuidando daquelas pessoas, cuidaram dele mesmo. Serão recebidos no reino de Deus, deixando muitos padres e bispos de fora. Nunca estudaram nenhuma teologia, não estiveram em nenhuma missão, mas amaram e cuidaram dos pequenos. É a única coisa que importa. Todo o resto é secundário, é passageiro. O que não passará nunca é o amor e o cuidado.

Sobre isso, há um texto bonito de um escritor centro-americano, em que ele imagina o dia do juízo. Lá estarão os gregos com suas túnicas, os romanos com suas espadas e, lá em cima, um trono vazio. De repente, surge um rapaz simples, mal vestido, e atravessa a multidão. Todos ficam incomodados, julgando-o louco ao pretender profanar o trono de Deus. Mas, reparando melhor, começam a identificar nele o velhinho que um atendera, o pobre a quem outro dera esmola. Aquele homem vai tomando o rosto de todas as pessoas que foram ajudadas por todos que ali estavam. Amém. (27.11.2011/Festa de Cristo-Rei)



# *Índice Remissivo*

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
A Arte de Formar-se		IV	123
Deus Pai		IV	156
Dor e consolação no caminho do Calvário		VII	65
Escatologia: Realidade ou Simbolismo?		VI	123
Espiritualidade Inaciana		IV	143
Ética é a Palavra Mágica		VI	72
Eucaristia e Reconciliação		VI	136
Fé e Religião no Terceiro Milênio		V	107
Grandes dores e grandes amores se encontram		VIII	70
Juventude – Memória e Sonho		I	14
Natal: Memória, Presença e Anúncio		VI	114
O Profeta da eterna felicidade		VIII	78
Os braços em que podemos nos abandonar		VII	71
Qual o Futuro do Cristianismo?		V	118
Refletindo a Vida		V	59
Se Realmente Houvesse Amor...		VI	119
Como Estamos Usando o Nosso Corpo	1Cor 3, 9-11.16-17	VI	88
Sinais do Reino de Deus em Nossa Realidade	1Cor 7,29-31	II	25
Os rumos dos nossos caminhos	1Cor 7,32-35	VII	38
No meio do povo e diante de Deus	1Cor 9,16-19.22.23	VII	41
A eucaristia nos fala de eternidade	1Cor 11,23-26	VII	66
O Senhor despe a túnica	1Cor 11,23-26	VIII	73
A Beleza na Diversidade	1Cor 12, 4-11	IV	14
Nosso Valor Está na Singularidade	1Cor 12,12-30	III	25
O meio é o caminho da liberdade	1Cor 12,31-13,13	VIII	41
Amar a Face Escura	1Cor 12,31-13,3	I	20
A Verdadeira Experiência do Amor	1Cor 13,1-8	I	22
Nossa Vocação é Criar as Relações	1Cor 15,1-11	I	24
Maria Traz para a História Sementes de Eternidade	1Cor 15,20-27	IV	72
O reino de Deus nos desvela a realidade	1Cor 7,29-31	VII	35
O voo da águia alcança o infinito do amor	1Jo 1, 1-4	VII	24

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
A santidade ao alcance de cada um	1Jo 3, 1-3	VII	145
Só Descobrimos o que Já Temos	1Rs 3, 5.7-12	IV	65
O dedo de Deus nos aponta a felicidade	1Rs 3, 5.7-12	IX	124
Além do cumprimento do dever	1Rs 5,14-17	VIII	159
O único amor que resiste ao tempo	1Rs 17,10-16	VII	147
Eucaristia é Participar da Intimidade de Deus	1Rs 19, 4-8	IV	70
Caminhando sobre as águas da história	1Rs 19, 9a.11-13	IX	128
A paciência infinita do amor	1Rs 19,16.19-21	VIII	120
Pão e pai	1Rs 19,4-8	VII	116
Barcas ao Mar	1Rs 19,9.11-13	III	97
Pais: Parceiros na Criação de Deus	1Rs 19,9.11-13	VI	53
A Grande e Total Presença	1Rs 19,9a.11-13a	II	148
O Chamado que Desacomoda	1Sm 3, 3-10,19	II	20
Um gesto que muda a história	1Sm 3,3b-10.19	VII	33
Escolhe, pois, a vida	2Cor 5,20-6, 2	IX	51
A Sabedoria Que Não Vem dos Livros	2Cor 12, 7-10	VI	39
O perdão que nos liberta	2Cr 36,14-16.19-23	VII	57
A Teologia nos Descortina Horizontes Infinitos	2Mc 7, 1-2.9-14	IV	104
Além de tempo e espaço	2Mc 7, 1-2.9-14	VIII	171
O dom é a maior recompensa	2Rs 4, 8-11.14-16	IX	113
O Amor Reconstrói por Dentro	2Sm 12, 7-10,13	I	104
Amar é Ser Para o Outro	2Sm 12, 7-10.13	VI	27
O bem é extensão da presença de Deus	2Tm 4, 6-8.16-18	VIII	164
A Igreja Precisa de Pedros e Paulos	2Tm 4, 6-8.17-18	II	77
Quem Eu Sou Perante Deus	2Tm 4, 6-8.17-18	III	80
A igreja continua sendo construída	2Tm 4, 6-8.17-18	VII	100
O abismo que há entre nós	Am 6, 1a.4-7	VIII	151
Autoridade x Poder	Am 7,12-15	II	86
Deus nos Dará Aquilo que Somos	Ap 7,2-4.9-14	III	132
A santidade ao alcance de cada um	Ap 7,2-4.9-14	VII	145
Cordeiros e Pastores	Ap 9,14b-17	I	94
Maria Nos Fala da Proximidade Com Deus	Ap 11,19a-12,6	VI	55
A glória de servir	Ap 11,19a,12,1-6a	VII	118



<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Maria antecipa a nossa ressurreição	Ap 11,19a.12,1-6a.10a	IX	130
A Transformação Passa Por Dentro de Nós	Ap 12, 1-5.13.15-16	V	76
Maria pede a Deus por nós	Ap 12, 1-5.13a.15-16	VIII	157
Nós Precisamos de Tempo	At 1, 1-11	I	78
Ascensão é o Mistério da Ausência	At 1, 1-11	IV	43
Além de todas as certezas visíveis	At 1, 1-11	VII	89
Pentecostes nos faz ser para o outro	At 1, 1-11	VII	91
Não vos afasteis de Jerusalém	At 1, 1-11	VIII	100
Na ascensão, Jesus nos levou ao céu	At 1, 1-11	IX	91
Babel x Pentecostes	At 2, 1-11	I	85
Pentecostes: História e Limite	At 2, 1-11	I	81
Um Outro Pentecostes	At 2, 1-11	I	83
Locomotiva, Trilho e Destino	At 2, 1-11	II	57
Jesus Não Deu Conta	At 2, 1-11	IV	37
Pentecostes Cria Comunidade	At 2, 1-11	IV	46
Os Dons do Espírito Santo no Nosso Cotidiano	At 2, 1-11	VI	21
Espírito é o lado feminino de Deus	At 2, 1-11	VIII	103
O Espírito nos abre para o mundo	At 2, 1-11	IX	93
A Vida Sem o Espírito Santo	At 2, 1-11	V	26
Pedro e Paulo	At 12, 1-11	I	106
Percebendo o Anjo em Nossas Vidas	At 12, 1-11	I	98
A Igreja Precisa de Pedros e Paulos	At 12, 1-11	II	77
Quem Eu Sou Perante Deus	At 12, 1-11	III	80
A igreja continua sendo construída	At 12, 1-11	VII	100
Nós construiremos a igreja do futuro	At 12, 1-11	IX	110
Pedro e Paulo: instituição e carisma	At 13,14.43-52	VIII	117
Igreja Plural	At 15,1-2.22-29	III	72
Uma religião inserida na história	Br 5, 1-9	VIII	13
A Importância da Família	Cl 3,12-21	I	130
O Alicerce da Autoridade é a Verdade	Cl 3,12-21	III	154
A Sacralidade da Família	Cl 3,12-21	V	104

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Jesus Espera o Nosso Assumir na Família e na Sociedade	Cl 3,12-21	VI	112
Seremos o que formos na história	Dn 12, 1-3	VII	149
Amar é a única razão do amor	Dt 4, 1-2.6-8	VII	122
A Única Beleza Que Ultrapassa a Morte	Dt 4,1-2.6-8	VI	62
Alegria se Celebra com Alegria	Dt 5,12-15	III	43
Deus é a rocha que sustenta a nossa vida	Dt 11,18.26-28.32	IX	101
A Felicidade Nas Coisas Simples	Ecl 1, 2,2,21-23	V	46
Carregamos eternidade dentro de nós	Eclo 1, 2;2,21-23	VIII	132
Disponibilidade e Gratuidade	Eclo 3,17-20.27-28	VIII	142
A Igreja Começa na Família	Eclo 3,2-6.12-14	III	152
O Alicerce da Autoridade é a Verdade	Eclo 3,2-6.12-14	III	154
A Sacralidade da Família	Eclo 3,2-6.12-14	V	104
Jesus Espera o Nosso Assumir na Família e na Sociedade	Eclo 3,2-6.12-14	VI	112
A Família Precisa de Ritos	Eclo 3,3-7,14-17a	II	144
O bem é extensão da presença de Deus	Eclo 36,15b-17.20-22a	VIII	164
Fé e Razão	Ef 3, 2-6	III	15
A Quem Iremos?	Ef 5,21-32	II	81
Um Amor do Tamanho do Amor de Deus	Ef 5,21-32	VI	60
A Transformação Passa Por Dentro de Nós	Est 5, 1-2; 7,2-3	V	76
Maria pede a Deus por nós	Est 5, 1b-2.7,2b-3	VIII	157
Um Nome Não É Simplesmente Um Nome	Ex 3, 1-8a,13-15	I	39
Deus Age Através de Nossas Ações	Ex 3, 1-8a,13-15	V	23
O amor de Deus é fogo que não se consome	Ex 3, 1-8a.13-15	VIII	60
A eucaristia nos fala de eternidade	Ex 12, 1-8.11-14	VII	67
O Senhor despe a túnica	Ex 12, 1-8.11-14	VIII	73
Jesus se faz presente no convívio	Ex 12, 1-8.11-14	IX	70
Um presente nos torna presentes	Ex 16, 2-4.12-15	VII	114
A Pergunta que Nos Move	Ex 17, 8-13	II	114
Deus chega antes	Ex 17, 8-13	VIII	162
Jesus Revela o Coração de Deus	Ex 19, 2-6a	III	74
Templos vivos	Ex 20, 1-17	VII	55

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Amar a Deus na Obra de Sua Criação	Ex 22,20-26	III	125
Deus Ouve o Grito dos Excluídos	Ex 22,20-26	IV	96
Nosso coração está longe do coração de Deus	Ex 22,20-26	IX	155
Jesus Está Sempre em Má Companhia	Ex 34, 4-6.8-9	IV	40
A Sabedoria Que Não Vem dos Livros	Ez 2, 2-5	VI	39
Responsabilidade Ética	Ez 33, 7-9	IV	80
Dentro de cada um de nós existe o infinito	Fl 3,8-14	VIII	66
Amar a Jesus potencializa os nossos amores	Fm 9b-10.12-17	VIII	144
Lidando Com as Perdas	Gl 3,26-29	IV	52
A paciência infinita do amor	Gl 5, 1.13-18	VIII	120
A felicidade é o horizonte de nossa vida	Gn 2, 7-9.12-13	IX	53
O Bem e o Mal: Tentações	Gn 2,15-24	I	52
Homem e Mulher Constroem Felicidade Juntos	Gn 2,18-24	V	72
Amar é Querer Que o Outro Seja Eterno	Gn 2,18-24	VI	77
A Grande Tentação de Construir um Mundo Melhor	Gn 9,8-15	III	51
Uma Caminhada de Conversão	Gn 9,8-15	III	53
Luzes que iluminam nossas trevas	Gn 12, 1-4a	IX	56
Marta e Maria	Gn 18, 1-10a	I	112
A Acolhida pelo Saber Ouvir	Gn 18, 1-10a	IV	60
O amor não deixa o outro partir	Gn 18, 1-10a	VIII	128
Pedir é Abrir-se	Gn 18,20-32	III	86
Deus colocou a história em nossas mãos	Gn 18,20-32	VIII	130
O tesouro que guarda o nosso coração	Hb 11, 1-2.8-19	VIII	134
A porta que nos levará ao Banquete da Vida	Hb 12, 5-7.11-13	VIII	140
Disponibilidade e Gratuidade	Hb 12,18-19.22-24	VIII	142
Os frutos de nossa vinha	Is 5, 1-7	IX	147
Nós Somos a Vinha do Senhor	Is 6, 1-7	V	70
As Crianças Carregam Esperanças	Is 7,10-14	VI	106
O véu que cobre o mistério	Is 7,10-14	IX	21
Reino de Deus: Já e Ainda Não	Is 8,23-9,3	II	23
Deus Prefere o Silêncio da Noite	Is 9, 1-6	V	102
Os Sinais de Deus	Is 9, 1-6	VI	110
A Luz que ilumina as nossas noites	Is 9, 1-6	VIII	21

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Antes da Ternura de Belém, a Aspreza de João Batista	Is 11, 1-10	II	134
Pequenas Utopias	Is 11, 1-10	V	88
Hora de construir utopias	Is 11, 1-10	IX	14
Um Gesto Pela Paz	Is 12, 2-6	VI	100
Que portas estamos abrindo?	Is 22,19-23	IX	135
João Batista também duvidou	Is 35, 1-6a	IX	19
Pela Palavra Criamos Solidariedade	Is 35, 1-6a.10	V	94
Dentro de cada um de nós existe o infinito	Is 43,16-21	VIII	66
Deus é propício para o seu povo	Is 49, 1-6	VIII	112
Quando tudo falhar, restará Deus	Is 49,14-15	IX	98
O desafio da doação	Is 50, 5-9a	VII	126
Deus se anuncia na festa	Is 55, 1-3	IX	126
Qual o tamanho de seu coração?	Is 55, 6-9	IX	143
Buscando Sinais que Nos Unam	Is 55,1-3	III	88
Somos Chamados ao Infinito Abraço de Deus	Is 55,1-3	VI	46
Ser Pai é Desacomodar e Encorajar	Is 56, 1.6-7	V	50
Deus é acessível a toda a humanidade	Is 56,1.6-7	IX	133
Fé e Razão	Is 60, 1-6	III	15
Há em nós ouro, incenso e mirra	Is 60, 1-6	VIII	31
Os magos diante do infinito	Is 60, 1-6	IX	32
Palavra e eucaristia são estrelas que nos guiam	Is 60, 1-6	VII	31
A pregação começa pelo modo de ser	Is 66,10-14c	VIII	122
A porta que nos levará ao Banquete da Vida	Is 66,18-21	VIII	140
Escolhe, pois, a vida	Jl 2,12-18	IX	51
Sinais do Reino de Deus em Nossa Realidade	Jn 3, 1-5.10	II	25
O reino de Deus nos desvela a realidade	Jn 3, 1-5.10	VII	35
Jesus nos assume para nos salvar	Jo 1, 1-17	VIII	23
Natal – Valeu a Pena Criar (Um Diálogo Trinitário)	Jo 1, 1-18	I	127
A Força do Olhar de Jesus	Jo 1, 1-18	III	150
Jesus nos mostra o rosto visível de Deus	Jo 1, 1-18	VII	22
O sonho de Deus	Jo 1, 1-18	IX	26
Ser Profeta no Cotidiano	Jo 1, 6-8.19-28	V	98

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Somos Testemunhas da Luz	Jo 1, 6-8.19-28	V	100
O testemunho de João Batista	Jo 1, 6-8.19-28	VII	16
A Novidade da Fé	Jo 1,19-28	III	27
O Cordeiro nos faz comunidade	Jo 1,20-34	IX	37
O Espírito Como Sinal de Reconhecimento	Jo 1,29-34	VI	11
O Chamado que Desacomoda	Jo 1,35-42	II	20
Um gesto que muda a história	Jo 1,35-42	VII	33
A Transformação Passa Por Dentro de Nós	Jo 2, 1-11	V	76
A democracia da felicidade	Jo 2, 1-11	VIII	35
Maria pede a Deus por nós	Jo 2, 1-11	VIII	157
Maria é o rosto materno de Deus	Jo 2, 1-11	IX	149
Reação a Uma Sociedade Desumanizante	Jo 2, 1-12	VI	57
O Sagrado é Inegociável	Jo 2,13-22	II	45
Como Estamos Usando o Nosso Corpo	Jo 2,13-22	VI	88
A sacralidade do nosso corpo	Jo 2,13-22	IX	161
Templos vivos	Jo 2,13-25	VII	55
O Senhor faz de nós seres para a vida	Jo 3,13-17	IX	141
O perdão que nos liberta	Jo 3,14-21	VII	57
Amar É o Verbo de Deus	Jo 3,16-18	II	63
Jesus Está Sempre em Má Companhia	Jo 3,16-18	IV	40
O verdadeiro amor surge na diferença	Jo 3,16-18	IX	95
Crescemos na Reciprocidade	Jo 3,16-18	V	29
Água: Sinal e Símbolo	Jo 4, 1-26	I	55
Sejamos fontes de água viva!	Jo 4, 5-42	IX	59
Multiplicando por Palavras	Jo 6, 1-15	II	90
Que pão nós estamos repartindo?	Jo 6, 1-15	VII	111
Jesus Se Nos Dá na Intimidade	Jo 6,24-35	VI	51
Um presente nos torna presentes	Jo 6,24-35	VII	114
O Pão da Convivência	Jo 6,30-50	III	90
Eucaristia é Participar da Intimidade de Deus	Jo 6,41-51	IV	70
Pão e pai	Jo 6,41-51	VII	116
Nossa Alegria É a Alegria de Deus	Jo 6,51-58	II	66
O sonho da Eucaristia	Jo 6,51-58	IX	100

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
A Quem Iremos?	Jo 6,60-69	II	81
Buscando Força Interior	Jo 6,60-69	IV	74
Alegrias e dores do cotidiano	Jo 6,60-69	VII	120
A Grande Lição de Paciência e Esperança	Jo 8, 1-11	IV	27
Dentro de cada um de nós existe o infinito	Jo 8, 1-11	VIII	66
A Originalidade do Perdão de Deus	Jo 8, 1-11	V	19
Luz: A Caminhada da Fé	Jo 9, 1-41	I	57
Razão se Faz com Lama e Luz na Medida Certa	Jo 9, 1-41	II	37
As Cegueiras em Nosso Dia-a-Dia	Jo 9, 1-41	III	48
Águas para curar nossas cegueiras	Jo 9, 1-41	IX	61
Somos Pastores na Igualdade	Jo 10, 1-10	II	49
Nós Temos Sede de Infinito	Jo 10, 1-10	IV	31
A voz do Bom Pastor nos abre a porta para o mistério	Jo 10, 1-10	IX	83
A ética do cuidado	Jo 10,11-18	VII	83
Mães Para Todas as Estações	Jo 10,11-21	II	54
Cordeiros e Pastores	Jo 10,27-30	I	94
O cuidado começa pelo olhar	Jo 10,27-30	VIII	91
Lázaro: Milagre por Amor	Jo 11, 1-44	I	61
Vida é Movimento de Dentro	Jo 11, 1-44	I	59
Deus É, Deus Ama	Jo 11, 1-45	II	150
Sinais de Morte e Ressurreição no Amor	Jo 11, 1-45	II	39
O Lázaro que morre dentro de cada um de nós	Jo 11, 1-45	IX	64
Jesus Assumiu na Liberdade	Jo 12,12-19	I	63
O Grão que Cai na Terra	Jo 12,20-33	III	58
Jesus é o sacramento do amor infinito de Deus pai	Jo 12,20-33	VII	59
Jesus se faz presente no convívio	Jo 13, 1-15	IX	70
A eucaristia nos fala de eternidade	Jo 13,1-15	VII	67
O Senhor despe a túnica	Jo 13,1-15	VIII	73
É Noite!	Jo 13,21-33	I	65
Mães	Jo 13,31-33a,34,35	I	96
Amar é Desejar a Vida Para Todos	Jo 13,31-35	IV	34
Vida é o infinito de que dispomos	Jo 13,31-35	VIII	94

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Construindo Eternidade	Jo 14, 1-12	III	65
Jesus nos abre o caminho da eternidade	Jo 14, 1-12	IX	86
Caminho, Verdade e Vida	Jo 14, 1-14	I	29
O Amor se Faz na Acolhida do Diferente	Jo 14,15-21	III	69
A circularidade do amor	Jo 14,15-21	IX	88
A Presença Que é Certeza e União	Jo 14,15-21	V	25
A Paz que Vem de Cristo	Jo 14,23-29	I	76
A força heurística da palavra	Jo 14,23-29	VIII	97
Nó de Relações	Jo 15, 1-8	II	60
Somos Árvores Que Precisam de Raízes Para Sustentar Nossos Sonhos	Jo 15, 1-8	VI	18
Palavras que moldam a vida	Jo 15, 1-8	VII	85
Amar Como Jesus Amou	Jo 15, 9-17	VI	23
O amor que eleva nossos amores	Jo 15, 9-17	VII	87
Deus Nos Revela o Mistério Trinitário	Jo 16,12-15	V	33
A Trindade nos leva à abertura	Jo 16,12-15	VIII	106
O Sentido da Morte na Morte de Jesus	Jo 18,1-19.42	I	69
Escândalo e loucura	Jo 18,1-19.42	VII	69
Um Deus próximo de nossas dores	Jo 18,1-19.42	VIII	76
Jesus se entrega livre e consciente	Jo 18,1-19.42	IX	72
Deus Pai Entrega Seu Filho à História	Jo 18,1-19.42	V	21
A Realeza que Recebemos no Batismo	Jo 18,33-37	IV	113
Um rei que se faz próximo	Jo 18,33b-37	VII	152
Entendendo a Ressurreição	Jo 20, 1-9	I	70
Para o salto da fé, precisamos de sinais	Jo 20, 1-9	VII	75
Quem precisa de ressurreição?	Jo 20, 1-9	VIII	83
A ressurreição é a resposta	Jo 20, 1-9	IX	78
Jesus Não Deu Conta	Jo 20,19-23	IV	37
Espírito é o lado feminino de Deus	Jo 20,19-23	VIII	103
O Espírito nos abre para o mundo	Jo 20,19-23	IX	93
A Vida Sem o Espírito Santo	Jo 20,19-23	V	26
Tomé – O Amor é Incondicional	Jo 20,19-31	I	74
Tomé – O Crucificado é o Ressuscitado	Jo 20,19-31	I	72
A Identidade do Ressuscitado	Jo 20,19-31	II	52

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Abrindo portas para dar e acolher o perdão	Jo 20,19-31	VII	77
A fé passa pela memória	Jo 20,19-31	VIII	85
A experiência do ressuscitado acontece em meio à paz	Jo 20,19-31	IX	79
O toque de Deus	Jo 21, 1-19	VIII	88
Amar a Face Escura	Jr 1,4-5/17-19	I	20
A Quem Iremos?	Js 24, 1-2.15-18	II	81
Buscando Força Interior	Js 24, 1-2.15-18	IV	74
Um Amor do Tamanho do Amor de Deus	Js 24, 1-2.15-18	VI	60
Alegrias e dores do cotidiano	Js 24, 1-2a.15-17.18b	VII	120
Jesus nos propõe o seu plano de metas	Lc 1,1-4;4,14-21	VIII	38
O Ser Humano Como Lugar de Deus	Lc 1,26-38	III	148
O Amor de Deus Antecipa a Vida de Maria	Lc 1,26-38	VI	98
A perenidade da boa notícia	Lc 1,26-38	VII	18
Imaculada Conceição: A festa da esperança	Lc 1,26-38	VII	14
O anjo partiu	Lc 1,26-38	IX	17
Maria Irradia o Amor de Deus Pai	Lc 1,28-38	V	90
Noite Silenciosa	Lc 1,39-45	I	126
As Três Dimensões da Assunção	Lc 1,39-45	III	95
Maria Nos Fala da Proximidade Com Deus	Lc 1,39-45	VI	55
Natal é Tempo de Busca e Esperança	Lc 1,39-45	VI	108
Duas crianças como artífices da salvação	Lc 1,39-45	VIII	19
Assunção – Fé Pretensiosa	Lc 1,39-56	I	122
Assunção: A Festa da Esperança	Lc 1,39-56	II	98
Maria Traz para a História Sementes de Eternidade	Lc 1,39-56	IV	72
Na Assunção, A Totalidade de Maria	Lc 1,39-56	V	52
A glória de servir	Lc 1,39-56	VII	118
O amor é a única realidade eterna	Lc 1,39-56	VIII	136
Maria antecipa a nossa ressurreição	Lc 1,39-56	IX	130
Deus é propício para o seu povo	Lc 1,57-60.80	VIII	112
João Batista: Tradição e Profecia	Lc 1,57-66.80	II	75
Natal é Mergulhar no Mistério de Deus	Lc 2, 1-14	II	140



<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
A Transformação da História Começa no Mistério do Coração de Deus	Lc 2, 1-14	IV	120
Deus Prefere o Silêncio da Noite	Lc 2, 1-14	V	102
A Luz que ilumina as nossas noites	Lc 2, 1-14	VIII	21
Os Sinais de Deus	Lc 2, 1-20	VI	110
O Natal em símbolos	Lc 2, 1-20	IX	23
O presépio de nossa história	Lc 2, 1-7	VII	20
Ano Novo – Portas Abertas para o Ser	Lc 2,16-21	I	11
As Três Fogueiras	Lc 2,16-21	II	13
Um Dia Diferente	Lc 2,16-21	II	146
Deus Pai nos Propõe o Ano da Misericórdia	Lc 2,16-21	IV	9
A única certeza é o amor de Deus	Lc 2,16-21	VII	26
As surpresas de cada dia	Lc 2,16-21	VII	28
Com Maria e em nome de Jesus	Lc 2,16-21	VIII	29
Um ano novo na misericórdia do Filho e na graça de Maria	Lc 2,16-21	VIII	27
No novo ano, uma criança nos fala de salvação	Lc 2,16-21	IX	31
A Renovação Que Um Ano Novo Nos Oferece	Lc 2,16-21	V	9
Alegrias e dores se misturam na família	Lc 2,22-40	VIII	25
Entrando Num Novo Milênio com Cristo	Lc 2,41-52	III	11
Preparar Para a Festa Já é Festa	Lc 3, 1-19	V	96
O Valor das Pequenas Alegrias	Lc 3, 1-19	VI	102
Advento é Tempo de Confiança	Lc 3, 1-6	IV	116
As Presenças de Cristo no Nosso Cotidiano	Lc 3, 1-6	V	92
Uma religião inserida na história	Lc 3, 1-6	VIII	13
Um Gesto Pela Paz	Lc 3,10-18	VI	100
Que túnica iremos repartir?	Lc 3,10-18	VIII	16
Batismo é Compromisso Com o Futuro	Lc 3,15-16.21-22	IV	11
Tentações em Lucas	Lc 4, 1-13	I	50
Nós Somos o Limite de Deus	Lc 4, 1-13	IV	22
A Nossa Liberdade Pode Domar o Animal da Tentação	Lc 4, 1-13	VI	14
Tentação é uma realidade diária e contínua	Lc 4, 1-13	VIII	54
O meio é o caminho da liberdade	Lc 4,21-30	VIII	41

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Avançar para Águas mais Profundas	Lc 5, 1-11	I	26
Nossa Vocação é Criar as Relações	Lc 5, 1-11	I	24
O peixe que não vemos	Lc 5, 1-11	VIII	43
Bem-Aventuranças em Lucas	Lc 6,17-26	I	43
A Proposta Cristã para a Vida Além da Morte	Lc 6,17.20-26	III	129
Jesus Responde à Grande Pergunta	Lc 6,17.20-26	III	127
O amor que cobre todas as dores	Lc 6,17.20-26	VIII	46
Ser Cristão é Mais que Ser Ético	Lc 6,27-36	I	35
Gratuidade x Reciprocidade	Lc 6,27-36	IV	16
Só o perdão salva e reconstrói	Lc 6,27-38	VIII	49
Compaixão é colocar-se ao lado	Lc 7,11-17	VIII	108
Jesus Quer Mais que Rito e Rotina. Ele Quer Amor	Lc 7,36-8,3	I	102
O Amor Reconstrói por Dentro	Lc 7,36-8,3	I	104
Amar é Ser Para o Outro	Lc 7,36-8,3	VI	27
O perdão nasce do amor	Lc 7,36-8,3	VIII	110
Lidando Com as Perdas	Lc 9,18-24	IV	52
Alegrear-se Com Todas as Alegrias	Lc 9,18-24	V	44
Jesus, o Salvador da humanidade	Lc 9,18-24	VIII	115
Transfiguração – A Festa Contínua	Lc 9,28-36	I	47
Transfigurar é ir além da figura	Lc 9,28b-36	VIII	57
O Jesus do Cotidiano e da Glória	Lc 9,28b-36	V	17
Transfiguração: Força para o Sofrimento	Lc 9,29-36	I	49
Transfigurações no Nosso Dia-a-Dia	Lc 9,29-36	II	42
Ser Livre Para Amar, Amar Para Ser Livre	Lc 9,51-62	I	108
A paciência infinita do amor	Lc 9,51-62	VIII	120
A pregação começa pelo modo de ser	Lc 10, 1-12	VIII	122
Abrindo a Janela Interior	Lc 10,25-37	I	114
Todas as Leis se Calam Diante do Amor	Lc 10,25-37	IV	57
A vítima é quem nos converte	Lc 10,25-37	VIII	125
Marta e Maria	Lc 10,38-42	I	112
Servir e Contemplar	Lc 10,38-42	I	110
A Acolhida pelo Saber Ouvir	Lc 10,38-42	IV	60

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
O amor não deixa o outro partir	Lc 10,38-42	VIII	128
Pedir é Abrir-se	Lc 11, 1-13	III	86
Pedir é Acolher a Ação de Deus	Lc 11, 1-13	VI	44
Deus colocou a história em nossas mãos	Lc 11, 1-13	VIII	130
O Nada se Veste	Lc 12,13-21	II	94
A Felicidade Nas Coisas Simples	Lc 12,13-21	V	46
Carregamos eternidade dentro de nós	Lc 12,13-21	VIII	132
Somos o Que Amamos	Lc 12,16-21	I	116
Pai, Referência Fundamental	Lc 12,32-48	I	119
Pais da Transcendência	Lc 12,32-48	II	96
O Serviço de Ser Pai	Lc 12,32-48	III	93
O tesouro que guarda o nosso coração	Lc 12,32-48	VIII	134
Não sabemos, mas cremos	Lc 12,35-40	IX	157
A paz que Jesus espera de nós	Lc 12,49-53	VIII	138
O amor de Deus é fogo que não se consome	Lc 13, 1-9	VIII	60
Deus Age Através de Nossas Ações	Lc 13, 1-9	V	23
Abrir-se para Acolher	Lc 13,22-30	III	100
Nós Construimos a Salvação	Lc 13,22-30	III	102
A Porta Estreita	Lc 13,22-30	V	55
A porta que nos levará ao Banquete da Vida	Lc 13,22-30	VIII	140
Nós Existimos para Deus	Lc 14, 1.7-14	III	104
Disponibilidade e Gratuidade	Lc 14, 1.7-14	VIII	142
A Felicidade que Deus Espera para Nós	Lc 14,25-33	III	108
Amar a Jesus potencializa os nossos amores	Lc 14,25-33	VIII	144
A Busca da Interioridade	Lc 14,26-33	II	104
A Parábola do Pai Misericordioso	Lc 15, 1-3.11-32	I	28
O Retrato Mais Fiel de Deus Pai	Lc 15, 1-3.11-32	VI	20
Deus sempre espera	Lc 15, 1-3.11-32	VIII	63
Jesus nos Apresenta o Deus da Acolhida	Lc 15, 1-32	III	111
Buscar e Esperar: duas grandes pedagogias de Deus	Lc 15, 1-32	VIII	146
A Beleza de Cada Cultura	Lc 16, 1-13	VI	68
Lucidez e Fidelidade	Lc 16, 1-13	VIII	148

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
A Parábola dos Inversos	Lc 16,19-31	II	108
No Cotidiano se Faz Eternidade	Lc 16,19-31	III	117
O abismo que há entre nós	Lc 16,19-31	VIII	151
O Horizonte do Amor É o Infinito	Lc 17, 5-10	II	110
Nós carregamos a semente da fé	Lc 17, 5-10	VIII	154
Além do cumprimento do dever	Lc 17,11-19	VIII	159
A Pergunta que Nos Move	Lc 18, 1-8	II	114
Deus é Contínua Doação	Lc 18, 1-8	IV	94
Deus chega antes	Lc 18, 1-8	VIII	162
Justiça e Misericórdia	Lc 18, 9-14	I	100
A Dimensão da Verdadeira Glória	Lc 18, 9-14	II	120
Somos Iguais na Radicalidade	Lc 18, 9-14	IV	98
O bem é extensão da presença de Deus	Lc 18, 9-14	VIII	164
A Caminhada de Zaqueu	Lc 19, 1-10	II	123
O caminho para a liberdade	Lc 19, 1-10	VIII	169
A Teologia nos Descortina Horizontes Infinitos	Lc 20,27-38	IV	104
Além de tempo e espaço	Lc 20,27-38	VIII	171
Só Restará o que For Construído por Dentro	Lc 21, 5-19	II	129
O Fim do Mundo a Cada Dia	Lc 21, 5-19	III	135
Pedras que constroem esperança	Lc 21, 5-19	VIII	173
Responsabilidade Cidadã	Lc 21,25-28.34-36	V	86
A Diferença Está no Modo de Olhar	Lc 21,25-28.34-36	VI	94
A Salvação Está Próxima	Lc 21,25-28.34-36	VI	104
Deus se Faz Presente na Dinâmica de Nossa História	Lc 21,25-28.34-36	VI	96
O Futuro que estamos construindo	Lc 21,25-28.34-36	VIII	9
A Paixão em Lucas	Lc 22,14-23.56	I	67
Nós Não Damos Conta do Amor	Lc 22,14-23.56	IV	29
O Deus que se entrega	Lc 22,14-23.56	VIII	68
A Originalidade da Realeza de Jesus	Lc 23,35-43	II	131
A Realeza pelo Olhar	Lc 23,35-43	III	138
Um reino chamado amor	Lc 23,35-43	VIII	176
As passagens em nossa vida	Lc 24, 1-12	VIII	81
Emaús x Jerusalém	Lc 24,13-35	I	92

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Ser de Luz	Lc 24,13-35	I	91
A Grande Caminhada para Jerusalém	Lc 24,13-35	III	60
Senhor, fica comigo!	Lc 24,13-35	IX	81
Testemunhas da transformação	Lc 24,35-48	VII	80
Na Ascensão, A Nossa Ressurreição	Lc 24,46-53	I	80
Não vos afasteis de Jerusalém	Lc 24,46-53	VIII	100
O Sentido do Silêncio Messiânico	Lv 13, 1-2.44-46	IV	20
Encontros de interioridades	Lv 13, 1-2.44-46	VII	43
Quando o Céu se Abre	Mc 1, 1-8	III	146
Deserto é o caminho para a liberdade	Mc 1, 1-8	VII	11
Os Vários Sentidos de Batismo	Mc 1, 6-11	III	23
Vozes de Nossa Vocação	Mc 1, 7-11	III	21
A Grande Tentação de Construir um Mundo Melhor	Mc 1,12-15	III	51
Uma Caminhada de Conversão	Mc 1,12-15	III	53
O Reino de Deus Aqui e Agora	Mc 1,12-15	IV	25
Jesus toca o nosso tempo e o transforma	Mc 1,12-15	VII	51
Cronos e Kairos – Tempo Qualitativo	Mc 1,14-20	I	124
Sinais do Reino de Deus em Nossa Realidade	Mc 1,14-20	II	25
O reino de Deus nos desvela a realidade	Mc 1,14-20	VII	35
Os rumos dos nossos caminhos	Mc 1,21-28	VII	38
O Cotidiano de Jesus	Mc 1,29-39	III	31
No meio do povo e diante de Deus	Mc 1,29-39	VII	41
Construindo Solidariedade	Mc 1,29-39	V	13
A Acolhida pela Pele	Mc 1,40-45	III	39
O Sentido do Silêncio Messiânico	Mc 1,40-45	IV	20
Encontros de interioridades	Mc 1,40-45	VII	43
O Invisível no Visível	Mc 2, 1-12	IV	18
Somos carregados pelos braços da fé	Mc 2, 1-12	VII	45
Palavras Novas Para Tempos Novos	Mc 2,18-22	VI	16
O Espírito nos abre ao amor	Mc 2,18-22	VII	47
Alegria se Celebra com Alegria	Mc 2,23-3,6	III	43
Os Batismos na Vida de Jesus	Mc 3,13-17	II	17
Valemos Pelo Que Somos	Mc 3,20-35	V	31

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
A Paciência Infinita de Deus	Mc 4,26-34	VI	30
O tempo pede paciência	Mc 4,26-34	VII	96
A Outra Margem	Mc 4,35-41	IV	55
Só Crescemos na Verdade de Nós Mesmos	Mc 4,35-41	V	37
Jesus é a Presença Certa em Todas as Tempestades	Mc 4,35-41	VI	32
Jesus nos acompanha à outra margem	Mc 4,35-41	VII	98
A Sabedoria Que Não Vem dos Livros	Mc 6, 1-6	VI	39
Pedro e Paulo Nos Ensinam Fidelidade	Mc 6, 1-6	VI	37
A cultura da aparência	Mc 6, 1-6	VII	103
Oração, Esmola e Jejum	Mc 6, 1-6,16-18	III	45
Autoridade x Poder	Mc 6, 7-13	II	86
Anunciando Horizontes Maiores	Mc 6, 7-13	VI	42
A metáfora do abraço	Mc 6, 7-13	VII	106
Contando histórias se faz história	Mc 6,30-34	VII	108
A Única Beleza Que Ultrapassa a Morte	Mc 7, 1-8.14-15.21-23	VI	62
Amar é a única razão do amor	Mc 7, 1-8.14-15.21-23	VII	122
Acontecimentos Que Nos Questionam	Mc 7,31-37	VI	64
Falar e ouvir fazem a nossa convivência	Mc 7,31-37	VII	124
A Força da Fé	Mc 8,27-33	VI	35
Encontro de Liberdades	Mc 8,27-35	VI	66
O desafio da doação	Mc 8,27-35	VII	126
Antecipando a Ressurreição	Mc 9,2-10	III	55
Jesus Se Mostra Divino Na Extrema Humanidade	Mc 9,2-10	V	48
A transfiguração transforma as realidades	Mc 9,2-10	VII	53
O infinito que mora dentro de nós	Mc 9,30-37	VII	129
O Batismo Nos Faz Profetas	Mc 9,38-43.45.47-48	IV	89
Talentos a serviço da comunidade	Mc 9,38-43.47-48	VII	131
O Privilégio do Bem Não é Exclusivo	Mc 9,38-48	IV	87
Homem e Mulher Constroem Felicidade Juntos	Mc 10, 2-16	V	72
Amar é Querer Que o Outro Seja Eterno	Mc 10, 2-16	VI	77

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Somos construtores do projeto de Deus	Mc 10, 2-16	VII	134
A tristeza de não querer ser melhor	Mc 10,17-30	VII	136
O Grito Que Comove o Coração de Deus	Mc 10,35-45	VI	79
O poder que faz o outro crescer	Mc 10,35-45	VII	138
A igreja que caminha	Mc 10,46-52	VII	141
O único amor que resiste ao tempo	Mc 12,38-44	VII	147
Cada dia é único em nossa vida	Mc 13,24-26.33-37	VII	9
Seremos o que formos na história	Mc 13,24-32	VII	149
Consciência e Liberdade	Mc 13,33-37	II	133
A Presença de Deus nos Traz Germes de Ressurreição	Mc 13,33-37	VI	92
Humanidade e Divindade Fazem a Realeza de Jesus	Mc 14,1-15,47	III	62
A certeza da mão do Pai	Mc 14,1-15,47	VII	61
Sem Galileia, não há Jerusalém	Mc 16, 1-7	VII	73
Ascensão é o Mistério da Ausência	Mc 16,15-20	IV	43
Além de todas as certezas visíveis	Mc 16,15-20	VII	89
A Força da Mulher na Transformação do Mundo	Mt 1,18-24	II	136
As Crianças Carregam Esperanças	Mt 1,18-24	VI	106
O véu que cobre o mistério	Mt 1,18-24	IX	21
Uma Fé Aberta para a História	Mt 1,18-25	II	138
Magos – Dois Olhares	Mt 2, 1-12	I	17
Magos: Diálogo Inter-Religioso	Mt 2, 1-12	II	15
A Noite que Antecede a Aurora	Mt 2, 1-12	III	13
A Universalidade de Jesus	Mt 2, 1-12	III	18
Fé e Razão	Mt 2, 1-12	III	15
Palavra e eucaristia são estrelas que nos guiam	Mt 2, 1-12	VII	31
Há em nós ouro, incenso e mirra	Mt 2, 1-12	VIII	31
Os magos diante do infinito	Mt 2, 1-12	IX	32
A Estrela Que Nos Conduz à Verdade do Menino	Mt 2, 1-12	V	11
Coragem para Buscar Libertação	Mt 2,13-15,19-23	II	142
Jesus Espera o Nosso Assumir na Família e na Sociedade	Mt 2,13-15,19-23	VI	112
A família é lugar de contradições	Mt 2,13-15,19-23	IX	28

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Como João Batista Esperava Jesus	Mt 3, 1-12	I	41
Cronos e Kairos – Tempo Qualitativo	Mt 3, 1-12	I	124
Antes da Ternura de Belém, a Aspreza de João Batista	Mt 3, 1-12	II	134
Hora de construir utopias	Mt 3, 1-12	IX	14
Atravessando o Rio Jordão	Mt 3,13-17	IV	118
No Batismo, a Humanidade de Jesus	Mt 3,13-17	VI	9
Morte e vida que nascem das águas	Mt 3,13-17	IX	34
O Bem e o Mal: Tentações	Mt 4, 1-11	I	52
Nossa Tentação em Ver um Jesus Diferente	Mt 4, 1-11	II	35
A felicidade é o horizonte de nossa vida	Mt 4, 1-11	IX	53
Jesus Vai à Frente	Mt 4,12-13a,17-22	III	29
Reino de Deus: Já e Ainda Não	Mt 4,12-17	II	23
Portas que se abrem para novos horizontes	Mt 4,12-23	IX	39
Bem-Aventuranças em Mateus	Mt 5, 1-12	I	45
Pérolas de Eternidade	Mt 5, 1-12	II	28
Deus nos Dará Aquilo que Somos	Mt 5, 1-12	III	132
Nas Bem-Aventuranças, Um Novo Retrato de Deus	Mt 5, 1-12	V	81
Os Verdadeiros Modelos Para os Jovens	Mt 5, 1-12	V	78
A Maratona dos Santos	Mt 5, 1-12	VI	84
Um Jeito Novo de Viver as Bem-Aventuranças	Mt 5, 1-12	VI	86
O amor de Deus nos faz eternos	Mt 5, 1-12	IX	42
Bem-Aventuranças: A Felicidade que Ninguém nos Tira	Mt 5, 1-12a	IV	107
A santidade ao alcance de cada um	Mt 5, 1-12a	VII	145
A felicidade onde não se espera	Mt 5, 1-12a	VIII	167
Sabedoria é Saber com Sabor	Mt 5,13-16	II	30
Sabedoria e Luz	Mt 5,13-16	III	34
Sabor e luz fazem a vida valer a pena	Mt 5,13-16	IX	45
Ir além das aparências	Mt 5,17-37	IX	47
Nova Visão da Lei e Valor do Lazer	Mt 5,21-47	I	37
A revolução do amor	Mt 5,38-48	IX	49
Deus Esqueceu-se de Ir Embora	Mt 5,43-48	I	31



<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Três Dimensões de Abertura	Mt 6, 1-6.16-18	II	32
O Mistério se Encontra no Silêncio	Mt 6, 1-6.16-18	III	36
Tempo de silêncio e interioridade	Mt 6, 1-6.16-18	VII	49
Estrelas falam de Deus	Mt 6, 1-6.16-18	VIII	52
Escolhe, pois, a vida	Mt 6, 1-6.16-18	IX	51
Quando tudo falhar, restará Deus	Mt 6,24-34	IX	98
Transparências e Limites	Mt 7,21-27	II	68
Deus é a rocha que sustenta a nossa vida	Mt 7,21-27	IX	101
Deus Age nas Coincidências	Mt 9, 9-13	II	71
“Vem e Segue-me!”	Mt 9, 9-13	VI	25
Deus acontece no improvável	Mt 9, 9-13	IX	103
O Símbolo Traduz o Amor	Mt 9,36-10,8	IV	49
O demônio só teme o amor	Mt 9,36-10,8	IX	105
Medos	Mt 10,26-31	II	73
O Tribunal da Consciência	Mt 10,26-33	V	35
O que precisamos temer?	Mt 10,26-33	IX	108
Deus Potencializa os Nossos Amores	Mt 10,37-42	III	77
Um Amor que Estrutura os Nossos Amores	Mt 10,37-42	V	40
O dom é a maior recompensa	Mt 10,37-42	IX	113
Pela Palavra Criamos Solidariedade	Mt 11, 2-11	V	94
João Batista também duvidou	Mt 11, 2-11	IX	19
Abba: Um Deus Próximo	Mt 11,25-30	II	79
Só o amor nos faz repousar	Mt 11,25-30	IX	115
O Poder da Palavra	Mt 12,33-37	I	33
Um Outro Pentecostes	Mt 13, 1-23	I	83
Ser Terra para Acolher e Produzir Frutos	Mt 13, 1-23	II	84
As Palavras Carregam Experiências	Mt 13, 1-23	III	83
O Longo Trabalho de Fazer Crescer a Semente	Mt 13, 1-23	V	42
A palavra só é semente se toca a experiência	Mt 13, 1-23	IX	118
Trindade: Realidade Cotidiana	Mt 13,24-30	I	87
Joio e Trigo Coexistem Dentro de Nós	Mt 13,24-43	II	88
A Semente de Trigo que Guarda a Nossa Esperança	Mt 13,24-43	IV	62

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
A luz de Deus vence todas as sombras	Mt 13,24-43	IX	121
Só Descobrimos o que Já Temos	Mt 13,44-46	IV	65
A Grande Rede que Procura Bondade	Mt 13,44-52	IV	68
O dedo de Deus nos aponta a felicidade	Mt 13,44-52	IX	124
Buscando Sinais que Nos Unam	Mt 14,13-21	III	88
Jesus é o Novo Moisés	Mt 14,13-21	VI	49
Somos Chamados ao Infinito Abraço de Deus	Mt 14,13-21	VI	46
Deus se anuncia na festa	Mt 14,13-21	IX	126
A Grande e Total Presença	Mt 14,22-33	II	148
Barcas ao Mar	Mt 14,22-33	III	97
Ser Pai é Desacomodar e Encorajar	Mt 14,22-33	V	50
Pais: Parceiros na Criação de Deus	Mt 14,22-33	VI	53
Caminhando sobre as águas da história	Mt 14,22-33	IX	128
Deus é acessível a toda a humanidade	Mt 15,21-28	IX	133
Pedro e Paulo	Mt 16,13-19	I	106
A Igreja Precisa de Pedros e Paulos	Mt 16,13-19	II	77
Quem Eu Sou Perante Deus	Mt 16,13-19	III	80
A igreja continua sendo construída	Mt 16,13-19	VII	100
Pedro e Paulo: instituição e carisma	Mt 16,13-19	VIII	117
Nós construiremos a igreja do futuro	Mt 16,13-19	IX	110
Tu És Pedra	Mt 16,13-20	II	100
Que portas estamos abrindo?	Mt 16,13-20	IX	135
Respeito à Individualidade	Mt 16,21-23	II	102
Dom Helder: O Mensageiro da Esperança	Mt 16,21-27	IV	77
Vencer a Acomodação Buscando Horizontes Mais Amplos	Mt 16,21-27	V	57
Construímos as relações que nos constroem	Mt 16,21-27	IX	137
Transfiguração é a Nossa Reserva de Luz	Mt 17,1-9	III	41
Luzes que iluminam nossas trevas	Mt 17,1-9	IX	56
Transfigurar-se é Renunciar ao Comodismo	Mt 17,1-9	V	15
As Ovelhas Amadas de Deus Pai	Mt 18,12-14	III	143
A Gratuidade do Perdão	Mt 18,15-18	III	106
Responsabilidade Ética	Mt 18,15-20	IV	80

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Vínculos que se tornam definitivos	Mt 18,15-20	IX	139
O Perdão Que Nos Reconstrói	Mt 18,21-35	IV	84
A Dimensão Cristã do Perdão	Mt 18,21-35	V	63
Deus Nos Criou Para Sermos Eternos	Mt 18,21-35	V	61
A Lógica de Deus	Mt 20, 1-16	II	106
O Julgamento Misericordioso de Deus	Mt 20, 1-16	III	113
O Tempo de Deus é Outro	Mt 20, 1-16	III	115
O Tempo Não Faz o Amor	Mt 20, 1-16	V	66
Qual o tamanho de seu coração?	Mt 20, 1-16a	IX	143
O Valor de Quem se Gasta Pelo Reino de Deus	Mt 21,28-32	V	68
Cristianismo é Mais Que Religião	Mt 21,28-32	VI	70
Falar e fazer	Mt 21,28-32	IX	145
A Nova Vinha	Mt 21,33-43	III	120
Nós Somos a Vinha do Senhor	Mt 21,33-43	V	70
Nosso Compromisso Com as Chances Históricas	Mt 21,33-43	VI	74
Os frutos de nossa vinha	Mt 21,33-43	IX	147
Uma Matemática Diferente	Mt 21,33-45	II	112
Deus nos Convida ao Banquete da Vida Plena	Mt 22, 1-10	IV	91
Nossa Resposta Aos Convites de Deus	Mt 22, 1-14	V	74
Uma festa para além dos sentidos	Mt 22, 1-14	IX	151
O mais é que é de Deus	Mt 22,15-21	IX	153
A Ação de Deus Depende de Nossa Liberdade	Mt 22,15-22	II	118
Deus Está Presente em Todos os Amores	Mt 22,15-22	II	116
Amar a Deus na Obra de Sua Criação	Mt 22,34-40	III	125
O Amor Constitui o Nosso Ser	Mt 22,34-40	VI	81
Nosso coração está longe do coração de Deus	Mt 22,34-40	IX	155
Religião: Símbolo, Doutrina e Práxis	Mt 23, 1-12	III	122
Para o cristão, a única lei é o amor	Mt 23, 1-12	IX	160
Estamos Preparados?	Mt 24,37-44	III	140
O preço do futuro	Mt 24,37-44	IX	11
O Noivo É a Realidade	Mt 25, 1-13	II	125
O Noivo do Dia Seguinte	Mt 25, 1-13	IV	101
A Felicidade de Repartir	Mt 25,14-30	II	127

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Pontos de Transcendência	Mt 25,14-30	IV	110
Talentos a serviço da promoção do outro	Mt 25,14-30	IX	163
Eu Me Construo Nas Minhas Relações	Mt 25,31-46	V	84
O Evangelho da Nossa Vergonha	Mt 25,31-46	VI	90
A festa de quem cumpriu a sua missão	Mt 25,31-46	VII	143
Jesus se faz rei dos excluídos	Mt 25,31-46	IX	165
Jesus também experimentou a traição	Mt 26,14-25	VII	63
Jesus esqueceu-se de que é Deus	Mt 26,14-27.66	IX	66
A vitória da vida em quatro atos	Mt 28, 1-8	IX	76
Trindade: Unidade na Diversidade	Mt 28,16-20	I	89
Como seria viver sem Trindade?	Mt 28,16-20	VII	93
Na ascensão, Jesus nos levou ao céu	Mt 28,16-20	IX	91
Jesus Revela o Coração de Deus	Mt 9,36-10,8	III	74
O Batismo Nos Faz Profetas	Nm 11,25-29	IV	89
O Privilégio do Bem Não é Exclusivo	Nm 11,25-29	IV	87
Talentos a serviço da comunidade	Nm 11,25-29	VII	131
O Senhor faz de nós seres para a vida	Nm 21, 4b-9	IX	141
Deus acontece no improvável	Os 6, 3-6	IX	103
Talentos a serviço da promoção do outro	Pr 31,10-13	IX	163
O véu que cobre o mistério	Rm 1, 1-7	IX	21
O dom é a maior recompensa	Rm 6, 3-4.8-11	IX	113
Deus se anuncia na festa	Rm 8,35.37-39	IX	126
Buscando Sinais que Nos Unam	Rm 8,35.37-39	III	88
Somos Chamados ao Infinito Abraço de Deus	Rm 8,35.37-39	VI	46
Somente o Ser Humano é Instrumento de Paz	Sl 137/136	II	47
A Única Beleza Que Ultrapassa a Morte	Tg 1,17-18.21-22.27	VI	62
Pela Palavra Criamos Solidariedade	Tg 5, 7-9	V	94
Encontro de dores, amores e histórias		IX	68
O corpo morto de Jesus é o sacramento do amor de Deus por nós		IX	74